Setenta e Oito Graus de Sabedoria

Rachel Pollack

Tradução: Amadeu Antônio

SETENTA E OITO GRAUS DE SABEDORIA

Rachel Pollack, 2019

Uma análise aprofundada do Tarot,
examinando todos os aspetos das cartas –
as suas origens, simbolismo,
ressonâncias psicológicas e antecedentes
históricos, mitológicos e esotéricos,
incluindo instruções sobre como
fazer leituras.

ÍNDICE

Prefácio à Terceira Edição
PARTE UM: OS ARCANOS MAIORES
Introdução
1. O Padrão das Quatro Cartas
2. A Visão Geral
3. Os Trunfos Iniciais: Símbolos e Arquétipos
4. A Sequência Terrena
5. Voltando-se para Dentro
6. A Grande Jornada

PARTE DOIS: OS ARCANOS MENORES
Introdução
7. Paus
8. Copas
9. Espadas
10. Ouros

PARTE TRÊS: LEITURAS Introdução 11. Tipos de Leituras 12. Como Usar as Leituras de Tarot 13. O Que Aprendemos com as Leituras de Tarot

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

É uma experiência estranha ter escrito um livro que muda a vida das pessoas de uma forma profunda e séria. Quase escrevi “profunda e

misteriosa", pois também o é. Escrever sobre um assunto pelo qual nos apaixonamos é uma alegria. Ver outras pessoas lerem-no e apreciá-lo apenas aumenta essa alegria. Mas ver pessoas — perfeitos desconhecidos — escreverem-nos ou dizerem-nos cara a cara que este livro lhes abriu as portas do mundo, que os salvou de alguma forma, isso é mais do que apenas emocionante.

Por vezes, vemos um escritor ou um artista falar de tais experiências como sendo "humilhantes" ou "geradoras de humildade". Certamente, pensamos, trata-se de uma pose, de uma falsa modéstia. Não deveriam eles sentir orgulho, e não humildade? Bem, claro que ouvir ou ler tais histórias nos deixa orgulhosos. Só um tolo ou um mentiroso tentaria negar a emoção que surge com o conhecimento de que o seu trabalho pode desempenhar um papel sério na vida das pessoas.

Mas, de certa forma, esse orgulho é apenas a superfície. Por debaixo dessa emoção reside uma sensação mais profunda e quase assustadora: a de que algo que fizemos pode tocar as pessoas de forma tão profunda. Não apenas abrir as suas vidas, mas salvá-las de facto num momento importante — isto pode tocar-nos de uma forma que vai além do orgulho, alcançando uma parte da vida que fica abaixo da fome sempre presente do ego. É a isto que nos referimos quando falamos de uma experiência que nos "torna humildes".

Seventy-Eight Degrees of Wisdom foi originalmente publicado em duas partes, em 1980 e 1983. Desde então, nunca mais esgotou. Quando apareceu pela primeira vez, era um tipo de livro de Tarot diferente dos que o antecederam. Não era uma lista de fórmulas de adivinhação ou uma obra de diagramas ocultos e referências místicas. Focava-se nas leituras, não simplesmente como previsões, mas sim como uma forma de nos descobrirmos a nós próprios e, para além disso, de descobrirmos as maravilhas espirituais da vida.

Enquanto o escrevia, tentei manter-me sempre consciente do público-alvo. Para mim, teria de incluir tanto pessoas que sabiam imenso sobre ideias espirituais e psicológicas como aquelas que podiam não saber absolutamente nada, mas que, se lhes fosse dada a oportunidade, seriam capazes de agarrar essas coisas e seguir em frente com elas. O desafio consistia em não aborrecer o primeiro grupo, sem confundir o segundo. Lembro-me de parar frequentemente para me perguntar: será que alguém consegue acompanhar isto sem qualquer conhecimento prévio? E, igualmente importante: será que isto vai tocar as pessoas que já conhecem as doutrinas e as tradições? É possível que a minha tentativa de manter constantemente os leitores em mente — em vez de simplesmente escrever o

que eu queria dizer — tenha levado ao impacto poderoso do livro em tantas pessoas.

Tomei consciência desta qualidade pela primeira vez numa loja metafísica na Nova Inglaterra. Tinha ido lá com a minha amiga Zoe Matoff durante umas férias. A loja era um tesouro, com baralhos de Tarot belíssimos e obscuros que eu nunca tinha visto antes, uma quantidade deslumbrante de livros e joias metafísicas elegantes. Uma peça que me chamou especialmente a atenção foi um pendente de prata com um caduceu e um topázio azul no topo.

O caduceu — duas serpentes enroladas em redor de um bastão, com asas no topo — tem um significado especial para mim, pois era a vara de Hermes, deus da magia, do conhecimento, da trapaça, da adivinhação e da escrita — e a luz que Hermes usava para guiar as almas dos mortos para uma nova existência. Sempre senti uma ligação especial com Hermes, chegando mesmo a falar dele como "o meu irmão".

As pessoas associam o caduceu à profissão médica, mas na verdade isto é um erro. O verdadeiro símbolo da cura é o Bastão de Esculápio — uma única serpente enrolada numa vara — dado por Apolo ao seu filho, que se tornaria o deus dos curandeiros. No Tarot, vemos o próprio caduceu no 2 de Copas, enquanto Hermes se vislumbra por detrás tanto do Louco como do Mago.

O proprietário da loja viu-me a olhar para o caduceu e tirou-o da vitrine para me deixar segurá-lo. Era lindo — e caro. Comecei a devolvê-lo, claramente com pesar, mas em vez de o aceitar e de o guardar na vitrine, ele disse-me: “Fique com ele. Por favor.” Sobressaltada, perguntei-lhe porquê.

“Porque”, disse ele, “a senhora salvou-me a vida.”

Ele tinha sofrido uma perda profunda e trágica e, incapaz de lidar com a dor, estava a escolher o esquecimento em detrimento da vida. E então, contou ele, descobriu o Tarot — e o *Seventy-Eight Degrees of Wisdom*. Começou a recorrer às cartas e a aproximar-se de outros que o pudessem ajudar. Lentamente, fez o seu caminho de volta à vida. Para ele, era claro que o Tarot fora o instrumento, mas o *Seventy-Eight Degrees of Wisdom* fora o guia. E talvez mais do que isso, o livro ajudou-o a ver o Tarot como uma força viva, um caduceu para o guiar através da sua própria terra pessoal dos mortos.

Aqueles que me conhecem, quer como amigos quer em conferências de Tarot, sabem que faço colares a partir de pendentes mágicos e pedras preciosas e semipreciosas. No colar que fiz com o caduceu utilizei topázio azul, lapis lazuli e prata de lei. Considero-o uma das minhas posses mais preciosas.

Quando escrevi o *Seventy-Eight Degrees of Wisdom* pela primeira vez, não imaginava que pudesse continuar a ser publicado durante tanto tempo ou tocar a vida de tantas pessoas. Tinha simplesmente a sensação de que havia algo a dizer sobre o Tarot, um assunto que eu adorava, e que esta abordagem em particular possivelmente nunca tinha sido feita antes, pelo menos não desta maneira. A resposta de tantas pessoas que partilharam o que ele significou para elas, não apenas na sua compreensão do Tarot, mas nas suas próprias vidas, tem sido uma dádiva incrível.

Rachel Pollack, Hudson Valley, 2018

PARTE UM

OS ARCANOS MAIORES

INTRODUÇÃO

ORIGENS DO TAROT

Por volta de meados do século XV, não muito tempo após as primeiras referências escritas na Europa a cartas de qualquer tipo, um artista chamado Bonifacio Bembo pintou um conjunto de cartas sem nome e sem numeração para a família Visconti de Milão. Estas imagens compõem o baralho clássico para um jogo italiano chamado *'Tarocchi'*: quatro naipes de catorze cartas cada, mais vinte e duas cartas que mostram cenas diferentes e que mais tarde foram chamadas *'trionfi'* – em português, 'triunfos', ou 'trunfos'.

Ora, destas vinte e duas imagens, muitas podem ser interpretadas simplesmente como um catálogo de tipos sociais medievais, tais como (para lhes dar os seus nomes posteriores) *'o Papa'* ou *'o Imperador'*, ou então homilias morais medievais comuns, como *'a Roda da Fortuna'*. Algumas representam virtudes, como a *'Temperança'* ou a *'Força'*. Outras mostram cenas religioso-mitológicas, tais como os mortos a erguerem-se do túmulo ao som da trombeta para *'o Juízo Final'*.

Há até uma carta que retrata uma heresia popular, a imagem de uma papisa, que podemos descrever como uma piada à custa da Igreja com um

significado consideravelmente mais profundo do que a maioria do humor eclesiástico. Ainda assim, podemos ver esta imagem herética como algo profundamente enraizado na cultura popular e, portanto, óbvio para alguém que representasse "tipos" medievais.

Uma figura, contudo, destaca-se como bastante estranha. Mostra um jovem pendurado de cabeça para baixo pela perna esquerda numa estrutura de madeira simples. As suas mãos estão casualmente atrás das costas para formar um triângulo com a cabeça na parte inferior; a sua perna direita está dobrada por trás do joelho para produzir a figura de uma cruz, ou então o número quatro. O rosto parece relaxado, talvez até em transe. Onde terá Bembo ido buscar esta imagem? Certamente não representa um criminoso enforcado na forca, como alguns artistas posteriores assumiram. Na Itália, os traidores eram por vezes enforcados de cabeça para baixo e, de facto, muitos baralhos italianos modernos chamam a esta carta *L'Appeso*, o Traidor. Mas não há maldade implícita na figura de Bembo. O jovem parece belo e em paz.

A tradição cristã descreve São Pedro como tendo sido crucificado de cabeça para baixo, ostensivamente para que não se dissesse que estava a copiar o seu Senhor. A *Edda em Verso* descreve o deus Odin pendurado na Árvore do Mundo durante nove dias e nove noites, não como uma punição, mas para receber a iluminação, o dom da profecia. Mas esta própria cena mitológica deriva da prática real de xamãs, homens e mulheres de medicina, em locais como a Sibéria e a América do Norte.

Na iniciação e no treino, os candidatos ao xamanismo são por vezes instruídos a pendurarem-se de cabeça para baixo. Aparentemente, a inversão do corpo produz algum tipo de benefício psicológico, da mesma forma que o jejum e o frio extremo induzem visões radiantes. Os alquimistas – que, juntamente com as bruxas, eram possivelmente os sobreviventes da tradição xamanista na Europa – também se penduravam de cabeça para baixo, acreditando que os elementos no esperma vitais para a imortalidade fluiriam assim para os centros psíquicos no topo da cabeça. E mesmo antes de o Ocidente começar a levar o Yoga a sério, toda a gente conhecia a imagem do iogue que faz o pino sobre a cabeça.

Terá Bembo desejado simplesmente representar um alquimista? Nesse caso, por que não usar a imagem mais comum, a de um homem barbudo a mexer um caldeirão ou a misturar produtos químicos? A imagem, intitulada *'o Enforcado'* em baralhos subsequentes e mais tarde tornada famosa por T.S. Eliot em *The Waste Land* (A Terra Devastada), surge não tanto como um alquimista, mas sim como um jovem iniciado numa qualquer tradição secreta. Seria o próprio Bembo um iniciado? O cruzamento especial das

pernas sugeriria que sim. E se ele incluiu uma referência a práticas esotéricas, não poderiam outras imagens, superficialmente um comentário social, representar na realidade todo um corpo de conhecimento oculto? Por que razão, por exemplo, o baralho original continha vinte e duas cartas, e não, digamos, vinte, vinte e uma ou vinte e cinco, às quais é mais frequentemente atribuído significado na cultura ocidental?

Terá sido por acaso, ou terá Bembo (ou talvez outros que Bembo simplesmente copiou) desejado representar astutamente os significados esotéricos ligados às vinte e duas letras do alfabeto hebraico? E, no entanto, se existe em algum lugar qualquer prova que ligue Bembo ou a família Visconti a algum grupo oculto, ninguém a apresentou para escrutínio público.

Um breve olhar sobre as correspondências impressionantes entre o Tarot e o corpo do misticismo judaico e do conhecimento oculto, chamado coletivamente Cabala, demonstrará a forma como as cartas de Bembo parecem quase exigir uma interpretação esotérica, apesar da falta de provas concretas. A Cabala detém-se muito profundamente no simbolismo do alfabeto hebraico. As letras estão ligadas aos caminhos da Árvore da Vida e cada uma tem o seu próprio significado simbólico. Ora, o alfabeto hebraico contém, como se referiu, vinte e duas letras, o mesmo número que os trunfos do *Tarocchi*.

A Cabala debruça-se também profundamente sobre as quatro letras do nome impronunciável de Deus, *YHVH*. Elas representam os quatro mundos da criação, os quatro elementos básicos da ciência medieval, quatro fases da existência, quatro métodos de interpretação da Bíblia, e assim por diante. Existem quatro cartas da corte em cada um dos quatro naipes de Bembo. Finalmente, a Cabala trabalha com o número dez – os Dez Mandamentos e as dez *Sephiroth* (fases de emanação) em cada uma das quatro Árvores da Vida. E os quatro naipes contêm cartas numeradas de um a dez. Será de admirar, então, que os comentadores de Tarot tenham afirmado que o baralho teve origem como uma versão pictórica da Cabala, sem significado para as massas, mas altamente poderosa para os poucos eleitos? E, no entanto, em todas as milhares de páginas da literatura cabalística, não aparece uma única palavra sobre o Tarot.

Os ocultistas alegaram fontes secretas para as cartas, tais como uma grande conferência de cabalistas e outros Mestres em Marrocos em 1300, mas ninguém apresentou jamais qualquer prova histórica para tais alegações. Ainda mais condenatório é o facto de os próprios comentadores de Tarot não mencionarem a Cabala até ao século dezanove. E, claro, a

sequência de nomes e números, tão vital para as suas interpretações, surgiu depois das imagens originais.

Se aceitarmos a ideia de Carl Jung de arquétipos espirituais básicos estruturados na mente humana, podemos talvez dizer que Bembo acedeu inconscientemente a fontes ocultas de conhecimento, permitindo que imaginações posteriores fizessem as ligações conscientes. E, no entanto, correspondências tão exatas e completas como os vinte e dois trunfos, as quatro cartas da corte e as dez cartas numeradas nos quatro naipes, ou a posição e o rosto em êxtase do Enforcado, pareceriam testar os limites até de uma força tão poderosa como o Inconsciente Coletivo.

Durante anos, o *Tarocchi* foi visto principalmente como um jogo de azar e, numa escala muito menor, como um instrumento de adivinhação. Depois, no século dezoito, um ocultista chamado Antoine Court de Gébelin declarou o Tarot (como os franceses chamavam ao jogo) como o remanescente do Livro de Thoth, criado pelo deus egípcio da magia para transmitir todo o conhecimento aos seus discípulos. A ideia de Court de Gébelin parece muito mais fantasiosa do que factual, mas no século dezanove outro francês, Alphonse Louis Constant, conhecido como Eliphas Lévi, ligou as cartas à Cabala e, desde então, as pessoas têm olhado cada vez mais fundo para o Tarot, encontrando mais e mais significados, sabedoria e até, através da meditação e do estudo profundo, a iluminação.

Hoje, vemos o Tarot como uma espécie de caminho, uma via para o crescimento pessoal através da compreensão de nós próprios e da vida. Para alguns, a origem do Tarot continua a ser uma questão vital; para outros, apenas importa que os significados se tenham acumulado nas cartas ao longo dos anos.

Pois Bembo (e quem quer que tenham sido os seus predecessores) criou de facto um arquétipo, quer conscientemente, quer por instinto profundo. Para além de qualquer sistema ou de explicações detalhadas, as próprias imagens, alteradas e elaboradas ao longo dos anos por diferentes artistas, fascinam-nos e encantam-nos. Desta forma, atraem-nos para o seu mundo misterioso que, em última análise, nunca poderá ser explicado, mas apenas vivenciado.

DIFERENTES VERSÕES DO TAROT

A maioria dos Tarots modernos difere muito pouco daqueles conjuntos de cartas do século quinze. Ainda contêm setenta e oito cartas divididas nos quatro naipes — Paus, Copas, Espadas e Moedas ou Ouros, chamados coletivamente *'Arcanos Menores'* —, e os vinte e dos trunfos,

conhecidos como *'Arcanos Maiores'* (a palavra *'arcano'* significa *'conhecimento secreto'*). É verdade que algumas das imagens mudaram consideravelmente, mas cada versão mantém habitualmente o mesmo conceito básico. Por exemplo, existem várias versões amplamente divergentes do Imperador, mas todas representam alguma ideia de um Imperador. Em geral, as mudanças tenderam para o mais simbólico e o mais místico.

Este livro utiliza como fonte primária o Tarot de Arthur Edward Waite, cujo popularíssimo baralho Rider (nomeado a partir do seu editor britânico) surgiu em 1910. Waite foi criticado por alterar algumas das cartas dos trunfos em relação à sua versão aceite. Por exemplo, a imagem comum do Sol mostra duas crianças de mãos dadas num jardim. Waite mudou-a para uma única criança num cavalo a sair de um jardim. Os críticos alegaram que Waite estava a alterar o significado da carta para se adequar à sua visão pessoal. Foi provavelmente o caso, uma vez que Waite acreditava mais fortemente nas suas próprias ideias do que nas de qualquer outra pessoa. Mas poucas pessoas pararam para considerar que a versão mais antiga do Sol, a de Bembo, em nada se assemelha à suposta versão "tradicional". Na verdade, parece mais próxima da de Waite; a imagem mostra uma única criança milagrosa a voar pelo ar, segurando uma cabeça humana que irradia luz.

A mudança mais marcante que Waite e a sua artista, Pamela Colman Smith, fizeram foi incluir uma cena em todas as cartas, incluindo as cartas numeradas dos Arcanos Menores. Praticamente todos os baralhos anteriores, bem como muitos posteriores, possuem padrões geométricos simples para as cartas numeradas. Por exemplo, o dez de Espadas mostrará dez espadas dispostas num padrão, de forma muito semelhante ao seu descendente, o dez de espadas do baralho de cartas tradicional. O baralho Rider é diferente. O dez de Espadas de Pamela Smith mostra um homem deitado sob uma nuvem negra com dez espadas cravadas nas suas costas e pernas.

Não sabemos realmente quem desenhou, de facto, estas cartas. Terá sido o próprio Waite a concebê-las (como indubitavelmente fez com os Arcanos Maiores), ou terá simplesmente dito a Smith as qualidades e ideias que pretendia, permitindo-lhe inventar as cenas? O próprio livro de Waite sobre o Tarot, *The Pictorial Key to the Tarot*, faz pouco uso real das imagens. Em alguns casos, como no seis de Espadas, a imagem sugere muito mais do que o significado declarado de Waite, enquanto noutros, particularmente no dois de Espadas, a imagem quase contradiz o significado.

Seguindo o mesmo critério e respeitando a terminologia e as normas de tradução previamente estabelecidas, eis a continuação da tradução do texto para português de Portugal:

Quer tenha sido Waite ou Smith a desenhar as imagens, estas tiveram um impacto poderoso nos criadores de Tarot posteriores. Quase todos os baralhos com cenas em cada carta dependem fortemente das imagens do baralho Rider. Waite chamou ao seu baralho o "Tarot retificado". Ele insistia que as suas imagens "restauravam" os verdadeiros significados das cartas e, ao longo do seu livro, desdenha das versões dos seus predecessores.

Ora, por "retificado", muitas pessoas pensarão que a filiação de Waite em sociedades secretas lhe deu acesso ao Tarot secreto "original". O mais provável é que ele quisesse simplesmente dizer que as suas imagens davam às cartas os seus significados mais profundos. Quando alterou tão drasticamente a carta dos Enamorados, por exemplo, fê-lo porque considerava a imagem antiga insignificante e a sua nova imagem simbólica de uma verdade profunda.

Não pretendo sugerir que as cartas de Waite sejam apenas uma construção intelectual, como um académico que reorganiza um discurso de Hamlet de uma forma que lhe faça mais sentido. Waite era um místico, um ocultista e um estudante de magia e de práticas esotéricas. Baseou o seu Tarot numa profunda experiência pessoal de iluminação. Acreditava que o seu Tarot estava certo e os outros errados porque representava essa mesma experiência.

Escolhi o baralho Rider como minha fonte por duas razões. Primeiro, considero muitas das suas inovações extremamente valiosas. A versão de Waite-Smith do Louco parece-me mais significativa do que qualquer uma das anteriores. Em segundo lugar, a mudança revolucionária nos Arcanos Menores parece-me libertar-nos das fórmulas que dominaram as cartas numéricas durante tanto tempo. Anteriormente, assim que se lia e memorizava o significado atribuído a uma carta Menor, não se podia realmente acrescentar mais nada; a imagem sugeria muito pouco. No baralho Rider, podemos permitir que a imagem atue no subconsciente; podemos também aplicar-lhe a nossa própria experiência. Em suma, Pamela Smith deu-nos algo para interpretar.

Acima escrevi que escolhi o baralho Rider como minha fonte "primária". A maioria dos livros sobre o Tarot utiliza um único baralho para as ilustrações. Esta autolimitação decorre talvez do desejo de representar o "verdadeiro" Tarot. Ao escolher um baralho e não outro,

estamos na verdade a declarar que um está correto e o outro está incorreto. Tal declaração importa sobretudo a autores como Aleister Crowley ou Paul Foster Case, que consideram o Tarot um sistema simbólico de conhecimento objetivo. Este livro, contudo, encara as cartas mais como um arquétipo da experiência.

Visto dessa forma, nenhum baralho está certo ou errado, mas é simplesmente uma continuidade do arquétipo. O Tarot é tanto o total de todas as diferentes versões ao longo dos anos, como uma entidade à parte de qualquer uma delas. Nos casos em que uma versão diferente da de Waite aprofunde o significado de uma carta específica, examinaremos ambas as imagens. Em alguns casos, no Julgamento, por exemplo, ou na Lua, as diferenças são subtis; noutros, nos Enamorados ou no Louco, a diferença é drástica. Ao olharmos para várias versões da mesma experiência, aumentamos a nossa perceção dessa experiência.

ADIVINHAÇÃO

Hoje em dia, a maioria das pessoas vês o Tarot como um meio de ler a sina, ou de "adivinhação". Curiosamente, sabemos menos historicamente sobre este aspeto das cartas do que sobre qualquer outro. A julgar pelas comparativamente poucas referências históricas à adivinhação em oposição ao jogo de azar, a prática não se tornou comum senão algum tempo após a introdução das próprias cartas. É possível que os Romani, ou "ciganos", se tenham deparado com o jogo do *Tarocchi* nas suas viagens pela Europa e decidido usar as cartas para deitar a sorte. Ou então houve indivíduos que desenvolveram o conceito (as primeiras referências escritas são interpretações individuais, embora pudessem derivar de algum sistema anterior, não escrito mas de uso geral) e os Romani adotaram-no a partir deles. Antigamente, acreditava-se que os próprios Romani tinham trazido as cartas do Egito. O facto é que os Romani vieram provavelmente da Índia e chegaram a Espanha uns bons cem anos após as cartas de Tarot terem sido introduzidas em Itália e em França.

Na secção sobre leituras, consideraremos exatamente o que a adivinhação faz e como uma prática tão ultrajante poderia possivelmente funcionar. Aqui podemos simplesmente observar que as pessoas podem adivinhar o futuro, e têm-no feito, com qualquer coisa – as entranhas fumegantes de animais abatidos, os padrões dos pássaros no céu, pedras coloridas, moedas lançadas, tudo. A prática decorre do simples desejo de saber, antecipadamente, o que vai acontecer e, de forma mais subtil, da convicção interior de que tudo está ligado, tudo tem significado e que nada ocorre ao acaso.

A própria ideia de aleatoriedade é, na verdade, muito moderna. Desenvolveu-se a partir do dogma de que a causa e o efeito são a única ligação válida entre dois acontecimentos. Os acontecimentos sem esta junção lógica são aleatórios, isto é, sem significado. Anteriormente, contudo, as pessoas pensavam em termos de "correspondências". Os padrões ou acontecimentos numa área da existência correspondiam a padrões noutras áreas. O padrão do zodíaco corresponde ao padrão da vida de uma pessoa. O padrão das folhas de chá no fundo de uma chávena corresponde ao desfecho de uma batalha. Tudo está ligado. A ideia sempre teve os seus aderentes e, recentemente, até alguns cientistas, impressionados com a forma como os acontecimentos ocorrem em série (como uma "maré de azar"), começaram a olhar seriamente para ela.

Se podemos usar qualquer coisa para adivinhar o futuro, porquê usar o Tarot? A resposta é que qualquer sistema nos dirá algo; o valor desse algo depende da sabedoria inerente ao sistema. Como as imagens do Tarot carregam um significado profundo por si mesmas, os padrões que formam nas leituras podem ensinar-nos imenso sobre nós próprios e sobre a vida em geral. Infelizmente, a maioria dos adivinhos ao longo dos anos ignorou estes significados mais profundos, preferindo fórmulas simples ("um homem moreno, disposto a ajudar o consulente"), facilmente interpretadas e rapidamente digeridas pelo cliente.

Os significados das fórmulas são frequentemente contraditórios, bem como rudes, sem indicações de como escolher entre eles. Esta situação aplica-se especialmente aos Arcanos Menores, que constituem a maior parte do baralho. Quase nenhuma obra sobre o Tarot tratou este assunto na totalidade. A maioria dos estudos sérios, aqueles que lidam com os significados profundos os Arcanos Maiores, ou não mencionam de todo as cartas Menores, ou limitam-se a incluir outro conjunto de fórmulas no final, como um acréscimo contrariado para os leitores que insistem em usar o baralho para adivinhar a sorte. Mesmo Waite, como mencionado, limita-se a dar as suas próprias fórmulas às notáveis imagens desenhadas por Pamela Smith.

Embora este livro vá tratar extensamente os conceitos incorporados nas cartas e o seu simbolismo, examinará também cuidadosamente a aplicação destes conceitos às leituras de Tarot. Muitos autores, nomeadamente Waite, denegriram a adivinhação como um uso degenerado das cartas. Mas o uso adequado das leituras pode aumentar grandemente a nossa perceção dos significados das cartas. Uma coisa é estudar o simbolismo de uma determinada carta, outra coisa é ver essa carta em

combinação com outras. Muitas vezes vi leituras específicas revelarem significados importantes que não teriam surgido de outra forma.

As leituras ensinam-nos também uma lição geral, e muito importante. De uma maneira que nenhuma explicação pode igualar, demonstram que nenhuma carta, nenhuma abordagem à vida, é boa ou má, exceto no contexto do momento.

Finalmente, fazer leituras dá a cada pessoa a oportunidade de renovar o seu sentimento instintivo pelas próprias imagens. Todo o simbolismo, todos os arquétipos, todas as explicações dadas neste livro ou em qualquer outro só o podem preparar para olhar para as imagens e dizer: "Esta carta diz-me..."

CAPÍTULO UM

O PADRÃO DAS QUATRO CARTAS

UNIDADE E DUALIDADE

Através da sua longa história, os Arcanos Maiores atraíram uma grande quantidade de interpretações. Hoje em dia, tendemos a encarar os trunfos como um processo psicológico, um processo que nos mostra a passar por diferentes fases da existência para alcançarmos um estado de pleno desenvolvimento; podemos descrever este estado, de momento, como a unidade com o mundo que nos rodeia, ou talvez a libertação da fraqueza, da confusão e do medo. Os Arcanos completos descrevem este processo em detalhe, mas para obtermos uma compreensão do mesmo como um todo, precisamos de olhar para apenas quatro cartas; quatro arquétipos básicos dispostos num padrão gráfico de evolução e perceção espiritual.

Se tiver o seu próprio baralho de cartas do Tarot Rider Pack*, retire o Louco, o Mago, a Alta Sacerdotisa e o Mundo, e coloque-os no padrão em losango mostrado na página seguinte. Olhe para eles durante algum tempo. Note que, enquanto tanto o Louco como o Mundo mostram figuras dançantes e alegres, o Mago e a Alta Sacerdotisa estão estáticos e imóveis nas suas posições. Se folhear o resto dos Arcanos Maiores, notará que todos os trunfos, exceto o 0 e o 21, estão desenhados como se tivessem sido encenados para uma fotografia estática, e não, digamos, para um filme. Apresentam-se como estados fixos de existência.

Mas há uma diferença entre os dois dançarinos. O Louco avança apressadamente, ricamente vestido; a figura no Mundo está nua. O Louco parece prestes a saltar para o mundo inferior a partir de algum país alto e distante; o Mundo, paradoxalmente, aparece fora do universo material, com a Dançarina suspensa numa grinalda mágica de vitória.

Note também os números das quatro cartas. O 0 não é propriamente um número; representa antes a ausência de qualquer número específico e, portanto, podemos dizer que contém todos os números dentro de si. Simboliza a potencialidade infinita. Todas as coisas permanecem possíveis porque nenhuma forma definida foi tomada. O 1 e o 2 são os primeiros números genuínos, a primeira realidade; novamente, um estado fixo. Formam os arquétipos "ímpar" e "par" e, portanto, representam todos os opostos: masculino e feminino, luz e trevas, passivo e ativo, etc. Mas o 21 combina estes dois números numa só figura.

Olhe para as suas posturas. O Mago ergue uma varinha mágica para o céu. Além das ideias de espírito e unidade, a varinha fálica simboliza a masculinidade. A Alta Sacerdotisa senta-se entre dois pilares, um símbolo vaginal bem como um símbolo de dualidade. Estes dois pilares aparecem repetidamente nos Arcanos Maiores, em locais óbvios como o templo no Hierofante, e de formas mais subtis, como os dois namorados na carta 6, ou

as duas esfinges atreladas ao Carro. Mas olhe agora para o Mundo. A dançarina, uma figura feminina (embora alguns baralhos a representem como um hermafrodita), carrega duas varinhas mágicas, uma em cada mão. O masculino e o feminino estão unificados e, mais ainda, as suas qualidades separadas estão subordinadas à liberdade e alegria superiores demonstradas na forma leve como a dançarina segura estes símbolos poderosos.

Claramente, então, enquanto a linha horizontal, o Mago e a Alta Sacerdotisa, mostra uma dualidade de opostos, la linha vertical, o 0 e o 21, mostra uma unidade, sendo o Louco uma espécie de estado perfeito antes da dualidade, e o Mundo dando-nos um vislumbre do sentido inebriante de liberdade possível se conseguirmos reconciliar os opostos enterrados nas nossas psiques.

O Tarot, como muitos sistemas de pensamento, aliás como muitas mitologias, simboliza a dualidade como a separação entre masculino e feminino. Os cabalistas acreditavam que Adão era originalmente hermafrodita e que Eva só se separou dele para que pudessem olhar um para o outro como seres independentes. Na maioria das culturas, em maior ou menor grau, os homens e as mulheres veem-se como sociedades muito distintas, quase separadas. Hoje em dia, muitas pessoas pensam que cada indivíduo possui qualidades masculinas e femininas, mas anteriormente tal ideia só se encontrava em doutrinas esotéricas de unificação.

Se retratarmos a dualidade dramaticamente como masculino e feminino, ou preto e branco, também experimentamos divisões mais subtis nas nossas vidas comuns, especialmente entre as nossas esperanças, aquilo que imaginamos ser possível, e a realidade daquilo que alcançamos. Muitas vezes, as ações que tomamos acabam por não cumprir as esperanças que nelas depositámos. O casamento dá menos do que a felicidade total esperada, o emprego ou a carreira trazem mais frustração do que realização.

Muitos artistas disseram que as pinturas nas telas nunca são as pinturas que visionaram; nunca conseguem exprimir o que realmente queriam dizer. De alguma forma, a realidade da vida é sempre menor do que o potencial. Agudamente conscientes disso, muitas pessoas agonizam com cada decisão, por mais pequena ou grande que seja, porque não conseguem aceitar que, uma vez tomada uma ação numa direção, perderam a oportunidade de seguir em todas as outras direções que antes lhes estavam abertas. Não conseguem aceitar as limitações de agir no mundo real.

A divisão entre potencialidade e realidade é por vezes vista como a separação entre mente e corpo. Sentimos que os nossos pensamentos e emoções são algo distinto da nossa presença física no mundo. A mente é ilimitada, capaz de ir a qualquer lugar no universo, para trás ou para a frente no tempo. O corpo é fraco, sujeito à fome, ao cansaço, à doença. Tentando resolver esta separação, as pessoas foram a extremos filosóficos. Os behavioristas afirmaram que a "mente" não existe; apenas o corpo e os hábitos que ele desenvolve são reais.

No outro extremo, muitos místicos experienciaram o corpo como uma ilusão criada pela nossa compreensão limitada. A tradição cristã define a "alma" como o "verdadeiro" eu imortal, existindo antes e depois do corpo que a contém. E muitas religiões e seitas, como os gnósticos e alguns cabalistas, consideraram o corpo uma prisão, criada pelos pecados ou erros dos nossos antepassados caídos.

Na origem de todas estas dualidades, sentimos que não nos conhecemos a nós próprios. Sentimos que, no fundo, a nossa verdadeira natureza é algo mais forte, mais livre, com grande sabedoria e poder; ou então uma criatura de paixões violentas e desejo animal furioso. De qualquer das formas, sabemos que este verdadeiro eu se esconde, ou talvez esteja enterrado profundamente dentro das nossas personalidades normais, socialmente restritas. Mas como podemos alcançá-lo? Assumindo que o eu essencial é uma coisa de beleza e poder, como o libertamos?

As disciplinas a que chamamos "ciências ocultas" começam com uma forte perceção de todas estas divisões e limitações. Elas passam, contudo, para outra ideia: a de que existe uma chave, ou um plano, para juntar tudo, para unificar as nossas vidas com as nossas esperanças à medida que libertamos a nossa força e sabedoria latentes. As pessoas confundem frequentemente os propósitos das disciplinas espirituais. Muitos pensam que o Tarot serve para adivinhar a sorte, que os alquimistas querem enriquecer transformando chumbo em ouro, que os cabalistas lançam feitiços dizendo palavras secretas, e assim por diante. Na realidade, estas disciplinas visam uma unificação psicológica. O "metal de base" que o alquimista deseja transformar em ouro é ele próprio. Aceitando a doutrina de que caímos de um estado perfeito para um estado limitado, o ocultista não acredita que devamos simplesmente esperar passivamente por alguma redenção futura por parte de um agente externo. Pelo contrário, ele ou ela acredita ser nossa responsabilidade realizar essa redenção, encontrando a chave para a unidade.

O Tarot retrata uma versão dessa "chave". Não é a chave, tal como não é realmente uma doutrina secreta. Representa um processo, e uma das

coisas que nos ensina é que cometemos um erro quando assumimos que a unificação vem através de qualquer chave ou fórmula simples. Em vez disso, ela vem através do crescimento e do aumento da perceção à medida que viajamos passo a passo pelas vinte e uma fases dos Arcanos Maiores.

O Louco representa a verdadeira inocência, uma espécie de estado perfeito de alegria e liberdade, um sentimento de estar uno com o espírito da vida em todos os momentos; por outras palavras, o eu "imortal" que sentimos ter ficado aprisionado nas confusões e compromissos do mundo comum. Talvez esse eu radiante nunca tenha existido realmente. De alguma forma, experienciamos a nossa intuição dele como algo perdido. Praticamente todas as culturas desenvolveram um mito de uma Queda de um paraíso primitivo.

"Inocência" é uma palavra frequentemente incompreendida. Não significa "sem culpa", mas sim uma liberdade e uma abertura total à vida, uma ausência completa de medo que vem através de uma fé total no viver e no seu próprio eu instintivo. Inocência não significa "assexuado", como algumas pessoas pensam. É a sexualidade expressa sem medo, sem culpa, sem conivência e desonestidade. É a sexualidade expressa de forma espontânea e livre, como a expressão do amor e o êxtase da vida.

O Louco traz o número 0 porque todas as coisas são possíveis para a pessoa que está sempre pronta a ir em qualquer direção. Ele não pertence a nenhum lugar específico; não está fixo como as outras cartas. A sua inocência faz dele uma pessoa sem passado e, portanto, com um futuro infinito. Cada momento é um novo ponto de partida. Nos algarismos árabes, o número 0 tem a forma de um ovo, para indicar que todas as coisas emergem dele.

Originalmente, o zero era escrito como um ponto; na tradição hermética e cabalística, o universo emergiu de um único ponto de luz. E Deus, na Cabala, é frequentemente descrito como "o nada", porque descrever Deus como qualquer coisa seria limitá-Lo a algum estado fixo e finito. Aqueles comentadores de Tarot que discutem se o Louco pertence antes, depois ou algures entre as outras cartas parecem não compreender o essencial. O Louco é movimento, mudança, o salto constante através da vida.

Para o Louco, não existe diferença entre possibilidade e realidade. 0 significa um vazio total de esperanças e medos, e o Louco nada espera, nada planeia. Ele responde instantaneamente à situação imediata.

As outras pessoas receberão a sua total espontaneidade: nada calculado, nada retido. Ele não faz isto deliberadamente, como alguém que decide conscientemente ser totalmente honesto com um amigo ou um amante. O Louco dá a sua honestidade e o seu amor naturalmente, a toda a gente, sem nunca pensar nisso.

Falamos do Louco como "ele" e da Dançarina do Mundo como "ela" devido à sua aparência nas imagens, mas ambos podem ser uma mulher ou um homem sem que haja realmente qualquer alteração. Assim como o Louco não experiencia uma separação do mundo físico, também ele ou ela não experiencia qualquer isolamento do "sexo oposto". O Louco e a Dançarina são hermafroditas psíquicos, expressando a sua humanidade completa em todos os momentos, pela sua própria natureza.

Agora olhe novamente para o padrão das quatro cartas. Veja como o Louco se divide no Mago e na Alta Sacerdotisa, que têm de ser reunidos novamente para formar o Mundo. As duas cartas representam a divisão da inocência do Louco na ilusão dos opostos. O Mundo mostra-nos uma unidade restaurada, mas uma unidade superior e mais profunda, alcançada através do crescimento delineado nas outras dezoito cartas. O Louco é inocência, mas o Mundo é sabedoria.

INOCÊNCIA E LIBERDADE

O Louco ensina-nos que a vida é simplesmente uma dança contínua de experiência. Mas a maioria de nós não consegue manter sequer breves momentos de tal espontaneidade e liberdade. Devido a medos, condicionamentos e simplesmente aos problemas muito reais da vida quotidiana, permitimos necessariamente que os nossos egos nos isolem da experiência. No entanto, dentro de nós, conseguimos intuir, vagamente, a possibilidade de liberdade e, portanto, chamamos a este sentimento impreciso de perda uma "queda" da inocência. Uma vez perdida essa inocência, contudo, não podemos simplesmente voltar a subir para o nível do Louco. Em vez disso, temos de lutar e aprender, através da maturidade, da autodescoberta e da perceção espiritual, até alcançarmos a liberdade maior do Mundo.

O Mago representa a ação, a Alta Sacerdotisa a passividade; o Mago a masculinidade, la Alta Sacerdotisa a feminilidade; o Mago a consciência, a Alta Sacerdotisa a inconsciência.

Por "consciência" não nos referimos à perceção elevada do Mundo, mas sim à consciência poderosa, embora limitada, do ego à medida que este cria um universo externo de fronteiras e formas. Esta descrição não

pretende denegrir ou menosprezar a força criativa do Mago. Que maior criatividade existe do que dar forma ao caos da experiência? É o Mago que dá à vida o seu significado e propósito. Curandeiros, artistas e ocultistas focaram-se todos no Mago como a sua carta patrona. No entanto, o seu poder representa um isolamento da liberdade do Louco ou da compreensão do Mundo.

Da mesma forma, a Alta Sacerdotisa indica, na sua inconsciência, um estado muito profundo de perceção intuitiva. E, no entanto, o seu conhecimento interior não pertence àquele centro radiante de nada que permite ao Louco agir tão livremente.

A Alta Sacerdotisa representa o arquétipo da verdade interior, mas porque esta verdade é inconsciente, inexprimível, ela só a consegue manter através de uma passividade total. Esta situação manifesta-se na vida de inúmeras formas. Todos nós carregamos dentro de nós um sentido vago de quem somos, de um eu genuíno que nunca é visto pelas outras pessoas e que é impossível de explicar. Mas as mulheres e os homens que se lançam na competição, nas carreiras, nas responsabilidades, sem trabalharem ao mesmo tempo para aumentar o autoconhecimento, descobrem frequentemente, a dada altura, que perderam o sentido de quem são e daquilo que outrora queriam na vida. Ora, em oposição direta a estas pessoas, o monge ou a monja budista retira-se do mundo porque o mais pequeno envolvimento os distrairá do centro das suas meditações.

Tanto o Mago como a Alta Sacerdotisa possuem uma pureza arquetípica. De certa forma, não perderam o brilho do Louco; simplesmente dividiram-no em luz e trevas. Na divisão tradicional das religiões ocidentais e orientais, o Mago representa o Ocidente, com a sua ênfase na ação e na salvação histórica; a Alta Sacerdotisa representa o Oriente, o caminho da separação do mundo e do tempo. No entanto, aqueles que foram mais longe em ambas as tradições combinarão estes elementos.

A Alta Sacerdotisa senta-se entre os pilares da luz e das trevas. Embora ela própria simbolize o lado escuro e passivo, a sua intuição consegue encontrar um equilíbrio entre os dois. Isto é menos paradoxal do que parece. Se sentimos as nossas vidas como estando cheias de opostos que não conseguimos resolver, podemos reagir de duas formas: ou corremos de um lado para o outro, indo de um extremo ao outro, ou não fazemos absolutamente nada. Sentamo-nos no meio, sem sermos seduzidos por nenhuma das direções, mas passivos, permitindo que os opostos continuem a existir ao nosso redor. Exceto, claro, que isto também é uma

escolha e, eventualmente, perdemos esse equilíbrio e esse conhecimento interior simplesmente porque a vida continua a acontecer ao nosso redor.

Na imagética cabalística, a Alta Sacerdotisa representa o Pilar da Harmonia, uma força que reconcilia os pilares opostos da Misericórdia e do Julgamento. É por isso que ela se senta entre os dois pilares do templo. Mas sem a capacidade de se misturar com a força ativa do Mago, o sentido de harmonia da Alta Sacerdotisa acaba por ser arrastado.

Enquanto arquétipos, o Mago e a Alta Sacerdotisa não podem existir nas nossas vidas, tal como o Louco também não pode. Inevitavelmente, nós confundimos estes elementos (em vez de os harmonizarmos) e, desse modo, experienciamos as suas formas menores como uma ação confusa ou então como uma passividade insegura e carregada de culpa. Por outras palavras, a pureza dos dois polos perde-se porque a vida os mistura a todos.

O propósito dos Arcanos Maiores é duplo. Em primeiro lugar, ao isolar os elementos das nossas vidas em arquétipos, permite-nos vê-los nas suas formas puras, como aspetos da verdade psicológica. Em segundo lugar, ajuda-nos a resolver verdadeiramente estes diferentes elementos, levando-nos passo a passo através das diferentes etapas da vida até nos conduzir à unidade. Na realidade, talvez a inocência simbolizada pelo Louco nunca tenha existido. De alguma forma, experienciamo-la como algo perdido. Os Arcanos Maiores dizem-nos como reavê-la.

* Noutros baralhos, particularmente naqueles que são mais antigos do que o de Waite, o Louco aparece de forma muito diferente da que é mostrada aqui. O capítulo sobre o simbolismo do Louco (página 24) tratará desta tradição alternativa.

CAPÍTULO DOIS

A VISÃO GERAL

AS CARTAS COMO UMA SEQUÊNCIA

A maioria dos intérpretes dos Arcanos Maiores adota uma de duas abordagens: ou consideram as cartas como entidades separadas ou olham para elas como uma sequência. A primeira abordagem encara cada carta como representante de diferentes qualidades ou situações de importância para o desenvolvimento espiritual de uma pessoa. A Imperatriz representa a alma glorificada na natureza, o Imperador o domínio de si mesmo, etc. Este sistema considera os números das cartas como parte da sua linguagem simbólica. O número 1 pertence ao Mago não porque ele venha primeiro,

mas porque esse número significa ideias – unidade, força de vontade – apropriadas ao conceito do Mago.

A segunda abordagem encara os trunfos como uma progressão. O Mago é o 1 porque as suas qualidades formam o ponto de partida do padrão de crescimento figurado nas outras cartas. A carta número 13, por exemplo, pertence exatamente àquele ponto, entre o Enforcado e a Temperança, e a nenhum outro. Cada novo trunfo baseia-se no anterior e abre caminho para o seguinte.

Em geral, segui o segundo método. Embora o simbolismo numérico não deva ser negligenciado, é igualmente importante ver onde cada carta se encaixa no padrão global. As comparações com outros números também nos podem ajudar a ver as limitações, bem como as virtudes, de cada carta. Por exemplo, o número 7, o Carro, é frequentemente falado como "vitória". Mas que tipo de vitória? Será a libertação total do Mundo, ou algo mais estreito, embora ainda de grande valor? Olhar para a posição da carta pode responder a estas perguntas.

Os intérpretes que adotaram esta abordagem procuraram habitualmente um local para dividir os trunfos para facilitar a compreensão. A escolha mais comum é a Roda da Fortuna. Sendo o número dez, simboliza a conclusão de um ciclo e o início de outro. Além disso, se colocarmos o Louco no início, isto divide as cartas nitidamente em dois grupos de onze. O mais importante é que a ideia de uma roda a girar simboliza uma mudança de perspetiva: de uma preocupação com as coisas externas, como o sucesso e o romance, para a abordagem mais interior retratada em cartas como a Morte e a Estrela.

Apesar do valor de ver os Arcanos Maiores como duas metades, descobri que os trunfos se dividem de forma ainda mais orgânica em três partes. Colocando o Louco à parte como uma categoria realmente separada por si só (e colocá-lo à parte permite-nos ver que ele pertence a todo o lado e a qualquer lugar), restam-nos vinte e uma cartas – três grupos de sete.

O número sete tem uma longa história no simbolismo: os sete planetas da astrologia clássica; o sete como uma combinação de três e quatro, eles próprios números arquetípicos; os sete pilares da sabedoria; as sete estações inferiores da Árvore da Vida; as sete aberturas na cabeça humana; os sete chakras e, claro, os sete dias da semana. A maioria dos significados do sete deriva do facto de que, antes do telescópio, as pessoas conseguiam ver sete "planetas" no céu, ou seja, sete objetos em movimento: o Sol, a Lua, Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. Embora a ideia da semana de sete dias venha do antigo Israel, que por sua vez a terá obtido da Babilónia,

os nomes europeus para os dias da semana provêm dos planetas personificados nos deuses romanos e nórdicos.

Um aspeto particular do sete relaciona-o diretamente com o Tarot. A letra grega pi representa uma proporção que existe em todos os círculos entre a circunferência e o diâmetro. Não importa quão grande ou pequeno seja o círculo, a relação entre os dois resultará sempre na mesma fração, 22/7. E os Arcanos Maiores com o Louco perfazem vinte e dois, tal como sem o Louco se reduzem a sete. Além disso, vinte e dois vezes sete é igual a cento e cinquenta e quatro (154 soma dez, ligando-o à Roda), e cento e cinquenta e quatro dividido por dois, para os dois Arcanos, dá setenta e sete: todo o Tarot com o Louco novamente colocado de parte. À semelhança da conceção cabalística de Deus, o ponto é o nada, mas todo o círculo irradia a partir dele. E o número do Louco, o 0, tem sido representado tanto como um ponto quanto como um círculo.

As melhores razões para a divisão em três grupos residem nos próprios Arcanos Maiores. Primeiro, considere o simbolismo das imagens. Olhe para a primeira carta de cada linha. O Mago e a Força são ambos, obviamente, cartas de poder, mas o Diabo também o é. O Mago e a Força estão interligados pelo sinal de infinito acima das suas cabeças, enquanto o Diabo ostenta um pentagrama invertido. Se olhar para a postura do Diabo, com um braço para cima e outro para baixo, verá que a imagem é, de certa forma, uma paródia do Mago, com a tocha a apontar para baixo em vez de a varinha apontar para cima. Em alguns baralhos, a carta 15 traz o título de "Mago Negro". (Em muitos baralhos, a Justiça, e não a Força, é o número 8. Se olhar para a postura da figura na Justiça, verá uma semelhança ainda maior com o Mago e o Diabo.) O mesmo tipo de correspondências verticais aplica-se ao longo de todas as três linhas.

AS TRÊS ÁREAS DE EXPERIÊNCIA

A divisão em três permite-nos ver os Arcanos Maiores como tratando de três áreas distintas de experiência. Resumidamente, podemos chamar-lhes: consciência, as preocupações externas da vida em sociedade; subconsciência, ou a busca interior para descobrir quem realmente somos; e superconsciência, o desenvolvimento de uma perceção espiritual e a libertação de energia arquetípica. Os três níveis não são categorias forçadas. Derivam das próprias cartas.

A primeira linha, com a sua concentração em assuntos como o amor, a autoridade social e a educação, descreve as principais preocupações da sociedade. De muitas maneiras, o mundo que vemos espelhado nos nossos romances, filmes e escolas está resumido nas primeiras sete cartas os

Arcanos Maiores. Uma pessoa pode viver, morrer e ser considerada um sucesso por todos os que a rodeiam sem nunca ultrapassar o nível do Carro. Muitas pessoas, de facto, não chegam sequer a atingir esse nível.

A psicologia profunda moderna preocupa-se com a segunda linha de trunfos, com os seus símbolos de um afastamento semelhante ao de um eremita em direção à autoconsciência, seguido por uma Morte e um renascimento simbólicos. O anjo da Temperança, no final, representa aquela parte de nós próprios que descobrimos ser essencialmente real depois de as ilusões do ego, da atitude defensiva e dos hábitos rígidos do passado terem tido permissão para morrer.

Finalmente, e quanto à última linha? O que pode ir além de encontrar o nosso verdadeiro eu? Para o dizer de forma simples, estas sete cartas retratam um confronto e, finalmente, uma unidade com as grandes forças da própria vida. As outras cartas, outrora vistas como tão importantes, tornam-se mera preparação para a grande descida às trevas, a libertação da luz e o retorno dessa luz ao mundo ensolarado da consciência.

Para a maioria dos leitores, a última linha parecerá demasiado vaga e fantasiosa. Podemos chamar a este tema "religioso" ou "mítico", mas estas palavras também continuam a ser difíceis de apreender. A vagueza nas nossas mentes fala talvez mais sobre nós próprios e sobre o nosso tempo do que sobre o assunto. Qualquer sociedade ensina automaticamente as suas pessoas, apenas pela linguagem que utiliza, a fazer certas suposições sobre o mundo. Exemplos na nossa cultura incluiriam o valor e a singularidade do indivíduo, a realidade e a importância esmagadora do amor, a necessidade de liberdade e de justiça social e, de forma mais complexa, mas igualmente forte, a separação básica de cada pessoa.

"Nascemos sozinhos e morremos sozinhos." A nossa sociedade, construída sobre os séculos dezoito e dezanove materialistas, não se limita a rejeitar a noção de "superconsciência" ou de "forças universais"; nós não sabemos realmente o que elas significam.

Quando lidamos com a última linha dos Arcanos Maiores, portanto, lidamos com uma área desconfortável para muitos de nós. Isso tornará a tarefa de compreender estas cartas mais difícil – e, talvez por isso, mais recompensadora. Trabalhar com estas imagens antigas pode trazer-nos conhecimentos negligenciados na nossa educação.

CAPÍTULO TRÊS

OS TRUNFOS INICIAIS: SÍMBOLOS E ARQUÉTIPOS

O LOUCO

Já olhámos para o Louco sob um aspeto: a imagem de um espírito totalmente livre. Mas podemos olhar para o Louco por outro lado – o salto para o mundo arquetípico dos trunfos.

Imagine-se a entrar numa paisagem estranha. Um mundo de magos, de pessoas penduradas de cabeça para baixo e de dançarinos no ar luminoso. Pode entrar através de um salto de uma altura, através de uma caverna escura, de um labirinto ou até mesmo ao descer por uma toca de coelho atrás de um coelho vitoriano com um relógio de bolso. Seja qual for o caminho que escolher, é um louco por fazê-lo.

Porquê olhar para o mundo profundo da mente quando pode ficar em segurança na paisagem comum do emprego, da casa e da família? Herman Melville, em *Moby Dick*, avisou os seus leitores para não darem um único passo fora do caminho comum traçado para si pela sociedade. Poderiam não conseguir regressar.

E, no entanto, para aqueles dispostos a correr o risco, o salto pode trazer alegria, aventura e, finalmente, para aqueles com coragem de continuar a avançar quando o país das maravilhas se torna mais temível do que alegre, o salto pode trazer conhecimento, paz e libertação. Curiosamente, o arquétipo do Louco aparece mais na mitologia do que na

religião estruturada. Uma Igreja institucionalizada dificilmente pode impelir as pessoas a irem além dos limites das instituições. Em vez disso, as igrejas oferecem-nos um refúgio seguro contra os medos da vida. A mitologia conduz diretamente ao coração desses medos e, em todas as culturas, a paisagem mitológica contém a imagem do Trapaceiro (*Trickster*) – empurrando, incitando, picando os reis e os heróis sempre que estes se afastam do mundo interior da verdade.

Nas lendas do Rei Artur, Merlin aparece não apenas como um feiticeiro e homem sábio, mas como um trapaceiro. Constantemente ele surge diante de Artur disfarçado: como uma criança, um mendigo, um velho camponês. O jovem rei, já seduzido pela pompa da sua elevada posição social, nunca reconhece Merlin até que os seus companheiros lhe chamem a atenção para o facto de ter sido enganado outra vez. Mais importante do que as leis ou a estratégia militar é a capacidade de ver através das ilusões. Os mestres taoistas eram famosos por pregar partidas aos seus discípulos.

O arquétipo do Louco encontrou até expressão social na figura real do bobo da corte. Todos conhecemos a imagem, a partir de *Rei Lear*, do "bobo", a quem era permitido dizer ao rei verdades que mais ninguém ousaria expressar. Hoje em dia, os nossos comediantes e satiristas gozam de algo parecido com o mesmo privilégio.

Em muitos países, um carnaval anual liberta toda a selvajaria reprimida durante o resto do ano. O sexo é mais livre, várias leis são suspensas, as pessoas mascaram-se e o Rei dos Loucos é escolhido para presidir ao festival. Hoje em dia, na Europa e na América do Norte, o primeiro de abril continua a ser o "Dia das Mentiras" (ou *April Fool's Day*), uma altura para rasteiras e partidas.

A imagem ao lado da do baralho Rider mostra o Louco tal como foi concebido por Oswald Wirth. Uma tradição mais antiga do que a de Waite, retrata o arquétipo como um andarilho grotesco. Esta imagem tem sido interpretada de várias formas: como a alma antes da iluminação, uma criança recém-nascida a entrar no mundo da experiência e o princípio da anarquia.

Elizabeth Haich forneceu uma interpretação interessante da imagem grotesca do Louco de Wirth. Colocando-o entre o Julgamento e o Mundo, ela descreve o Louco como aquilo que o mundo exterior vê quando olha para alguém que é verdadeiramente iluminado. Como o Louco não segue as suas regras nem partilha as suas fraquezas, ele aparece-lhes desta forma feia e distorcida. Haich descreve o rosto do Louco como uma máscara,

colocada ali não por ele próprio, mas pelo mundo exterior. A última carta, o Mundo, apresenta a mesma pessoa iluminada, mas vista de dentro, isto é, por si mesma.

Em alguns baralhos de Tarot primitivos, o Louco aparecia como um bobo da corte gigante, agigantando-se sobre as pessoas ao seu redor. O seu título era "o Louco de Deus". O termo também tem sido usado para idiotas, loucos inofensivos e epiléticos graves, dos quais se pensava estarem em contacto com uma sabedoria maior precisamente por estarem fora de contacto com o resto de nós.

O arquétipo persiste também na mitologia popular moderna. Pela sua natureza fantástica e primitiva, as bandas desenhadas refletem frequentemente os temas mitológicos melhor do que os romances. No *Batman*, o inimigo mais forte do herói chama-se *Joker* (o Coringa), uma figura que não tem passado e que nunca é vista sem a maquilhagem desmedida de um joker de um baralho de cartas. O joker não descende do Louco, como eu e outros tarotistas tínhamos assumido.

Foi inventado por um clube de póquer de Nova Iorque como uma "carta selvagem" para tornar o jogo mais interessante. No entanto, evoca o mesmo arquétipo do Louco, baseando-se no bobo da corte. A rivalidade de Batman e do *Joker* envia uma mensagem clara aos seus leitores: não se rebelem contra os valores sociais; apoiem a lei e a ordem. Em anos recentes, a revista tem descrito o *Joker* como louco e não como criminoso. Para a sociedade, o caminho do Louco — o instinto em vez das regras — é uma loucura perigosa.

Até agora, olhámos para o Louco como o "outro", incitando-nos a sair da complacência com as suas piadas e disfarces. Como o "eu", ele representa aquela longa tradição do irmão ou irmã tolo, desprezado pelos irmãos e irmãs mais velhos, mas finalmente capaz de conquistar a princesa ou o príncipe através da bondade e do engenho instintivos. Curiosamente, a imagem do Louco como o "eu" ocorre mais nos contos de fadas do que nos mitos. Olhamos para os mitos como representando forças maiores do que nós; o conto de fadas, mais simples, permite-nos expressar a nossa própria tolice.

À semelhança de "Botas" ou "Gluck" no conto de fadas, sempre acompanhados por vários animais auxiliares, o Louco em quase todos os baralhos caminha com um companheiro. Em Waite, a figura é um cão a saltar; noutros, um gato ou até um crocodilo. O animal simboliza as forças da natureza e o eu animal do homem, tudo em harmonia com o espírito que age por instinto. Os cães mitológicos são frequentemente aterrorizadores,

como por exemplo o Cão do Inferno a perseguir as almas perdidas. Mas trata-se, na realidade, do mesmo animal; apenas a nossa atitude muda. Negue o seu eu interior e ele tornar-se-á feroz. Obedeça-lhe e ele tornar-se-á benigno.

O Louco de Waite segura uma rosa branca. As rosas simbolizam a paixão, enquanto o branco, a cor tradicional da pureza, juntamente com a forma delicada como a flor é segurada, indicam as paixões elevadas a um nível superior. Os gregos viam Eros, o deus do amor, como um trapaceiro, fazendo com que as pessoas mais ponderadas agissem de forma ridícula. Mas aqueles que já expressam a sua loucura não serão derrubados pelo amor. Os gregos também falavam de Eros, noutras formas, como a força animadora do universo.

A trouxa atrás dele carrega as suas experiências. Ele não as abandona, não é desprovido de mente; elas simplesmente não o controlam da forma como as nossas memórias e traumas controlam tantas vezes as nossas vidas. A trouxa ostenta a cabeça de uma águia, símbolo do espírito que voa alto. O seu instinto elevado preenche e transforma toda a experiência. A águia é também o símbolo de Escorpião elevado a um nível superior, isto é, a sexualidade elevada a espírito. Esta ideia da ligação entre o sexo e o espírito voltará a surgir com a carta do Diabo.

Sobre o ombro, o Louco carrega um bastão, como um vagabundo. Mas este bastão é, na verdade, uma varinha, símbolo de poder. O Mago e o condutor do Carro também carregam varinhas, mas de forma autoconsciente, segurando-as com firmeza. O Louco e a Dançarina do Mundo seguram as suas varinhas de forma tão casual que mal reparámos nelas. O que poderia ser mais tolo do que pegar numa varinha mágica e usá-la para carregar as malas? Podemos imaginar um conto de fadas no qual o irmão mais novo e tolo encontra um pedaço de pau à beira da estrada e o carrega consigo, sem o reconhecer como a varinha perdida de um feiticeiro, e por isso mesmo não sendo destruído como os seus dois irmãos mais velhos, que tentaram empunhá-la para proveito próprio.

A varinha do Louco é preta; as outras são brancas. Para o Louco inconsciente, a força do espírito permanece sempre em potencial, sempre pronta, porque ele não a está a direcionar conscientemente. Tendemos a compreender mal a cor preta, vendo-a como o mal ou a negação da vida. Pelo contrário, o preto significa que todas as coisas são possíveis, a energia infinita da vida antes de a consciência ter construído quaisquer fronteiras. Quando tememos a escuridão ou a negrura, tememos a fonte inconsciente e profunda da própria vida.

Tal como o joker, o Louco pertence realmente a qualquer lugar do baralho, em combinação com e entre qualquer uma das outras cartas. Ele é a força animadora que dá vida às imagens estáticas. Nos Arcanos Maiores, ele pertence a qualquer lugar onde haja uma transição difícil. Daí a sua posição no início, onde há a transição do mundo quotidiano dos Arcanos Menores para o mundo dos arquétipos. O Louco também nos ajuda a saltar o fosso de uma linha para a seguinte, isto é, do Carro para a Força, da Temperança para o Diabo. Alcançar o Carro ou a Temperança exige grande esforço e coragem e, sem a prontidão do Louco para saltar para novo território, provavelmente pararíamos naquilo que já tínhamos alcançado.

O Louco pertence igualmente àquelas cartas de passagem difícil, tais como a Lua e a Morte (observe-se a estrada sinuosa em cada uma destas duas), onde ele nos impele a avançar apesar dos nossos medos.

Nos Arcanos Menores, o Louco relaciona-se em primeiro lugar com o naipe de Paus – ação, entusiasmo, movimento sem reflexão. Mas liga-se também a Copas, com a sua ênfase na imaginação e no instinto. O Louco, de facto, combina estes dois naipes. Mais tarde veremos que esta combinação, fogo e água, representa o caminho da transformação.

Finalmente, surge a questão do lugar do Louco nas leituras de adivinhação. Já mencionei a importância das leituras para uma compreensão mais completa das cartas. Mais ainda, elas ajudam-nos a aplicar a sabedoria das cartas às nossas vidas diárias. Nas leituras, o Louco fala-nos de coragem e otimismo, instando à fé em nós próprios e na vida. Em momentos difíceis, quando sofremos a pressão das pessoas ao nosso redor para sermos práticos, o Louco lembra-nos de que os nossos próprios eus interiores são quem melhor nos pode dizer o que fazer.

O Louco pode muitas vezes simbolizar inícios, o saltar corajosamente para uma nova fase da vida, particularmente quando esse salto é dado a partir de um sentimento profundo e não de um planeamento cuidadoso.

Estas características pertencem ao Louco na sua posição normal. Devemos também considerar os significados "invertidos", isto é, quando a forma como misturámos as cartas faz com que o Louco saia com os pés para cima. Os significados invertidos são controversos entre os comentadores de Tarot. Aqueles que dão fórmulas como significados limitam-se habitualmente a inverter a fórmula, um método simplista que levou vários intérpretes a abandonar por completo a ideia dos significados invertidos. Mas também podemos olhar para as inversões como um aprofundamento do significado da carta como um todo. Em geral, uma

carta invertida indica que as qualidades dessa carta ficaram bloqueadas, distorcidas ou canalizadas noutra direção.

Para o Louco, uma inversão significa, antes de mais, a incapacidade de seguir os seus instintos. Pode significar não arriscar num momento crucial por medo ou por depender demasiado de planos e dos conselhos práticos de terceiros.

Outro significado invertido do Louco parecerá, à primeira vista, contradizer o que acabou de ser dado. A imprudência, a loucura, os planos insensatos parecem todos o oposto do excesso de cautela. E, no entanto, todos eles têm origem na mesma fraqueza: a incapacidade de agir a partir de dentro. A pessoa imprudente sobrepõe uma tolice consciente ou artificial à sua vida, tanto porque não confia no inconsciente para lhe servir de guia, como porque também tem medo de não fazer nada.

Este segundo significado invertido sugere outra dimensão para o Louco – a perceção de que os grandes riscos só devem ser corridos no momento adequado. Afinal de contas, existem muitos momentos em que a cautela é necessária, e momentos em que é melhor não fazer absolutamente nada. A coisa fundamental que qualquer oráculo nos ensina é que nenhuma ação ou atitude está certa ou errada, exceto no seu contexto próprio.

À medida que avançamos no Tarot, veremos que este conceito do momento adequado permeia as cartas e é, de facto, a verdadeira chave para a sua utilização correta. A carta no baralho Rider que cai exatamente no meio das três linhas, ou seja, a Justiça, significa uma resposta adequada.

O MAGO

O Mago emerge muito diretamente do Louco na imagem do feiticeiro-trapaceiro. Como mencionado acima, Merlin desempenha ambos os papéis (bem como o de professor e homem sábio), e muitos outros mitos fazem a

mesma ligação. Os baralhos de Tarot mais antigos retratavam o trunfo número um como um prestidigitador e não como um mago, ou até como um malabarista a lançar bolas coloridas ao ar. Charles Williams descreveu-o como um malabarista a lançar as estrelas e os planetas.

A maioria das imagens modernas deste trunfo segue o feiticeiro de Waite, erguendo uma varinha mágica para trazer à realidade a força do espírito – a energia da vida na sua forma mais criativa. Ele segura a varinha com cuidado, consciente daquele poder psíquico que o Louco carregava tão levemente sobre o ombro. Assim, o Mago, como início dos Arcanos Maiores propriamente ditos, representa a consciência, a ação e a criação. Simboliza a ideia de manifestação, ou seja, tornar algo real a partir das possibilidades da vida. Por isso, vemos os quatro emblemas dos Arcanos Menores dispostos numa mesa à sua frente. Ele não só utiliza o mundo físico para as suas operações mágicas (os quatro emblemas são todos objetos utilizados pelos feiticeiros nos seus rituais), como também cria o mundo, no sentido de dar à vida um significado e uma direção.

O Mago está rodeado de flores para nos lembrar que o poder emocional e criativo que sentimos nas nossas vidas precisa de ser enraizado na realidade física para que possamos extrair algum valor dele. A menos que façamos algo com os nossos potenciais, eles não existem realmente.

"No princípio, Deus criou o céu e a terra." A Bíblia começa no momento em que o espírito desce à realidade física. Para nós, no mundo físico, não podemos falar de nada antes deste momento. Na ligação do Tarot com o alfabeto hebraico, o Louco recebe frequentemente a primeira letra, *Aleph*. (*Aleph* não tem som; é um portador silencioso de vogais e, portanto, simboliza o nada. É a primeira letra dos Dez Mandamentos.) Isto atribuiria a segunda letra hebraica, *Beth*, a primeira letra com um som real, ao Mago. *Beth* é a primeira letra do Génese.

Olhe para a imagem do Mago de Waite. Ele não está a lançar feitiços ou a invocar demónios. Está simplesmente de pé, com uma mão erguida em direção ao céu e a outra apontada para a terra verde. Ele é um para-raios. Ao abrir-se ao espírito, atrai-o para dentro de si e, depois, aquela mão apontada para baixo, como um para-raios enterrado no solo, conduz a energia para a terra. Para a realidade.

Vemos muitos relatos da "descida do espírito" na Bíblia, noutros textos religiosos e na experiência religiosa contemporânea. As pessoas "falam em línguas" nas igrejas pentecostais, gritam, clamam e rebolam pelo chão em reuniões evangélicas. O sacerdote que dá a comunhão vê-se como um "vaso" ou canal para o Espírito Santo. Mas também podemos ver esta

experiência em termos muito mais simples e não religiosos. As pessoas tremem de emoção em eventos desportivos. "Estou tão entusiasmado que podia rebentar!"

Num novo romance ou no início de uma nova carreira, sentimos um poder a preencher-nos. Por vezes, podemos ver as pessoas na abertura de alguma fase importante das suas vidas, a bater com as pernas para cima e para baixo, quase a saltar nas cadeiras, cheias de uma energia que parecem não conseguir descarregar. E os escritores e artistas, quando o seu trabalho corre bem, experienciam-se quase como canais passivos para uma força semelhante ao espírito. A palavra "inspiração" significava originalmente "preenchido por um sopro sagrado" e deriva da mesma raiz que "espírito".

Note que, de todos estes exemplos, exceto o sacerdote e o artista, todos são tomados por um frenesi. O crente possuído na igreja e o adolescente prestes a rebentar num jogo de futebol partilham a sensação de que os seus corpos estão avassalados por um poder demasiado grande para eles. Longe de ser suave, a vaga de energia pode ser quase dolorosa. A pessoa em fervor religioso grita e salta para libertar uma energia insuportável.

A força vital que preenche o universo não é suave nem benigna. Tem de ser descarregada, enraizada em algo real, porque os nossos corpos, os nossos eus, não foram feitos para a conter, mas apenas para a transmitir. Assim, o artista não se junta ao frenesi físico porque está a descarregar esse poder na pintura. Da mesma forma, o sacerdote transmite o poder para o pão e para o vinho.

Funcionamos melhor como um canal para a energia. A menos que sigamos o caminho da Alta Sacerdotisa no seu afastamento do mundo, vivemos as nossas vidas mais plenamente quando criamos ou estamos ativos. "Criar" não significa apenas arte, mas qualquer atividade que produza algo real e valioso fora de nós próprios.

Muitas pessoas experienciam sentimentos de poder tão raramente que tentam agarrar-se a eles. Ao não fazerem nada, esperam preservar os seus momentos mágicos. Mas só conseguimos realmente reter o poder nas nossas vidas se o descarregarmos constantemente. Ao libertarmos o poder criativo, abrimo-nos para receber um fluxo adicional. No entanto, ao tentarmos agarrar-nos a ele, bloqueamos os canais e o sentido de poder, que é a própria vida, definha dentro de nós. O espetador no jogo de futebol, até mesmo o crente possuído na igreja, descobrirão que o seu entusiasmo desapareceu após o fim do evento que o desencadeou. Mas o artesão, o cientista ou o professor – ou, já agora, o leitor de Tarot – descobrirão que o

poder aumenta ao longo dos anos quanto mais o descarregarem na realidade física.

Quando olhamos para o Mago, aqueles de nós que sentem uma falta ou uma monotonia nas suas vidas serão atraídos pela varinha erguida em direção ao céu. Mas a verdadeira magia reside naquele dedo que aponta para a terra. Essa capacidade de criar dá-lhe o seu título. A sua imagem emana não só do trapaceiro-prestidigitador, mas também do herói arquetípico. Na nossa cultura, este seria Prometeu, que trouxe o fogo celestial para a humanidade fraca e fria.

No Ocidente, tendemos a ver os magos como manipuladores. Aprendem técnicas secretas ou fazem pactos com Satanás para obterem poder pessoal. Esta imagem de certo modo decadente provém em parte dos próprios magos, uma vez que fazem amuletos para encontrar tesouros enterrados, mas também da Igreja, que vê os magos, que lidam diretamente com o espírito em vez de passarem pelo sacerdócio oficial, como concorrentes. O Tarot e todas as ciências ocultas são, num sentido, revolucionários porque ensinam a salvação direta, nesta vida, através dos próprios esforços.

Podemos obter um conceito diferente do Mago através da imagem do xamã, ou homem de medicina. Como não surgiu nenhuma Igreja hierárquica para banir os xamãs, estes não ficaram isolados da comunidade. Servem como curandeiros, professores e guias da alma após a morte. Tal como os magos, os xamãs estudam e aprendem técnicas complicadas. O seu vocabulário mágico é muitas vezes consideravelmente maior do que o vocabulário quotidiano das pessoas que os rodeiam. Nenhum deste treino, contudo, é utilizado para manipular o espírito ou para ganho pessoal.

Em vez disso, o xamã procura apenas tornar-se um canal adequado, tanto para si próprio, para não ser avassalado, como para a comunidade, para a poder servir melhor. Ele conhece o grande poder que entrará nele em momentos de êxtase e quer certificar-se de que este não o destrói nem o torna inútil para as pessoas ao seu redor.

Tal como o mago, o xamã desenvolveu a sua vontade até ao ponto em que consegue direcionar o fogo que o preenche. Ao mesmo tempo, permanece aberto, permitindo que o seu ego se dissolva sob o ataque direto do espírito. Diz muito sobre a nossa cultura o facto de os nossos magos se posicionarem dentro de círculos mágicos para garantir que os demónios não os conseguem tocar.

Podemos aplicar a atitude do xamã à nossa utilização de todo o baralho de Tarot. Estudamos as cartas, aprendemos a linguagem simbólica, até mesmo fórmulas específicas, a fim de dar uma direção aos sentimentos que elas despertam em nós. Mas não nos devemos esquecer de que a verdadeira magia reside nas próprias imagens e não nas explicações.

Os significados divinatórios do Mago derivam de ambas as mãos, a que recebe o poder e a que o direciona. A carta significa, antes de mais, uma perceção de poder na sua vida, de espírito ou de simples entusiasmo que o possui. Pode também significar, dependendo da sua posição e da sua reação a ela, o poder de outra pessoa a afetá-lo. À semelhança do Louco, a carta refere-se a inícios, mas aqui tratam-se dos primeiros passos concretos. Pode significar tanto a inspiração para começar algum projeto ou fase nova da vida, como o entusiasmo que o sustenta ao longo do trabalho árduo para alcançar o seu objetivo. Para muitas pessoas, o Mago pode tornar-se um forte símbolo pessoal da força criativa ao longo das suas vidas.

Em segundo lugar, o Mago significa força de vontade; a vontade unificada e direcionada para objetivos. Significa ter uma grande força porque toda a sua energia está canalizada numa direção específica. As pessoas que parecem conseguir sempre o que querem na vida são muitas vezes pessoas que sabem simplesmente o que querem e conseguem direcionar a sua energia. O Mago ensina-nos que tanto a força de vontade como o sucesso derivam do facto de estarmos conscientes do poder que está disponível para todos. A maioria das pessoas raramente age; em vez disso, reage, sendo empurrada de uma experiência para a seguinte. Agir é direcionar a sua força, através da vontade, para os locais onde quer que ela vá.

O Mago invertido significa que, de alguma forma, o fluxo adequado de energia foi interrompido ou bloqueado. Pode significar uma fraqueza, uma falta de vontade ou uma confusão de propósitos que leva a que não se faça nada. O poder está lá, mas não conseguimos tocá-lo. A carta invertida pode significar a apatia letárgica que carateriza a depressão.

O trunfo invertido pode também significar poder abusado, uma pessoa que utiliza o seu caráter muito forte para exercer uma influência destrutiva sobre os outros. O exemplo mais direto disso seria, naturalmente, a agressão psíquica da "magia negra".

Finalmente, o Mago invertido indica desassossego mental, alucinações, medo e, particularmente, medo da loucura. Este problema surge quando a energia ou o fogo do espírito entra numa pessoa que não sabe como direcioná-lo para uma realidade exterior. Se não ligarmos o raio

à terra, ele pode ficar aprisionado no corpo e impor-se à nossa perceção sob a forma de ansiedade ou alucinações. Qualquer pessoa que já tenha passado por um momento de pânico total saberá que a ansiedade mental aguda é uma experiência muito física, uma sensação de o corpo correr desgovernado, como um incêndio fora de controlo. A palavra "pânico" significa "possuído pelo deus Pan", ele próprio um símbolo de forças mágicas.

Pense novamente no para-raios. Ele não só atrai o raio como o conduz para a terra. Sem essa ligação à terra, o raio queimaria a casa. Vários autores comentaram a relação entre o xamanismo e aquilo a que o Ocidente chama "esquizofrenia". Os xamãs muitas vezes não são tanto escolhidos, mas sim encontrados. Se, na nossa cultura, um jovem experiencia visões, alucinações temíveis, não sabemos o que fazer com tais experiências a não ser tentar travá-las, através de medicamentos e de autocontrolo. Mas noutras culturas, essas pessoas recebem treino. Isto não quer dizer que a loucura não exista ou não seja reconhecida nas culturas arcaicas. Pelo contrário, o treino destina-se a prevenir a loucura, canalizando as experiências numa direção produtiva.

Os iniciados aprendem, através do estudo com um xamã estabelecido e através de técnicas físicas como o jejum, a compreender, estruturar e, finalmente, direcionar estas experiências visionárias para o serviço da comunidade. O Mago invertido não deve ser banido ou confinado; em vez disso, temos de encontrar a forma de o colocar na posição correta.

A ALTA SACERDOTISA

Bill Butler, em *The Definitive Tarot*, comentou as fontes histórico-lendárias deste arquétipo feminino. Ao longo da Idade Média, persistiu a história de que uma mulher fora outrora eleita Papa. Disfarçada durante anos como homem, esta suposta "Papisa Joana" subiu na hierarquia da

Igreja até à posição de topo, vindo a morrer no parto durante uma celebração da Páscoa.

A Papisa Joana era, muito provavelmente, uma lenda; a Papisa dos Visconti era real. No final do século treze, um grupo italiano chamado os Guilhermitas acreditava que a sua fundadora, Guilhermina da Boémia, falecida em 1281, ressuscitaria em 1300 e daria início a uma nova era na qual as mulheres seriam papas. Adiantando-se no tempo, elegeram uma mulher chamada Manfreda Visconti como a primeira papisa. A Igreja acabou de forma drástica com esta heresia, queimando a Irmã Manfreda na fogueira em 1300, o ano da esperada nova era.

Cerca de cento e cinquenta anos mais tarde, a mesma família Visconti encomendou o primeiro conjunto de cartas de Tarot tal como o conhecemos. Entre estes trunfos sem numeração e sem nome aparecia a imagem de uma mulher a que os baralhos posteriores chamaram "A Papisa".

O nome persistiu até ao século dezoito, quando Court de Gébelin, acreditando que o Tarot tinha origem na religião de Ísis do antigo Egito, mudou o nome para a Alta Sacerdotisa. Hoje em dia existem ambos os nomes (bem como "Ísis Velada"), e a imagem da carta de Waite deriva diretamente do vestuário simbólico da sacerdotisa de Ísis, particularmente a coroa que representa as três fases da lua.

A lenda da Papisa Joana e Manfreda Visconti não são meras curiosidades históricas. Elas ilustram um importante desenvolvimento social na Idade Média: a reintrodução do feminino e dos princípios femininos na religião e na cosmologia. As imagens e os conceitos associados ao papel masculino tinham dominado tanto a Igreja como a religião judaica durante séculos. Como resultado, as pessoas comuns experienciavam as religiões dos sacerdotes e dos rabinos como remotas, duras e inacessíveis, com a sua ênfase no pecado, no julgamento e na punição. Queriam qualidades de misericórdia e de amor. E identificavam-nas com as mulheres. Tal como uma mãe protege o seu filho da severidade algo distante do pai, uma divindade feminina supostamente intercederia pelos patéticos pecadores contra o julgamento implacável do Pai.

É interessante notar que, de muitas formas, a Igreja via Cristo, como o Filho, exatamente nesse papel de introduzir o amor e a compaixão. No entanto, o povo exigia uma figura feminina. Mesmo a ideia da Igreja como "Mãe Igreja" não foi suficientemente longe. Finalmente, la Igreja capitulou ao elevar a Virgem Maria quase ao nível do próprio Cristo.

Muitos autores e estudiosos acreditam que a elevação de Maria – bem como o traje de saias compridas dos sacerdotes – teve origem no desejo da Igreja de assimilar uma religião da deusa que persistia desde os tempos anteriores ao Cristianismo. Se isto for verdade, indicaria não tanto um conservadorismo cultural, mas sim o poder do arquétipo feminino para se manter e triunfar parcialmente contra a supressão.

No Judaísmo, a religião oficial dos rabinos conseguiu resistir a qualquer feminismo insurgente. A necessidade do povo, contudo, fixou-se noutra área: a longa tradição da Cabala. Os cabalistas pegaram num termo do Talmude, *'Shekinah'*, que significava a glória de Deus manifestada no mundo físico, e reformularam-no para o transformar na *anima*, ou lado feminino, de Deus. Os cabalistas também reformularam a ideia de Adão, tornando-o originalmente hermafrodita. A separação de Eva de Adão, e até a separação da *Shekinah* de Deus, tornaram-se imagens de isolamento e exílio, por vezes ligadas a Adão e ao pecado da desobediência.

Até agora, olhámos para as qualidades maternais e benignas das figuras mitológicas femininas. Historicamente, porém, as divindades femininas sempre mostraram também um lado escuro e oculto. Introduzir o feminino, seja de que forma for, é introduzir o arquétipo na sua totalidade. O Tarot divide o arquétipo feminino em dois trunfos e, na verdade, atribui as qualidades benignas ao segundo (o trunfo 3), a Imperatriz. A Alta Sacerdotisa em si representa um aspeto mais profundo e subtil do feminino: o do escuro, do misterioso e do oculto. Como tal, ela liga-se ao lado virgem da Virgem Maria, o lado da filha pura da *Shekinah* (que era retratada simultaneamente como mãe, esposa e filha).

Devemos ter em conta que esta atribuição de qualidades às mulheres provém maioritariamente dos homens e de ideias masculinas. Os cabalistas, os ocultistas e os criadores de Tarot lamentavam todos a separação de homens e mulheres em categorias e ensinavam a unificação como um objetivo final. Isto é demonstrado pela dançarina do Mundo do Tarot. Estavam à frente da religião estabelecida, que chegou a debater se as mulheres tinham sequer alma. Apesar de tudo, os homens continuavam a fazer as categorias.

Para os homens, as mulheres sempre pareceram misteriosas, estranhas e, quando em segurança no seu papel de mãe, amorosas e misericordiosas. As mulheres parecem alienígenas para os homens, mais subtis no seu pensamento e não racionais. No nosso tempo, constantes romances e filmes retrataram homens simples manipulados por mulheres astutas.

O facto de o ciclo menstrual durar aproximadamente o mesmo tempo que o ciclo lunar liga as mulheres àquele corpo prateado e remoto. A própria menstruação, uma hemorragia copiosa dos órgãos genitais sem perda de vida, limitou-se a aterrorizar os homens ao longo dos séculos. Ainda hoje, os judeus supersticiosos acreditam que uma única gota de sangue menstrual matará uma planta. O temível mistério do nascimento ligou ainda mais as mulheres à ideia de escuridão. O feto cresce e a alma entra nele na escuridão quente e húmida do útero. A maternidade ligou as mulheres à terra, e aí também a escuridão domina. As sementes jazem no solo ao longo do inverno escuro e morto, para emergirem como alimento sob os raios quentes e reconfortantes do sun que, em muitas culturas, é considerado masculino.

Assim como os raios do sol penetram na terra, também o órgão masculino penetra no feminino para deixar uma semente no seu útero misterioso. Conseguimos ver facilmente como os homens passaram a ver-se a si próprios como ativos e as mulheres como passivas e misteriosas. As pessoas ligam frequentemente o passivo ao "negativo", ou seja, ao inferior e ao fraco. Mas a passividade contém o seu próprio poder. Dá à mente a oportunidade de trabalhar. As pessoas que só conhecem a ação nunca têm a oportunidade de refletir sobre o que essa ação lhes ensinou.

Num sentido mais profundo, a passividade permite que o inconsciente emerja. Só através do afastamento do envolvimento exterior podemos permitir que a voz interior da visão e das forças psíquicas fale connosco. É precisamente para evitar esta voz interior que muitas pessoas nunca descansam da ação e do movimento. A nossa sociedade, baseada inteiramente no sucesso exterior, fomenta um terror do inconsciente; no entanto, sem a sua sabedoria, nunca conseguiremos conhecer-nos totalmente a nós próprios ou ao mundo.

A Alta Sacerdotisa representa todas estas qualidades: a escuridão, o mistério, as forças psíquicas, o poder da lua para agitar o inconsciente, a passividade e a sabedoria dela obtida. Esta sabedoria não pode ser expressa em termos racionais; tentar fazê-lo seria imediatamente limitá-la, estreitá-la e falsificá-la. A maioria das pessoas, a dada altura, já sentiu que compreendia algo de uma forma tão profunda que nunca conseguiria explicar. Os mitos servem como metáforas para sentimentos psíquicos profundos; no entanto, os próprios mitos, tal como as explicações dadas por teólogos e antropólogos, são apenas símbolos. A Alta Sacerdotisa significa a sabedoria interior no seu nível mais profundo.

Ela senta-se diante de dois pilares, que representam tanto o templo de Ísis como o antigo templo hebraico em Jerusalém, a morada de Deus na

terra, ou seja, o lar da *Shekinah*. Um véu está estendido entre os dois pilares, indicando que estamos impedidos de entrar no lugar da sabedoria. A imagem do templo ou santuário velado aparece em muitas religiões. Dizia-se, de facto, que a *Shekinah* habitava dentro da arca velada do templo.

Ora, a maioria das pessoas assume que estamos, de certa forma, proibidos de ultrapassar os pilares da Alta Sacerdotisa. Na realidade, simplesmente não sabemos como o fazer. Entrar por detrás do véu seria conhecer conscientemente a sabedoria irracional do inconsciente. Esse é o objetivo de todos os Arcanos Maiores.

Olhe atentamente para a imagem de Smith. Consegue ver o que está por trás do véu ao olhar entre o véu e os pilares. E o que lá está atrás é água. Nenhum grande templo ou símbolos complexos: simplesmente um lago de água, uma linha de colinas e o céu. O lago significa o inconsciente e a verdade ali oculta. A água está imóvel, os segredos nas suas profundezas mais escuras, escondidos sob uma superfície lisa. Para a maioria de nós, na maior parte do tempo, o inconsciente turbulento permanece oculto sob uma camada plácida de consciência.

Não podemos entrar no templo porque não sabemos como entrar em nós próprios; por isso, temos de viajar através dos trunfos até chegarmos à Estrela e à Lua, onde podemos finalmente agitar as águas e regressar com a sabedoria para a luz consciente do Sol.

O templo introduz a imagem dos dois pilares e o tema da dualidade e dos opostos. A imagem ocorre repetidamente através dos trunfos, em locais óbvios como os pilares da igreja do Hierofante ou as duas torres da Lua (os pilares da Alta Sacerdotisa vistos do outro lado), mas também de formas mais subtis, como as duas esfinges do Carro, ou o homem e a mulher dos Enamorados. Finalmente, o Julgamento, com a criança a erguer-se entre um homem e uma mulher, e o Mundo, segurando duas varinhas, resolvem a dualidade ao unirem os mistérios interiores com a perceção exterior.

As letras ‘B’ e ‘J’ significam Boaz e Jakin, os nomes dados aos dois pilares principais do templo em Jerusalém. Obviamente, o Boaz escuro representa a passividade e o mistério, enquanto Jakin simboliza a ação e a consciência. Note-se, contudo, que as letras trazem as indicações invertidas: um B branco e um J preto. Tal como os pontos no símbolo do Tao, as letras significam que a dualidade é uma ilusão, e cada extremo carrega o outro embutido dentro de si.

No colo, ela segura um pergaminho com a inscrição ‘Tora’. Este nome refere-se à lei judaica, os Cinco Livros de Moisés, que em inglês se escreve habitualmente ‘Torah’. Esta grafia em particular permite que a palavra sirva de anagrama para ‘Taro’. Sendo o assunto supremo de todas as meditações cabalísticas (como a crucificação de Cristo para os místicos cristãos), a Torá carrega um enorme significado esotérico. Os cabalistas acreditavam que a Torá lida aos sábados de manhã nas sinagogas era apenas uma representação, uma espécie de sombra da verdadeira Torá, a palavra viva de Deus que existia antes do universo e que contém em si toda a verdadeira existência.

A Tora segurada pela Alta Sacerdotisa, enrolada e parcialmente oculta no seu manto, significa, portanto, um conhecimento superior fechado para nós com a nossa compreensão inferior. Podemos descrevê-la também como as verdades psíquicas disponíveis para nós apenas na forma distorcida de mitos e sonhos.

Anteriormente, falámos do Louco a surgir em momentos cruciais de mudança para nos impelir a avançar. O fosso entre a Alta Sacerdotisa e a Imperatriz é um desses momentos. Podemos ser facilmente seduzidos pela frescura escura do segundo trunfo, mesmo que nunca penetremos realmente nos seus segredos. A pessoa que se inicia na disciplina espiritual prefere frequentemente permanecer no nível visionário em vez de passar pelo trabalho lento e árduo necessário para avançar.

Muitas pessoas em situações mais comuns acharão a vida demasiado avassaladora, demasiado vasta e exigente para nela participarem. Podemos usar da melhor forma a passividade da Alta Sacerdotisa como um equilíbrio para a atitude virada para o exterior do Mago, mas muitas pessoas acham o lado passivo extremamente atraente. Representa uma resposta à luta, um retiro tranquilo em vez do brilho severo da autoexposição quando nos envolvemos abertamente com outras pessoas.

Mas a mente humana não funciona assim. Exige paixão e precisa de se ligar ao mundo. Se não conseguimos penetrar o véu, o templo continua a ser para nós um lugar vazio, desprovido de significado. A pessoa que tenta viver uma vida completamente passiva fica deprimida, cada vez mais encurralada num ciclo de apatia e medo.

Praticamente todas as religiões da deusa lunar apresentam mitos sobre o lado feroz da deusa. Ovídio conta a história de Actéon, um caçador e, portanto, uma figura que pertencia propriamente ao mundo da ação. Aconteceu que um dia viu um riacho e decidiu segui-lo até à sua nascente (novamente, a água como símbolo do inconsciente). Assim, separou-se dos

seus cães e dos outros caçadores e, quando chegou à nascente, longe do mundo ativo, viu um grupo de donzelas. Entre elas, nua, estava a deusa virgem, Diana.

Ora, se Actéon tivesse regressado imediatamente ao mundo exterior, teria encontrado a sua vida enriquecida. Em vez disso, permitiu que a beleza de Diana o fascinasse; permaneceu tempo demais e a deusa, ao descobrir que um homem tinha visto a sua nudez (compare-se as camadas de roupa da Alta Sacerdotisa com a nudez da donzela da Estrela), transformou Actéon num cervo. Quando ele fugiu, aterrorizado, os seus próprios cães despedaçaram-no.

Aqui entra o Louco (e lembremo-nos do cão do Louco, a saltar ao seu lado), lembrando-nos de dançar levemente para longe de ambas as visões, tanto do Mago como da Alta Sacerdotisa, até estarmos verdadeiramente prontos para as assimilar.

Os significados divinatórios da Alta Sacerdotisa lidam, em primeiro lugar, com um sentido de mistério na vida, tanto coisas que não sabemos como coisas que não podemos saber. Indica uma sensação de escuridão, por vezes como uma área de medo nas nossas vidas, mas também de beleza. Um período de afastamento passivo pode enriquecer as nossas vidas ao permitir que as coisas interiores despertem.

Como emblema do conhecimento secreto, o trunfo indica aquele sentimento de compreender intuitivamente a resposta a algum grande problema, se ao menos conseguíssemos expressar essa resposta conscientemente. Mais especificamente, a carta pode referir-se a visões e a poderes ocultos e psíquicos, tais como a clarividência.

No seu aspeto mais positivo, a Alta Sacerdotisa significa o potencial nas nossas vidas – possibilidades muito fortes que não realizámos, embora consigamos senti-as como possíveis. A ação deve seguir-se, ou o potencial nunca será realizado.

Apesar da sua profunda sabedoria, a carta pode por vezes carregar um significado negativo. Como a maioria dos trunfos, o valor da Alta Sacerdotisa depende do contexto das outras cartas. Negativamente, o trunfo indica passividade no momento errado ou por tempo demorado, levando à fraqueza, ao medo da vida e das outras pessoas. Mostra uma pessoa com forte intuição que não consegue traduzir os sentimentos em ação, ou uma pessoa com medo de se abrir aos outros. O facto de o aspeto bom ou mau da carta surgir numa leitura específica depende das cartas circundantes e, claro, da intuição do leitor (nós partilhamos da Alta Sacerdotisa sempre que

lemos as cartas). Muito frequentemente, ambos os significados se aplicarão. Os seres humanos têm mais do que um lado.

A Alta Sacerdotisa é um arquétipo, uma imagem focada num único aspeto da existência. Quando a invertemos, trazemos as qualidades que faltavam. A carta invertida significa uma viragem em direção à paixão, em direção a um envolvimento profundo com a vida e com as outras pessoas, em todos os aspetos: emocional, sexual e competitivo. Contudo, o pêndulo pode oscilar demasiado e, então, a carta invertida pode simbolizar a perda daquele conhecimento mais precioso: o sentido do nosso eu interior.

CAPÍTULO QUATRO

A SEQUÊNCIA TERRENA

OS ARCANOS MAIORES E O CRESCIMENTO PESSOAL

A primeira linha dos Arcanos Maiores leva-nos através do processo de maturidade. Mostra as etapas do crescimento de uma pessoa, desde criança, para quem a mãe é toda amorosa e o pai todo-poderoso, passando pela educação, até ao ponto em que a criança se torna uma personalidade independente. Ao mesmo tempo, estas cartas lidam com um desenvolvimento muito mais amplo, do qual o desenvolvimento individual é um microcosmo. Retratam a criação da sociedade humana a partir tanto dos arquétipos da existência como da energia caótica da natureza.

Embora estabeleçam os princípios para todo o baralho, o Mago e a Alta Sacerdotisa aplicam-se muito especificamente à primeira linha. O movimento entre opostos é o ritmo básico do mundo material. Nada existe de forma absoluta na natureza. Nas palavras de Ursula Le Guin: "A luz é a mão esquerda das trevas e as trevas a mão direita da luz." Quando passamos dos dois princípios para a Imperatriz, estamos a ver os opostos a misturarem-se na natureza para produzir a realidade do universo físico.

As três cartas do meio da linha formam um conjunto. Mostram-nos uma tríade da natureza, da sociedade e da Igreja. Significam também a mãe, o pai e a educação. No antigo Egito, a divindade era frequentemente vista como uma trindade. As figuras mudavam de lugar para lugar e ao longo dos anos, mas eram habitualmente uma fêmea e dois machos, com a fêmea vista como suprema. No Tarot, a natureza, simbolizada pela Imperatriz, é a realidade subjacente, enquanto os seus consortes, simbolizados pelo Imperador e pelo Hierofante, são construções humanas.

As duas últimas cartas da linha representam os problemas do indivíduo: o amor e a dor, a entrega e a vontade. A dada altura, cada um de nós deve aprender a distinguir-se do mundo exterior. Antes desse momento, a personalidade continua a ser uma criação vaga e sem forma dos pais e da sociedade. Aqueles que nunca fazem a rutura ficam afastados de uma vida plena. Para a maioria das pessoas, o meio pelo qual se separam dos pais é a emergência (os freudianos e talvez os ocultistas diriam "reemergência") do impulso sexual na puberdade. Não é por acaso que os filhos se rebelam contra os pais em ideias, hábitos e vestuário ao mesmo tempo que os seus corpos crescem em direção à maturidade.

O desenvolvimento da individualidade é apenas uma parte do crescimento. Cada pessoa deve encontrar os seus objetivos e realizações pessoais. Ao mesmo tempo, mais cedo ou mais tarde, enfrentará a dor, a doença e a fraqueza geral de uma vida governada pela velhice e pela morte. Só quando alcançamos uma compreensão completa da vida exterior da humanidade é que podemos esperar sintonizar-nos interiormente com uma realidade mais profunda.

A IMPERATRIZ

Como afirmado no capítulo anterior, a Imperatriz representa os aspetos mais acessíveis e benignos do arquétipo feminino. Ela é a maternidade, o amor, a gentileza. Ao mesmo tempo, significa a sexualidade, a emoção e a fêmea como amante. Tanto a maternidade como o sexo derivam de sentimentos que são não intelectuais e básicos para a vida. Paixões em vez de ideias. A Alta Sacerdotisa representava o lado mental do arquétipo feminino; a sua profunda compreensão intuitiva. A Imperatriz é pura emoção.

À semelhança da Mulher Astuta, vemo-la refletida nos nossos filmes e romances como a fêmea exasperante, que tanto frustra como encanta, porque os seus processos de pensamento não seguem nenhum

desenvolvimento racional. Muitas mulheres acham esta imagem insultuosa, em parte porque representa valores e abordagens julgados como negativos pela nossa sociedade patriarcal, e em parte porque as pessoas cometem o erro de assumir que as mulheres e os homens deveriam expressar pessoalmente estas ideias arquetípicas.

Mas as imagens sociais são incapacitantes também de outra forma. São triviais. A Imperatriz, juntamente com homólogas mitológicas como Afrodite, Ishtar ou Erzulie, representa algo muito grandioso. Elas significam a abordagem apaixonada à vida. Dão e recebem experiência com um sentimento descontrolado.

Até aprendermos a experienciar o mundo exterior por completo, não podemos esperar transcendê-lo. Portanto, o primeiro passo para a iluminação é a sensualidade. Só através da paixão podemos sentir, a partir do mais profundo de nós próprios e não através de argumentos intelectuais, o espírito que preenche toda a existência.

Muitas pessoas veem a religião como uma alternativa ao mundo natural, que consideram de alguma forma impuro ou sujo. Embora a nossa tradição cultural fomente esta dualidade, ela é na verdade uma ilusão, e a pessoa que aborda a espiritualidade com esta motivação de escapar provavelmente nunca alcançará uma compreensão muito desenvolvida. O corpo, e o mundo natural, são realidades que devem ser integradas em vez de negadas.

Na mitologia do Budismo, descobrimos que os deuses manipularam o pai do Príncipe Siddhartha para que este proporcionasse ao seu filho, Gautama, todas as satisfações sensuais. O pai acreditava que o prazer impediria o seu filho de renunciar ao mundo e de se tornar um Buda. O plano falhou rotundamente, porque só depois de ter experienciado completamente a sensualidade é que o príncipe a pôde deixar para trás. Depois de renunciar ao mundo, Gautama juntou-se aos ascetas, o outro polo. Mas só alcançou a iluminação quando rejeitou ambos os extremos em prol do Caminho do Meio. Assim, podemos ver o Buda na dançarina do Mundo que segura levemente nas mãos tanto o Mago como a Alta Sacerdotisa.

Como combinação de 1 e 2, o número 3 significa síntese e harmonia. O mundo natural combina o Mago e la Alta Sacerdotisa numa unidade indivisível de vida e morte, trevas e luz. A ideia de emoção também aproxima o arquétipo de atividade do Mago do arquétipo de instinto da Alta Sacerdotisa.

Considere-se também o processo de criação. O Mago simboliza a energia da vida, a Alta Sacerdotisa as possibilidades de desenvolvimento futuro. A realidade da Imperatriz resulta da sua combinação. Recentemente, Carl Sagan demonstrou que a vida na Terra pode ter começado quando um raio atingiu o mar primordial. Assim, novamente, a partir do relâmpago do Mago que atinge as águas da Alta Sacerdotisa, surge o mundo natural.

O simbolismo da Imperatriz de Waite-Smith reflete a ideia da natureza, com toda a sua força e glória. A própria Imperatriz, voluptuosa e sensual, sugere paixão. O seu escudo é um coração com o símbolo de Vénus, a versão romana da Grande Deusa. Ao longo do mundo antigo, a deusa governou, como Deméter, Astarte, Nut, até que os invasores patriarcais a despromoveram a esposa (e finalmente a baniram por completo com uma divindade exclusivamente masculina). Aos pés da Imperatriz cresce um campo de trigo; a deusa governava a agricultura e, no noroeste da Europa, era chamada a "Deusa do Trigo".

Ela usa um colar de nove pérolas, para os nove planetas, enquanto a sua coroa contém doze estrelas para os signos do zodíaco. Em suma, ela usa o universo como joia. A Grande Mãe não é as formas da natureza, mas o princípio subjacente da vida. As estrelas são de seis pontas, um símbolo muito mais antigo do que o seu uso social atual como emblema do Judaísmo. A estrela de seis pontas combina dois triângulos: o que aponta para cima simboliza o fogo, o que aponta para baixo a água. Novamente, a Imperatriz combina os trunfos 1 e 2 numa nova realidade.

Um rio flui das árvores por trás dela para desaparecer sob o seu assento. Este rio é a força da vida, correndo como uma grande corrente sob todas as formas separadas da realidade, e experienciado mais plenamente quando nos entregamos à paixão sem limites. No fundo de nós próprios, conseguimos sentir o ritmo de um rio, carregando-nos para a frente através da experiência até que, com a morte, as nossas vidas individuais regressam ao mar da existência. O rio simboliza também a unidade entre mudança e estabilidade. A água nele nunca é a mesma, no entanto continua a ser sempre um rio específico, com as suas qualidades especiais. Os seres humanos mudam de dia para dia, as células dos nossos corpos morrem e novas tomam o seu lugar, no entanto continuamos a ser sempre nós próprios.

O número 3 produzido pela combinação de 1 e 2 faz emergir ainda uma outra ideia. Assim como os números 1 e 2 representavam especificamente o masculino e o feminino, também o número 3 significa a criança produzida pela sua união. A criança nasce como uma criatura da

natureza, livre do fardo do ego e da personalidade, experienciando o universo diretamente, sem controlos ou rótulos. Só à medida que envelhecemos é que aprendemos a erguer barreiras entre nós e a vida. É um dos objetivos do Tarot devolver-nos a esse estado natural de experienciar diretamente o mundo que nos rodeia.

Mas se a Imperatriz significa a criança, também representa a mãe. A maternidade é o meio básico pelo qual a vida continua ao longo da natureza. E porque a ligação física entre a mãe e o filho é tão direta, o amor materno, na sua forma mais forte, é puro sentimento, dado sem considerações intelectuais ou morais. (Isto é, como é evidente, um ideal e, na realidade, esse amor pode vir mais do progenitor masculino do que do feminino ou, infelizmente, não vir de todo.) Ao longo da história, as pessoas identificaram a maternidade com a natureza, de modo que o termo "Grande Mãe" para a própria terra aparece por todo o mundo, e ainda hoje falamos vagamente da Mãe Natureza.

Nas leituras, a Imperatriz representa um tempo de paixão, um período em que abordamos a vida através dos sentimentos e do prazer em vez do pensamento. A paixão é sexual ou maternal; de qualquer das formas, é vivida profundamente e, no contexto certo, pode dar uma grande satisfação. No contexto errado, quando a análise é necessária, a Imperatriz pode significar uma abordagem emocional obstinada, uma recusa em considerar os factos. Pode indicar também um outro problema: o prazer autoindulgente quando a contenção é necessária. Habitualmente, contudo, indica satisfação e até compreensão alcançada através das emoções.

Os significados invertidos das cartas também têm os seus contextos positivos e negativos. Por um lado, pode significar um recuo em relação aos sentimentos, rejeitando as suas emoções ou tentando suprimir os seus desejos, particularmente os sexuais. No entanto, tal como a Alta Sacerdotisa, de cabeça para baixo, acrescentava o elemento em falta do envolvimento, também a Imperatriz invertida pode significar uma nova perceção intelectual, especialmente a resolução de algum problema emocional complicado através de uma reflexão calma.

Nos seus significados na posição correta e invertida, os trunfos 2 e 3 são espelhos um do outro. Por vezes acontece que, numa leitura, ambos aparecem de cabeça para baixo. Isto significa que a pessoa expressa tanto os aspetos mentais emocionais como os intuitivos, mas de uma forma negativa. A racionalidade surge como uma reação a um envolvimento emocional excessivo, enquanto um sentimento de isolamento ou frieza conduz à paixão. Se os dois aspetos da deusa puderem ser vivenciados na

posição correta, a pessoa alcançará um equilíbrio mais estável e gratificante.

O IMPERADOR

Para cada criança, os seus pais são arquétipos. Não apenas mãe e pai, mas Mãe e Pai. Como as nossas mães nos dão a vida, nos alimentam e nos abrigam, tendemos a vê-las como figuras de amor e misericórdia (e ficamos muito perturbados quando agem de forma dura ou fria). Mas o Pai, especialmente em tempos tradicionais, quando os papéis sexuais eram mais rígidos, permanecia mais remoto e, portanto, uma figura de severidade.

Era o pai que detinha a autoridade e, assim, se tornava o juiz, o pai que castigava (e a mãe que intercedia) e o pai que nos ensinava as regras da sociedade e depois exigia obediência. Para a criança, o pai é, de muitas formas, indistinguível da sociedade como um todo, tal como a mãe é a própria natureza. Um dos momentos dolorosos da maturidade para muitas pessoas surge quando descobrem a humanidade limitada dos seus pais.

No esquema de desenvolvimento mental de Freud, o pai e as regras da sociedade ficam diretamente ligados. A psique do lactente exige satisfação constante, particularmente nos seus desejos de alimentação e de prazer físico por parte da mãe. (Os freudianos podem afirmar que a criança deseja o coito real com a mãe, mas a situação mantém-se mesmo que a criança procure apenas o prazer de ser segurada contra o corpo da mãe.) Ao interferir na relação da criança com a mãe, o pai desperta a hostilidade da criança e, para o lactente ainda não reprimido, isto significa um desejo de eliminar por completo a interferência. O impulso de destruir o pai, contudo, não pode ser consumado nem sequer reconhecido e, por isso, a psique, para aliviar o terrível dilema, identifica-se com a imagem do Pai, criando um "superego" como um novo guia para o eu (substituindo o "id" – as pulsões e desejos que conduziram a tal crise). Mas que forma toma este superego?

Precisamente a das regras da sociedade, tradicionalmente aprendidas sob a orientação do pai.

Os trunfos 3 e 4 do Tarot representam os pais nos seus papéis arquetípicos. Mas assim como a Imperatriz significava o mundo natural, também o Imperador carrega o significado mais amplo do mundo social "casado" com a natureza. Ele simboliza as leis da sociedade, tanto as boas como as más, e o poder que as faz cumprir.

Nos tempos antigos, onde a Deusa reinava, o rei desempenhava uma função especial. A nova vida só pode vir da morte; por isso, a cada inverno, os representantes da Deusa sacrificavam o velho rei, muitas vezes esquartejando-o e plantando os pedaços no solo, fertilizando assim misticamente a terra. Mais tarde, quando as religiões dominadas pelos homens assumiram o controlo, o rei passou a simbolizar o império da lei, que tinha imposto uma tampa de repressão sobre o que parecia aos patriarcas como a escuridão monstruosa e caótica da antiga ordem.

Vemos este drama (muito semelhante à substituição do id pelo superego de Freud) em muitos mitos; como Marduk, herói nacional da Babilónia, a matar Tiamat, a mãe original da criação, porque esta está a dar à luz monstros. Quer vejamos os antigos costumes como monstruosos ou os novos como civilizados, o Imperador simboliza a abstração da sociedade a substituir a experiência direta da natureza.

Com todo o rigor e atenção às *Figures* solicitadas, aqui tem a continuação da tradução do texto para português de Portugal:

Em Roma, o conceito de lei *versus* caos foi levado ao ponto em que a estabilidade, ou "lei e ordem" para usar o termo moderno, se tornaram virtudes em si mesmas, independentemente da moralidade inerente a essas leis. Nenhum progresso pode ser feito em condições de anarquia (assim reza o argumento); as leis más precisam de ser mudadas, mas primeiro a lei deve ser obedecida a todo o custo. Qualquer outra abordagem só pode destruir a sociedade. Hoje em dia, vemos este ponto de vista corporizado numa abstração a que chamamos "o sistema". Os romanos viam-no de forma mais concreta na figura pessoal do Imperador, a quem descreviam como o pai de todo o seu povo.

No melhor aspeto do Imperador, ele indica a estabilidade de uma sociedade justa que permite aos seus membros perseguirem as suas necessidades e desenvolvimento pessoais. O mundo natural é caótico; sem algum tipo de estrutura social, poderíamos passar toda a nossa vida a lutar para sobreviver. A sociedade permite-nos tanto trabalhar em conjunto

como beneficiar da experiência daqueles que viveram antes de nós. A estabilidade também permite o desenvolvimento espiritual.

Em muitos países, a sociedade apoia as igrejas (embora seja discutível se este arranjo promove a espiritualidade); nalguns países orientais, os monges são livres de prosseguir os seus estudos porque os leigos enchem as suas tigelas de mendigo. Sem este costume social, teriam de passar o seu tempo a trabalhar para obter o pão.

Nos seus aspetos mais negativos, o Imperador representa o poder de leis injustas numa sociedade onde a estabilidade tem precedência sobre a moralidade. Uma vez estabelecida a lei e a ordem como supremas, um governante corrupto torna-se um desastre. Mas se todo o sistema for corrupto, produzindo apenas maus governantes, então a estabilidade torna-se inimiga da moralidade. O valor do símbolo do Imperador depende em grande escala do tempo e do lugar. Numa sociedade injusta, o poder do Imperador dificulta, em vez de ajudar, o desenvolvimento pessoal. Muitas pessoas foram para a prisão por atacarem leis injustas.

Mesmo no seu melhor, contudo, o Imperador permanece limitado. Sobre a espontaneidade da Imperatriz, ele lançou uma rede de repressão. Se perdermos o contacto com as nossas paixões, a vida torna-se fria e estéril. O Imperador do baralho Rider (ver a **Figura 5a**)* é desenhado como velho e rígido, vestido de ferro, representando a esterilidade de uma vida rigidamente governada por regras. O rio que corria com tanta força pelo jardim da Imperatriz tornou-se aqui um riacho fino, mal capaz de penetrar num deserto sem vida.

O outro simbolismo da carta reflete os seus aspetos duais. Ele segura um *ankh,* o símbolo egípcio da vida, para indicar que sob a lei ele detém o poder de vida e de morte, e espera-se que o use bem. Quatro carneiros, símbolos de Carneiro, adornam o seu trono, enquanto no topo da coroa ostenta o signo de Carneiro (que infelizmente se assemelha a uma hélice). Ora, Carneiro simboliza a força, a agressão e a guerra, mas, como primeiro signo do zodíaco, significa também a nova vida da primavera, que pode emergir da estabilidade de uma sociedade justa.

Sendo a carta do meio da primeira linha dos Arcanos Maiores, o Imperador representa um teste crucial. No processo de crescimento, são de facto as regras da sociedade que muitas pessoas consideram mais difíceis de superar. Devemos absorver estas regras, bem como as tradições e crenças da nossa sociedade, e depois ir além delas para encontrar um código de conduta pessoal. Isto não significa a atitude de que "as regras foram feitas para ser quebradas". As pessoas que se sentem compelidas a

ostentar todas as leis continuam tão ligadas a essas leis como a pessoa que as segue cegamente.

Devido ao papel do pai em ensinar-nos um comportamento socialmente aceitável, as pessoas que estão presas ao nível do Imperador são frequentemente pessoas que nunca aceitaram verdadeiramente a humanidade comum do seu pai. Podem reconhecê-la racionalmente, mas isso perturba-as e persegue-as. Problemas semelhantes assolam aquelas pessoas para quem a Imperatriz continua a ser as paixões e a sensualidade da sua mãe, e não as suas próprias.

A ideia do Imperador como a dos valores limitados da estrutura social surge principalmente de Waite e dos seus seguidores. A imagem à direita no início desta secção, do baralho Builders of the Adytum (BOTA) de Paul Foster Case, desenhado por Jessie Burns Parke, ilustra outra tradição. Aqui, o Imperador simboliza a soma total do conhecimento espiritual. É desenhado de perfil (isto é muito mais comum do que a imagem de frente do baralho Rider), ligando-o à imagem cabalística de Deus como o "Ancião dos Dias", um rei sentado de perfil. (O rosto do Ancião nunca era visível, apenas a sua coroa com um resplendor por baixo.)

Os braços e as pernas do Imperador formam um triângulo equilátero sobre uma cruz, o símbolo alquímico do fogo. Esta figura é mais tarde invertida (tanto em Waite como em Case) no Enforcado. O Imperador da BOTA senta-se num cubo e não num trono. Sendo também um símbolo esotérico, o cubo simboliza tanto o mundo como o próprio Tarot, bem como o alfabeto hebraico e os caminhos da Árvore da Vida. O simbolismo decorre do facto de um cubo conter doze arestas, seis faces, três eixos e, claro, um centro, perfazendo vinte e dois, o número de trunfos, de letras hebraicas e de caminhos. E porque se considera que a Árvore da Vida representa toda a criação, o cubo simboliza o universo.

Nas leituras, o Imperador indica (seguindo a imagem do baralho Rider) o poder da sociedade, as suas leis e especialmente a sua autoridade para fazer cumprir essas leis. O aparecimento do trunfo indica um encontro com a lei. Novamente, as qualidades boas ou más dependem do contexto. Mais pessoalmente, o Imperador pode significar um tempo de estabilidade e ordem na vida de uma pessoa, abrindo, idealmente, a energia criativa. Ele também pode indicar uma pessoa específica que detém um grande poder, seja objetivo ou emocional, sobre o sujeito. Este é, com muita frequência, o pai, mas também pode ser um marido ou amante, especialmente para aquelas pessoas que tratam os seus amantes como pais substitutos a quem entregam o controlo das suas vidas. Já vi leituras tão dominadas pelo

Imperador que todas as possibilidades da vida se tornam atrofiadas e frustradas.

Como uma carta de qualidades pessoais, o Imperador pode indicar a capacidade de defender o seu território, de criar fronteiras firmes e de as manter vigorosamente. Simboliza uma abordagem racionalista às questões, uma abordagem que valoriza a análise e a medição em detrimento da emoção e da intuição.

À semelhança da Imperatriz invertida, o Imperador, quando de cabeça para baixo, recebe aqueles elementos complementares às suas qualidades de quando está na posição correta. Ele é, nos termos de Waite, "benevolência e compaixão"; nova vida num deserto de pedra. Mas o pêndulo pode oscilar demasiado. O Imperador invertido pode significar imaturidade e a incapacidade de tomar decisões duras e de as levar até ao fim.

** Nota: No texto original da secção anterior, a autora introduz os conceitos que descrevem esta imagem.*

Figura 6:

O HIEROFANTE

Na maioria dos baralhos de Tarot, o trunfo 5 é chamado ou o Papa ou o Sumo Sacerdote, termos que o ligam pelo nome, bem como pela imagem, ao trunfo 2, o arquétipo da verdade interior. Waite escreveu que rejeitou "Papa" porque o título sugeria um exemplo muito específico da ideia geral do trunfo. O nome "Hierofante" pertencia ao sumo sacerdote dos mistérios gregos de Elêusis. Ora, Waite descreve a sua carta como simbolizando o "caminho exterior" das igrejas e do dogma. Mas o seu uso do termo dos mistérios sugere outra interpretação, mais favorecida por aqueles que veem o Tarot como uma doutrina secreta de práticas ocultas, em vez de uma personificação mais geral de padrões humanos.

Esta interpretação é dramaticamente retratada na imagem do Hierofante do *Book of Thoth* de Aleister Crowley, desenhado por Frieda Harris. Aqui, o trunfo significa a iniciação numa doutrina secreta, tal como as várias ordens e frentes que floresceram na viragem do século e que sofreram um renascimento na Inglaterra e na América. A Ordem da Aurora Dourada (*Golden Dawn*), à qual Waite e Crowley pertenceram outrora, originou possivelmente o termo "Hierofante" para o trunfo 5.

Estes dois significados, "caminho exterior" e "doutrina secreta", parecem contraditórios no nível mais elementar. Na realidade, são muito semelhantes. Quer os dois acólitos estejam a ser admitidos na Igreja ou numa sociedade oculta, continuam a entrar numa doutrina, com um conjunto de crenças que devem aprender e aceitar antes de poderem obter entrada. Existe, claro, uma diferença fundamental entre, digamos, o catecismo e os rituais da *Golden Dawn*. Para ambos, contudo, o trunfo indica uma educação e uma tradição. Portanto, se vemos a primeira linha como descrevendo o desenvolvimento da personalidade, então o Hierofante, vindo depois do mundo natural e da sociedade, indica a tradição intelectual da sociedade particular da pessoa, e a sua educação nessa tradição.

Seguindo a interpretação de Waite (e pensando especificamente no papa ocidental), podemos ver o Hierofante como um companheiro do Imperador. A palavra "papa" significa "pai" e, tal como o Imperador romano, o Papa é visto como um pai sábio que guia os seus filhos. Juntos, partilham a responsabilidade pela humanidade, um providenciando as necessidades físicas, o outro guiando o crescimento espiritual. Num dos primeiros tratados que instavam à separação entre a Igreja e o Estado, Dante argumentou que as duas funções não devem ser combinadas por medo da corrupção. No entanto, ele nunca questionou a ideia de que a Igreja é responsável pelas nossas almas.

Hoje em dia, muitas pessoas não compreendem a ideia básica de um sacerdócio. A nossa era democrática rejeita as noções de um intermediário entre um indivíduo e Deus. Note-se, contudo, que o Hierofante também pode simbolizar a "ditadura do proletariado" ou qualquer outra elite que lidera as massas por onde elas não conseguem ir sozinhas. Originalmente, a função especial os sacerdotes era evidente; eles falavam com os deuses através dos oráculos, uma prática frequentemente aterrorizadora, e a maioria das pessoas deixava de bom grado que outra pessoa o fizesse por ela.

Quando o Cristianismo rejeitou essa ligação tão gráfica e imediata a Deus, a ideia do sacerdote tornou-se, tal como o Imperador, mais abstrata. Basicamente, depende da noção de que a maioria das pessoas não se importa muito com Deus.

A pessoa comum é mais feliz seguindo ocupações mundanas, o dinheiro, a família e a política. Existem, contudo, certas pessoas que, por temperamento, sentem de forma muito direta o espírito que corre através de todas as nossas vidas. Chamadas ao sacerdócio pela sua própria perceção interior, estas pessoas podem falar com Deus por nós. Mais importante ainda, podem falar connosco, interpretando a lei de Deus para que possamos viver vidas corretas e, eventualmente, após a morte, receber a nossa recompensa de retornar a Deus. Após a ressurreição, nós próprios habitaremos à vista de Deus. Na vida, contudo, precisamos dos sacerdotes para nos guiar.

Assim reza o argumento. Mesmo que concordemos com o princípio, na prática ele tende a falhar. As pessoas tornam-se sacerdotes por todo o tipo de razões – ambição, pressão familiar, etc. – enquanto aquelas que sentem um verdadeiro chamamento para comunicar com Deus podem mostrar muito pouco talento para comunicar com as pessoas. Além disso, tal como as instituições sociais do Imperador, as instituições religiosas do Hierofante podem facilmente corromper-se pela autoridade que lhes é dada, de modo que os sacerdotes veem o seu poder como um fim em si mesmo, valorizando a devedores acima da iluminação. Obviamente, a posição de defender uma doutrina atrairá pessoas doutrinárias.

Talvez, contudo, rejeitemos a ideia de um sacerdócio guia por uma razão mais subtil. Desde a Reforma que uma noção que tem ganho cada vez mais força no Ocidente é a da responsabilidade final do indivíduo por si próprio. Toda a ideia de uma doutrina exterior, um código de regras e crenças aceites por fé, depende do pressuposto de que a maioria das pessoas prefere que outra pessoa lhes diga o que fazer e pensar.

Isto pode muito bem ser verdade. Para descobrir realmente Deus dentro de si mesmo, deve passar por alguns confrontos desconfortáveis com a sua própria psique. Da mesma forma, decidir por si próprio qual é a atitude moral a tomar em todas as situações pode exigir uma agonia constante de escolha. No entanto, muitas pessoas hoje em dia simplesmente não conseguem aceitar que a sociedade ou uma Igreja assumam a responsabilidade final pelas suas vidas.

Talvez a interpretação do Hierofante como representando doutrinas secretas se adeqúe melhor à nossa época. Pois, nesse caso, a doutrina não nos diz o que fazer, mas dá-nos, em vez disso, uma direção para começarmos a trabalhar em nós próprios. E o Tarot, como vimos com o Mago, coloca-se contra todas as Igrejas ao conduzir-nos à salvação pessoal nesta vida. Para Crowley, o Hierofante representa a iniciação como o meio através do qual o indivíduo se une ao universo.

A forma e a doutrina da iniciação mudam com cada era mundial; tendo durado quase dois mil anos, a atual Era de Peixes está a chegar ao fim, de modo que o Hierofante está prestes a mudar, tal como mudarão todas as relações estritamente humanas. Crowley comenta que apenas o futuro nos poderá dizer qual será a nova "corrente de iniciação". Mas a qualidade básica da iniciação como uma fusão com o cosmos permanece sempre a mesma.

Na versão da BOTA do Hierofante (tal como no baralho Rider), as chaves cruzadas aos pés do Hierofante são de ouro e prata, representando os caminhos exterior e interior, o sol e a lua, o Mago e a Alta Sacerdotisa, que a doutrina nos ensina a combinar. Na carta do baralho Rider, ambas as chaves são de ouro, indicando que o lado escuro está oculto daqueles que seguem a doutrina exterior.

Na imagética de Waite-Smith, nenhum véu bloqueia a entrada para a Igreja, ao contrário do templo da Alta Sacerdotisa. Mas os pilares são de um cinzento baço. Aqueles que entram aqui podem receber proteção contra a escolha pessoal, mas não perfurarão os segredos da dualidade. O inconsciente permanece fechado. Em muitos baralhos de Tarot, a Alta Sacerdotisa segura não um pergaminho, mas um pequeno livro, trancado. E as chaves do Hierofante não servem naquela fechadura tentadora.

Ainda assim, não devemos pensar que a doutrina exterior da religião não serve para nada ao buscador. À semelhança da educação geral, da qual é um exemplo particular, ela dá ao indivíduo uma tradição firme na qual enraizar o seu desenvolvimento pessoal. O fenómeno ocidental moderno de uma espécie de misticismo eclético, que vai buscar inspiração a todas as

religiões, é um desenvolvimento extremamente invulgar. Isto baseia-se, possivelmente, na perceção global e na visão da religião como um estado psicológico divorciado da ciência e da história.

Assim, vemos a religião como uma experiência e não como uma explicação do universo, e aceitamos que todas as experiências religiosas são válidas, independentemente das contradições que mostrem à superfície. Embora esta ideia abra grandes possibilidades, muitas pessoas notaram a sua potencial superficialidade. O facto é que, ao longo dos séculos, os grandes místicos sempre falaram a partir do âmago de uma tradição. Os cabalistas eram profundamente judeus, Thomas à Kempis um cristão completo, e os sufis curvavam-se perante Meca com todos os outros muçulmanos ortodoxos.

No seu melhor aspeto, o Hierofante (como doutrina exterior) pode dar-nos um lugar por onde começar a criar uma perceção pessoal de Deus.

Um outro aspeto do simbolismo da carta merece atenção especial. A posição das três pessoas (ou seja, uma figura grande a presidir sobre duas mais pequenas de cada lado) introduz um motivo que se repete, como os dois pilares da Alta Sacerdotisa, ao longo dos Arcanos Maiores, e é resolvido no Julgamento e no Mundo. As duas cartas seguintes, logo após o trunfo 5, repetem o motivo, com o anjo sobre os Enamorados, e o condutor do Carro sobre as esfinges preta e branca.

Podemos ver este trio como um emblema da ideia de uma tríade, tal como a trindade cristã, ou a imagem triuna da mente: o id/ego/superego de Freud, ou consciente/inconsciente/superconscious das três linhas dos Arcanos Maiores. Para compreender o significado da imagem, devemos regressar à Alta Sacerdotisa. Ela senta-se entre dois pilares que simbolizam as dualidades da vida. Ela própria significa um lado, o Mago o outro.

O Hierofante inicia dois acólitos na sua igreja. Vemos, portanto, que o Hierofante, os Enamorados e o Carro representam todos tentativas de mediar entre os polos opostos da vida e de encontrar alguma forma, não de os resolver, mas simplesmente de os manter em equilíbrio. Uma doutrina religiosa, com os seus códigos morais e explicações para as perguntas mais básicas da vida, faz exatamente isso. Se nos entregarmos a uma Igreja, as contradições da vida tornam-se todas respondidas; mas não resolvidas.

Nas leituras, a carta significa Igrejas, doutrinas e educação em geral. Psicologicamente, pode indicar a ortodoxia, a conformidade com as ideias e códigos de comportamento da sociedade, bem como, de forma mais subtil, uma renúncia à responsabilidade. O Imperador simbolizava as regras

em si e os seus executores oficiais; o Hierofante indica o nosso próprio sentido interno de obediência.

Invertida, la carta significa a não ortodoxia, especialmente a mental – formando ideias originais. Pode também, contudo, significar credulidade, e esta ideia sugere outra virtude da carta quando está na posição correta. Uma sociedade constrói a sua tradição intelectual ao longo de centenas de anos. Aqueles que aceitam essa tradição recebem dela um padrão pelo qual julgar novas ideias e informações. Aqueles que a rejeitam devem encontrar os seus próprios caminhos e podem facilmente perder-se em ideias superficiais. Existem muitas pessoas que, tendo abandonado o dogma que lhes foi imposto em crianças, caem num novo dogma, num culto ou num grupo político extremista, igualmente rígido e talvez mais raso. Tendo rejeitado a tradição, não rejeitaram realmente o Hierofante. Não aceitaram a responsabilidade de encontrar verdadeiramente o seu próprio caminho.

Figura 7:

OS ENAMORADOS

Das várias alterações que Arthur Waite e Pamela Smith fizeram nos designs tradicionais do Tarot, a carta dos Enamorados continua a ser a mais dramática. Onde o Tarot de Marselha (à direita, acima) mostra um jovem atingido pela seta do Cupido e forçado a escolher entre duas mulheres, o baralho Rider mostra um homem maduro e uma única mulher presididos por um anjo. Além disso, enquanto a maioria dos baralhos indica apenas uma situação social, a imagem do baralho Rider sugere claramente o Jardim do Éden, ou melhor, um novo Jardim do Éden, com as árvores a trazerem a iluminação e não a Queda.

A versão anterior do trunfo 6 traz por vezes o título de "A Escolha" e, nas leituras divinatórias, significa uma escolha importante entre dois desejos. Como uma mulher é loira e a outra é morena, um simbolismo

tradicional na Europa onde a escuridão indica sempre o mal e as mulheres em geral indicam a tentação, a escolha era vista como sendo entre algo respeitável mas talvez monótono, e algo muito desejado mas moralmente incorreto. A carta pode referir-se a uma escolha menor ou até a uma grande crise na vida de uma pessoa. Vemos este simbolismo antigo hoje em dia nos vários romances e filmes de homens de meia-idade e de classe média tentados a abandonar as suas esposas amadas, mas algo aborrecidas, por uma mulher mais jovem e "mais selvagem".

A escolha pode, de facto, estender-se a toda a vida de uma pessoa. Mesmo aquelas pessoas que nunca questionam as fronteiras da sua respeitabilidade de classe média fizeram uma escolha, tanto quanto o criminoso de toda a vida. E existem muitas pessoas que exteriormente vivem vidas socialmente aceitáveis, mas interiormente travam constantes tormentos de desejo, combatendo impulsos de adultério, ou de violência, ou simplesmente o desejo de deixar a casa e tornar-se um vagabundo errante.

No nível esotérico, a escolha entre a mulher clara e a escura indica a escolha entre o caminho exterior (simbolizado no baralho Rider pelo Hierofante), onde a sua vida está traçada para si, e o caminho interior do ocultista, que pode conduzir a um confronto com os seus desejos ocultos. A Igreja rotulava os magos como adoradores do diabo e, nas alegorias cristãs, a mulher escura costumava representar Satanás.

Estes significados veem todos a escolha entre a luz e as trevas nos termos mais amplos possíveis. No contexto da primeira linha de trunfos, podemos vê-la de uma forma muito mais específica, a da primeira escolha real que uma pessoa faz independentemente dos seus pais. Até que o impulso sexual desperte, a maioria das pessoas contenta-se em cumprir as expectativas que os pais têm para si.

O impulso sexual, contudo, aponta-nos para onde quer ir. Como resultado, começamos a libertar-nos também noutras áreas. É muito raro que os parceiros que os nossos pais escolheriam para nós sejam os que nós escolheríamos para nós próprios. Se a diferença for demasiado extrema, ou os pais demasiado controladores, então a pessoa pode enfrentar uma escolha dolorosa.

Paul Douglas comentou que a mulher de cabelo escuro, que parece muito mais velha, é a mãe do rapaz, e a escolha é se deve permanecer sob a sua proteção ou fazer-se à vida sozinho. Aqueles que acreditam, com Freud, que o primeiro desejo de um rapaz é direcionado para a sua mãe, verão aqui um dilema edipiano clássico. Uma parte da personalidade deseja manter a vida de fantasia oculta de uma união com a mãe, enquanto outra

deseja encontrar um amor verdadeiro na realidade da própria geração do rapaz.

Mas não temos de aceitar a doutrina freudiana para ver as implicações mais amplas desta escolha. Quer o rapaz deseje ou não secretamente a sua mãe, a vida vivida sob a proteção dos pais é segura e confortável. Mas ele (ou ela, pois as raparigas enfrentam basicamente as mesmas questões, embora por vezes de formas diferentes) nunca se poderá tornar um verdadeiro indivíduo sem fazer uma rutura. E nada indica isto com tanta força como a sexualidade.

Portanto, a versão tradicional do trunfo 6 representa a adolescência. Não só a sexualidade emerge nesta altura, mas também a independência intelectual e moral. As cartas 3, 4 e 5 representavam-nos como moldados pelas grandes forças da natureza, da sociedade e dos pais. Na carta 6 emerge o indivíduo, uma verdadeira personalidade com as suas próprias ideias e propósitos, capaz de fazer escolhas importantes baseadas, não em ordens parentais, mas na sua própria avaliação de desejos e responsabilidades.

Estes significados pertencem à estrutura tradicional da carta. Ao desenhar a sua própria versão dos Enamorados, Waite abordou uma questão diferente: que funções desempenham, em última análise, o sexo e o amor na vida de uma pessoa? E que significados profundos podemos encontrar no poderoso drama de duas pessoas que unem os seus corações e corpos? Waite chamou à sua imagem "a carta do amor humano, aqui exibido como parte do caminho, da verdade e da vida".

O impulso sexual afasta-nos do isolamento. Impele-nos a formar relações vitais com outras pessoas e, finalmente, abre caminho para o amor. Através do amor, não só alcançamos uma unidade com outra pessoa, como nos é dado um vislumbre dos significados maiores e do significado mais profundo da vida. No amor, abdicamos de parte desse controlo do ego que nos isola não apenas das outras pessoas, mas da própria vida. É por isso que o anjo aparece acima das cabeças do homem e da mulher, uma visão inacessível a cada pessoa individualmente, mas vislumbrada por ambas em conjunto.

A religião, a filosofia e a arte sempre se basearam no simbolismo do masculino e do feminino como representação da dualidade. Já vimos esta ideia refletida no Mago e na Alta Sacerdotisa, bem como na Imperatriz e no Imperador. O simbolismo aqui é reforçado pelo facto de a Árvore da Vida, com as suas chamas semelhantes às do Mago, se erguer atrás do homem, enquanto a Árvore do Conhecimento, entrelaçada com a serpente (símbolo

não do mal, mas da sabedoria inconsciente), se ergue atrás da mulher. O anjo une estes dois princípios. Nos ensinamentos tradicionais, considera-se que os homens e as mulheres contêm, nos seus corpos, princípios de vida separados. Através do amor físico, estes princípios unem-se.

Os ocultistas, contudo, sempre reconheceram ambos os elementos dentro do próprio ser. Hoje em dia, ouvimos muitas pessoas dizerem que toda a gente contém qualidades masculinas e femininas; habitualmente, porém, referem-se a ideias vagas de comportamento social, tais como a agressão e a gentileza. Quando o masculino e o feminino eram vistos como opostos nas suas naturezas mais profundas, a visão ocultista era muito mais radical. Uma forma de descrever o objetivo dos Arcanos Maiores é dizer que ele faz emergir e une os princípios masculino e feminino. Por isso, em muitos baralhos, o dançarino no Mundo é um hermafrodita.

Segundo os cabalistas e os filósofos herméticos, toda a humanidade (e, na verdade, até a própria Divindade) era originalmente hermafrodita. Assim, no nível exterior, cada um de nós é apenas metade de uma pessoa e só através do amor podemos encontrar um sentido de unidade. Encontramos esta mesma ideia em Platão, mas com uma variação interessante. Um dos mitos platónicos afirma que os humanos eram originalmente criaturas duplas, mas de três tipos: masculino-feminino, masculino-masculino e feminino-feminino.

Acreditando que os humanos possuíam demasiado poder, Zeus dividiu-os com um raio e, agora, cada um de nós procura a sua outra metade. Em contraste com os mitos judeu e cristão, a história de Platão confere igual realidade aos homossexuais. Lembra-nos o perigo do simbolismo demasiado fácil do masculino e do feminino como opostos absolutos. O Mago e a Alta Sacerdotisa misturam-se de forma muito subtil em cada um de nós. E o anjo pode ser evocado por quaisquer dois amantes. Não são os papéis que importam, mas a realidade da união.

Na interpretação cristã habitual do Génese, Eva carrega a culpa maior, não só porque comeu primeiro, mas porque a sua sensualidade tentou Adão a cair. O homem supostamente era governado pela razão e a mulher pelo desejo. Esta divisão levou alguns cristãos a declarar que as mulheres não tinham alma. Todo o mito da Queda, contudo, com a sua ênfase na desobediência e na punição, destina-se na verdade a servir uma moralidade repressiva. As paixões físicas eram vistas como perigosas para a sociedade e, por isso, tinham de ser controladas.

Como Joseph Campbell salienta em *The Masks of God* (As Máscaras de Deus), a antiga religião da deusa na Palestina continha o mesmo drama

de uma serpente, uma Árvore da Vida e uma maçã. Mas na história antiga, o iniciado recebia a maçã da deusa para lhe permitir entrar no paraíso, em vez de ser ela a causa da sua expulsão. Os antigos hebreus inverteram o mito, em parte como forma de rotular a antiga religião como má, mas também porque eles, tal como os babilónios, consideravam os antigos costumes "monstruosos".

O Tarot, contudo, é um caminho de libertação. O medo que Javé expressa, de que os seres humanos "se tornem como nós", é precisamente o propósito do Tarot – fazer emergir totalmente a centelha divina em nós e uni-la ao nosso eu consciente, acabar com a dualidade entre Deus e o humano e torná-los um só. Portanto, embora mantenha grande parte do mesmo simbolismo do Génese, os Enamorados do baralho Rider invertem subtilmente o significado.

Note que, enquanto o homem olha para a mulher, a mulher olha para o anjo. Se o masculino é de facto a razão, então a racionalidade só consegue ir além dos seus limites através do intermédio da paixão. Pela sua natureza, a razão controla e contém, enquanto a paixão tende a quebrar todos os limites. A nossa tradição colocou o corpo e a mente racional em desacordo um com o outro. O Tarot ensina-nos que devemos uni-los (uma única montanha ergue-se entre os dois amantes) e que não é o poder controlador da razão que eleva os sentidos a um nível superior, mas sim o contrário.

Podemos ver isto em termos psicológicos diretos. A maioria das pessoas está presa nos seus egos ou nas máscaras que apresenta ao mundo. Mas se conseguirem entregar-se à paixão sexual, conseguem, pelo menos por um momento, transcender o seu isolamento. Aqueles que não conseguem libertar os seus egos, nem por um instante, usam mal o sexo e são mal usados por ele. O sexo torna-se um meio de obter poder sobre outra pessoa, mas nunca satisfaz. Quando uma pessoa rejeita o desejo do corpo de se libertar com outra pessoa, o resultado é a depressão. O anjo foi negado.

Ao mesmo tempo, as paixões sozinhas não nos conseguem levar até ao anjo. Precisam de ser guiadas pela razão, tanto quanto a razão precisa das paixões para a libertar. Aqueles que se limitam a ir para onde os seus desejos os levam são frequentemente empurrados de uma experiência para outra.

Paul Foster Case identifica o anjo como Rafael, que preside ao superconsciente. Isto traz-nos de volta à mente triuna; aqui aprendemos que os três níveis da mente não são separados e isolados, como os três andares de uma casa, mas que o superconsciente é, na verdade, um produto do

consciente e do inconsciente unidos. O caminho passa pelo inconsciente, porque é aí que encontramos a verdadeira energia da vida. De facto, o superconsciente pode ser descrito como a energia do inconsciente trazida para fora e transformada num estado superior. Parte dessa transformação reside na consciência que dá forma, direção e significado a essa energia.

Se no motivo triangular as duas figuras abaixo representam as dualidades da vida, enquanto a figura maior acima simboliza uma força mediadora entre elas, então no trunfo 6 o mediador é o amor sexual. Quando nos entregamos a ele, experienciamos um vislumbre de algo maior do que nós próprios. Apenas um vislumbre, e apenas por um momento; a verdadeira libertação exige, no final, muito mais do que a paixão. Mas o amor pode ajudar-nos a ver o caminho e a conhecer um pouco da alegria que nos espera no fim dele. Vários místicos, nomeadamente Santa Teresa, descreveram a união com Deus em termos de êxtase sexual.

Os significados divinatórios para a imagem de Waite-Smith são diretos. Referem-se à importância do amor na vida de uma pessoa e a um amante específico; com muita frequência ao casamento ou a uma longa relação. A carta implica que a relação particular foi ou provará ser muito valiosa para a pessoa, conduzindo-a a uma nova compreensão da vida. Se algum problema específico estiver a ser considerado na leitura, então os Enamorados indicam ajuda de alguma forma, seja praticamente através da assistência do amante, seja através de apoio emocional. Mas isto nem sempre é verdade.

Os Enamorados, na posição do passado, especialmente em relação a cartas que indicam uma recusa em olhar para a situação presente, podem indicar uma nostalgia incapacitante por um amor do passado.

As cartas anteriores representavam todas arquétipos. Quando as invertíamos, adicionávamos os elementos em falta. Mas aqui o indivíduo avançou e, agora, o significado invertido mostra fraqueza e bloqueios. É, antes de mais, um amor destrutivo, particularmente num mau casamento. Pode referir-se a problemas românticos ou sexuais que dominam a vida de uma pessoa, seja por dificuldades com uma pessoa específica, seja porque a pessoa acha o amor simplesmente um grande problema. Como a imagem de Waite-Smith indica um amor maduro e a imagem tradicional mostra o processo de escolha adolescente, qualquer uma das versões invertida indica imaturidade romântica; a adolescência prolongada que mantém algumas pessoas envolvidas em fantasias infantis muito depois de os seus corpos terem amadurecido totalmente.

Figura 8:

O CARRO

As versões anteriores desta carta, que mostravam o Carro puxado por dois cavalos em vez de duas esfinges, derivam de uma série de fontes históricas e mitológicas. Primeiramente, emana dos cortejos realizados em Roma e noutros locais para um herói conquistador, quando o seu carro o transportava pelas ruas que se enchiam de cidadãos a vitoriar. O costume responde aparentemente a alguma necessidade psíquica profunda de participação grupal. Continuamos a praticá-lo hoje, dois mil anos mais tarde, nos desfiles dados a presidentes, generais e astronautas, com limusines abertas a substituir o carro.

O Carro implica mais do que uma grande vitória. Conduzir um veículo de dois cavalos a alta velocidade exige um controlo total sobre os animais; a atividade serve como um veículo perfeito para a vontade poderosa. Platão, no *Fedro*, refere-se à mente como um carro puxado por um cavalo branco e um cavalo preto, a imagem exata do Tarot.

Um certo mito hindu conta que Shiva destruiu uma cidade tripla dos demónios. Para o fazer, ele exige que toda a criação seja subordinada à sua vontade. Os deuses constroem um carro para Shiva, utilizando não só a si próprios, mas também os céus e a Terra como materiais. O sol e a lua tornam-se as rodas e os ventos os cavalos. (O símbolo na parte da frente do Carro do Tarot, semelhante a uma porca e a um parafuso, ou a uma roda e a um eixo, chama-se *lingam* e *yoni*, representando Shiva, o princípio masculino, e Parvati, o princípio feminino, unidos numa única figura.) Através das imagens do mito, aprendemos que a vitória espiritual sobre o mal surge quando conseguimos focar toda a natureza, bem como a energia inconsciente corporizada no próprio Shiva, através da vontade consciente.

Estas duas fábulas mostram dois aspetos diferentes da ideia de vontade. A história de Shiva fala de uma verdadeira vitória, na qual o espírito encontrou um foco para libertar a sua força total. Mas o *Fedro* dá-nos uma imagem do ego triunfante, que controla em vez de resolver os conflitos básicos da vida. Aqueles comentadores de Tarot que veem as cartas como um grupo de imagens separadas, cada uma contribuindo com alguma lição vital para a nossa compreensão espiritual, tendem a dar ao Carro o seu significado mais amplo. Salientam que o título cabalístico para o número 7, com todas as suas conotações místicas, é "Vitória".

Em muitos locais, particularmente na Índia, o cavalo ficou associado à morte e aos funerais. Quando o patriarcado ascendente aboliu o sacrifício ritual do rei, um cavalo era morto em seu lugar. O sacrifício do cavalo tornou-se o mais sagrado, associado à imortalidade. Ainda hoje, os cavalos são utilizados para puxar os caixões de grandes líderes. (Uma junção bizarra de dois aspetos do Carro foi vista na morte de John Kennedy. Ele foi morto na sua limusine durante um desfile e, depois, um cavalo – que se rebelou contra o controlo do seu treinador – puxou o seu caixão no funeral de Estado.) Estas ligações sugerem a ideia da vitória da alma sobre a mortalidade.

Quando olhamos para as cartas sequencialmente, vemos que o 7 é apenas a vitória da primeira linha dos Arcanos Maiores. Coroa o processo de amadurecimento dessa linha, mas, por necessidade, não consegue abordar as grandes áreas do inconsciente e do superconsciente. Visto desta forma, o Carro mostra-nos o ego desenvolvido; as lições das primeiras cartas foram absorvidas, o período adolescente de busca e autocriação foi ultrapassado e, agora, vemos o adulto maduro, bem-sucedido na vida, admirado pelos outros, confiante e contente consigo próprio, capaz de controlar os sentimentos e, acima de tudo, de direcionar a vontade.

Tal como o Mago, o Condutor do Carro carrega uma varinha mágica. Ao contrário do Mago, ele não a ergue acima da cabeça em direção ao céu. O seu poder está subordinado à sua vontade. As suas mãos não seguram rédeas. O seu caráter forte, por si só, controla as forças opostas na vida.

O *lingam* e o *yoni* indicam a sua sexualidade madura, que está sob o seu controlo. Assim, ele não é vítima das suas emoções e a sua sexualidade contribui para uma vida satisfatória. O quadrado brilhante no seu peito, um símbolo da natureza vibrante, liga-o ao mundo sensual da Imperatriz, mas a estrela de oito pontas na sua coroa mostra a sua energia mental a direcionar as suas paixões (os simbolistas consideram a estrela de oito pontas como o meio caminho entre o quadrado do mundo material e o círculo do espiritual).

O seu carro ergue-se maior do que a cidade ao fundo, indicando que a sua vontade é mais poderosa do que as regras da sociedade. Contudo, o facto de o seu carro não estar em movimento indica que ele não é um rebelde. As rodas do carro repousam sobre a água, mostrando que ele retira energia do inconsciente, embora o próprio carro, repousando em terra, o separe de um contacto direto com essa grande força.

Mencionámos o simbolismo sexual do *lingam* e do *yoni*. Enquanto o mito hindu liga os cavalos à morte, o simbolismo freudiano dos sonhos liga-os à energia sexual da libido. Ao controlar os cavalos (or esfinges), o Condutor do Carro controla os seus desejos instintivos.

Vários sinais mágicos adornam o seu corpo. A sua saia apresenta símbolos de magia cerimonial, o seu cinto mostra o signo e os planetas. As duas faces lunares nos seus ombros chamam-se "Urim e Thummim", as supostas placas peitorais do Sumo Sacerdote em Jerusalém e que, portanto, sugerem o Hierofante. Ao mesmo tempo, as placas lunares referem-se à Alta Sacerdotisa. Note-se também que o tecido na parte de trás do carro sugere o véu da Alta Sacerdotisa; ele colocou o mistério do inconsciente atrás de si.

Vemos, portanto, no simbolismo do Carro todas as cartas anteriores da primeira linha. A varinha e os símbolos indicam o Mago, a água, as esfinges e o véu simbolizam a Alta Sacerdotisa, as estrelas no seu dossel recordam a coroa da Imperatriz, a cidade simboliza o Imperador, as placas nos ombros simbolizam o Hierofante, e o *lingam* e o *yoni* simbolizam os Enamorados. Todas estas forças contribuem para a personalidade exterior.

E no entanto – observe o Carro com as suas qualidades semelhantes à pedra. Observe o próprio condutor a fundir-se no seu veículo de pedra. A mente que subordina todas as coisas à vontade consciente corre o risco de se tornar rígida, cortada das próprias forças que aprendeu a controlar. Observe também que as esfinges preta e branca não estão reconciliadas uma com a outra. Olham em direções opostas. A vontade do condutor mantém-nas unidas num equilíbrio tenso. Se essa vontade falhar, o Carro e o seu condutor serão despedaçados.

Paul Douglas comparou o Carro à ideia de Jung sobre a "persona". À medida que crescemos, criamos uma espécie de máscara para lidar com o mundo exterior. Se lidámos com sucesso com os vários desafios da vida, então os diferentes aspetos simbolizados pelas outras cartas tornar-se-ão integrados nesta máscara do ego. Mas podemos facilmente confundir esta persona bem-sucedida com o eu verdadeiro, ao ponto de, se tentarmos descartar a máscara, temermos a sua perda como uma espécie de morte. É

por isso que a segunda linha dos Arcanos Maiores, que lida precisamente com a libertação do eu das suas máscaras exteriores, tem a Morte como a sua penúltima carta.

Até agora, considerámos o Carro como um emblema da maturidade pessoal. Mas a ideia da vontade humana estende-se para lá do indivíduo. Com as suas imagens da mente que submete e utiliza as forças da vida, o Carro é um símbolo perfeito para a civilização, que cria a ordem a partir do caos da natureza ao usar o mundo natural como matéria-prima para a sua agricultura e cidades. Uma das principais conotações cabalísticas para a carta expande esta ideia. Pela sua ligação com a letra hebraica *'Zayin'*, o Carro carrega a qualidade da "fala".

A fala sempre pareceu aos humanos representar a mente racional e o seu domínio sobre a natureza. Tanto quanto sabemos, apenas os humanos possuem linguagem (embora os chimpanzés se tenham mostrado capazes de aprender a linguagem de sinais humana, e as baleias e os golfinhos possam possuir linguagens desenvolvidas próprias) e podemos dizer que a fala nos separa do animal. Adão ganhou controlo sobre os animais no Éden ao pronunciar os seus nomes. O mais importante é que os humanos utilizam a linguagem para transmitir a informação que permite à civilização continuar.

Contudo, tal como o ego é limitado, também a fala o é. Em primeiro lugar, a fala restringe a nossa experiência da realidade. Ao formarmos uma descrição do mundo, ao darmos um rótulo a tudo, erguemos uma barreira entre nós próprios e a experiência. Quando olhamos para uma árvore, não sentimos o impacto de um organismo vivo; em vez disso, pensamos "árvore" e seguimos em frente. O rótulo substituiu a coisa em si. Além disso, ao dependermos demasiado desta qualidade racional da linguagem, ignoramos experiências que não podem ser expressas em palavras.

Já vimos como a Alta Sacerdotisa significa a sabedoria intuitiva para lá da linguagem. Certas experiências, especialmente a união mística com o espírito, não podem ser descritas. A linguagem só pode aludir a elas com metáforas e fábulas. As pessoas que confiam totalmente na fala chegaram ao ponto de insistir que as experiências não-verbais, ou as experiências que não podem ser medidas por testes psicológicos, não existem. Isto acontece simplesmente porque não podem ser descritas cientificamente. Tal dogmatismo recebe o seu símbolo perfeito na fusão do condutor com o seu carro de pedra.

Até agora, considerámos todos os símbolos na imagem exceto, talvez, o mais óbvio: as duas esfinges. Waite foi buscar esta inovação a Éliphas

Lévi, o grande pioneiro do Tarot cabalístico. Tal como os dois pilares da Alta Sacerdotisa, ou os cavalos preto e branco que substituem, as esfinges significam as dualidades e contradições da vida. Mais uma vez, vemos o motivo triangular. Aqui, a força mediadora é a força de vontade.

O uso de esfinges em vez de cavalos sugere vários significados mais profundos. A esfinge, na lenda grega, era uma decifradora de enigmas, apresentando o mistério da vida ao povo de Tebas. O mito conta-nos que a esfinge capturava os jovens da cidade e lhes colocava o seguinte enigma: "Que criatura caminha com quatro pernas de manhã, duas pernas ao meio-dia e três pernas à noite?" Aqueles que não conseguiam responder eram devorados. Ora, a resposta é "o homem", que gatinha quando bebé, caminha erguido em adulto e usa uma bengala na velhice. A implicação é clara: se não compreender a sua humanidade básica, com as suas forças e fraquezas, então a vida destrui-lo-á. O Carro simboliza a maturidade que aceita os limites da vida, mais a faculdade da fala, ou seja, a compreensão racional, que é utilizada para definir a existência e, portanto, para a controlar.

Mas um significado adicional esconde-se aqui. O homem que respondeu ao enigma da esfinge foi Édipo, que chegou a Tebas depois de matar o seu pai. A ênfase de Freud no incesto desviou a atenção da mensagem mais profunda da história de Édipo. Édipo era a imagem perfeita do homem bem-sucedido. Não só salvou Tebas de uma ameaça e se tornou rei da cidade, como o fez pela sua compreensão da vida. Ele sabia o que era o homem. No entanto, não se conhecia a si próprio.

A sua própria realidade interior permanecia fechada para ele até que os deuses o forçaram a confrontá-la. E os deuses forçaram-no mesmo. Se os oráculos não tivessem falado primeiro ao seu pai e depois a ele, Édipo nunca teria feito as coisas que fez. Portanto, embora compreendesse o significado exterior da vida do homem, não compreendia quem realmente era, nem a sua relação com os deuses que controlavam a sua vida.

E estes dois assuntos são precisamente as preocupações da segunda e terceira linhas dos Arcanos Maiores. Na segunda, vamos para lá do ego para encontrar o eu verdadeiro. Na terceira, lidamos abertamente com as forças arquetípicas da existência e alcançamos, finalmente, uma integração total daquelas dualidades que o condutor foi capaz de dominar, mas nunca de reconciliar.

Os significados divinatórios do Carro derivam da sua poderosa vontade. Numa leitura, a carta significa que a pessoa está a controlar com sucesso alguma situação através da força da sua personalidade. A carta

implica que uma situação contém algumas contradições e que estas não foram unidas, mas simplesmente mantidas sob controlo. Isto não é para acentuar demasiado os subtons negativos da carta. Quando está na posição correta, o Carro significa basicamente sucesso; a personalidade encarregue do mundo ao seu redor. Se aparecer como o desfecho numa leitura que lida com problemas, então indica vitória.

Invertida, as contradições inerentes à carta ganham maior força. O Carro de cabeça para baixo implica que a abordagem da força de vontade se provou mal-sucedida e a situação escapou ao controlo. A menos que a pessoa consiga encontrar outra abordagem para as dificuldades, enfrenta o desastre. A força de vontade sozinha nem sempre nos consegue sustentar. Tal como Édipo, por vezes temos de aprender a ceder o passo aos deuses.

Com toda a atenção e rigor exigidos pelo texto original, aqui tem a continuação da tradução da obra para português de Portugal, incluindo todas as referências às figuras e mantendo as formatações específicas:

CAPÍTULO CINCO

VOLTANDO-SE PARA DENTRO

A BUSCA PELO AUTOCONHECIMENTO

Com a segunda linha dos Arcanos Maiores, mudamos do mundo exterior e dos seus desafios para o eu interior. As contradições ocultas na imagem poderosa do Carro devem agora ser enfrentadas abertamente. A máscara do ego deve morrer.

Por mais dramático que pareça, esta situação é na verdade muito comum, pelo menos na necessidade, se não na realização. O questionamento interno e a busca há muito que são vistos como caraterísticas da meia-idade. Quando as pessoas são jovens, preocupam-se principalmente com a vitória sobre as forças da vida, encontrando um parceiro e alcançando o sucesso. Quando o sucesso é encontrado, contudo, as pessoas podem interrogar-se sobre o valor do mesmo.

A pergunta: "Quem sou eu por debaixo de todos os meus bens, por debaixo de todas as imagens que apresento às outras pessoas?" assume cada vez mais importância. Hoje em dia, muitas pessoas mais jovens não estão à espera da meia-idade e do sucesso para perguntarem estas coisas. Uma caraterística do nosso tempo é o desejo de que a vida tenha um sentido de

significado, de essência interior. E cada vez mais pessoas estão a decidir que o primeiro lugar para procurar esse significado é dentro de si mesmas.

Esta ideia, na verdade, é apenas uma meia-verdade. O Mago ensina-nos que, como seres físicos, encontramos a realidade apenas em ligação com o mundo exterior; a verdade interior da Alta Sacerdotisa é um potencial e deve ser manifestada através da consciência do Mago. Mas enquanto as nossas máscaras, hábitos e defesas nos fecharem ao autoconhecimento, de modo que nunca saibamos por que agimos, então todas as coisas que fazemos continuam a ser sem significado. O fluxo entre o Mago e a Alta Sacerdotisa precisa de ser livre para que a vida possua valor.

Como a linha inverte basicamente a ênfase das primeiras sete cartas, muitas das cartas aparecem como imagens espelhadas das que estão acima delas. A polaridade sexual dos trunfos 1 e 2 inverte-se na Força e no Eremita, enquanto o princípio da luz e das trevas, do exterior e do interior, permanece nas mesmas posições. A Roda da Fortuna afasta-se do mundo natural e inconsciente da Imperatriz em direção a uma visão de mistérios interiores.

No final da linha, a Temperança mostra-nos um novo tipo de vitória. A força do Carro foi substituída pelo equilíbrio e pela calma. Onde o carro de pedra do condutor o afastava do contacto direto com a terra e com o rio, o anjo da Temperança ergue-se com um pé na terra e outro na água, mostrando a personalidade em harmonia consigo mesma e com a vida.

Outro tema aparece na segunda linha. Até agora, as cartas apresentaram-nos uma série de lições, coisas que devemos aprender sobre a vida para nos tornarmos maduros e bem-sucedidos no mundo exterior. Mas a iluminação é uma experiência profundamente pessoal. Não pode ser estudada nem sequer ponderada, mas apenas vivida. A série de lições exteriores culmina na Roda da Fortuna, que nos mostra uma visão do mundo e de nós próprios à qual se deve dar resposta. O Enforcado, contudo, mostra algo inteiramente diferente. Aqui vemos, não uma lição, mas a imagem da própria iluminação, a personalidade exterior virada de cabeça para baixo por uma experiência muito real e pessoal.

Entre estas duas cartas, e no centro exato de todos os Arcanos Maiores, encontra-se a Justiça, equilibrando cuidadosamente os pratos da balança entre o interior e o exterior, o passado e o futuro, a racionalidade e a intuição, o conhecimento e a experiência.

Figura 9:

A FORÇA

A alteração de Waite na carta dos Enamorados foi a mais óbvia das suas modificações no Tarot; a sua troca da Força com a Justiça continua a ser a mais controversa. Ele próprio não apresenta nenhuma razão real para a mudança. *"Por razões que me satisfazem, esta carta foi trocada com a da Justiça, que costuma ser numerada como oito. Como a variação não traz nada que tenha significado para o leitor, não há causa para explicação."*

As razões são certamente mais do que pessoais. Paul Foster Case colocou a Força como 8 e a Justiça como 11. Aleister Crowley manteve os seus números originais, mas atribuiu-lhes as letras hebraicas que corresponderiam à inversão das cartas. Ambos seguiram provavelmente a Ordem da Aurora Dourada (*Golden Dawn*), cujo baralho secreto de Tarot também trocava as duas cartas.

Esta ligação a uma ordem secreta sugere a ideia de iniciação. Ora, a *Golden Dawn*, como é evidente, não originou a prática da iniciação, embora afirmasse receber os seus rituais específicos diretamente de instrutores espirituais. A iniciação recua milhares de anos e é vista por todo o mundo, desde os templos egípcios ao deserto australiano. Representa um meio especial de transformação psicológica – o próprio assunto da linha

intermédia do Tarot. Ao referirmos a Justiça e as cartas ao seu redor a esta ideia antiga, ganhamos uma compreensão mais ampla do Tarot como uma experiência.

Vale a pena considerar as implicações do antigo arranjo dos trunfos. A imagem da Justiça sugere pesar a sua vida na balança. A segunda linha afasta-nos das realizações exteriores da primeira e conduz-nos para o interior do ser. Assim, a Justiça na primeira posição significaria uma avaliação daquilo que a sua vida significou para si, seguida de uma decisão de procurar no interior um significado maior. Obviamente, isto encaixa muito bem. Mas se a Justiça vier primeiro, então todas estas coisas ocorrem racionalmente; a avaliação surge como uma reação consciente à insatisfação. Quão mais poderosa aparece esta avaliação quando surge de dentro, imposta a nós pela visão poderosa da Roda da Fortuna.

A espada de dois gumes da Justiça implica ação, uma resposta ao conhecimento adquirido na avaliação. A ideia de resposta conduz diretamente ao Enforcado. Se a Justiça viesse primeiro, o Eremita seguir-se-ia a ela. Como um buscador de sabedoria, o Eremita representaria também uma resposta válida à Justiça. Mas, novamente, se permitirmos que essa sabedoria venha antes da Justiça, então o Enforcado mostra uma resposta vinda das profundezas do ser.

Considere-se agora a Força em ambos os lugares. A imagem mostra uma mulher a domar um leão. Resumidamente, a imagem sugere a energia do inconsciente libertada e acalmada, "domada" pela orientação da compreensão consciente. Tal ideia pertenceria facilmente à posição intermédia. Descreveríamos então a carta como o teste central de toda a linha. E certamente a paz e a grande inversão do Enforcado seguir-se-iam perfeitamente à Força.

Mas podemos também ver a Força como as qualidades vitais para iniciar a linha. A busca interior não pode ser realizada pelo ego. Precisamos de confrontar sentimentos e desejos há muito ocultos dos nossos pensamentos conscientes. Se tentarmos transformar-nos através de um processo totalmente racional, criamos outro tipo de persona. Algo muito parecido com isto, de facto, acontece com bastante frequência. Muitas pessoas sentem uma falta de espontaneidade nas suas vidas. Olham ao seu redor ou leem livros de psicologia e observam, com um certo ciúme, ou mesmo vergonha das suas próprias repressões, as caraterísticas das pessoas espontâneas. E então, em vez de seguirem o temível processo de libertar os seus medos e desejos ocultos, imitam cuidadosamente a espontaneidade. Estenderam o Carro a um novo domínio.

Ao tornarmos a Força o número 8, pomo-la em oposição ao Carro, como um tipo diferente de poder: não a vontade do ego, mas a Força interior para se confrontar a si próprio calmamente e sem medo. Os mistérios podem ser trazidos para fora porque encontrámos a Força para os enfrentar. O leão significa todos os sentimentos, medos, desejos e confusões suprimidos pelo ego na sua tentativa de controlar a vida. O condutor do carro baseava-se nos seus sentimentos interiores como uma fonte de energia, mas era sempre cuidadoso ao direcionar essa energia para onde decidia conscientemente que ela deveria ir. A Força permite que as paixões interiores emerjam, como o primeiro passo para ir além do ego.

Num nível muito simples, podemos ver esta emergência de sentimentos suprimidos na pessoa que se permite agir de forma "infantil", chorar ou gritar; em suma, fazer todas aquelas coisas que antes pareciam tolas ou embaraçosas. Num nível mais profundo, o leão simboliza toda a força da personalidade, habitualmente suavizada pelas exigências da vida civilizada. A Força liberta esta energia a fim de a utilizar como uma espécie de combustível, impelindo-nos ao longo do caminho interior do Eremita.

Este propósito só pode ser alcançado porque o leão é "domado" ao mesmo tempo que é libertado. A Força abre a personalidade como Pandora a abrir a sua caixa. Fá-lo, contudo, com um sentido de paz, um amor pela própria vida e uma grande confiança no resultado final. A menos que acreditemos verdadeiramente que o processo de autodescoberta é alegre, nunca o levaremos até ao fim.

O simbolismo das imagens e dos números reforça a comparação entre a Força e o Carro. O Carro mostra um homem e a Força mostra uma mulher. Tradicionalmente, é claro, estes representam a racionalidade e a emoção, a agressão e a entrega. Também tradicionalmente, o número 7 do Carro pertence à magia "masculina", o número 8 à "feminina". Este simbolismo decorre da anatomia. O corpo masculino contém sete aberturas (contando o nariz como uma), o feminino oito. Além disso, o corpo masculino possui sete pontos: os braços e as pernas, a cabeça, o centro e o pénis. O feminino possui oito, substituindo os seios o pénis.

O que queremos dizer com magia masculina e feminina? A teoria esotérica considera a energia sexual como uma manifestação dos princípios de energia subjacentes a todo o universo; o masculino e o feminino são semelhantes aos polos positivo e negativo do eletromagnetismo. Através da manipulação desta energia bipolar, resulta o poder "mágico". O ocultista considera estes princípios uma ciência, nem mais, nem menos misteriosa do que a manipulação da energia atómica por parte do cientista moderno.

Podemos descrever os Enamorados do baralho Rider como um diagrama esquemático de energia. Portanto, o Carro e a Força pertencem um ao outro esotericamente como a manifestação prática dos princípios simbolizados no Mago e na Alta Sacerdotisa.

Psicologicamente, eles também encarnam dois tipos de poder. A nossa sociedade enfatiza a força "masculina" de controlo; a conquista, dominando o mundo através da razão e da vontade. Mas as qualidades "femininas" de intuição e emoção espontânea estão longe de ser fraqueza. Libertar as suas emoções mais profundas com amor e fé exige enorme coragem, bem como força.

O Louco entra aqui. Só através de uma espécie de salto psíquico podemos passar do consciente para o inconsciente. E apenas um louco daria tal salto, pois porquê abdicar do sucesso, do controlo? Os deuses forçaram Édipo; que necessidades interiores forçarão os restantes de nós?

A posição da Força, como primeira na linha, liga a carta ao Mago, tal como o faz o sinal de infinito, outra referência ao 8, acima da sua cabeça. A inversão do sexo indica uma junção de aspetos de ambos os arquétipos, masculino e feminino. O envolvimento ativo do Mago com a vida foi modificado pela paz interior implícita na Alta Sacerdotisa. A figura sensual da mulher, o seu cabelo louro e o cinto de flores que a liga ao leão, conectam também a carta à Imperatriz. A Imperatriz representa os instintos naturais e a paixão; novamente vemos a imagem da energia emocional, os "desejos animais", como lhe chamam alguns comentadores de Tarot, libertada e domada. Waite descreve o cinto de flores como um segundo sinal de infinito, com uma laçada em redor da cintura da mulher e a outra em redor do pescoço do leão.

Podemos descrever la Força como o Mago unido à Imperatriz; isto é, o poder de consciência e direção do Mago misturou-se com a sensualidade da Imperatriz, dando-lhe um sentido de propósito e conduzindo ao Eremita. Note-se que para a primeira linha 1 mais 3 é igual a 4, o Imperador. Para la segunda linha, 1 mais 3 torna-se multiplicado por 2; a verdade interior da Alta Sacerdotisa.

Outro aspeto do trunfo leva ainda mais longe esta unidade de 1 e 3. A letra hebraica atribuída por Case e outros à Força é *Teth*. *Teth* refere-se cabalisticamente a "serpente"; mas o termo hebraico para serpente também significa "magia". Por todo o mundo, as pessoas fizeram esta ligação: desde as serpentes na varinha mágica de Hermes até ao poder da *kundalini* do ocultismo tântrico na Índia e no Tibete. E a serpente, na *kundalini* e noutros locais, representa a sexualidade.

O Tarot, como sabemos pela serpente entrelaçada na Árvore do Conhecimento atrás da mulher nos Enamorados, considera a sexualidade como uma força em direção à iluminação. Se, esotericamente, a Força representa a prática real da magia sexual, psicologicamente refere-se novamente à libertação daquela energia retida nos nossos sentimentos mais fortes. Quando comparamos a Força com o Diabo, veremos que a libertação aqui é na verdade parcial. O leão é controlado e direcionado, em vez de se permitir que leve o ser para onde quer que queira ir.

Na alquimia, o leão representa o ouro, o sol e o enxofre. O enxofre é um elemento inferior e o ouro (na alquimia) o mais elevado. O processo pelo qual o enxofre se transforma em ouro é precisamente o processo de transformação do eu inferior. E o desenho da Temperança, a última carta da linha, com o seu líquido vertido de uma taça para outra, retrata o objetivo alquímico de fundir os opostos numa existência nova e mais significativa.

Aqueles que acham a vida uma questão de controlo estrito, que veem o inconsciente como um "esgoto moral" de repressões (como Jung caraterizou a visão freudiana estreita) e consideram as paixões um tormento, verão o leão como forças naturais que a mente racional deve vencer. Alguns baralhos de Tarot mais antigos, incluindo o dos Visconti, mostravam Héracles a matar o leão de Nemeia. As paixões conquistadas pela razão. Mas o leão também representava Cristo, o poder radiante de Deus. Aqueles que permitem que a energia inconsciente dentro de si próprios emerja, guiando-a com amor e fé na vida, descobrirão que a energia não é uma besta destrutiva, mas sim a mesma força espiritual atraída através do para-raios do Mago.

Nas leituras, a carta da Força indica a capacidade de enfrentar a vida, e particularmente algum problema difícil ou momento de mudança, com esperança e entusiasmo. Mostra uma pessoa forte a partir de dentro, que experiencia a vida apaixonadamente mas em paz, sem ser controlada ou arrebatada por essas paixões. A carta representa o encontro da força para começar ou continuar algum projeto difícil, apesar do medo e da tensão emocional.

Se a Força aparecer em ligação com o Carro, pode significar uma alternativa à força e à força de vontade, especialmente, como é óbvio, se o Carro estiver invertido. As duas cartas podem também simbolizar lados complementares, sendo a melhor configuração a Força na posição do eu interior e o Carro na posição do exterior (as linhas vertical e horizontal de uma cruz). Vemos então uma pessoa que age poderosamente, mas com um sentido de calma.

A Força invertida indica, antes de mais, fraqueza. A coragem para enfrentar a vida falha e a pessoa sente-se avassalada e pessimista. Significa também um tormento a partir de dentro. O lado bestial do leão separa-se da unidade do espírito e da sensualidade. As paixões tornam-se o inimigo, ameaçando destruir a personalidade consciente e a vida que esta construiu para si própria.

Figura 10:

O EREMITA

Tal como a estrela de seis pontas dentro da lanterna do Eremita, a ideia do Eremita vai em duas direções: uma interior, outra exterior. Primeiramente, a carta significa um afastamento do mundo exterior com o propósito de ativar a mente inconsciente. Vemos este processo simbolizado no triângulo da "água" apontado para baixo, como lhe chamavam os alquimistas. Mas o Eremita também significa um professor que nos mostrará como iniciar este processo e nos ajudará a encontrar o nosso caminho. O triângulo do "fogo" apontado para cima simboliza este guia especial, que pode ser um instrutor oculto, um terapeuta, os nossos próprios sonhos ou até um guia espiritual evocado de dentro do próprio ser.

A imagem do Eremita ocupava um lugar especial na imaginação medieval. Vivendo nas florestas ou no deserto, totalmente afastado de todas as preocupações normais da humanidade, o eremita apresentava uma alternativa à Igreja. A versão europeia de um iogue asceta, ele demonstrava a possibilidade de se aproximar de Deus através da experiência pessoal. As pessoas olhavam frequentemente para os eremitas como santos vivos e atribuíam-lhes poderes mágicos, da mesma forma que os discípulos de yoga contam histórias maravilhosas sobre os seus mestres.

Embora o eremita se afastasse da sociedade, ele ou ela* não se afastava da humanidade. Entre outras funções, davam abrigo e, por vezes,

bênçãos aos viajantes. Inúmeras histórias, especialmente as lendas do Graal, retratam o eremita que atua como um transmissor de sabedoria para o cavaleiro numa demanda espiritual. Novamente, vemos a imagem dupla do Eremita: exemplo e guia.

A imagem do Eremita persistiu muito tempo após a prática específica ter desaparecido. O filósofo transcendental Ralph Waldo Emerson viajou dias através da remota Escócia para encontrar a cabana de Thomas Carlyle. O amigo de Emerson, Henry David Thoreau, viveu ele próprio numa cabana em Walden Pond para encontrar um sentido de si mesmo e da natureza. Escreveu depois sobre isso como um exemplo para os outros. O *Diz a Lenda de Zarathustra* (Assim Falava Zarathustra) de Nietzsche consagrou a imagem do Eremita; o livro começa com o regresso de Zarathustra após alcançar a transformação pessoal. E hoje em dia, incontáveis pessoas entregaram-se a gurus orientais na esperança de que estes professores de estilo eremítico possam transformar as suas vidas.

Para aqueles que não conseguem encontrar um guia real, a psique providenciará frequentemente um. Jung e os seus seguidores descreveram os muitos sonhos dos seus pacientes sobre velhos sábios que os guiavam em jornadas misteriosas pela psique. Em muitos casos, a análise dos sonhos descobriu que o guia dos sonhos representava, na verdade, o terapeuta. O inconsciente consegue reconhecer um professor Eremita antes que a mente consciente o consiga fazer.

O grande cabalista do século treze, Abraham Abulafia, descreveu três níveis de Cabala. O primeiro era a doutrina; aquilo que pode ser aprendido a partir dos textos. O segundo vinha da orientação direta dada por um professor pessoal, enquanto o terceiro, o mais desenvolvido, era a experiência direta da união extática com Deus. Estes três níveis ligam-se muito diretamente ao Tarot, não apenas nas três linhas, mas em três trunfos específicos que juntos formam um triângulo isósceles. O primeiro nível vemo-lo no Hierofante; o terceiro, diretamente abaixo do Hierofante, um nível afastado, aparece na criança alegre da carta 19, o Sol. O segundo nível, contudo, surge não na carta entre eles, o Enforcado, mas na outra extremidade do padrão, como a segunda carta na segunda linha, o Eremita.

A doutrina e o mistério vêm ambos como o fim de um processo: a doutrina porque primeiro deve organizar a sua vida antes de poder abordar o estudo de um caminho especial (os cabalistas restringiam frequentemente certos textos importantes a pessoas com mais de trinta e cinco anos), e o êxtase porque primeiro deve passar pelo confronto arquetípico com as trevas e o mistério. Um guia, contudo, aparece logo no início da jornada, depois de o viajante ter encontrado a Força para começar.

Como um emblema do desenvolvimento pessoal, e não como um guia, o Eremita significa a ideia de que apenas ao afastarmo-nos do mundo exterior podemos despertar o eu interior. Aqueles que veem o Tarot em duas metades, com a Roda da Fortuna como o ponto médio, encaram o Eremita como o período de contemplação antes de a Roda da Vida girar em direção à sua segunda metade. Quando vemos o Tarot em linhas de sete, vemos que este afastamento, e a própria visão da Roda, são passos em direção a um objetivo maior.

Vemos o Eremita num pico frio e solitário. Ele deixou o mundo dos sentidos para entrar na mente. Esta imagem da mente como despojada e gélida transmite apenas uma verdade parcial, ou melhor, uma ilusão. A mente é rica em símbolos, em alegria, na luz e no amor do espírito. Mas antes de podermos apreender estas coisas, devemos primeiro experienciar a mente como uma alternativa silenciosa ao mundo ruidoso dos sentidos. Para os xamãs, o pico estéril é frequentemente uma realidade direta. Em locais tão distantes como a Sibéria e o sudoeste americano, os candidatos a xamã vão sozinhos para a terra selvagem em busca dos guias espirituais que os ensinarão a curar.

O Eremita significa uma transição. Através das técnicas de meditação, de disciplina psíquica ou de análise, permitimos que as partes ocultas da psique comecem a falar connosco. Mais tarde, experienciaremos um sentido de renascimento, primeiro como um anjo (a parte eterna do eu, para lá do ego) e, depois, sentido de forma mais profunda, como uma criança livre a cavalgar para fora do jardim da experiência passada. Por agora, o caminho pertence à imagem do velho sábio, sozinho, amparado e aquecido pelo seu manto cinzento e rígido de contemplação.

O símbolo da lanterna devolve-nos ao Eremita como guia e professor. Ele estende-nos a luz, indicando a sua vontade de nos liderar e a nossa capacidade de encontrar o caminho se apenas usarmos a Força que temos para o seguir. Em alguns baralhos, o Eremita oculta a sua lanterna sob o manto e, nesse caso, ela simboliza a luz do inconsciente escondida sob o manto da mente consciente. Ao torná-la visível, mas dentro de uma lanterna, o baralho Rider indica que libertamos a luz através de um processo definido de perceção de si, e que este processo está disponível para qualquer pessoa.

** Nota: No original, mantêm-se as referências à neutralidade ou inclusão de género no percurso do eremitismo.*

Com todo o rigor e respeito pelas *Figures* e demais regras estabelecidas, eis a continuação da tradução da obra para português de Portugal:

Vimos a estrela tanto como um símbolo do Eremita como professor, quanto como uma luz do inconsciente, convidando-nos a descobrir os seus segredos. Significa, além disso, o objetivo de resolver os opostos da vida. Os triângulos da água e do fogo representam tradicionalmente não apenas dois elementos habitualmente opostos, mas também o masculino e o feminino unidos numa única forma.

O bastão do Eremita sugere o cajado de um feiticeiro e, portanto, a varinha mágica do Mago. Enquanto o Louco usava a varinha de forma instintiva, o Eremita apoia-se nela como um suporte consciente. Simboliza, por isso, o ensinamento que ajuda a abrir a perceção interior.

Diretamente abaixo da Alta Sacerdotisa, o Eremita relaciona-se com o princípio de afastamento desta, indicando novamente que devemos, de certo modo, deixar o mundo exterior se quisermos trabalhar em nós próprios. Tal como com a Força, a segunda linha inverte o arquétipo sexual. O simbolismo do papel que aqui nos é ensinado é o de que um esforço mental deliberado, baseado em técnicas e ensinamentos específicos, nos leva para lá da intuição bloqueada do templo fechado da Alta Sacerdotisa.

As águas desse templo não estão totalmente libertadas; o véu permanece no lugar até que o relâmpago da Torre, abaixo do Eremita, o rasgue. Sob a influência do trunfo 9, contudo, o inconsciente fala connosco por trás do véu, através de símbolos, sonhos e visões.

A distinção entre o simbolismo masculino-feminino e a realidade das pessoas individuais leva-nos a algumas constatações importantes sobre os arquétipos. Tendemos a ver os eremitas e os professores como velhos sábios, mesmo nos nossos sonhos, porque o nosso patriarcado de cinco mil anos gravou fortemente esta imagem nas nossas mentes. Em tempos anteriores, os guias eram na maioria das vezes mulheres, como representantes da Grande Deusa, e mesmo na nossa época mulheres como a Madame Blavatsky desempenharam esta função antiga. O facto de os nossos sonhos escolherem frequentemente velhos sábios demonstra o facto muito importante de que o inconsciente também retira o seu material do contexto cultural do sonhador individual.

Muitas pessoas encaram os arquétipos como imagens rígidas e fixas, partilhadas por todas as pessoas em todos os tempos. Pelo contrário, os

arquétipos são tendências para a mente formar certos tipos de imagens, como a de um guia, e a forma específica que uma imagem toma dependerá em grande parte do contexto cultural e da experiência da pessoa. As iniciações medievais do Graal e os ritos do deserto australiano seguem o mesmo padrão arquetípico; este subjaz-lhes como uma grelha. No entanto, a forma exterior desse padrão varia imenso.

Os significados divinatórios para o Eremita derivam de ambos os seus aspetos. Por um lado, simboliza um afastamento das preocupações exteriores. A pessoa pode afastar-se fisicamente, mas isto não é realmente necessário. O que importa é a transferência interior da atenção do "ganhar e gastar" (*getting and spending*), como Wordsworth chamava às nossas atividades mundanas, para as necessidades interiores da pessoa. Exige, portanto, um afastamento emocional das outras pessoas e de atividades que outrora se pensava serem fundamentais. A carta carrega em si um sentido de propósito deliberado, de se afastar para trabalhar no autodesenvolvimento. Em ligação com este sentido de propósito e com a imagem de um homem velho, a carta simboliza a maturidade e o conhecimento do que realmente importa na vida de uma pessoa.

A carta também pode significar a assistência de um guia definido, por vezes, como indicado acima, um guia psíquico a partir de dentro, mas mais frequentemente uma pessoa real que o ajudará nas suas autodescobertas. Por vezes, nós próprios não reconhecemos que tal guia existe para nós. Se o Eremita aparecer numa leitura de Tarot, pode ser sensato olhar atentamente para as pessoas ao seu redor. Se está envolvido em ajudar os outros a encontrar a compreensão, então o Eremita pode simbolizá-lo a si no seu papel de guia e professor.

Quando invertemos a carta, corrompemos a ideia de afastamento. Da mesma forma que a Alta Sacerdotisa invertida pode significar um medo da vida, o Eremita invertido pode indicar um medo das outras pessoas. Se nos afastarmos da sociedade como um refúgio, então o facto do afastamento torna-se cada vez mais dominante, levando a fobias e à paranoia. Tal como com outros trunfos, os aspetos negativos e positivos do Eremita dependem do contexto. O Eremita invertido pode por vezes significar simplesmente que, neste momento, a pessoa precisa de se envolver com outras pessoas.

Como a carta, quando na posição correta, sugere maturidade, o Eremita invertido pode por vezes indicar uma atitude de Peter Pan perante a vida. A pessoa agarra-se a atividades basicamente sem significado, ou então imita o entusiasmo infantil (como a imitação da espontaneidade) como forma de evitar as responsabilidades de fazer algo com a sua vida. Deparei-me pela primeira vez com esta interpretação para o Eremita

invertido numa leitura feita por um homem em Nova Iorque a uma amiga minha; desde então, considero-a útil em muitas situações. Curiosamente, conheci o homem através de outra amiga que olhava para o leitor como um guia pessoal no seu desenvolvimento espiritual.

Figura 11:

A RODA DA FORTUNA

À semelhança de algumas outras cartas de trunfos (muito notavelmente a Morte), a Roda da Fortuna deriva de uma homilia medieval. A Igreja considerava o orgulho o maior dos pecados, pois no orgulho coloca-se a si próprio antes de Cristo. Uma lição contra o orgulho era a ideia de um grande rei que caía do poder. Em muitas versões da lenda do Rei Artur, o rei sonha ou vê diante de si, na véspera da sua batalha final, a visão de um rei rico e poderoso sentado no topo de uma roda. De repente, a deusa Fortuna gira a roda e o rei fica esmagado na parte inferior. Sóbrio, Artur percebe que, por muito poder secular que acumulemos, o nosso destino repousa sempre nas mãos de Deus. As cartas de Visconti, à direita, acima*, consagram este sermão prático.

Ora, poderíamos considerar que esta bela fábula moral está muito distante dos símbolos poderosos e misteriosos que nos encaram a partir da carta de Waite-Smith, no canto superior esquerdo*, e da versão de Oswald Wirth, no canto inferior esquerdo*. Mas Fortuna e o seu aro brilhante têm uma história curiosa. Antes de mais, a imagem medieval deriva de um tempo muito anterior, quando Fortuna representava la Grande Deusa e o rei esmagado era um acontecimento real. Todos os anos, no meio do inverno, as sacerdotisas sacrificavam o rei; ao imitarem a morte do ano,

humilhavam-se perante o poder da Deusa e, ao escolherem um novo rei, sugeriam-lhe subtilmente que ela poderia, mais uma vez, criar a primavera a partir do inverno – um acontecimento de modo nenhum automático para pessoas que não acreditavam em "leis naturais" como a gravidade. Assim, a Roda simbolizava originalmente tanto o mistério da natureza como a capacidade humana de participar nesse mistério através de um sacrifício ritual. Note-se que a carta vem diretamente abaixo da Imperatriz, o emblema da própria Grande Mãe.

Pela Idade Média, a Roda tinha perdido o seu significado original; isto não significava que tivesse perdido o seu poder de sugerir o mistério da vida. Na versão de Thomas Malory da história do Rei Artur, encontramos a sugestão de que a Roda simboliza as voltas aleatórias da "sorte". Porque é que algumas pessoas enriquecem e outras empobrecem? Porque haveria um rei poderoso de cair, e um outrora fraco subir ao poder?

Quem, ou o quê, controla a roda giratória da vida? Malory sugere que a sorte, os altos e baixos aparentemente sem significado, é na realidade o fado; isto é, o destino que Deus escolheu para cada indivíduo, baseado em razões que apenas Deus consegue compreender. Como não conseguimos compreender essas razões, dizemos que os acontecimentos da vida das pessoas surgem por sorte, mas tudo pertence ao plano de Deus.

Com a Roda, portanto, chegamos à grande questão de como e porquê algo acontece, afinal, no universo. O que faz o sol brilhar? Elementos em combustão, sim, mas o que os faz arder? Como é que a energia atómica passou a existir? Porque haveria a primavera de seguir o inverno, afinal? Porque e como funciona a gravidade? Indo mais longe, descobrimos que o fado também é uma ilusão, um ardil para encobrir o facto de que nós, com a nossa visão limitada, não conseguimos ver a ligação interior entre todas as coisas.

"Ora bem," dizemos nós, "é o destino", uma afirmação sem significado porque não conseguimos compreender o significado. As coisas não acontecem simplesmente, são feitas acontecer. O poder de moldar os acontecimentos, de dar vida, forma e propósito ao universo, pertence, diz-nos Malory, ao Espírito Santo, habitando no mundo físico como uma presença dentro do Santo Graal (o Ás de Copas), da mesma forma que a *Shekinah* habitava fisicamente dentro do santuário velado do templo em Jerusalém.

Chegamos então à verdade de que tanto os acontecimentos aleatórios da vida como as chamadas "leis" do universo físico são mistérios que nos conduzem a uma perceção da força do espírito atraída pelo braço erguido

do Mago e manifestada no mundo natural da Imperatriz. Uma grande quantidade de místicos e xamãs disse que as suas visões lhes mostraram como todas as coisas se ligam, como tudo se encaixa, porque o espírito une todo o universo. Possivelmente todos veríamos e compreenderíamos este grande esquema da vida, se não fosse o facto de não vivermos o tempo suficiente. As nossas vidas curtas estreitam a nossa visão a uma porção tão minúscula do mundo que a vida aparece sem significado.

Ora, esta ideia da Roda como o mistério do fado, com o seu significado oculto, adequa-se muito bem à versão moderna da carta de Waite-Smith, especialmente quando a consideramos como o meio caminho para o trunfo final. Se colocarmos a Roda do baralho Rider ao lado do Mundo, vemos imediatamente a ligação entre eles. Numa temos uma roda cheia de símbolos; na outra encontramos uma grinalda de vitória e, dentro dela, uma dançarina que encarna a verdade por trás dos símbolos. Ainda mais impressionante, encontramos os mesmos quatro animais em cada carta, nos cantos, exceto que os seres mitológicos da carta 10 foram transformados em algo real e vivo no Mundo. Assim, no ponto médio, recebemos uma visão do significado interior da vida; no final, essa visão tornou-se real, corporizada no nosso próprio ser.

Na Índia, o rei também perdia a vida todos os anos a favor da Deusa. Quando os arianos patriarcais acabaram com esta prática, a imagem da roda giratória do ano tornou-se um símbolo ainda mais poderoso da nova religião. A sempre giratória Roda da Vida passou a significar as leis do *carma*, levando-o a reencarnar num corpo após outro. Ora, o *carma* é, de certa forma, simplesmente outra explicação para o mistério do fado. Pelas ações que toma numa vida, acumula um certo destino para si próprio na seguinte, de modo que, se cometer uma grande quantidade de más ações, cria no seu eu imortal uma espécie de necessidade psíquica de punição. Quando chega a altura da sua próxima encarnação, escolhe inevitavelmente uma casta baixa ou um corpo doente. (Esta explicação psicológica simples do *carma* baseia-se talvez mais no Budismo do que no Hinduísmo.)

Mais uma vez, a nossa compreensão limitada impede-nos de experienciar diretamente a verdade por trás da roda do Fado, ou *carma*. Quando o Buda alcançou a iluminação, lembrou-se de cada momento de cada uma das suas vidas passadas. De facto, a memória era a iluminação. Ao ganhar pleno conhecimento, foi capaz de perceber que todas aquelas vidas eram apenas formas criadas pelos seus desejos. Quando acabou com os seus desejos, ele "saiu da Roda". Poderíamos dizer que a iluminação significa (ou inclui, de qualquer modo) perfurar os acontecimentos

exteriores até chegar ao espírito que habita dentro deles, isto é, encontrar o Espírito Santo dentro da Roda da Fortuna.

É significativo que o Rei Artur experiencie a Roda da Fortuna como uma visão num sonho. Porque, quer a vejamos como o ponto médio dos Arcanos Maiores, quer simplesmente como um dos passos para completar la segunda linha, a roda é de facto uma visão dada a nós pelo inconsciente. O Eremita afastou-se do mundo exterior. Como resultado, o inconsciente mostra-lhe uma visão da vida como uma roda giratória cheia de símbolos.

A Roda da Vida não se torna visível até nos afastarmos dela. Quando estamos envolvidos nela, vemos apenas os acontecimentos imediatamente diante e atrás de nós; as preocupações diárias que os nossos egos consideram tão importantes. Quando nos retiramos, vemos todo o padrão. Psicologicamente, podemos encarar esta visão como uma avaliação que uma pessoa faz de para onde a sua vida foi e para onde está a ir. Num nível mais profundo, a visão continua a ser misteriosa e simbólica. Podemos ver o que fizemos das nossas vidas particulares, mas o fado continua a ser um mistério. Os símbolos na Roda possuem todos significado; ajudam-nos a compreender a verdade dentro das visões. No entanto, não experienciamos a força viva total. A luz do inconsciente permanece velada.

É significativo também que Malory ligue a Roda da Fortuna ao Santo Graal. Pois os símbolos do Graal, que são também os símbolos dos Arcanos Menores, recuam provavelmente quase tão longe quanto o sacrifício real anual. Quando ao candidato à iniciação nos antigos mistérios europeus era dada a sua "visão" dos segredos interiores do culto, era muito provável que fossem os quatro símbolos da taça, da espada, da lança e do pentáculo que lhe eram mostrados com grande cerimónia mística. E as ferramentas básicas da magia ritual, dispostas na mesa do Mago, são os mesmos quatro símbolos e também os naipes dos Arcanos Menores.

Embora não vejamos os quatro símbolos diretamente no trunfo 10, vemos dois dos seus muitos análogos. As quatro criaturas nos cantos da carta derivam da visão de Ezequiel 1:10. Aparecem também no Apocalipse 4:7. Originalmente, estas quatro figuras representavam os quatro signos "fixos" da astrologia babilónica: Leão, Escorpião, Aquário e Touro. Os primeiros cristãos identificaram-nos com os quatro evangelistas, razão pela qual os vemos a segurar livros. Por vezes chamados os "guardiões do céu", também passaram a simbolizar os quatro elementos básicos da ciência antiga e medieval.

Do canto direito no sentido contrário aos ponteiros do relógio, são o fogo, a água, o ar e a terra, e estes elementos pertencem igualmente a Paus,

Copas, Espadas e Ouros. Sendo os signos fixos, as quatro bestas evocam o zodíaco como um todo. Um plano circular criado pelo movimento aparente do Sol ao longo do ano, o zodíaco forma a Grande Roda do universo visível.

A outra ligação com os quatro elementos surge no nome de Deus com quatro letras na borda da Roda. Começando no canto superior direito e, novamente, lendo no sentido contrário aos ponteiros do relógio, as letras são *Yod*, *Heh*, *Vav*, *Heh*. Como este nome aparece na Torá sem vogais (as quatro letras são todas consoantes), é impronunciável; portanto, o nome "verdadeiro" de Deus continua a ser um segredo. Há pelo menos dois mil anos que os judeus e os cristãos veem este nome como mágico.

Os místicos meditam nele (o nível extático terceiro da Cabala de Abulafia era alcançado através do trabalho com o nome de Deus) e os magos manipulam-no. Para os cabalistas, as quatro letras são o próprio símbolo dos mistérios do mundo. Considerava-se que o processo de criação do universo tinha ocorrido em quatro fases, correspondendo às quatro letras. E, claro, as letras também se ligam aos quatro elementos, aos símbolos do Graal e aos Arcanos Menores.

As letras romanas intercaladas entre as hebraicas são um anagrama. Lidas no sentido dos ponteiros do relógio a partir do topo, soletram ‘TARO’; lidas no sentido contrário formam ‘TORA’ (lembremo-nos do pergaminho da Alta Sacerdotisa). Podemos também encontrar as palavras ‘ROTA’, latim para ‘roda’, ‘ORAT’, latim para ‘fala’ e ‘ATOR’, uma deusa egípcia (também grafada ‘Hathor’). Paul Foster Case, seguindo MacGregor Mathers, fundador da *Golden Dawn*, formou a frase ‘ROTA TARO ORAT TORA ATOR’. Isto traduz-se como:

"A Roda do Taro fala a Lei de Ator". Case chama a isto a "lei das letras"; uma vez que Ator ficou mais conhecida no Egito como uma deusa dos mortos, trata-se na realidade da "lei" da vida eterna, oculta no mundo natural. Embora o corpo morra, a alma continua. Case também salienta que os valores numéricos hebraicos das letras de ‘TARO’ somam 691 e que isto, adicionado a 26, o valor numérico para o nome de Deus com quatro letras (chamado ‘Tetragrammaton’), perfaz 697. Esses dígitos somam 22, o número de letras no alfabeto hebraico e de trunfos nos Arcanos Maiores. E, claro, 22 devolve-nos ao 4.

Os quatro símbolos nos raios são alquímicos. A partir do topo, lidos no sentido dos ponteiros do relógio, são Mercúrio, enxofre, água e sal, e referem-se ao objetivo alquímico da linha dois, isto é, a transformação. A água é o símbolo para a dissolução, ou seja, dissolver o ego para libertar o

eu verdadeiro que ficou imerso em hábitos, medos e defesas. Veremos exatamente o que isto significa quando considerarmos a Morte e a Temperança.

A ideia de morte e renascimento é também simbolizada nas criaturas que adornam a Roda. A serpente representa Set, o deus egípcio do mal e lendário portador da morte para o universo. É ele que mata Osíris, deus da vida. É muito provável que esta lenda, tal como a própria Roda, tenha tido origem na prática da pré-história de matar o deus-rei, especialmente quando consideramos que Set foi outrora um deus herói e que a serpente era sagrada para a Deusa que receberia o sacrifício.

A serpente acompanha a Roda na sua descida; o homem com cabeça de chacal que sobe é Anúbis, guia das almas mortas e, portanto, dador de nova vida. Ora, segundo algumas lendas, Anúbis é filho de Set e, assim, vemos que apenas a morte pode trazer nova vida, e quando tememos a morte estamos a ver apenas uma verdade parcial. Psicologicamente, apenas a morte do eu exterior pode libertar a energia vital interior.

A esfinge no topo da Roda representa Hórus, filho de Osíris e deus da ressurreição. A vida triunfou sobre a morte. Mas a esfinge, como vimos no Carro, também significa o mistério da vida. O Carro controlava a vida com um ego forte. Agora a esfinge elevou-se acima da roda. Se permitirmos que o inconsciente fale, sentiremos algum grande segredo na vida, mais importante do que a ronda interminável de acontecimentos aparentemente sem significado.

Set, a serpente, também era chamado deus das trevas. Novamente, ver as trevas como "mal" é uma ilusão e, de facto, o medo das trevas, tal como o medo da morte, pertence ao ego. O ego ama a luz, assim como o inconsciente ama o escuro. Na luz tudo é simples e direto; o ego consegue ocupar-se com as impressões sensoriais do mundo exterior. Quando as trevas chegam, o inconsciente começa a agitar-se. É por isso que as crianças veem monstros à noite. Uma razão pela qual tornamos o eu exterior tão forte é para não enfrentarmos demónios cada vez que as luzes se apagam.

Aqueles, contudo, que desejam ir além do Carro devem enfrentar esses terrores. Serpentes e água, trevas e dissolução são todos símbolos de morte, isto é, morte do corpo e morte do ego. Mas a vida existe antes e depois da personalidade individual, que, como é evidente, é apenas uma bolha na superfície do nosso ser. A vida é poderosa, caótica, surgindo com energia. Entregue-se a ela e Hórus, o deus da ressurreição, trará nova vida a partir do caos. A Roda gira tanto para cima como para baixo.

A versão de Wirth da Roda da Fortuna proclama esta ideia de forma ainda mais forte. A Roda repousa sobre um barco na água. A dissolução, o caos, emergem como a realidade essencial subjacente ao universo físico. Todas as formas de existência, a grande variedade de coisas e acontecimentos, são simplesmente criações momentâneas a partir daquela energia poderosa que preenche o cosmos. No mito hindu, Shiva destrói periodicamente todo o universo — quando as formas exteriores, como o ego, ficaram cansadas e baças —, libertando a energia básica da qual o universo originalmente emergiu.

O número 10 sugere o 0. O Louco é o nada e não tem personalidade. Mas o Louco, tal como o número 0, é também tudo, porque sente diretamente essa energia da vida, esse mar que surge por baixo do barco. Na Roda da Fortuna do baralho Rider, o centro da Roda não ostenta qualquer símbolo. Quando chegamos ao centro imóvel da existência, sem ego ou medo, todas as formas exteriores desaparecem. Podemos compreender isto intuitivamente, mas para o experienciarmos realmente temos de nos permitir descer a esse mar escuro, deixar a personalidade morrer, dissolver-se e ceder o passo à nova vida que emerge das trevas.

Nas leituras divinatórias, a Roda da Fortuna significa alguma mudança nas circunstâncias da vida de uma pessoa. A pessoa provavelmente não compreenderia o que causou esta mudança; pode não haver nenhuma razão direta que alguém consiga ver e, de facto, a pessoa provavelmente não é responsável no sentido normal da palavra. Uma grande corporação compra a empresa para a qual um homem trabalha e ele torna-se redundante. Um romance termina, não porque as pessoas tenham cometido quaisquer "erros" no tratamento mútuo, mas simplesmente porque a vida continua. A Roda gira.

A coisa importante sobre a mudança é a reação. Aceitamos a nova situação e adaptamo-nos a ela? Usamo-la como uma oportunidade e encontramos algum significado e valor nela? Se a roda aparecer na posição correta, significa adaptação. No seu sentido mais forte, pode indicar a capacidade de perfurar o mistério dos acontecimentos para encontrar uma maior compreensão da vida. O fim de um romance, apesar da sua dor, pode dar um maior autoconhecimento.

Invertida, a carta significa uma luta contra os acontecimentos, habitualmente condenada porque a mudança aconteceu e a vida ganhará sempre contra a personalidade que tenta opor-se-lhe. Se a pessoa em causa, contudo, reagiu sempre de forma passiva a tudo o que a vida lhe fez, então a roda invertida pode significar uma mudança mais importante do que

simplesmente um novo conjunto de circunstâncias. Pode abrir caminho para uma nova perceção de responsabilidade pela sua própria vida.

** Nota: Faz-se referência às orientações e posições das imagens conforme dispostas na edição original.*

Figura 12:

A JUSTIÇA

A imagem deste trunfo deriva da Titã grega Têmis, que aparece, com a sua venda e balança, nos frescos dos tribunais por todo o mundo ocidental. A *Justitia* legal, para lhe dar o seu nome latino, usava uma venda para demonstrar que a lei não discrimina e se aplica de igual forma a fracos e poderosos. O princípio da justiça social, contudo, pertence propriamente ao Imperador, diretamente acima da Justiça. A carta 11 indica que as leis psíquicas da Justiça, pelas quais avançamos de acordo com a nossa capacidade de compreender o passado, dependem de ver a verdade sobre nós próprios e sobre a vida. A *Justitia* do Tarot, portanto, não usa venda.

Até agora, falámos da segunda linha como um processo de afastamento das preocupações exteriores para despertar a visão interior de nós próprios e da vida. Mas uma visão da natureza subjacente das coisas é sem significado se não produzir uma resposta ativa. Devemos sempre agir (o princípio do Mago) com base na sabedoria recebida do eu interior (o princípio da Alta Sacerdotisa). Não apenas a balança perfeitamente equilibrada, mas todas as imagens na carta apontam para um equilíbrio entre a compreensão e a ação.

A figura, uma mulher, parece andrógina; embora se sente firmemente no seu banco de pedra, parece inclinada a levantar-se; um pé aponta para fora da túnica, o outro permanece oculto. A espada, um emblema da ação, aponta diretamente para cima, indicando tanto a determinação como a ideia de que a sabedoria é como uma espada que perfura a ilusão dos acontecimentos para encontrar o significado interior.

De dois gumes, a espada significa a escolha. A vida exige que tomemos decisões; ao mesmo tempo, cada decisão, uma vez tomada, não pode ser revogada. Torna-se parte de nós. Somos formados pelas ações que tomámos no passado; formamos o nosso eu futuro pelas ações que tomamos agora. A balança representa também o equilíbrio perfeito entre o passado e o futuro. Passado e futuro equilibrados, não no tempo, mas na visão clara da Justiça que nos encara a partir do centro exato dos Arcanos Maiores.

Ao longo da primeira metade dos Arcanos Maiores, quando uma pessoa se envolve no mundo exterior, sofre da ilusão de que está a viver a vida segundo o princípio ativo. Isto acontece porque confundimos fazer coisas com a ação. À medida que nos voltamos para dentro, assumimos que nos afastamos da ação; e, de facto, o processo da linha dois não pode ser realizado sem uma pausa nas nossas vidas exteriores, ou pelo menos uma mudança de atenção.

Mas a ação real, por oposição ao movimento sem sentido, traz sempre significado e valor às nossas vidas; tal ação provém da compreensão. Caso contrário, permanecemos verdadeiramente passivos, máquinas a ser empurradas de um acontecimento para o seguinte sem qualquer compreensão do que nos leva a fazer as coisas que fazemos. O verdadeiro propósito da linha dois não é abandonar o princípio ativo, mas sim despertá-lo.

A imagética do trunfo 11 combina o Mago e a Alta Sacerdotisa de forma mais completa do que nunca. Em primeiro lugar, os dígitos do número 11 somam 2, mas o número também significa uma versão superior de 1 (bem como uma versão menor de 21). A mulher sentada diante de dois pilares com um véu entre eles sugere a Alta Sacerdotisa, mas a sua túnica vermelha e a sua postura, com um braço para cima e outro para baixo, implicam o Mago. A ação verdadeira surge do autoconhecimento; a sabedoria surge da ação.

Na vida, como na imagem, o Mago e a Alta Sacerdotisa estão indissociavelmente combinados, como uma serpente macho e uma serpente fêmea entrelaçadas (símbolo da *kundalini*, bem como do caduceu de

Hermes), ou a dupla hélice do ADN. A cor do véu é o roxo, emblema da sabedoria interior; o fundo, a coroa, o cabelo e a balança são todos amarelos, significando a força mental. A sabedoria não surge espontaneamente. Devemos pensar sobre as nossas vidas se as quisermos compreender. Mas todo o nosso pensamento não vai a lado nenhum a menos que se desenvolva a partir de uma visão clara da verdade.

No nível microcósmico da psicologia pessoal, a Roda da Fortuna representava uma visão da vida de uma pessoa; os acontecimentos, quem se é, o que se fez de si próprio. A Justiça indica uma compreensão dessa visão. O caminho para a compreensão reside na responsabilidade. Enquanto acreditarmos que as nossas vidas passadas simplesmente acontecem, que não trazemos o nosso próprio ser à existência através de tudo o que fazemos, então o passado continua a ser um mistério e o futuro uma roda que gira incessantemente, vazia de significado. Mas quando aceitamos que cada acontecimento nas nossas vidas ajudou a formar o nosso caráter, e que no futuro continuaremos a criar-nos através das nossas ações, então a espada da sabedoria corta o mistério.

Além disso, ao aceitarmos a responsabilidade por nós próprios, libertamo-nos, paradoxalmente, do passado. Tal como o Buda a lembrar-se de todas as suas vidas, só nos conseguimos libertar do passado ao tornarmo-nos conscientes dele. Caso contrário, repetimos constantemente o comportamento passado. É por isso que a Justiça pertence ao centro das nossas vidas. O ego pode ser apenas uma persona, uma espécie de máscara, mas essa máscara pode controlar-nos enquanto não admitirmos tê-la forjado nós próprios.

A ideia de responsabilidade pela nossa própria vida não implica qualquer tipo de controlo invisível sobre o mundo exterior. Não significa, por exemplo, que se um sismo destruir a sua casa, foi você que, de alguma forma, desejou que isso acontecesse por quaisquer razões ocultas que fossem suas. A compreensão inclui aceitar as limitações da sua existência física. O universo é vasto e estranho, e nenhum indivíduo consegue controlar o que nele acontece.

A responsabilidade também não implica nada de moral. Significa simplesmente que, goste-se ou não, o que quer que faça, o que quer que experiencie, contribui para o desenvolvimento da sua personalidade. A vida exige que responda a cada acontecimento. Não é uma exigência moral, apenas um facto da existência. E, no entanto, todos os nossos instintos, a psicologia e a religião, bem como o testemunho dos místicos, dizem-nos que a vida contém algo mais, um núcleo interior independente desse eu exterior lançado de uma experiência para outra. A segunda linha mostra a

personalidade exterior a morrer e o núcleo interior, o anjo da Temperança, a ter permissão para emergir. Antes que tal libertação possa acontecer, devemos aceitar a "justiça" das nossas vidas; aquilo que somos, fomo-lo nós que nos fizemos.

A nossa época vê este processo de perceção como sendo principalmente psicológico, perfeitamente exemplificado no difícil processo da psicanálise. Outras épocas exteriorizaram o processo de transformação nos rituais dramáticos da iniciação. Existem dois tipos de iniciações. Em muitas sociedades tribais, todos os membros eram levados a cerimónias especiais no início da puberdade. Na Grécia e em Roma pré-cristãs, as pessoas optavam por submeter-se à iniciação nos "Mistérios" de deuses ou deusas específicos. Estas iniciações nos mistérios seguiam um padrão especial.

Tendo reunido a sua coragem para se tornar um neófito, o candidato recebe primeiro instrução nos ensinamentos do culto ou mistério; durante este tempo, tomam-se medidas, através da meditação, do ritual e de substâncias, para abrir os canais para o inconsciente e tornar a pessoa recetiva. Estas primeiras fases estão simbolizadas na Força e no Eremita. Depois, numa grande atmosfera de mistério e drama, o candidato é confrontado com uma visão dos mistérios secretos do culto. (São mantidos em segredo em parte para os proteger dos incrédulos, mas ainda mais para os tornar eficazes quando revelados.) Nos cultos do Graal, esta visão era uma procissão dramática do Graal e dos seus símbolos acompanhantes, transportados por mulheres que choravam por um rei ferido. Vemos um análogo desta visão na Roda da Fortuna.

E agora chega o momento crucial. O candidato deve dar uma resposta. Se ele ou ela simplesmente ficar ali de pé, passivamente à espera dos acontecimentos seguintes, então a iniciação não pode continuar. Nos cultos do Graal, a resposta necessária era, muito provavelmente, uma pergunta: ou "Qual é o significado destas coisas?" ou, de forma mais subtil, "A quem serve o Graal?". Ao fazer esta pergunta, o candidato dá ao culto a oportunidade de responder, isto é, de continuar a iniciação através da morte e do renascimento rituais.

Mais importante ainda, ele ou ela mostra o reconhecimento de fazer parte do processo, sendo responsável pelo seu desfecho adequado. Isto é mais difícil do que parece. O ritual simboliza a vida, a morte e o renascimento da natureza, bem como o corpo a morrer para libertar a alma eterna. Falar num acontecimento tão avassalador (e lembremo-nos de que o iniciado acreditava nos seus deuses e deusas de uma forma impossível para a maioria de nós hoje em dia) exigia uma coragem pelo menos tão grande

como a necessária para aceitar as verdades reveladas através da análise e do despertar psicológicos.

No nosso tempo, a ênfase no individualismo leva-nos a pensar apenas na morte e no renascimento pessoais. As grandes iniciações, por outro lado, serviam não só para transformar a pessoa em causa, mas também a ligavam aos mistérios mais amplos do universo. Seguindo esta pista, podemos ver outra razão pela qual a Justiça pertence ao centro dos Arcanos Maiores. Falámos do mundo como um grande jogo de opostos, uma roda em constante rotação de luz e trevas, de vida e morte. Também dissemos que no centro da roda está o ponto imóvel em redor do qual os opostos giram incessantemente.

A balança equilibrada da Justiça sugere novamente esse ponto imóvel. Quando encontramos o centro das nossas vidas, tudo entra em equilíbrio. Quando todos os opostos, incluindo o passado e o futuro, entram em equilíbrio, somos capazes de ser livres dentro de nós próprios.

Muitas pessoas perguntam o que nos diz o Tarot, ou o *I Ching*, ou a astrologia sobre o livre-arbítrio. Se as cartas conseguem prever o que faremos, significará isso que o livre-arbítrio não existe realmente? A questão surge de uma incompreensão do próprio livre-arbítrio; pensamos nele como algo simples e independente do passado. Em qualquer momento, pensamos nós, somos livres de fazer o que quisermos. Mas as nossas escolhas supostamente livres são governadas pelas nossas ações passadas. Se não nos compreendermos a nós próprios, como podemos esperar fazer uma escolha livre? Só ao ver e aceitar o passado nos conseguimos libertar dele.

Uma pessoa pode perguntar às cartas sobre alguma situação. As cartas delineiam muito diretamente as consequências de alguma decisão, por exemplo, se deve ou não avançar com um romance, ou começar algum projeto novo. Digamos que as cartas indicam o desastre, e que a pessoa consegue realmente ver a probabilidade daquilo que as cartas preveem. Agora, a pessoa pode dizer: "Bem, isto é provável, mas o meu livre-arbítrio permite-me mudar a situação." Então, ele ou ela avança e a situação corre exatamente como as cartas tinham previsto.

A pessoa não usou realmente o livre-arbítrio para nada; em vez disso, a ideia de livre-arbítrio serviu como desculpa para ignorar o que ela própria reconhecia como uma projeção válida. Esta não é uma situação hipotética; acontece repetidamente com as leituras de Tarot. Não basta apenas prever um desfecho provável para podermos mudar ou evitar esse acontecimento. Devemos compreender por que razão ele está a caminho, e devemos

trabalhar nas causas dentro de nós próprios para as coisas que fazemos e para as formas como reagimos.

O livre-arbítrio existe certamente. Nós simplesmente não sabemos como usá-lo. A coisa mais importante que podemos aprender com as leituras de Tarot é precisamente o quão pouco exercemos a nossa liberdade.

Nas leituras de Tarot, deve prestar-se sempre uma atenção muito cuidadosa à carta da Justiça. O seu aparecimento indica, antes de mais, que os acontecimentos se desenrolaram da forma como "deviam" desenrolar-se; ou seja, o que lhe está a acontecer provém de situações e decisões do passado. Tem o que merece. Em segundo lugar, indica uma necessidade e uma possibilidade de ver a verdade deste desfecho. A carta significa a honestidade absoluta.

Ao mesmo tempo, mostra a possibilidade de as suas ações no futuro serem alteradas por uma lição aprendida na situação presente. Não nos podemos tornar honestos connosco próprios sem estender essa honestidade às nossas relações com as outras pessoas. Neste sentido, a carta carrega os significados óbvios da Justiça: honestidade, equidade, ações corretas e, claro, em assuntos legais e outros, uma decisão justa – embora não necessariamente a decisão que a pessoa preferiria.

Invertida, a carta indica desonestidade consigo próprio e com os outros. Mostra uma falta de vontade de ver o significado dos acontecimentos e mostra especialmente que está a perder alguma oportunidade para uma maior compreensão de si próprio e da sua vida. No nível exterior, indica desonestidade e ações ou decisões injustas. Por vezes são os outros que são injustos connosco. O significado invertido pode referir-se também a decisões legais injustas ou a um mau tratamento por parte de alguém.

Por outro lado, não devemos permitir que a sugestão de injustiça atue como desculpa para negar a nossa própria responsabilidade pelo que nos acontece. A Justiça invertida reflete por vezes a atitude: "É injusto. Olha como toda a gente me trata". E por aí em diante. Quer esteja na posição correta quer invertida, os olhos claros da Justiça enviam-nos uma mensagem avassaladora. Nas palavras de Emerson: "Nada o pode salvar a não ser você próprio".

Figura 13:

O ENFORCADO

Após a crise de ver o que fez da sua vida, vem a paz da aceitação; após a Justiça, o Enforcado. Artistas, escritores e psicólogos sentiram-se todos atraídos por esta carta, com os seus indícios de grandes verdades num desenho simples. Já nos referimos à tradição oculta por trás da postura de cabeça para baixo e das pernas cruzadas. Ao discutir a Força, dissemos que os ocultistas procuram libertar a energia dos desejos e transformá-la em energia espiritual. Muitos ocultistas, seguindo as ideias do yoga tradicional, acreditaram que uma forma muito direta de o fazer é, literalmente, fazer o pino sobre a cabeça, de modo que a gravidade puxe a energia dos órgãos genitais para o cérebro.

Como é evidente, apenas o ocultista mais ingénuo e otimista esperaria que tal coisa acontecesse literalmente. Podiam acreditar que elementos vestigiais encontrados no fluido genital se infiltrariam e afetariam o cérebro; mais concretamente, a inversão da postura física serve como um símbolo muito direto da inversão de atitude e de experiência que surge através do despertar espiritual. Onde todos os outros estão em frenesi, você conhecerá a paz. Onde as outras pessoas acreditam ser livres, mas são na realidade empurradas de uma coisa para outra por forças que não compreendem, você alcançará a verdadeira liberdade ao compreender e acolher essas forças.

O Enforcado está pendurado numa árvore com a forma da letra T. Ora, esta é a metade inferior de um *ankh*, o símbolo egípcio da vida, e é por vezes chamada uma cruz em Tau. Segundo Case, o *ankh* no Egito representava a letra hebraica *Tau*, que é a letra pertencente ao Mundo. Assim, o Enforcado encontra-se a meio caminho do Mundo. Vemos isto também no facto de 12 ser 21 ao contrário e, se virar o Enforcado de

cabeça para baixo (ficando o próprio homem na posição correta), terá quase a mesma figura que a Dançarina do Mundo.

Quando perguntamos, portanto, que carta serve de ponto médio para os Arcanos Maiores, a resposta não é uma, mas três – a Roda, a Justiça e o Enforcado, simbolizando um processo e não um momento. Note que, enquanto a Dançarina estende os braços com as suas varinhas mágicas, o Enforcado mantém os braços cruzados atrás das costas. Lembre-se também de que ele está de cabeça para baixo. Nesta fase, uma perceção espiritual profunda só pode ser mantida afastando-se da sociedade. No Mundo, vemos essa mesma perceção mantida no meio de todas as atividades exteriores da vida.

Ele está pendurado num *ankh*, o que faz da sua árvore a Árvore da Vida. Lembrando Odin a sacrificar-se em Yggdrasil, podemos também chamar à forca a Árvore do Mundo. Esta árvore começa no submundo (o inconsciente) e eleva-se através do mundo físico (o consciente) até ao céu (o superconsciente). As ideias primeiro representadas pelo diagrama dos Enamorados começaram a acontecer realmente. O que antes víamos como conceitos torna-se agora, após a Justiça, uma experiência genuína. O número do Enforcado, 12, é 2 vezes 6, ou seja, a Alta Sacerdotisa a elevar os Enamorados a um nível superior.

Para lá de todo o seu simbolismo, o Enforcado afeta-nos porque mostra uma imagem direta de paz e compreensão. A calma transparece com tanta força na carta porque o Enforcado se entregou aos ritmos da vida. Nas antigas iniciações, a entrega envolvia juntar-se aos rituais em vez de se limitar a observá-los. Para muitas pessoas modernas, envolve libertar as emoções que mantiveram trancadas durante anos. Note que ambas as coisas são atos; a entrega à Árvore do Mundo é um passo real que damos, não uma espera passiva.

O poema de T. S. Eliot, *The Wasteland* (A Terra Devastada), liga a ideia de uma entrega individual às emoções tanto à esterilidade da vida europeia após a Primeira Guerra Mundial como aos antigos mistérios do Graal. O Rei Pescador ferido pode ser curado por um "momento de entrega que uma era de prudência nunca poderá retratar". Mais atrás no poema, é dito ao herói: "Teme a morte por afogamento". O ego vê a entrega como a morte – a dissolução no mar da vida. A pessoa que faz este aviso é uma leitora de Tarot. O poema de Eliot ajudou a popularizar as cartas de Tarot na década de 1920. Especificamente, tornou famoso o Enforcado. Na verdade, o Enforcado não aparece no poema, mas é importante devido à sua ausência.

Eliot afirmava não saber nada de Tarot, mas apenas usar algumas imagens dele. Se assim foi, compreendeu intuitivamente que o Enforcado possui uma ligação com a água. A maioria dos cabalistas de Tarot atribui a letra *Mem* ao trunfo 12. *Mem* representava os "mares" e, portanto, o elemento Água. Madame Sosostris avisa o seu cliente cego pelo ego: "Teme a morte por afogamento". Diz-lhe: "Não encontro o Enforcado", mas depois aponta para outra carta (não um título padrão), "O Marinheiro Fenício Afogado", e diz: "Esta é a sua carta".

As pernas cruzadas representam o número 4 de cabeça para baixo. O 4 simboliza a terra com as suas quatro direções. Ao inverter o seu próprio sentido de valores, o Enforcado virou o mundo de pernas para o ar. Os braços e a cabeça juntos formam um triângulo da água apontado para baixo. O caminho para o superconsciente faz-se através do inconsciente. A carta da *Golden Dawn*, à direita da versão Rider, mostra o Enforcado suspenso sobre a água.

Vemos, portanto, o 4, o mundo, a consciência, e o 3, aqui representando a água, ou o inconsciente, no corpo do Enforcado. Estes números multiplicados formam o 12. Na multiplicação, os números originais dissolvem-se e formam algo maior do que a sua soma. O número 12, tal como o 21, sugere tanto o 1 como o 2. A carta reflete o Mago no sentido de que o poder atraído pela varinha entrou agora no Enforcado; vemo-lo como o círculo de luz em redor da sua cabeça. A experiência de sentir realmente a força do espírito dentro da vida é de grande poder e entusiasmo no meio de uma calma completa.

O número 2 sugere a Alta Sacerdotisa; o mesmo acontece com a imagem da água. Ambas as cartas indicam um afastamento, mas onde o trunfo 2 indicava o arquétipo da recetividade, o trunfo 12 mostra uma experiência da mesma. 1 mais 2 é igual a 3. A Imperatriz sentia a vida diretamente através do envolvimento emocional, o Enforcado sente-a através da perceção interior.

Nas leituras, o Enforcado traz a mensagem de independência. Tal como o Louco, que significava fazer o que se sentia ser melhor, mesmo que os outros pensassem ser tolice, o Enforcado indica ser quem se é, mesmo que os outros pensem que se tem tudo ao contrário. Simboliza o sentimento de estar profundamente ligado à vida e pode significar uma paz que surge após alguma provação difícil.

O trunfo invertido indica uma incapacidade de se libertar da pressão social. Em vez de ouvirmos o nosso eu interior, fazemos o que os outros esperam ou exigem de nós. A nossa perceção da vida continua a ser sempre

de segunda mão, nunca uma experiência direta, mas apenas uma série de estereótipos, como a pessoa que molda o seu comportamento pelas ordens dos pais e pelas ações das estrelas de cinema. A carta invertida também significa combater o seu eu interior de alguma forma.

Pode significar a pessoa que tenta negar alguma parte básica de si mesma ou simplesmente a pessoa que não consegue aceitar a realidade e que, de uma forma ou de outra, está constantemente a batalhar com a vida. Ao colocar o seu ego contra o mundo, esta pessoa também nunca experiencia a vida plenamente. Nenhum de nós consegue conhecer o significado total de estar vivo até que, tal como Odin, nos enforquemos na Árvore do Mundo, com as suas raízes profundas para lá do conhecimento no mar da experiência, com os seus ramos perdidos por entre as estrelas infinitas.

** Nota: As referências posicionais dizem respeito à disposição gráfica das ilustrações na obra original.*

Com todo o rigor e respeito pelas *Figures* e demais regras estabelecidas, eis a continuação da tradução da obra para português de Portugal:

Figura 14:

A MORTE

Tanto quanto a carta dos Enamorados (diretamente acima da Morte), o desenho de Arthur Waite para o trunfo 13 afasta-se da imagética padrão do Tarot. A imagem à direita, oposta*, provém do esotérico Tarot da *Golden Dawn*, mas, mesmo assim, ilustra a mensagem mais antiga e essencialmente social da Morte. A Morte atinge todos, reis e plebeus de igual forma. Esta democracia básica da morte era um tema favorito dos sermões medievais. Como ideia, recua pelo menos até à prática judaica de enterrar toda a gente com o mesmo estilo, uma mortalha branca e uma caixa de pinho simples, para que na morte os ricos fiquem ao mesmo nível dos pobres.

Como podemos adivinhar, o grande poder da morte leva-nos para lá da democracia, alcançando significados tanto filosóficos como psicológicos. A morte, tal como a vida, é eterna e está sempre presente. As formas individuais estão sempre a morrer enquanto outras passam a existir. Sem a morte para limpar o antigo, nada de novo conseguiria encontrar um lugar no mundo. Muitos romances de ficção científica mostraram a sociedade tirânica que resultaria se os líderes do mundo não morressem. A libertação de Espanha após a morte de Franco demonstrou cabalmente a importância da morte.

Quando morremos, a nossa carne decompõe-se, deixando apenas o esqueleto. Esse também acabará por passar, mas dura o tempo suficiente para, pelo menos, aludir à eternidade. Portanto, o esqueleto na carta da *Golden Dawn* implica que a eternidade triunfa sobre o transitório. Ora, o esqueleto também tem um significado oculto. Por todo o mundo, o treino para os xamãs inclui métodos de ver o próprio esqueleto, utilizando substâncias, meditação e até raspando a pele do rosto. Ao libertarem o osso da carne, os xamãs ligam-se à eternidade.

Como as pessoas temem a morte, procuram uma razão e um valor nela. A religião cristã ensina-nos que a morte liberta as nossas almas da carne pecaminosa para que nos possamos juntar a Deus numa vida maior que há de vir. Carl Jung escreveu sobre o valor de acreditar numa vida após a morte. Sem isso, a morte pode parecer demasiado monstruosa para aceitar. Outras pessoas salientaram que a morte nos une à natureza. A consciência que nos isola do mundo será obliterada; embora o corpo vá decompor-se, isso significa apenas que está a alimentar outras criaturas. Cada morte traz nova vida. Muitas pessoas acham a ideia de serem comidas horrível de contemplar. A prática moderna de embalsamar e maquilhar cadáveres para que pareçam vivos, e depois enterrá-los em caixões de metal selados, deriva do desejo de manter a separação do corpo em relação à natureza, mesmo na morte.

O facto é que, uma vez que não saberemos o que acontece aos nossos corpos depois de o espírito os ter deixado, o que realmente tememos é a destruição da personalidade. É o ego que se vê a si próprio como separado da vida; porque é apenas uma máscara, o ego não deseja morrer. Deseja tornar-se superior ao universo.

Se conseguirmos aceitar a morte, seremos capazes de viver mais plenamente. O ego nunca quer libertar energia; tenta acumulá-la contra o medo da morte. Como resultado, a nova energia não consegue entrar. Vemos isto de forma muito gráfica na respiração das pessoas quando entram em pânico. Tentam engolir o ar sem deixar sair nenhum e, como resultado, ficam com falta de ar. No sexo também o ego acumula energia. Combate o clímax e a entrega porque, nesse momento, o ego dissolve-se parcialmente. Na Inglaterra elisabetana, o coito sexual era frequentemente chamado "morrer". E a Morte no Tarot vem abaixo dos Enamorados.

Porque o ego resiste à própria ideia da morte e, portanto, nos impede de desfrutar da vida, temos por vezes de dar passos extremos para ir além dele. Os ritos de iniciação conduziam sempre a uma morte e a um renascimento simulados. O iniciado é levado a acreditar que está realmente prestes a morrer. Tudo é feito para tornar esta morte o mais real possível, de modo que o ego seja enganado e, de facto, experiencie essa temida dissolução. Depois, quando o iniciado é "renascido", experiencia uma nova maturidade e uma nova liberdade de energia. Em anos recentes, muitas pessoas experienciaram algo muito parecido com estes ritos através da utilização de substâncias psicadélicas. Acreditam que estão a morrer e sentem-se renascer. No entanto, sem a preparação simbolizada no Enforcado, a experiência pode muitas vezes ser profundamente perturbadora.

Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, a carta da Morte não se refere propriamente à transformação. Em vez disso, mostra-nos o momento preciso no qual abdicamos das velhas máscaras e permitimos que a transformação ocorra. Talvez consigamos compreender isto melhor se considerarmos o paralelo do Tarot na psicoterapia. Pela força da vontade (a Força), a pessoa, com a ajuda do terapeuta-guia (o Eremita), permite que emerja o conhecimento de quem realmente é e de quais os hábitos ou medos que deseja libertar (a Roda e a Justiça). Este conhecimento traz a calma e um desejo de mudar (o Enforcado).

Mas depois instala-se um medo. "Se eu abdicar do meu comportamento", pensa a pessoa, "talvez não reste nada. Vou morrer." Vivemos sob o controlo do ego durante tantos anos que passamos a acreditar que nada mais existe. A máscara é tudo o que conhecemos.

Muitas vezes as pessoas ficam presas na terapia durante anos porque temem a libertação. O nada do Louco aterroriza-as. O facto é que elas têm razão. O "eu" criado a partir destes comportamentos de uma vida inteira irá de facto morrer. Essa pessoa deixará de existir. Mas algo mais emergirá.

A imagem de Waite para o trunfo 13 aumenta o significado psicológico da carta. As quatro pessoas demonstram abordagens diferentes à mudança. O rei, derrubado, mostra o ego rígido. Se a vida vier contra nós com poder suficiente, o ego pode colapsar; a loucura pode resultar de uma incapacidade de adaptação a uma mudança extrema. O sacerdote permanece de pé e encara a Morte diretamente; consegue fazê-lo porque as suas vestes e chapéu rígidos o protegem e apoiam. Vemos aqui o valor de um código de crenças para nos ajudar a superar os nossos medos da morte. A Donzela simboliza a inocência parcial. O ego não é rígido, mas continua consciente de si próprio, relutante em entregar-se. Portanto, ajoelha-se, mas desvia o olhar. Apenas a criança, que representa a inocência completa, encara a Morte com uma oferta simples de flores.

A Morte usa uma armadura preta. Já vimos como a negrura e as trevas simbolizam tanto a fonte da vida como o seu fim. O preto absorve todas as cores; a morte absorve todas as vidas individuais. O esqueleto monta um cavalo branco. O branco repele todas as cores e, portanto, simboliza a pureza, mas também o nada. A rosa branca representa os desejos purificados, pois quando o ego morre, as necessidades egoístas e repressivas morrem com ele.

Na parte de trás da carta, vemos um sol a erguer-se entre dois pilares. O ego pertence ao mundo exterior da dualidade, separando e categorizando a experiência. Através da Morte, sentimos o poder radiante da Vida, que apenas se conhece a si própria. A paisagem diante dos pilares recorda-nos a "terra dos mortos" descrita em todas as mitologias. Tememos a morte dos nossos velhos eus porque não sabemos o que esperar depois. Uma das principais funções daqueles xamãs que veem os seus esqueletos é avançar através da Terra dos Mortos e ser assim capazes de guiar as almas dos outros.

Um rio corre pelo meio da carta. Os rios, como vimos com a Imperatriz, indicam a unidade entre a mudança e a eternidade. O facto de conduzirem ao mar lembra-nos a ausência de forma e a unicidade do universo. O barco, que recorda os barcos funerários dos faraós, simboliza o eu verdadeiro transportado através da Morte para uma nova vida.

Independentemente da imagem, todas as cartas de Tarot ostentam o número 13. Embora a maioria das pessoas considere o 13 azarado, não

sabem porquê. Na nossa cultura, o 13 refere-se a Judas, uma vez que ele era o décimo terceiro homem na Última Ceia e, portanto, o número indica a morte de Cristo (e de todas as pessoas). A sexta-feira 13 é especialmente azarada porque Cristo morreu a uma sexta-feira. Mas também podemos descrever Cristo como o décimo terceiro homem. A morte conduz à ressurreição.

Num sentido mais simbólico, o 13 é azarado porque nos leva para lá do 12. O 12 é uma espécie de número "perfeito". Combina os arquétipos do 1 e do 2, simboliza o zodíaco e, portanto, o universo, e pode ser dividido por 1, 2, 3, 4 e 6, mais dígitos do que qualquer outro número. O 13 destrói esta elegância. Não pode ser dividido por nada exceto pelo 1 e por si próprio. Novamente, podemos ir além dos aspetos negativos do simbolismo. Precisamente porque arruína a perfeição do 12, o 13 significa uma nova criação; a morte quebra as velhas formas e abre caminho para as novas.

O 13 também é considerado azarado porque sugere a penumbra assustadora da Lua. Um ano contém aproximadamente 13 lunações (a Lua dá a volta à Terra em 29,5 dias). Além de estar associada às trevas e ao mistério, a Lua passa pela sua própria morte e renascimento todos os meses. Os três dias de morte de Cristo debaixo da terra sugerem um empréstimo de figuras lunares anteriores, pois a Lua desaparece por três dias entre o último vislumbre minguante e o primeiro retorno no crescente.

Devido à ligação entre o ciclo menstrual e a Lua, o culto da Lua no mundo antigo pertencia principalmente às mulheres. Muitas pessoas acreditam que as bruxas medievais eram na realidade uma sobrevivência clandestina do culto pagão da Lua. Esta é outra razão pela qual as nossas culturas cristãs (e patriarcais) consideram o 13 azarado. Significa a bruxaria e as mulheres subversivas que seguiam a Lua em rituais secretos.

O número 13 soma 4, o Imperador. Através da Morte, superamos os nossos eus "sociais" exteriores. Sendo o 13 uma forma superior de 3, a carta também recorda a Imperatriz, e lembra-nos novamente que na natureza a vida e a morte são inseparáveis.

Nas leituras divinatórias, a Morte significa um tempo de mudança. Muitas vezes, indica um medo da mudança. No seu aspeto mais positivo, mostra uma limpeza de velhos hábitos e da rigidez para permitir que uma nova vida emerja. No seu aspeto mais negativo, indica um medo incapacitante da morte física. Este medo vai mais fundo do que muitas pessoas imaginam, e muitas vezes uma leitura com muitas indicações positivas terminará mal devido à Morte na posição dos medos.

O trunfo invertido indica estar preso a velhos hábitos. Waite fala de "inércia, sono, letargia" na vida. Este sentido de uma vida lenta e monótona mascara a batalha, por vezes desesperada, do ego para evitar a mudança. A carta indica sempre que a Morte, com o subsequente renascimento, é não só uma possibilidade, mas também, num certo sentido, uma necessidade. Chegou o momento de morrer. Ao afogar-nos na letargia, o ego impede que a perceção deste facto chegue à consciência. A inércia, o tédio e a depressão ocultam frequentemente terrores interiores.

TEMPERANÇA

O Carro simbolizava a construção bem-sucedida de um ego capaz de lidar vitoriosamente com a vida. Com o passar do tempo, este ego torna-se rígido; lentamente, o comportamento torna-se menos uma resposta à realidade e mais e mais uma teia de hábitos. O propósito da segunda linha dos Arcanos Maiores é libertar-nos desta personalidade artificial e, ao mesmo tempo, dar-nos um vislumbre das verdades maiores dentro do universo.

A Temperança, que aparece abaixo do Carro, mostra uma pessoa cujo comportamento está mais uma vez ligado ao mundo real, mas de uma forma mais significativa do que nunca. Pois, se a criança se relaciona diretamente com a vida, fá-lo sem consciência e, à medida que a consciência cresce, o ego também cresce. A Temperança indica a capacidade de combinar a espontaneidade com o conhecimento.

O termo "temperança" significa moderação. Para a maioria das pessoas, isto significa autocontrolo. A Temperança do Tarot, contudo, não vai a extremos simplesmente porque os extremos não são necessários. Não se trata de uma inibição artificial de acordo com um código moral, mas exatamente o oposto: uma resposta verdadeira e adequada a todas as situações à medida que surgem.

A palavra "temperança" deriva do latim *temperare*, que significa "misturar" ou "combinar adequadamente". A pessoa que libertou o seu eu interior carateriza-se não apenas pela moderação, mas pela capacidade de combinar os diferentes lados da vida. Muitas pessoas só conseguem lidar com a vida dividindo-a em secções. Criam uma personalidade para os negócios e outra para a sua vida privada; ambas são falsas. Consideram certos momentos e situações como "sérios" e outros como "divertidos" e são cuidadosas em nunca sorrir perante um assunto sério. As pessoas que amam não são frequentemente as pessoas por quem se sentem atraídas sexualmente. Todas estas separações derivam da incapacidade de acolher a vida como ela vem, momento a momento. A Temperança combina os

elementos da vida. Na realidade, combina os elementos da personalidade, de modo que a pessoa e o mundo exterior fluam juntos naturalmente.

Figura 15:

A TEMPERANÇA

O trunfo exibe os sinais de combinação ao longo de toda a imagem. Quando olhamos para a imagem de Waite-Smith à esquerda*, vemos antes de mais a água a ser vertida de uma taça para outra; os elementos da vida a fluírem juntos. Note que a taça inferior não está diretamente abaixo da superior, de modo que a imagem mostra uma impossibilidade física. Para as outras pessoas, a capacidade da pessoa Temperada para lidar com todos os problemas da vida com alegria parece mágica.

A Temperança do baralho Rider apresenta ambas as copas como mágicas. Na imagem de Wirth à direita*, a superior é de prata, indicando um fluxo da Lua, isto é, do inconsciente, para o Sol, a consciência. A segunda linha começou com um afastamento do mundo para encontrar o eu interior; chegou agora a altura de regressar às atividades normais da vida. A estrada significa especialmente o retorno. Descemos ao interior do eu e agora estamos a fazer o nosso caminho de volta ao envolvimento com o mundo exterior, enriquecidos. Note que os dois pilares das cartas anteriores se tornaram duas montanhas. As ideias abstratas estão a tornar-se realidade; a Temperança é uma carta de comportamento, não de conceitos.

O anjo ergue-se com um pé na terra e um pé na água. Assim como a água representa o inconsciente, a terra simboliza o "mundo real" dos acontecimentos e das outras pessoas. A personalidade Temperada, agindo a

partir de um sentido interior de vida, liga os dois reinos. A água também indica a potencialidade, isto é, as possibilidades da vida, enquanto a terra simboliza a manifestação ou a realidade. A pessoa Temperada, através das suas ações, traz para a realidade as maravilhas intuidas pelo Enforcado.

A Temperança da BOTA (ver a Figura 15b)* mostra a água a ser vertida sobre um leão, e uma tocha a pingar chamas sobre uma águia. Leão simboliza o fogo (o Mago), enquanto a águia, a forma "superior" de Escorpião, representa a água (a Alta Sacerdotisa). O anjo está a misturar a dualidade básica, combinando indissociávelmente os diferentes lados da vida que antes pareciam desesperadamente alheios uns aos outros. Ora, a águia representa o Escorpião superior porque Escorpião representa a energia do inconsciente.

Como forma inferior, o escorpião, esta energia mostra-se principalmente como sexualidade, os "desejos animais" da personalidade não desenvolvida. Quando a energia foi transformada através da sua canalização pela perceção, torna-se a águia da espiritualidade. A Força mostrava esta energia trazida para fora sob a forma do leão; na Temperança da BOTA vemos o processo concluído, a águia e o leão combinados.

O anjo assemelha-se à deusa grega Íris, cujo sinal era o arco-íris; um arco-íris aparece na carta da BOTA e flores de íris na versão do baralho Rider. Os arco-íris aparecem como um sinal de paz após uma tempestade, o que nos lembra que a Temperança mostra a personalidade libertada pela experiência temível da Morte. O arco-íris vem da água, mas brilha como luz no céu, um emblema do eu interior que outrora parecia escuro, caótico, temível, trazido para fora e alegremente transformado na promessa de uma nova vida.

Na tradição judaica e cristã, o arco-íris é um sinal de renovação após o Dilúvio. O Dilúvio, tal como a destruição do universo por Shiva, representa psicologicamente a morte de velhos padrões que não refletem a verdade e a alegria da vida e que levam as pessoas ao "mal" – um comportamento destrutivo para si próprias e para os outros. Como mensageira de Zeus, Íris viajava ao submundo para encher a sua taça de ouro com água do rio Estige. Os gregos acreditavam que as almas mortas viajavam através do Estige para a terra dos mortos. Apenas uma descida ao submundo do eu pode renovar a vida.

Religiosamente, o anjo simboliza a alma imortal libertada pela morte. Se olhar de perto abaixo do colarinho, verá o nome de Deus trabalhado no tecido da túnica. Na tradição cristã, a alma unir-se-á a Deus após a ressurreição. O triângulo dentro do quadrado indica que o Espírito se eleva

de dentro do corpo material. Psicologicamente, o anjo indica a energia da vida que emerge após a Morte do ego.

O triângulo mostra agora que esta energia trabalha dentro do quadrado das atividades comuns. Não precisamos de realizar milagres para sentir a nossa ligação com o universo imortal. Precisamos apenas de ser nós próprios.

Lembre-se de que o *Tetragrammaton* aparecia na Roda como um mistério do fado. Aqui, o nome tornou-se parte de nós. Tornamo-nos "senhores" do nosso destino quando aprendemos a lidar com a vida à medida que ela vem e não de acordo com rotinas de hábitos e defesas.

Os significados divinatórios, tal como as ideias da carta, começam com a moderação, o equilíbrio em todas as coisas e o seguimento do caminho do meio. A carta significa a ação correta, fazer a coisa certa em qualquer situação que surja. Muito frequentemente, isto significa não fazer nada. A pessoa intemperante precisa sempre de estar a fazer algo, mas muito frequentemente uma situação exige que a pessoa simplesmente espere. A carta aparecerá por vezes como um antídoto para cartas de imprudência e histeria.

A Temperança significa misturar elementos díspares, fundindo atividades e sentimentos para produzir um sentido de harmonia e paz. Porque significa equilibrar e combinar os diferentes lados da vida, a Temperança carrega um significado especial para os Arcanos Menores. Se uma leitura mostrar uma pessoa dividida entre, digamos, Paus e Copas, a atividade e a passividade, ou Copas e Ouros, a fantasia e a realidade, então a Temperança, a moderação e o agir a partir de um sentido interior de vida, podem dar uma pista para unir estas coisas.

À semelhança do Louco invertido, a Temperança de cabeça para baixo indica uma desmedida, o ir para os extremos. Na Temperança isto acontece porque a pessoa carece da perceção interior para saber o que é adequado a uma situação. O trunfo invertido pode funcionar como um aviso de que permitiu que a sua vida ficasse fragmentada e que está a deslizar de um extremo para o outro. Pode, de facto, indicar o fracasso na grande tarefa de deixar que os velhos hábitos e medos morram no passado. Num nível simples, a Temperança invertida diz-nos para termos calma e evitarmos extremos; no seu sentido mais profundo, envia-nos de volta à Força para iniciarmos esse longo, por vezes doloroso, por vezes assustador, mas sempre essencialmente alegre processo de morte e renascimento.

** As mulheres tornavam-se frequentemente eremitas e o ódio medieval pelas mulheres transformava-se por vezes numa veneração por uma mulher em particular que supostamente tinha conquistado o mal do seu sexo.*

CAPÍTULO SEIS

A GRANDE JORNADA

O OBJETIVO DA ILUMINAÇÃO

A maioria das pessoas encontra a realização quando destrói a máscara da persona e é capaz de regressar ao mundo comum, renovada. No entanto, sempre existiram pessoas que procuraram algo maior – uma união completa com os fundamentos espirituais da realidade. Para elas, não basta simplesmente sentir este espírito a correr através das suas vidas. Desejam conhecer esta força em plena consciência e a sua iluminação, ensinamentos e exemplo enriquecem os restantes de nós. Para estas pessoas, a realização da segunda linha é uma preparação e uma limpeza de obstáculos.

Na sua forma mais verdadeira, a vida é simplesmente energia pura e indiferenciada na qual tudo o que vive existe ao mesmo tempo. Não existem formas, nem partes e pedaços de eternidade. A consciência protege-nos de uma experiência tão avassaladora. Divide a totalidade da vida em opostos e categorias. No Enforcado e na Temperança, vamos parcialmente além destas ilusões limitadoras em direção a um sentido do grande poder da vida, e a um sentido de nós próprios como parte desse poder. Mas mesmo na Temperança, a ilusão da separação regressa. A carta abaixo da Temperança chama-se o Mundo porque é através da sua experiência que nós e o universo nos tornamos um só.

A linha começa com um paradoxo, uma aparente queda nas ilusões do Diabo. Ao perseguirmos o significado da carta neste lugar particular, chegamos a uma nova compreensão do que está envolvido na libertação.

No início dos Arcanos Maiores, dissemos que as trevas e a luz estavam unidas. O lado escuro e inconsciente, contudo, permanecia oculto no templo da Alta Sacerdotisa, para ser experienciado apenas através da intuição. Para irmos além do véu, devemos primeiro ir para a escuridão do ser. Muitas religiões celebravam a passagem através das trevas para a terra da vida eterna. Quando a Igreja Cristã estabeleceu a sua religião da luz, baniu todas as evocações das trevas como sendo o mal. A imagem comum do Diabo é simplesmente uma mistura do deus grego Pan e de vários outros concorrentes de Cristo.

O significado da Torre depende de como vemos o Diabo. Se vemos o Diabo como simplesmente ilusões, então a Torre mostra-as despedaçadas por uma reviravolta violenta. No entanto, se o Diabo significa a libertação da energia reprimida, então a ilusão despedaçada pelo relâmpago é nada menos do que o próprio véu da consciência.

Em cada linha, as três cartas do meio formam um grupo especial. Para a primeira, tratava-se da tríade da natureza, da sociedade e da educação; para a segunda, era a mudança, através da Justiça, da visão exterior da Roda para a experiência interior do Enforcado. Na última linha, as três cartas mostram a passagem da revelação interior da Estrela de volta para a consciência do Sol. Pelo meio, repleta de estranheza, encontra-se a lua.

O Sol não é o fim. Mais uma vez descemos às trevas para experienciar, no Julgamento e no Mundo, uma união total com o universo e com o espírito que o preenche. Somos agora capazes de agir no mundo exterior sem nunca perder esse sentido de vastidão e de maravilhamento interior. O Mago e a Sacerdotisa unidos numa dança alegre.

Figura 16

O DIABO

Porque é que esta figura sombria de opressão aparece tão tarde no Tarot? Depois de alcançar o equilíbrio da Temperança, porquê cair tão abruptamente? O Diabo carrega o número 15, que se reduz a 6, os Amantes, e, de facto, podemos dizer que Waite trabalhou em sentido inverso a partir do Diabo quando desenhou a sua versão radical dos Amantes. Assim, no baralho Rider, o Diabo, com os seus demónios capturados, aparece como uma perversão do trunfo 6. Mas porquê a carta «verdadeira» tão cedo e a perversão tão perto do fim?

O Diabo introduz a última linha. Isto sugere que ele fornece alguma energia vital para o trabalho dessa linha. Ora, a linha lida com forças arquetípicas que estão para lá do eu. Será que o caminho para a iluminação nos leva através do mundo sombrio do Diabo? Lembremo-nos de que Dante passa pelo Inferno antes de poder chegar ao Purgatório e ao Paraíso; e que William Blake, o ocultista e poeta, descreveu o Diabo como o verdadeiro herói do poema moralista de Milton, *O Paraíso Perdido*.

Para compreendermos o valor esotérico do Diabo, temos primeiro de considerar os seus significados mais habituais como uma força de ilusão e de opressão. A principal ilusão é o materialismo, um termo em que costumamos pensar como uma preocupação excessiva com o dinheiro, mas que significa, mais apropriadamente, a perspetiva de que nada existe para lá do mundo dos sentidos. O Diabo empoleira-se num bloco de pedra semelhante ao cubo do Imperador no baralho da BOTA (Ver Fig. 5). Mas onde esse cubo simbolizava o universo inteiro, o retângulo do Diabo, metade de um cubo, indica um conhecimento incompleto. Negando qualquer componente espiritual à vida, o materialista persegue apenas desejos pessoais — monetários, sexuais e políticos. Como essa estreiteza de vistas leva frequentemente à infelicidade, o Diabo passou a simbolizar a

miséria. Quando olhamos para as duas figuras, no entanto, não observamos qualquer desconforto nos seus rostos ou na sua postura. Repare-se também que as correntes não as prendem realmente; os laços largos podem soltar-se facilmente. O poder do Diabo reside na ilusão de que nada mais existe. Numa grande quantidade de situações, desde a opressão política à miséria pessoal de uma vida familiar má, as pessoas só se tornam conscientemente infelizes quando percebem que a vida encerra outras alternativas.

A postura do Diabo, com uma mão para cima e outra para baixo, recorda o Mago. Onde o trunfo 1 ergue uma varinha em direção ao céu, trazendo para baixo o poder espiritual, a tocha do Diabo aponta para a terra, significando a crença de que nada existe para lá do material.

A palma da mão do Diabo ostenta o glifo astrológico de Saturno, um planeta frequentemente visto como símbolo do mal ou do infortúnio, mas mais propriamente encarado como limitações, fraquezas ou restrições. Os dedos abertos, somados ao número 5 em 15, recordam os dois dedos para cima e dois para baixo do Hierofante. Onde este último gesto significava que havia mais no universo do que aquilo que se pode ver à nossa frente, a palma aberta do Diabo indica novamente que nada existe para lá do óbvio.

O Diabo usa na testa um pentáculo invertido, um símbolo de magia negra. Ora, o pentáculo carrega uma grande quantidade de significados. Se nos posicionarmos com os pés afastados e os braços abertos, veremos que o pentáculo simboliza o corpo humano. Na posição correta, a cabeça fica na parte mais alta, e quando invertemos o pentáculo, os órgãos genitais ficam acima da cabeça. No ensinamento cristão tradicional, o poder da razão, a capacidade de distinguir o bem do mal, governa os desejos. Portanto, o pentáculo invertido indica deixar que os desejos dominem o julgamento. A tocha do Diabo inflama a cauda do homem, e as pessoas que experienciam as suas necessidades sexuais como algo simultaneamente avassalador e destrutivo descreveram-no frequentemente como um fogo que arde no seu interior. O fundo da carta é preto, simbolizando a magia negra, a incapacidade de ver a verdade e a depressão.

Vemos assim os significados tradicionais do Diabo: ilusão, materialismo, miséria e obsessão sexual. E, no entanto, a carta carrega uma grande força. O Diabo fita-nos intensamente. Os praticantes de Tantra descrevem a *kundalini* como um fogo no corpo, que começa na base da espinha, no cóccix, e que é evocado por ritos sexuais.

Considere-se novamente o pentáculo. Os órgãos sexuais sobre a cabeça. A imagem recorda-nos os Amantes do baralho Rider, onde a mulher, símbolo do inconsciente e das paixões, olha para o anjo. Também

podemos recordar a Força, diretamente acima do Diabo, onde o leão simboliza a energia animal sublimada e domada. Já falámos da crença oculta de que a energia sexual e a espiritual são, na verdade, uma e a mesma coisa, simbolizada pela imagem dupla de Escorpião: o escorpião e a águia. Por mais estranho que pareça, esta ideia não é realmente assim tão misteriosa.

Não é preciso ser ocultista nem freudiano para reconhecer o grande poder do sexo nas nossas vidas. Quanto da cultura popular, com as suas canções de amor, filmes românticos, piadas e calão sexual, lhe é dedicado? Se, para a pessoa comum, o impulso sexual é tão dominante, então faz sentido que o ocultista procure canalizar esta energia e elevá-la a um nível tal que, eventualmente, ela se transforme por completo na experiência avassaladora da iluminação.

Um ponto mais subtil — o ato de sonhar é sempre acompanhado pelo despertar sexual do corpo, uma ereção do pénis ou do clítoris, além de outros indícios. Ora, um sonho é o inconsciente a manifestar-se sob a forma de imagens. O indício é que o inconsciente é de natureza sexual e que os sonhos são uma transformação parcial dessa energia numa forma mais ampla. Na verdade, o termo «inconsciente» não se refere propriamente aos sonhos e mitos que no-lo revelam, mas sim ao grande reservatório de energia que nos sustenta ao longo da vida.

A nossa cultura ocidental ensinou-nos que o corpo e o espírito estão fundamentalmente opostos. Assumimos que o monge e a freira se abstêm de sexo para não se contaminarem. Mas podemos olhar para o celibato de outra forma. Ao refrear-se do sexo, o celibatário pode direcionar essa energia noutra direção. Na Índia, a ligação entre a energia sexual e a espiritual sempre foi reconhecida. O símbolo de Shiva é um falo, enquanto os ritos do Tantra exigem a cópula como uma forma de carregar o corpo com energia. Os Gnósticos, uma grande influência nas ideias ocultistas europeias, praticavam ritos muito semelhantes ao Tantra. E os Gnósticos, tal como Blake depois deles, consideravam Satanás o verdadeiro herói do Jardim do Éden, procurando dar a Adão e Eva o conhecimento dos seus verdadeiros eus.

Se o caminho para o espírito passa pelos desejos, então porque é que a sociedade os reprime? E se o caminho para a libertação é conhecido e está mapeado há séculos, porque haveria de ser mantido em segredo? A resposta a estas perguntas reside no terrível poder da energia sexual-espiritual. Se for elevada ao nível superior, liberta-nos das limitações da dualidade. No entanto, se o poder for libertado e não for transformado,

pode resultar em obsessões, crimes sexuais, violência e até na destruição da personalidade.

Não foi simplesmente a política sexual que levou os patriarcas gregos a atacar os mistérios de arrebatamento estático dominados pelas mulheres. Avassalados pelas forças libertadas dentro de si mesmos, os adoradores chicoteavam-se e mutilavam-se, e por vezes corriam furiosos pelo campo, despedaçando animais, homens e até crianças que não estivessem bem fechadas em casa. É apenas a pessoa que foi treinada, que alcançou um nível profundo de paz interior, que atingiu, de facto, a compreensão a que o Tarot chama Temperança, que consegue lidar em segurança com as forças implícitas no Diabo.

Na verdade, o Diabo implica muito mais do que ritos sexuais e energia violenta. Num sentido mais amplo, simboliza a energia vital bloqueada nas áreas escuras e escondidas do eu, onde não se pode entrar por meios comuns. É chamado Diabo porque, para aqueles que não estão preparados para receber esta energia, ela pode manifestar-se como monstros, uma sensação de que o universo está repleto de maldade, ou a tentação de ceder à violência. Dissemos na segunda linha que a criança desenvolve um ego forte para deixar de temer as trevas. A ação da segunda linha deu-nos um vislumbre das águas escuras sob a Roda da Vida. A terceira linha exige uma libertação completa da energia inconsciente. Tal inundação só pode vir através da entrada nessa área oculta, com todas as suas ilusões, horrores e desejos que podem tão facilmente desviar os imaturos do objetivo final.

Olhe-se novamente para os gestos do Hierofante (Ver Fig. 6) e do Diabo. Os dois dedos do sacerdote apontados para baixo significam que há mais na vida do que aquilo que vemos; ao mesmo tempo, os dedos sugerem que o caminho para esse conhecimento mais profundo está fechado. Os dedos abertos do Diabo podem simbolizar a ilusão estreita de pensar que aquilo que se vê é tudo o que existe; ou podem simbolizar ver tudo. Nada escondido. O gesto específico feito pelo Diabo, com um espaço entre os dois pares de dedos, é o gesto feito pelo Sumo Sacerdote em Jerusalém para fazer descer a força espiritual. Sobrevive hoje nas celebrações do Ano Novo Judaico como parte da «bênção sacerdotal».

Paul Douglas chamou ao trunfo 15 o «lado sombrio do inconsciente coletivo». Quando os chamados «magos negros» (outrora um título para o Diabo) conjuram um demónio, estão na verdade a trazer para fora uma força de dentro de si mesmos. Se a operação for bem-sucedida, o mago domina o demónio, tornando-o seu servo. Isto é, o mago utiliza la energia libertada em vez de cair presa dela. Para fazer isto, o mago deve estar purificado dos desejos do ego e do medo. Em suma, deve ter alcançado a

Temperança, caso contrário o demónio pode «ganhar» o confronto. O mago torna-se escravo das ilusões do Diabo.

Aprofundámos bastante uma interpretação radical do Diabo. Os significados divinatórios da carta tendem a seguir as interpretações mais habituais. Optamos pelos significados mais óbvios porque, numa leitura, a carta aparece fora de contexto. O Diabo pode indicar uma visão materialista e estreita da vida; pode significar qualquer forma de miséria ou depressão, especialmente o sentimento de estar acorrentado ou aprisionado, com a ilusão de que não são possíveis alternativas. Se aparecer em ligação com os Amantes, mostra que uma relação que começou com amor se transformou numa armadilha.

O Diabo significa ser escravo dos próprios desejos, em vez de agir da forma que se considera melhor. Pode significar uma obsessão controladora, particularmente uma obsessão sexual, onde a pessoa se sente impelida a cometer atos que considera moralmente repugnantes. O exemplo extremo é o criminoso sexual; num nível muito mais comum, muitos homens e mulheres sentem-se poderosamente atraídos por pessoas de quem ativamente não gostam. O sentimento de desamparo e vergonha que resulta de ceder a estes desejos pertence ao Diabo.

Antes, observámos a calma nos rostos dos homens e mulheres acorrentados. Isto indica a aceitação de uma situação má. Eventualmente, passamos a encarar as nossas condições infelizes como normais, e podemos até lutar contra a mudança. O Diabo invertido, por outro lado, indica uma tentativa de se libertar de alguma miséria ou escravidão, seja ela real ou psicológica. A pessoa já não aceita a sua situação e caminha em direção à libertação. Paradoxalmente, é precisamente nessa altura que sentimos a nossa infelicidade e as limitações das nossas vidas com mais força. Antes de podermos retirar as correntes, temos de nos tornar conscientes delas. Portanto, as pessoas que estão a passar por algum processo de libertação — por exemplo, sair de casa, psicoterapia ou um divórcio difícil — acham-se frequentemente muito mais infelizes do que quando aceitavam cegamente a sua condição oprimida. Um período assim pode ser crucial para o desenvolvimento de uma pessoa. Se conseguirmos sobreviver-lhe, emergiremos mais felizes e com uma personalidade mais desenvolvida. Por vezes, podemos achar o período de transição insuportavelmente doloroso e deslizar de volta para as nossas correntes.

O Diabo invertido na posição do passado significa muitas vezes que a mudança ocorreu, mas os sentimentos de tristeza, de raiva, de depressão permanecem, talvez ocultos da visão consciente, mas ainda assim influentes. Temos frequentemente de lidar com os diabos do passado,

mesmo com aqueles que já superámos há muito tempo em termos práticos. A psique nunca larga nada; nunca se esquece simplesmente de nada. O caminho para a libertação reside em utilizar e transformar o conhecimento e a energia contidos em cada experiência.

Figura 17

A TORRE

Tal como o Diabo, este trunfo carrega uma grande quantidade de significados, e as explicações dadas pela maioria dos livros de Tarot indicam as suas lições morais superficiais. Diz-se que a Torre é a conceção materialista do universo, e o relâmpago a destruição que se abate sobre uma vida baseada em princípios puramente materialistas. Mesmo aqui encontramos uma grande subtileza. Embora possa parecer que alguma força exterior abate a pessoa de mente estreita, a violência mostrada na carta deriva, na verdade, de princípios psicológicos.

A pessoa que vive apenas para satisfazer as exigências do ego de riqueza, fama e prazer físico, ignorando tanto a introspeção como a beleza espiritual do universo, ergue uma prisão em torno de si mesma. Vemos essa prisão como a Torre; cinzenta, cercada por rocha, com uma coroa de ouro. Ao mesmo tempo, uma pressão acumula-se dentro da mente à medida que o inconsciente força os seus laços. Os sonhos tornam-se perturbados, as

discussões e a depressão mais comuns, e se uma pessoa reprimir também estas manifestações, o inconsciente encontrará frequentemente uma forma de explodir.

A explosão pode surgir como um desastre externo; os amigos e a família viram-se contra nós, o trabalho desmorona-se e a violência de um tipo ou de outro rodopia ao nosso redor. E é verdade que um dos mistérios da vida é a forma como o azar vem em vagas. No entanto, quantos destes problemas resultam de situações há muito negligenciadas ou mal geridas, atingindo-nos no momento em que ficamos vulneráveis? E se alguns problemas, como a doença ou morte de pessoas próximas, problemas económicos na sociedade, ou mesmo desastres naturais, tais como tempestades — ou raios —, aparecem ao mesmo tempo que os problemas pessoais, essa coincidência mostra novamente que a vida contém, de facto, mais do que aquilo que conseguimos ver à nossa frente.

Não devemos pensar que a psique, ou a vida, traz o desastre simplesmente para nos punir. As gotas de fogo que caem de cada lado da Torre têm a forma da letra hebraica *yod*, a primeira letra do nome de Deus. Simbolizam não a raiva, mas a graça. O universo e a mente humana não nos permitirão permanecer para sempre aprisionados nas nossas torres de ilusão e repressão. Se não nos conseguirmos libertar pacificamente, as forças da vida providenciarão uma explosão.

Não pretendo sugerir que desfrutemos de alguma forma das experiências dolorosas que nos abalam, ou que consigamos ver os fins benéficos de tais meios, ou mesmo que o processo resulte sempre em liberdade. Muitas vezes, uma série de desastres ou um período de emoções violentas irá paralisar uma personalidade que outrora foi forte. O ponto é apenas que, não tendo outras saídas, o inconsciente entrará em erupção ao nosso redor, e que podemos usar essa experiência para encontrar um melhor equilíbrio. Alguns baralhos chamam a esta carta «A Casa do Diabo»; mas outros chamam-lhe «A Casa de Deus», recordando-nos de que é a força espiritual que destrói as nossas prisões psíquicas.

Existe um significado mais profundo na ligação entre as casas de Deus e do Diabo, um significado implícito de forma ainda mais direta no facto de a palavra hebraica para «serpente» carregar o mesmo valor numérico que (e ser, por isso, vista como equivalente a) a palavra para «messias». O Diabo é a sombra de Deus. No trunfo 15, vimos que a pessoa que procura a unidade com a vida deve trazer para fora a energia normalmente reprimida pela personalidade consciente. Ao abraçar o Diabo, no entanto, pomos em perigo essa calma e equilíbrio mostrados na Temperança. Colocamos a psique num rumo violento que conduz à explosão da Torre. Jung descreveu

a consciência como uma barragem que bloqueia o fluxo livre do rio do inconsciente. A Temperança age como uma espécie de comporta, deixando as águas passar a um ritmo controlado. A Torre explode completamente com a barragem, libertando a energia bloqueada como uma inundação.

Porquê seguir um caminho tão perigoso? A resposta é que não existe outra forma de ultrapassar finalmente a barreira da consciência, ou de quebrar aquilo que separa a vida em opostos e nos afasta da energia pura contada dentro de nós próprios. O véu do templo é a personalidade consciente, protegendo-nos da própria vida. Como os místicos, xamãs e extáticos testemunharam, a eternidade está à nossa volta, ofuscante e avassaladora. A mente despreparada não consegue abarcar tal poder, e por isso a consciência vem em nosso auxílio, fechando a maior parte da nossa energia espiritual, distribuindo a experiência no tempo e em categorias opostas.

Os místicos dizem-nos também que a revelação vem como um relâmpago que destrói as ilusões do mundo material num único lampejo ofuscante, como o que foi visto por Paulo a caminho de Damasco, ou o que atingiu Buda sob a árvore Bo. Não importa quão longa seja a meditação, os anos de oração ou o treino ocultista, a verdade vem toda de uma vez ou não vem de todo. O que não significa que a preparação tenha sido sem sentido.

O trabalho mostrado nas duas primeiras linhas dos Arcanos Maiores serve um duplo propósito. Não só nos torna suficientemente fortes para suportar o relâmpago quando ele vem, como também nos coloca numa posição que permite provocar o relâmpago. Todas as práticas ocultistas partem de um pressuposto: o de que é possível invocar o raio da revelação, o de que uma pessoa pode tomar medidas concretas para fazer com que isso aconteça.

Estas etapas incluem o ensinamento, as meditações, a morte do ego e, finalmente, o abraçar do Diabo. Ao libertarmos essa energia, ultrapassamos as barreiras da repressão e abrimo-nos ao relâmpago. Pois o espírito existe o tempo todo; somos nós que estamos cegos para ele. Ao entrarmos nas trevas do eu, abrimo-nos à luz.

Obviamente, este é um processo perigoso. A pessoa despreparada pode ficar encurralada nas ilusões do Diabo. Veremos também que a libertação de energia acarreta os seus próprios perigos à medida que a psique tenta integrá-la com a perceção consciente. O herói no caminho de volta do centro do labirinto pode perder-se se não se tiver preparado cuidadosamente.

A Torre fica abaixo da Sacerdotisa, pois mostra o véu a ser rasgado. Ao mesmo tempo, o relâmpago recorda o Mago. Essa energia e verdade que passa através do Mago atinge aqui com toda a força. Também vemos os trunfos 1 e 2 nas duas pessoas; uma em azul, a outra com uma capa vermelha. A polaridade simbolizada em tantas das cartas anteriores é aqui avassalada pela unidade da existência. Contem-se as gotas de fogo *yod* e verificar-se-á que perfazem vinte e duas, o número de triunos. Verificar-se-á também que estão separadas em dez e doze. Os Sumérios utilizavam um sistema numérico baseado em dez (para os dez dedos) para assuntos mundanos, mas um sistema separado baseado em doze, para o zodíaco, para a contagem espiritual. Esta dualidade também é uma ilusão. Ambos os mundos são manifestações do mesmo fogo espiritual.

A imagem de uma torre destruída traz à mente a torre de Babel. A um nível literal, essa história explica por que razão as pessoas falam tantas línguas, enquanto moralmente nos ensina a não depositar a nossa fé nas capacidades humanas (a Torre como materialismo). Mas podemos ver outro significado na destruição de Babel. O relâmpago que a atingiu foi Deus a falar diretamente à humanidade, em vez de o fazer indiretamente através dos fenómenos comuns do mundo físico. Num instante, a fala de Deus substitui a fala humana que construiu a torre; a revelação substitui o conhecimento passo a passo dos sentidos. Lembremo-nos de que a descida do espírito no Pentecostes baralha a linguagem humana; as pessoas «falam em línguas» ou emitem ruídos de animais. E os xamãs, nos seus transe, falam as línguas dos bichos e das aves. A linguagem humana é um aspeto da cultura e uma limitação da consciência. Muitos linguistas, nomeadamente Benjamin Whorf, demonstraram que as nossas línguas restringem a nossa capacidade de perceber a realidade, como um filtro sobre o universo. E a verdade, dizem-nos os místicos, não pode ser expressa em palavras.

O 16 da Torre reduz-se a 7, o Carro, associado por Case e outros à fala humana. A fala de Deus da Torre destrói num momento todas as construções cuidadosas da cultura, da linguagem e da consciência. Ao fazê-lo, devolve-nos ao caos do mar sob a Roda da Fortuna e ao poço de água atrás do véu da Sacerdotisa.

De certa forma, a Torre é o mais complexo de todos os trunfos; os seus significados mais subtis estão em desacordo com os seus significados óbvios. Tal como o Diabo, os seus significados divinatórios derivam geralmente do óbvio. Refere-se habitualmente a um período de agitação violenta (seja literal ou psicologicamente), à destruição de situações há muito estabelecidas, à rutura de relações com raiva ou mesmo violência.

Como a carta carrega um significado tão furioso, muitas pessoas recuam ao vê-la. A reação levanta a questão vital de como encarar as imagens mais temíveis do Tarot. Devemos aprender a usar toda a experiência, tanto a Torre como os Amantes. Quando a Torre aparece, é necessário lembrar que ela pode conduzir à liberdade; as explosões estão a limpar alguma situação que acumulou uma pressão intolerável. Podem levar a novos recomeços. Dizer que o aparecimento da Torre significa habitualmente uma experiência difícil não é insistir que os significados mais profundos nunca surgirão. A carta pode significar um lampejo de iluminação, particularmente se essa iluminação substituir uma visão limitada da vida. Apenas a intuição e a experiência do leitor, bem como as pistas das outras cartas, podem indicar o significado específico.

A Torre invertida indica uma versão modificada do significado da carta quando na posição correta. A violência e a tempestade continuam lá, mas de forma mais branda. Ao mesmo tempo, o trunfo invertido carrega o significado extra de «aprisionamento», para usar o termo de Waite. Este paradoxo resolve-se quando consideramos que, na posição correta, a Torre liberta. Quando invertida, então, a carta significa que não nos permitimos passar pela experiência completa. Ao mantermos um controlo apertado sobre as nossas reações, diminuímos a dor; mas também não libertamos todo o material reprimido. Dentro de nós, a experiência dolorosa continua, por nunca ter seguido o seu curso completo. Ao protegermos a Torre do relâmpago, tornamo-nos seus prisioneiros.

Figura 18

A ESTRELA

Depois da tempestade, a paz. A pessoa que passa por uma reviravolta emocional encontra, depois disso, uma sensação de calma e de vazio. Disponha as cartas para alguém que nunca as tenha visto e a Estrela dificilmente precisará de interpretação. Tudo nela fala de totalidade, abertura e cura.

Vale a pena comparar a Estrela com a Temperança, onde também vemos uma figura a verter água e a segurar duas copas, com um pé na terra e outro na água. Ambas as cartas surgem após uma crise, mas onde a Temperança é controlada, a Estrela é livre. Não está vestida, mas nua. Não está rigidamente de pé, mas flexível e relaxada. E, finalmente, onde a Temperança verte a água de um lado para o outro, misturando mas ao mesmo tempo conservando, a donzela da Estrela verte-a livremente, confiante de que a vida a abastecerá continuamente com nova energia. A imagem sugere todos aqueles cálices míticos que nunca se esvaziavam.

A libertação de energia da Torre rasgou o véu da consciência. Aqui, na Estrela, estamos atrás do véu. O poço de água, por mais pequeno que seja, representa o inconsciente; essa mesma água que vimos oculta atrás dos pilares da Sacerdotisa. Agora, esta energia vital universal foi agitada pelo ato de verter nela as águas da própria vida da pessoa.

A água a ser vertida sobre a terra indica que a energia libertada pela Torre é direcionada tanto para fora como para dentro; liga o inconsciente à realidade exterior do mundo físico. Uma forma de descrever as correntes de água é como os arquétipos do mito, as imagens através das quais o inconsciente se expressa. O inconsciente é um todo, sem forma ou divisão, mas emerge na consciência através das correntes separadas da mitologia. Com a Estrela, fomos para lá do mito até à sua fonte como energia sem

forma; como luz que sai das trevas. A transformação das trevas em luz é o inconsciente, a vastidão oculta dentro de nós, transformada na consciência estática da superconsciência.

Uma corrente de água flui de volta para o poço, significando que todos os arquétipos se misturam de volta na verdade sem forma. O valor do arquétipo reside apenas no seu poder de despertar o eu interior e de nos ligar à fonte. O pé da donzela não penetra na água. O inconsciente coletivo não foi adentrado, mas apenas agitado.

A ave à direita é um íbis, um símbolo do deus egípcio Thoth, que era considerado o inventor de todas as artes, da poesia à olaria. Literalmente, ele ensinou as suas técnicas aos primeiros artistas, mas, a um nível mais simbólico, podemos dizer que toda a ação criativa provém originalmente do poço de energia informe. É uma função do facto de sermos criaturas físicas pegarmos nesta energia e usá-la para fazer poemas, pinturas e tapeçarias. Todas estas criações humanas estão simbolizadas nessas várias correntes de água. Cada ato de criação objetiva a energia espiritual na coisa criada. Ao mesmo tempo, nenhuma obra esgota a inspiração do artista, desde que este permaneça ligado às fontes interiores. Portanto, a corrente única regressa ao poço, tal como cada obra dá ao seu criador uma nova inspiração.

A Estrela aparece abaixo da Imperatriz e da Roda. Na Imperatriz, vimos o mundo natural glorificado nas paixões. Mas a Imperatriz estava pesadamente vestida para indicar que expressa a sua emoção através de coisas exteriores a si mesma — a natureza, os amantes e os filhos. Na Estrela, vemos o eu interior a experienciar-se alegremente a si mesmo. A donzela da Estrela combina os dois arquétipos femininos: a sensibilidade interior da Sacerdotisa trazida para fora e expressa com a paixão da Imperatriz.

Na Roda da Fortuna, vimos uma visão do universo em símbolos misteriosos. Aqui, a Torre levou-nos para lá das visões. Na Estrela, experienciamos diretamente o inconsciente, em vez das suas imagens. Como trunfo 17, a Estrela vai para lá do 7, com a Estrela a libertar a força vital que o Carro controlava e direcionava. 1 mais 7 é igual a 8, e podemos ver que a Estrela é a Força elevada a um nível superior, com o leão do desejo já não simplesmente domado, mas transformado em luz e alegria.

As estrelas na carta têm todas oito pontas, o que é outra referência à Força. Uma vez que uma estrela de oito pontas pode ser formada colocando um quadrado sobre outro com as pontas alternadas, o octograma é por vezes pensado como estando a meio caminho entre o quadrado e o círculo. O quadrado representa a matéria e o círculo o espírito. Os seres humanos

são a ligação entre o espírito e o mundo físico; a nossa capacidade tanto de sentir a verdade como de agir torna-nos veículos através dos quais a verdade se pode manifestar.

A Igreja costumava descrever os seres humanos como estando a meio caminho entre os animais e os anjos. Habitualmente, era dada uma interpretação moral: as pessoas podiam seguir os seus desejos ou a sua razão. Mas podemos usar esta metáfora para dizer que a consciência e a ação humanas ligam o mundo físico aos «anjos».

Apesar de todas as sugestões de manifestações, a Estrela não é propriamente uma carta de ação, mas de calma interior. Em contraste com a Temperança e a Lua, a Estrela não mostra nenhuma estrada que conduza de volta do poço para as montanhas da realidade exterior. Embora as correntes e o íbis impliquem o uso da energia criativa, a experiência da Estrela é de paz. Por enquanto, a jornada pode esperar.

Nas leituras divinatórias, a carta expressa esperança, um sentido de cura e de totalidade, especialmente após tempestades emocionais. Muito frequentemente, a Estrela e a Torre sugerem-se mutuamente, mesmo quando apenas uma delas aparece de facto. O trunfo 17 indica o inconsciente ativado, mas de uma forma muito benigna.

Invertida, fechamo-nos à calma e à esperança da carta, experienciando fraqueza, impotência e medo. Esta profunda insegurança pode, por vezes, mascarar-se de arrogância. Se a Estrela indica o ser humano como uma ligação entre o espírito e o mundo exterior, então a carta invertida simboliza os canais fechados, e quando as águas da vida estão represadas no interior, o exterior só pode tornar-se cansado e deprimido.

Figura 19

A LUA

A verdadeira tarefa da terceira linha não é a revelação, mas sim trazer esse êxtase interior de volta à consciência. A Estrela não continha nenhuma estrada de regresso. Mostra-nos a habitar nas glórias das trevas transformadas em luz. Para usar essa luz, temos de passar pela distorção e pelo medo.

A experiência da Estrela situa-se para lá das palavras ou mesmo da forma, embora implique formas a emergir com as correntes de água. Na Lua, vemos este processo a acontecer, como visões, mitos e imagens. A Lua é a carta da imaginação à medida que molda a energia da Estrela em formas que a consciência consegue compreender.

Os mitos são sempre distorcidos. Nunca conseguem dizer realmente o que querem, apenas conseguem apelar a coisas profundas dentro do próprio eu. A Estrela agitou as águas; à medida que regressamos à perceção exterior, essas águas dão à luz as suas criaturas. Lembremo-nos de que a Estrela e o Sol emitem a sua própria luz, mas la Lua reflete a luz oculta do Sol. A imaginação distorce porque está a refletir a experiência interior para a mente exterior.

Como as mitologias do mundo demonstram, o Inconsciente coletivo contém monstros bem como heróis, medo bem como alegria. Esta é uma das razões pelas quais cobrimos a nossa sensibilidade à vida com a camada protetora da consciência do ego, para deixarmos de temer as trevas e as sombras distorcidas da Lua.

A misteriosa meia-luz da Lua sempre despertou sentimentos estranhos nas pessoas e nos animais. Uma palavra para a loucura, «lunatismo», deriva de *luna*, o latim para lua, e na Idade Média as pessoas acreditavam que as almas dos loucos tinham voado para a lua. Hoje em dia, também, muitos médicos e polícias observaram a prevalência de suicídios e outros sinais de emoções perturbadas durante a lua cheia. Algo na lua excita o medo e a estranheza, tal como o sol nos relaxa e consola. O Sol do Tarot vem depois da Lua; a simplicidade só pode ser apreciada após uma jornada através da estranheza lunar.

O cão e o lobo representam o «eu animal» despertado pela Lua, tal como uma lua cheia pode pôr ambas as criaturas a uivar a noite inteira. O Imperador, diretamente acima do trunfo 18, mostrou-nos a aprender as regras da sociedade tão bem que estas se tornam automáticas. Com a última linha, vamos para lá desta repressão do «superego»; no processo, a selvajaria do «id» vem à superfície. Um lobisomem a uivar sob uma lua cheia é uma metáfora vívida do poder do inconsciente para trazer à tona algo de primitivo e não humano nas pessoas mais respeitáveis.

Como 18, a Lua relaciona-se com o 8. A Força viu a natureza animal domada e canalizada através do Eremita. Aqui, nenhuma direção desse tipo é dada; à medida que regressamos da Estrela, a besta regressa em toda a sua selvajaria. Apenas quando a energia da Estrela estiver totalmente integrada no Mundo é que o eu animal será inteiramente transformado. Note-se que, na Força, a mulher, o lado humano, controla o leão. Mesmo no Diabo, os demónios aparecem claramente humanos. Mas não há pessoas no trunfo 18. Nessa meia-luz, o nosso sentido de nós próprios como humanos desmorona-se.

Sentimos algo da selvajaria da Lua no rescaldo de um pesadelo, quando nos sentimos estranhos dentro de nós próprios. As sensações selvagens não são o resultado do pesadelo; é mais o contrário. Dissemos anteriormente que os sonhos são transformações da energia inconsciente em imagens. Uma explosão de energia que seja demasiado grande para os mecanismos do sonho assimilarem pacificamente pode resultar tanto num pesadelo como na sensação, ao acordar, de o corpo estar carregado de energia selvagem.

A loucura é também acompanhada por sensações descontroladas no corpo. Muito frequentemente, o lunatismo assume a forma de transformação num animal. As pessoas rastejam de gatas, nuas, uivando à lua. Uma libertação súbita de energia inconsciente desintegrou a personalidade. No Tarot, este momento muito perigoso acontece apenas após uma longa preparação, com todos os problemas normais do ego deixados para trás. O Xamã também experiencia uma transformação numa besta.

Os xamãs saltam e falam como animais durante os seus transe. Mas o xamã, tal como o ocultista, preparou-se com anos de preparação. Está também armado com o conhecimento do que esperar, transmitido pelas gerações de xamãs que o antecederam. Lembremo-nos de que o número da Lua totaliza 9, o Eremita. O professor-guia dessa carta não está visível, pois temos de enfrentar a Lua sozinhos, mas a orientação dada previamente pode ajudar-nos a encontrar o nosso caminho.

Se os animais simbolizam o selvagem no homem, o lagostim é algo muito diferente. Numa das suas frases mais vívidas, Waite chama-lhe «aquilo que jaz mais fundo do que a besta selvagem». Simboliza os medos mais universais dentro do inconsciente coletivo, experienciados em visões como demónios sem nome. A emergência de tais terrores é uma ocorrência bem conhecida para as pessoas que expõem o seu lado lunar através de métodos como a meditação profunda ou drogas. São também vistos como monstros encontrados por xamãs nas suas viagens em transe. O despertar

destes medos, frequentemente experienciados como criaturas que emergem da água ou de poços de líquido oleoso, pode produzir um pânico irracional. No entanto, estas imagens pertencem ao nosso mundo interior; não podemos chegar ao Sol sem passar por elas.

O lagostim emerge a meio da água. Waite diz-nos que ele nunca chega completamente a terra, mas cai sempre de volta. Os terrores mais profundos são aqueles que nunca ganham forma completa. Sentimos algo no interior, mas nunca conseguimos ver exatamente o que é. Ao mesmo tempo, o lagostim semi-emergente sugere que, na jornada de regresso à consciência, as perceções profundas da Estrela se tornam distorcidas porque não conseguimos trazer tudo de volta. Por esta razão, também, a Lua é perturbadora, porque a paz e o maravilhamento da Estrela foram parcialmente destruídos e perdidos.

E, no entanto, apesar da selvajaria, da excitação temível, a luz fria também pode acalmar. Diz-se que a Lua cresce no «lado da misericórdia», uma referência ao pilar da misericórdia na Árvore da Vida cabalística. Ainda mais marcante, as gotas de luz que caem sobre as cabeças dos animais são, novamente, *yods*; a primeira letra do nome de Deus e símbolos de graça. Se, através da preparação e de uma coragem simples, aceitarmos as coisas selvagens trazidas pela imaginação mais profunda, então la Lua traz a paz, os terrores subsistem e a imaginação conduz-nos de volta, enriquecidos, com as suas maravilhas. Waite escreve: «Paz, aquieta-te; e haverá uma calmaria sobre as águas.» O lagostim afunda-se de volta, as águas sossegam. A estrada permanece.

A estrada conduz através de duas torres, sugerindo um portal para áreas desconhecidas. O portal é um símbolo muito comum entre místicos e xamãs, visto também em muitos mitos. Por vezes um padrão circular, como a mandala, ou alguma formação física, como uma caverna (muito frequentemente comparada à vagina), o portal permite-nos deixar o mundo comum para entrar na estranheza da mente.

As duas torres do Tarot carregam outro significado, como a última manifestação completa dessa dualidade que vimos pela primeira vez nos pilares do templo da Sacerdotisa. Se a revelação da Torre não for integrada com a vida comum, pode resultar numa nova e mais aguda dualidade. Ao mesmo tempo, o próprio facto de termos ouvido a fala de Deus muda totalmente a nossa relação com a questão dos opostos. Anteriormente, a dualidade era vista como fundamental para a vida, mas sabemos agora que, na verdade, a realidade combina todas as coisas; onde antes o véu nos impedia de passar entre os dois pilares, aqui já passámos através deles. Estamos a olhar para as duas torres da consciência a partir do outro lado. A

tarefa não é perfurar até à verdade interior, mas sim trazer de volta essa verdade.

Em tudo isto, olhámos para a Lua principalmente em termos dos seus aspetos perturbadores. Mas, como vimos com a Morte e o número 13, a Lua também sugere o poder e o mistério da fertilidade das mulheres. A menstruação (a palavra *menses* relaciona-se com «mês» e «lua») é milagrosa, porque as mulheres que menstruam sangram copiosamente e, no entanto, não morrem. Além disso, muitas mulheres consideram-se mais emotivas, mas também mais psíquicas quando menstruam. Temendo este poder, os homens criaram mitos perturbadores e tabus em torno da menstruação. Mas o poder não tem de ser destrutivo ou mesmo assustador. Se for respeitado, este despertar psíquico lunar enriquece a vida.

Nas leituras divinatórias, a Lua indica uma excitação do inconsciente. Começamos a experienciar emoções estranhas, sonhos, medos, até alucinações. Consideramo-nos mais intuitivos, mais psíquicos. Se a carta aparecer na posição correta, então a pessoa permitirá que isso aconteça. Quando aceite, a imaginação enriquece a vida. Mas se a carta aparecer invertida, mostra uma luta contra a experiência. Esta luta conduz ao medo e, frequentemente, a emoções muito perturbadas, já que a pessoa não permite que o lado calmante da Lua emerja.

Tal como a Sacerdotisa, a Lua indica um desvio das preocupações exteriores e um tornar-se introspetivo. Pode indicar o abandono de alguma atividade específica ou simplesmente un período de recolhimento. Em muitas culturas, as mulheres retiravam-se da sociedade geral durante a menstruação. Isto permitia-lhes prestar atenção a esse estado lunar interior e experienciar os poderosos movimentos da Lua num ambiente seguro. Nas leituras de Tarot, la Lua não tem de simbolizar a menstruação literal ou o afastamento do mundo. Em vez disso, tanto para homens como para mulheres, pode indicar um despertar psíquico e a necessidade de lhe prestar atenção.

No entanto, enquanto a Sacerdotisa simboliza a intuição tranquila, la Lua está excitada, estimulando imagens do inconsciente. Mais uma vez, a Lua invertida significa uma perturbação. A pessoa não deseja desviar-se do lado solar e pode tentar combater a Lua através de uma grande quantidade de atividade. A Lua, contudo, não se deixará negar, e os medos podem tornar-se mais fortes quanto mais a combatermos. A psique, operando sob as suas próprias leis pelas suas próprias razões, virou-se para a Lua. Se nos permitirmos experienciá-la, os medos transformar-se-ão em maravilhas e os portais abrir-se-ão à aventura.

Figura 20

O SOL

Tal como o Enforcado acima dele, o Sol é tanto uma libertação alegre após o teste mostrado na carta anterior como uma preparação para a morte e o renascimento nas duas cartas seguintes. A Justiça exigia a ação como resposta ao conhecimento ganho sobre nós próprios. Como resultado, o Enforcado é passivo. A Lua exige uma entrega passiva, uma vez que não há forma de podermos controlar as visões que surgem sob a sua influência. Portanto, o Sol mostra um estado ativo e energizado. Ao aceitarmos as imagens temíveis da Lua, trazemos a energia para fora de nós, conferindo um resplendor a toda a vida.

Sob o Sol, tudo se torna simples, radiante e físico. A luz do inconsciente trazida para a vida quotidiana. As duas crianças na versão de Oswald Wirth, acima da imagem mais comum para o trunfo, são por vezes chamadas o eu eterno e o corpo mortal. De mãos dadas, uniram-se. As duas figuras com o Sol acima delas devolvem-nos ao motivo triangular visto pela primeira vez no Hierofante, duas linhas acima. Aqui, a alegria e a simplicidade do Sol não medeiam entre os polos interior e exterior da vida, mas unem-nos.

Somos todos crianças, na forma como as religiões solares falam de todos nós como filhos sagrados do nosso pai, o sol. Se olharmos para os corpos, na imagem, especialmente o feminino, veremos que são adultos. A passagem bem-sucedida da Torre conferiu-lhes uma simplicidade infantil.

O Tarot mostra esta passagem nos seus vários estágios, dando a impressão da passagem do tempo. Por vezes, contudo, talvez na maioria das vezes, ela acontece toda de uma vez: a revelação ofuscante da Torre, o

resplendor interior da Estrela e o medo agudo da Lua, tudo unido num único instante de transformação. E o rescaldo é a alegria, uma sensação de que toda a vida e todo o mundo estão preenchidos por uma luz maravilhosa.

Entre todas as pessoas, a iluminação possui as mesmas características, qualquer que seja a interpretação cultural através da mitologia, da doutrina, da teoria psicológica, etc. A iluminação é uma experiência, não uma ideia. A pessoa sente-se atingida por uma explosão de luz, por vezes colorida, como as gotas de *yod* na carta de Wirth. De repente, o mundo é visto, ou sentido, como espiritual e eterno, em vez da existência quotidiana de labuta e confusão. A pessoa sente-se totalmente viva com uma alegria infantil que, na verdade, a maioria das crianças provavelmente nunca conhece, pois a pessoa atingida pelo sol foi para lá do medo infantil das trevas ao viajar através delas.

Na sua jornada através do mundo, o sun vê tudo e, por isso, representa o conhecimento. Diz-se que os deuses associados ao sol, como Apolo, sabem tudo o que acontece. A pessoa atingida pelo sol sente uma sensação de sabedoria, de ver tudo com total clareza. Ele ou ela está «lúcido», uma palavra que significa claro e direto, mas que literalmente significa «preenchido de luz».

É interessante que Apolo, deus da luz, tenha nascido de Leto, deusa da noite, e que o seu principal santuário, o oráculo de Delfos, pertencesse originalmente a deusas das trevas. Mesmo sob a direção de Apolo, a sabedoria e a luz do oráculo operavam a partir das trevas. Foi Apolo quem forçou Édipo a descobrir o mistério dentro de si mesmo.

O sol da primavera traz a vida para fora do solo morto do inverno. Em muitos locais, acreditava-se que o sol engravidava não apenas o solo, mas todas as mulheres. Quando o meio biológico de reprodução foi descoberto, o papel do sol não foi abandonado, mas tornou-se mais subtil. As pessoas viam agora a alma — o *atman* ou verdadeiro eu — como a luz do sol contida dentro do embrião. O mito budista afirma que Gautama, no ventre de sua mãe, era todo luz, de modo que a barriga dela brilhava como uma tela translúcida sobre uma lâmpada potente. Zoroastro também brilhava tão intensamente no ventre de sua mãe que os vizinhos correram com baldes, pensando que a casa tinha pegado fogo.

Os Gnósticos levaram esta ideia mais longe, acreditando que a Queda tinha despedaçado a divindade nos bocados e pedaços da existência. Mais importante ainda, a luz tinha ficado aprisionada (em vez de simplesmente contida) em corpos individuais. Era dever de cada pessoa, através dos ritos

gnósticos, libertar a luz dentro do seu corpo para que a unidade pudesse ser restaurada. O cabalista Isaac Luria pregava uma doutrina semelhante. A Árvore da Vida, ou Adam Kadmon, a unidade da existência, tinha sido estilhaçada porque a luz de Deus era demasiado poderosa para ela. Mais uma vez, a luz separou-se e ficou aprisionada, de modo que era responsabilidade de cada pessoa ajudar no «tikkun», isto é, na restauração da luz à unidade.

Estas doutrinas derivam da experiência do Sol comum a todas as culturas. A pessoa atingida pelo sol vê tudo, cada pessoa, cada animal, todas as plantas e rochas, até o próprio ar, vivo e sagrado, unido através da luz que preenche toda a existência. E, no entanto, o Sol não é o Mundo. Com o trunfo 19, percebemos o universo como unificado e vivo. O 21 corporiza esses sentimentos.

O desenho habitual do Sol mostra as crianças dentro de um jardim, frequentemente de pé, em círculo. Douglas chama a isto o «jardim interior da alma», um sentimento de pureza e santidade, um novo Jardim do Éden. Quando libertamos e transformamos a energia bloqueada no nosso interior, descobrimos que o Jardim do Éden nunca esteve realmente perdido, mas que sempre existiu dentro de nós. O baralho Rider mostra a sua única criança a cavalgar para fora de um jardim. Para Waite, a experiência do Sol era essencialmente uma explosão de liberdade. Era um romper de amarras, uma libertação maravilhosa da consciência comum e restrita em direção à abertura e à liberdade.

A parede cinzenta de pedra na imagem representa a vida passada, limitada por uma perceção estreita da realidade. A superconsciência do Sol caracteriza-se pelo facto de nos sentirmos parte de todo o mundo, em vez de um indivíduo isolado. Podemos talvez combinar as duas imagens deste trunfo dizendo que, assim que percebemos que o Jardim do Éden existe dentro de nós, ficamos livres para o deixar, levando-o sempre connosco à medida que criamos uma nova vida.

O número 19 sugere um nível superior de 9. A luz contida na lanterna do Eremita, a sabedoria dos seus ensinamentos, explode aqui como o extático terceiro nível da Cabala de Abulafia. Dissemos sobre o Eremita que o velho e a montanha desolada eram ilusões necessárias porque o eu interior só podia ser alcançado através do recolhimento. Aqui, a verdade emergiu e o Eremita rígido e de túnica transforma-se numa criança gloriosamente aberta. A outra metade de 19 é 1. A força do Mago unida à sabedoria do Eremita é a superconsciência. A energia da vida unida ao seu significado e propósito.

1 mais 9 é igual a 10, a Roda da Fortuna, cuja visão era de algo exterior a nós que tentávamos compreender. Aqui vemos a vida de uma forma visionária a partir de dentro de nós próprios. E neste tipo de visão não há mistérios nem símbolos, apenas o universo, preenchido por luz.

Os significados divinatórios do Sol são tão simples e diretos como as crianças maravilhosas das imagens. A carta significa alegria, felicidade e um grande sentido da beleza da vida. No seu sentido mais profundo, significa olhar para o mundo de uma forma totalmente nova, vendo toda a vida unida na alegria e na luz. Acima de tudo, é uma carta de otimismo, energia e maravilhamento.

Invertido, as coisas boas não se perdem, mas confundem-se, como se o sol ficasse obscurecido por nuvens. A vida continua a dar à pessoa um momento de felicidade simples, mas este não consegue ser visto com tanta clareza. A pessoa já não está lúcida e tem de trabalhar para perceber a alegria que é a grande dádiva do Sol.

Figura 21

O JULGAMENTO

Sob o Sol, vemos toda a vida como estando preenchida por luz espiritual. Esta perceção da verdade eterna liberta-nos de toda a ilusão e medo, de modo que agora sentimos, como um chamamento vindo do fundo de nós, o impulso de nos dissolvermos completamente no espírito e na vida maravilhosa contida em cada ser. Este chamamento vem tanto de dentro como de fora de nós, pois um dos efeitos do Sol foi quebrar a barreira artificial entre a experiência interior e o mundo exterior. Sentimos o chamamento no nosso eu mais profundo, como se as próprias células do corpo estivessem preenchidas por um grito de alegria. Ao mesmo tempo, reconhecemos que o chamamento vem de alguma força maior do que qualquer vida individual.

Esta ideia do Julgamento como um chamamento para ascender a uma existência mais significativa tem os seus análogos em situações mais comuns. Por vezes, na vida, uma pessoa pode chegar a uma encruzilhada (repare-se na cruz do estandarte) onde é necessária uma decisão sobre se deve fazer alguma grande mudança. E, por vezes, pode parecer que algo dentro da pessoa já decidiu, restando apenas ao eu consciente a escolha de avançar com a ação apropriada. As velhas formas de acreditar e de pensar, as velhas situações, morreram sem que nós próprios o tivéssemos notado.

A maioria das versões do trunfo mostra apenas o anjo e as figuras a erguerem-se. O baralho Rider adiciona uma cadeia de montanhas ao fundo. Waite chama-lhes as «montanhas do pensamento abstrato». O termo implica a verdade eterna para lá do conhecimento limitado que temos disponível através dos meios comuns.

Uma das características básicas da mortalidade é a incapacidade de saber o que quer que seja num sentido absoluto. Estamos limitados pelas nossas vidas curtas e pelo facto de todo o conhecimento chegar às nossas mentes através do meio dos sentidos. Na física moderna, aprendemos que a investigação científica nunca consegue formar uma imagem exata da realidade porque o observador é sempre uma parte do universo que ele ou ela está a observar. Da mesma forma, os pensamentos e as perceções de cada pessoa sobre a vida são influenciados pela experiência passada dessa pessoa. O «pensamento abstrato» implica, tal como os ideais platónicos, um sentido do absoluto.

Alcançamos esta «abstração» fazendo uma última descida às águas do nada para nos erguermos libertados de todo o conhecimento parcial. A Morte, diretamente acima, mostrava uma dissolução. Ali, o ego estava a morrer e o trunfo enfatizava o medo de desapegar. Aqui, todas as ilusões de isolamento estão dissolvidas, e a ênfase repousa não na morte, mas na ressurreição.

Chamamos à carta Julgamento porque, tal como a Justiça, envolve chegar a um acordo com a experiência passada como parte do processo de ir para lá dela. Com a Justiça, a experiência e a resposta eram pessoais, baseadas nas suas ações no passado. Aqui, uma força maior do que o próprio leitor está a guiar e a chamar, e o Julgamento não incide simplesmente sobre o significado da sua própria vida, mas sim sobre a verdadeira natureza da existência e a forma como o leitor e todos os seres fazem parte dela.

Por vezes, neste livro, referimo-nos às letras hebraicas atribuídas aos diferentes trunfos. Normalmente, seguimos o sistema em que o Louco é

Aleph. Existe outro sistema, onde o Mago recebe *Aleph*, e nesse sistema o Julgamento carrega a letra *Resh*. *Resh* significa «cabeça» e refere-se, tal como as montanhas de Waite, à verdadeira mente despertada pelo chamamento. *Resh* também sugere *Rosh Hashanah*, o Ano Novo Judaico, literalmente «cabeça do ano». Ora, o *Rosh Hashanah* não é o início do calendário, como o Ano Novo civil, mas representa, na verdade, o aniversário da criação. Da mesma forma, o Julgamento indica não uma mudança de circunstâncias, mas sim uma nova consciência, diretamente familiarizada com a verdade através de uma fusão de si mesmo com as forças da vida.

A Roda da Fortuna, com as suas leis invisíveis de causa e efeito psíquicos, era o 10; o Julgamento é o 20, 10 multiplicado por 2. Através do funcionamento da última linha, revelamos a sabedoria oculta da Sacerdotisa, de modo que agora compreendemos os mistérios interiores ocultos na Roda.

A cruz no estandarte indica um encontro de opostos, uma união de todas as coisas que tinham sido separadas. Simboliza um encontro de dois tipos de tempo: o tempo comum que percebemos com os nossos sentidos e através do qual vivemos no dia a dia, e a eternidade, a perceção espiritual da vida. Estes dois tempos estão simbolizados pelas linhas horizontal e vertical da cruz. O seu encontro no centro indica que o eu superior não abandona as suas antigas atividades, mas dedica-se a elas de uma nova forma.

A carta acima do Julgamento são os Amantes e, no baralho Rider, também mostra um anjo. Ali, contudo, o anjo era um vislumbre de uma verdade maior experienciada através do meio do amor. Aqui, o anjo inclina-se a partir da nuvem para nos chamar. Na versão tradicional do Sol, vimos o exemplo final daquele motivo triangular iniciado nos trunfos 5 e 6. Aqui, vemos uma criança entre as duas pessoas. Os polos da vida uniram-se para formar uma nova realidade, da mesma forma que cada criança é tanto uma combinação dos seus pais como algo completamente novo.

A criança à frente está de costas para nós. A nova existência é um mistério, não havendo forma de sabermos como será até a experienciarmos. O rosto oculto da criança também implica que não nos conhecemos realmente a nós próprios, e que não o conseguiremos fazer até ouvirmos e respondermos ao chamamento. Praticamente todas as mitologias contêm histórias do herói separado dos seus pais e criado como uma criança comum, sem que as outras pessoas, e muito frequentemente a própria criança, saibam nada da sua verdadeira identidade.

O Rei Artur, Moisés, Teseu e Cristo seguem todos este padrão. Vemos esta mesma ideia em muitas histórias de ficção científica, onde o herói acorda num lugar estranho e sem memória; a sua busca pela sua verdadeira identidade leva-o a descobrir grandes poderes dentro de si mesmo. Muito frequentemente, encontra-se no centro de uma conspiração poderosa ou no próprio funcionamento da natureza. Todos nós nos «esquecemos» das nossas verdadeiras identidades e nos separámos dos nossos «pais». E quando encontrarmos ou criarmos os nossos verdadeiros eus, encontrar-nos-emos no centro do universo. Pois o centro está em toda a parte.

A maioria dos baralhos mostra apenas as três pessoas em primeiro plano. A adição de Waite de mais três pessoas, todas de frente para nós, sugere que, embora o Julgamento conduza ao desconhecido, existe ainda uma perceção (também simbolizada pelas montanhas) das formas como a vida desconhecida se irá desenvolver.

As pessoas extra implicam outro ponto, muito vital. Ao mostrar um grupo inteiro a erguer-se, o trunfo recorda-nos que não existe libertação pessoal. Cada ser humano faz parte da raça humana e, portanto, é responsável pelo desenvolvimento da raça como um todo. Ninguém consegue ser verdadeiramente livre enquanto houver outra pessoa escravizada. Dizia-se que Buda tinha regressado como um *bodhisattva* porque compreendia que não se podia libertar a si mesmo enquanto não tivesse libertado toda a humanidade.

Ao mesmo tempo, qualquer libertação individual liberta toda a gente. Isto acontece porque a obtenção do Julgamento e do Mundo por parte de qualquer pessoa altera as circunstâncias da vida de todos. O estado de Buda de Gautama e a ressurreição de Cristo são vistos como acontecimentos que mudaram totalmente o mundo. Para não pensarmos que esta ideia se aplica apenas a profetas divinos como Buda e Cristo, podemos recordar o ditado talmúdico (citado no final do filme *A Lista de Schindler*): «Aquele que salva uma vida, é como se salvasse o mundo inteiro.»

Nas leituras divinatórias, a carta do Julgamento carrega um significado especial. Independentemente do que esteja a acontecer ao seu redor, existe uma pressão, um chamamento a partir de dentro, para fazer alguma mudança importante. A mudança pode referir-se a algo mundano e imediato, ou a uma mudança total na forma como a pessoa encara a vida — dependendo das outras cartas e do tema da leitura. O importante é o chamamento. Efetivamente, a pessoa já mudou; as velhas situações, o velho eu, já morreram. É simplesmente uma questão de o reconhecer.

O Julgamento invertido pode indicar que a pessoa deseja responder ao chamamento, mas não sabe o que fazer. Mais frequentemente, mostra alguém a tentar negar o chamamento, habitualmente por medo do desconhecido. Pode, de facto, haver uma grande quantidade de razões racionais pelas quais a pessoa não deve seguir a mudança sugerida: falta de dinheiro, falta de preparação ou responsabilidades. O Julgamento, na posição correta ou invertido, indica que todas as objeções são desculpas. Quando a carta está de cabeça para baixo, as desculpas tornam-se dominantes; a pessoa permanece de pé na sepultura. A palavra Julgamento implica que a realidade da vida mudou. A única escolha é seguir.

Figura 22

O MUNDO

O que podemos dizer de uma compreensão, de uma liberdade e de um arrebatamento que estão para lá das palavras? O inconsciente conhecido conscientemente, o eu exterior unificado com as forças da vida, o conhecimento que não é conhecimento de todo, mas sim uma dança estática e constante do ser — são todos verdadeiros e, no entanto, não são verdadeiros.

Já observámos uma grande quantidade de aspetos sobre esta carta e as suas imagens. O número, bem como as duas varinhas, unificam o Mago e a Sacerdotisa. Vimos o Mundo prefigurado também na Roda da Fortuna, e refletimos sobre como os símbolos desse trunfo são agora realidades vivas. De uma forma ou de outra, a Roda surgiu para praticamente todas as cartas da última linha. O propósito desta linha pode ser descrito como o de nos unirmos a todas aquelas coisas vistas no trunfo 10 como visão externa, ou seja, o destino, o funcionamento da vida, os elementos da existência. Quando a unidade é alcançada, os símbolos desaparecem, dissolvidos num espírito dançante.

Vimos o Mundo no Enforcado, pelo número e pela imagem. O trunfo 12 mantinha a sua bem-aventurança através da inatividade completa. Mas até a Árvore do Mundo é uma ilusão criada pela necessidade da mente de se agarrar a algo. Quando dissolvemos os nossos eus isolados naquela água que jaz sob o rosto resplandecente do Enforcado, aprendemos que a verdadeira unidade reside no movimento.

Tudo no universo se move: a Terra em redor do sol, o sol dentro da galáxia, as galáxias em agregados, todos circulando uns em redor dos outros. Não há centro, nenhum lugar onde possamos dizer: «Aqui tudo começou, aqui tudo para.» No entanto, o centro existe, em toda a parte, pois numa dança o dançarino não se move em redor de nenhum ponto arbitrário no espaço, mas sim a dança carrega o seu próprio sentido de unidade focado em redor de um centro constantemente em movimento, constantemente pacífico. Nada e tudo ao mesmo tempo.

E assim regressamos ao Louco. Inocência e vazio, unidos à sabedoria. Como dissemos no início, de todas as cartas dos Arcanos Maiores, apenas estas duas estão em movimento. A grinalda oval sugere o número 0, com todo o seu simbolismo. Implica também o ovo cósmico, o arquétipo da emergência; todas as coisas existem em potencial e todos os potenciais são realizados. O eu está em toda a parte, em todas as coisas. Os laços na parte superior e inferior da grinalda estão atados em nós de infinito, indicando que o eu não está fechado, mas sim aberto ao universo.

Os laços são vermelhos, a cor do chakra raiz no simbolismo da Kundalini. A dançarina não perdeu o seu ser físico, a sua raiz na realidade material e sexual. Em vez disso, a energia está constantemente a fluir, transformada e renovada. O verde da grinalda simboliza o mundo natural elevado, em vez de abandonado. O verde é também a cor do amor e da cura, irradiando totalidade para todos, mesmo para aqueles que não estão conscientemente cientes disso. O roxo (o estandarte) é a cor da divindade e o azul (o céu) a cor da comunicação. Quando sabemos que a divindade não é algo que está lá fora, mas sim dentro de nós próprios, então a nossa própria presença comunica essa verdade àqueles que nos rodeiam.

Um dos análogos do Mundo é Shiva, o Senhor da Dança Cósmica. Ele também dança com os braços abertos, um pé pousado e o outro erguido, a cabeça equilibrada e a expressão calma. O pé direito de ambas as figuras está «plantado» no mundo físico, enquanto a perna esquerda erguida simboliza a libertação da alma. Quando nos tornamos mais unidos à vida, nesse momento percebemos a nossa liberdade. O rosto não está triste nem alegre, mas em paz, livre no seu vazio. Os braços estão abertos a toda a experiência.

Shiva Dançarino é frequentemente retratado como hermafrodita, uma metade do corpo de Shiva, a outra de Parvati, o seu lado feminino. A tradição esotérica descreve a dançarina do Mundo como hermafrodita, estando os órgãos sexuais duplos ocultos pelo estandarte, como que a dizer que a unidade que representam situa-se para lá do nosso conhecimento. Ao discutir os Amantes, referimo-nos à crença generalizada de que todas as pessoas eram originalmente hermafroditas. A dançarina expressa e une todos os diferentes lados do ser.

O mesmo sentimento que nos conduz a uma «memória» do hermafroditismo primevo levou as pessoas um passo mais além, até à imagem de todo o universo ter sido outrora um único ser humano. Encontramos esta crença entre os Gnósticos, em Blake, nas mitologias germânica, indiana e outras, e em grande detalhe na Cabala. Ali, a figura carrega o nome de «Adam Kadmon» e diz-se ser a criação original que emana do Deus incognoscível. Em vez de um ser físico, Adam Kadmon, também hermafrodita, era descrito como luz pura. Apenas quando a figura se despedaçou nas partes separadas do universo é que a luz ficou «aprisionada» na matéria. É um facto fascinante que as teorias científicas contemporâneas de cosmogonia descrevam o universo como tendo sido originalmente uma única partícula. No momento em que a partícula se dividiu, era tudo luz pura; apenas mais tarde, à medida que os pedaços se tornaram mais isolados, é que parte dessa energia se condensou em matéria, seguindo a famosa formulação de Einstein, E=mc2.

Os mitos consideram a divisão do Homem primevo um acontecimento irreversível. Os ocultistas, contudo, acreditam na possibilidade de restauração. Ao seguirmos o processo delineado nos Arcanos Maiores, tornamo-nos unidos à vida e, assim, nós próprios nos tornamos Adam Kadmon e Shiva-Parvati.

Adam Kadmon está ligado à Árvore da Vida, com as suas dez Sephiroth, ou pontos de emanação. Já vimos a ligação entre esta figura e o Tarot através dos 22 caminhos da Árvore. A Dançarina do Mundo, pela sua postura, é uma representação exata da forma mais comum da Árvore da Vida. A Árvore é desenhada da seguinte forma:

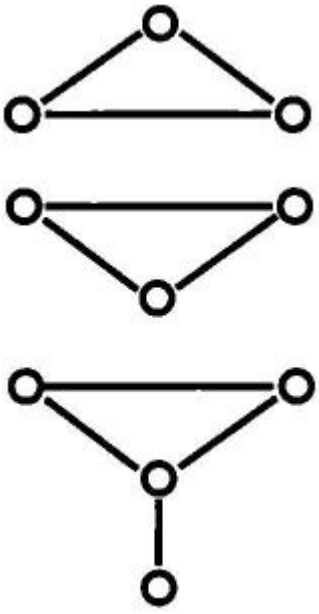


Figura 23

Muito simplificado, o triângulo superior é a superconsciência, o do meio é a consciência, o inferior o inconsciente, e o ponto final, a raiz da Árvore, é a manifestação de todos estes princípios no mundo físico.

Na Dançarina, o triângulo superior é a coroa da cabeça e as pontas dos ombros, o triângulo do meio são as mãos e os órgãos genitais, o triângulo inferior é a perna cruzada e o pé direito. Ao mesmo tempo, é tudo um único corpo. Ao contemplarmos a dançarina, aprendemos que o inconsciente, o consciente e a superconsciência não são partes separadas ou sequer estágios separados do ser, mas são todos um só. Mas e quanto à décima Sephira, a raiz da Árvore? Encontramo-la não no corpo, mas em todo o universo, o maravilhoso fundamento do ser no qual nos movemos.

Descrições, metáforas, até mesmo a contemplação só conseguem sugerir as maravilhas corporizadas no trunfo 21. Quando a carta surge na divinação, estas maravilhas tornam-se ainda mais reduzidas às situações comuns com que a maioria das leituras se preocupa. A carta significa sucesso, realização, satisfação. Num grau maior ou menor, indica uma unificação do sentido interior de ser da pessoa com as suas atividades exteriores.

Invertido, o trunfo indica estagnação, o movimento e o crescimento abrandados ao ponto de serem travados. Ou assim parece. Na verdade, a liberdade e o arrebatamento do Mundo existem sempre em potencial para serem libertados quando a pessoa se sentir pronta para começar, mais uma vez, a dança da vida.

Estes são os significados do Mundo na divinação. Os seus verdadeiros significados são incognoscíveis. São um objetivo, uma esperança, uma intuição. O caminho para esse objetivo, os passos e a música da dança, residem nas imagens vivas dos Arcanos Maiores.

PARTE DOIS

OS ARCANOS MENORES

INTRODUÇÃO O BARALHO RIDER

Em 1910, a Rider Company de Londres publicou um novo baralho de Tarot, desenhado pelo conhecido ocultista Arthur Edward Waite e desenhado por uma artista psíquica menos conhecida chamada Pamela Colman Smith. O próprio Waite aparentemente não esperava um grande público para estas novas cartas; tal como todas as suas obras, o seu livro sobre o Tarot fala principalmente para pessoas já envolvidas na tradição ocultista.

E, no entanto, o baralho Rider, como o baralho passou a ser chamado, é agora conhecido em todo o mundo — na sua versão original, em edições piratas, em «novos» Tarots disfarçados, em vários tamanhos diferentes publicados pela US Games Systems Inc., a editora americana do baralho, em ilustrações para romances, livros de psicologia, livros de banda desenhada e programas de televisão. A popularidade excecional deste Tarot esotérico específico em relação a centenas de outros baralhos tradicionais e modernos deriva em grande parte de um aspeto das cartas que o próprio Waite parece mal ter notado — os desenhos de Pamela Colman Smith que revolucionaram os Arcanos Menores.

Na sua apologia do seu baralho, Waite deu-se a um grande trabalho para defender certas alterações que fez no desenho e no número das cartas dos Arcanos Maiores. Contudo, a maioria dos recém-chegados ao Tarot, comparando o baralho Rider ao baralho mais tradicional de Marselha, por exemplo, terá de olhar com bastante atenção antes de notar a maioria destas alterações. Verão imediatamente a diferença nas cartas Menores.

Em praticamente todos os baralhos desenhados antes do baralho Rider, as cartas de «numerais», os números 1–10 dos quatro naipes, exibem padrões geométricos contendo o número de espadas, ou de paus, ou de copas, ou de moedas. Nisto assemelham-se às cartas de jogar comuns. Na maioria dos baralhos, estes padrões são simples e repetitivos. O elaborado

baralho de Crowley destaca-se como a exceção (pintadas por Lady Frieda Harris, as cartas de «Thoth» apareceram na verdade várias décadas após o baralho Rider). O baralho Waite-Smith, no entanto, tem uma ilustração em cada carta.

Preocupado principalmente com as cartas Maiores, de cariz mais esotérico, Waite aparentemente não se apercebeu de como esta rica variedade de cenários iria cativar o observador comum que procurava experimentar o Tarot. De certa forma, a sua própria novidade aumenta o seu charme. Onde os Arcanos Maiores nos impressionam pela antiguidade, bem como pela complexidade do seu simbolismo, as cartas Menores, por não terem uma tradição pictórica, surgem-nos como cenários retirados diretamente da vida ou, nalguns casos, da fantasia.

O facto de Smith ter desenhado estes cenários num estilo pseudo-medieval parece não incomodar a maioria das pessoas. Consideram a vivacidade mais importante. Quase todas as cartas Maiores mostram uma figura sentada ou de pé; apenas o Louco e o Mundo se movem. Na verdade, eles dançam. Mas nas cartas Menores, todos os cenários mostram algo a acontecer, assemelhando-se bastante a um fotograma de um filme.

O contraste não é acidental. As cartas Maiores retratam forças arquetípicas em vez de pessoas reais. O Louco e a Dançarina do Mundo movem-se porque apenas eles corporizam totalmente estes princípios. Mas as cartas Menores mostram aspetos da vida tal como as pessoas realmente a vivem. Nestes quatro naipes, e mais especialmente nas combinações que formam quando as dispomos nas leituras, encontramos um panorama da experiência, mostrando-nos constantemente novas perspetivas sobre as maravilhas da natureza humana e deste mundo mágico.

Precisamente por mostrar a vida quotidiana em vez de um sistema formal, o baralho Rider não agrada a muitos ocultistas. Embora uma grande quantidade de baralhos subsequentes tenha copiado, com pequenas ou grandes variações, o baralho Rider, outros baralhos, incluindo alguns que poderíamos caracterizar como os «mais sérios», tais como o de Crowley ou o da Builders of the Adytum, regressaram ao uso de padrões para as cartas de numerais. Fazem-no porque os seus criadores se preocupavam com o Tarot como um sistema de organização e estruturação de práticas esotéricas, tanto como uma ferramenta quanto como uma força viva. O Tarot, para eles, forma uma ligação vital com sistemas místicos.

A mais importante destas ligações é a que une os quatro naipes aos quatro mundos descritos na Cabala. Os cabalistas encaram o universo como existindo em quatro estágios, sendo o mais próximo de nós (e o mais

afastado da união direta com Deus) o mundo material comum, chamado *Assiyah*, o «Mundo da Ação». Para uma maior compreensão, os teósofos medievais descreveram cada mundo como estando corporizado numa Árvore da Vida, um diagrama da lei cósmica. Ora, a estrutura da Árvore não muda nos diferentes mundos. Cada árvore contém dez Sephiroth, ou arquétipos de emanação. (Para o padrão mais comum da Árvore, ver o Dez de Ouro). E aqui, escusado será dizer, entra o Tarot. Como os quatro naipes contêm, cada um, dez cartas de numerais, podemos colocar as cartas nas Sephiroth para nos dar uma ajuda concreta na meditação. E porque as Sephiroth representam forças arquetípicas, a maioria dos ocultistas prefere desenhos abstratos para as emblematizar. Para eles, um cenário de pessoas a fazer algo, como três mulheres a dançar ou um grupo de rapazes a lutar, apenas distrai do simbolismo eterno.

Alguns ocultistas vão mais longe, acreditando que os padrões geométricos nas cartas carregam um poder psíquico muito próprio e que, ao olharmos profundamente para estes padrões nas suas cores especiais, podemos produzir certos efeitos distintos no cérebro.

Muitas pessoas que não são propriamente esoteristas continuarão a preferir os baralhos mais antigos a qualquer uma das interpretações modernas, incluindo as geométricas. Para elas, o sentido de uma tradição, de significados desenvolvidos ao longo de séculos, carrega um poder que nenhuma edição revista consegue igualar. Nas leituras, recorrem às fórmulas antigas e consideram os cenários detalhados do baralho Rider uma distração. Muitas vezes, os leitores com maior sensibilidade psíquica usarão as cartas mais antigas, achando que o próprio abstratismo das cartas de numerais ajuda a despoletar a perceção clarividente.

Para a maioria de nós, contudo, os padrões repetitivos limitam drasticamente as perspetivas disponíveis, quer ao estudar as cartas individualmente, quer ao usá-las em leituras. Uma vez memorizadas as fórmulas associadas a cada carta, torna-se difícil ir mais além. Neste livro, tentei criar aquilo a que chamo um Tarot «humanista», derivado não apenas de verdades esotéricas, mas também das perspetivas da psicologia pós-junguiana moderna, para dar uma imagem completa de quem somos, de como agimos e de que forças nos moldam e direcionam. Num Tarot assim, o objetivo não são significados fixos, mas sim um método através do qual cada pessoa pode obter uma maior compreensão da vida. Embora a análise de cada carta venha em parte do seu uso em leituras, com significados na posição correta e invertida, a análise mostrará principalmente de que forma essa carta contribui para o nosso conhecimento da experiência humana.

Como o baralho Rider mostra cenários tão vívidos, as fórmulas ou comentários pertencentes a cada carta servem apenas como pontos de partida. Podemos ponderar sobre as próprias imagens e sobre a forma como se combinam com as imagens ao seu redor. De certa forma, as imagens e a imaginação (e experiência) de cada pessoa agem como uma parceria. Em cada leitura, ou em cada meditação ou reflexão, podemos olhar para cada carta como uma experiência nova. Assim como os baralhos mais esotéricos funcionam melhor para a disciplina oculta e os baralhos mais antigos para a adivinhação da sina, também o Rider serve aqueles de nós que usam as cartas principalmente para a autoconsciência e para a consciência do mundo que nos rodeia.

As imagens de Smith atraem as pessoas através da sua ação semelhante à de uma banda desenhada. Prendem-nos ao longo dos anos devido aos significados muito reais contidos nas suas ilustrações. Como é que Pamela Smith o conseguiu? Tanto quanto sabemos, criou as suas imagens sem nenhuma tradição que a auxiliasse. Na Parte Um deste livro, declarei a minha opinião de que Waite provavelmente não ditou os desenhos, como claramente fez com as cartas Maiores.

O seu próprio livro não apresenta nenhum relato sobre as suas origens; nem ele defende a alteração radical, como faz com as suas alterações nas cartas Maiores. Além disso, as suas interpretações não utilizam as novas imagens em grande escala. Embora descreva brevemente cada imagem, as suas explicações são habitualmente fórmulas e frases feitas («desejo, vontade, determinação, projeto»), sem qualquer diferença substancial em relação aos significados associados aos baralhos anteriores.

Alguns autores afirmaram (embora eu não tenha encontrado qualquer prova disso nos próprios escritos de Waite) que Smith desenhou as imagens como quatro histórias em estilo de banda desenhada, uma para cada naipe. A qualidade do naipe determinava o caráter da história, na qual as cartas da corte formavam uma família e os numerais os acontecimentos que lhes sucediam. O chamado Tarot Marroquino, baseado muito de perto no baralho Rider, segue este sistema. Esta explicação em forma de história para as imagens foge à questão. A questão importante continua a ser a relação entre a imagem e o significado.

Suspeito que Waite deu a Smith as fórmulas que desejava ver ilustradas, talvez tenha deliberado com ela sobre a imagem, e depois os instintos artísticos de Smith assumiram o controlo, trabalhando por vezes com o simbolismo superficial e operando por vezes para lá do nível da escolha consciente. (A investigação moderna indicou que Smith se inspirou num obscuro Tarot antigo, conhecido como Sola-Busca. Várias das cartas

Menores mostram cenários semelhantes ao Rider, em particular o Três de Espadas e o Dez de Paus). As fórmulas de Waite derivam de várias fontes. O próprio Waite fala por vezes de significados contraditórios, como se tivesse consultado diferentes cartomantes. A sua disposição das cartas da corte também mostra a influência da Ordem da Aurora Dourada, uma sociedade secreta de magos místicos à qual Waite e Smith (tal como Crowley e Paul Foster Case, desenhador do baralho da BOTA) pertenceram outrora.

Em muitos casos, como é evidente, as imagens são muito simples e diretamente relacionadas com os significados que deviam ilustrar. O Quatro de Ouro, por exemplo, mostra a imagem de um avarento, alguém que se «apega» à «certeza das posses». Mas será coincidência ou plano que estes quatro ouros cubram a coroa da cabeça, o coração e a garganta, e as plantas dos pés, conduzindo assim a interpretações mais profundas do que a simples ganância? E em muitos casos, a imagem toca em algo dentro de nós que está para lá do significado oficialmente associado a ela. Olhe-se para o Seis de Espadas, supostamente uma «viagem por água». O silêncio onírico, a tristeza implícita na imagem, sugerem a viagem mítica das almas dos mortos através do Rio Estige.

Não pretendo descrever Waite como brando ou insensível às imagens do seu próprio baralho. Por vezes, os seus comentários, especialmente sobre as imagens, aumentam a nossa compreensão para lá da simples lista de significados. Nesse Seis de Espadas, ele observa que «a carga é leve», e isto, juntamente com o comentário de Eden Gray, «As espadas não pesam no barco», leva-nos a contemplar la imagem de uma viagem espiritual ou emocional na qual carregamos as nossas memórias e desgostos connosco. No Dois de Paus, Waite dá dois significados opostos e depois diz que a imagem «dá uma pista» para a sua resolução. Noutras alturas, contudo, o significado dado contradiz a imagem, como no Dois de Espadas, onde uma imagem poderosa de isolamento e defesa supostamente ilustra a «amizade».

Desde o baralho Rider, bastantes desenhadores de Tarot tentaram incluir um cenário em cada carta. Quase todos prestaram homenagem às imagens de Pamela Smith, alguns de forma extremamente próxima, enquanto outros transformaram imaginativamente as imagens Rider. Nada os obriga a usar estas imagens; elas não carregam a autoridade de uma tradição antiga, como acontece com as cartas Maiores. A sua autoridade deriva da realização criativa. Estas imagens desenhadas de forma rudimentar, desajeitadas, muitas vezes desprovidas de qualquer proporção ou perspetiva, baseadas em ideias sentimentais da Idade Média,

conduziram de alguma forma milhares de pessoas a uma compreensão não apenas das cartas, mas de si mesmas. De um só golpe, Pamela Smith criou uma nova tradição.

OS QUATRO NAIPES

Por muito que a representação das cartas individuais tenha quebrado a prática anterior, Waite manteve-se próximo dos baralhos anteriores na sua disposição dos naipes e dos seus emblemas — com uma exceção. Onde os baralhos mais antigos, recuando até ao baralho Visconti-Sforza do século XV, usavam Paus (ou Bastões), Copas, Espadas e Moedas (ou discos), o baralho Rider substituiu o último naipe por Ouros — estrelas de cinco pontas inscritas em discos de ouro. Waite estava a seguir a Ordem da Aurora Dourada quando fez esta alteração. Utilizou a substituição de moedas por ouros por duas razões. Primeiro, queria que o seu quarto naipe representasse toda a amplitude do mundo físico, e não apenas o materialismo estreito do dinheiro e dos negócios. Segundo, queria que os quatro naipes carregassem as quatro ferramentas básicas da magia ritual. Na realidade, as duas razões são uma só. Waite sabia que os magos usavam estes objetos em parte porque simbolizavam em forma concreta os vários aspetos do universo físico/espiritual.

A associação destes quatro emblemas tanto com a prática mágica quanto com a verdade espiritual subjacente à vida recua pelo menos até à Idade Média, onde encontramos os seus equivalentes nos objetos simbólicos carregados pelas donzelas do Graal. O próprio Waite conhecia estes objetos a partir da sua experiência em Ordens mágicas. O baralho Rider também os retrata como estando sobre a mesa diante do Mago nos Arcanos Maiores.

No Tarot, tal como na magia, os quatro emblemas representam o próprio mundo e a natureza humana, bem como o ato da criação (tanto a criação de coisas específicas quanto a criação contínua da evolução). O seu lugar na mesa do Mago significa que ele ou ela se tornou mestre do mundo físico. Num sentido, a mestria significa os poderes reais sobre a natureza que muitas pessoas veem na magia. Aqueles que usam o Tarot como uma disciplina esotérica sustentam por vezes que a meditação e o ritual com os Arcanos Menores darão ao adepto o controlo sobre as forças da natureza. No romance sobre Tarot de Charles Williams, *The Greater Trumps*, ele leva esta ideia a extremos dramáticos quando o herói provoca um furacão ao agitar as cartas associadas ao vento. Em termos psicológicos, a «mestria» dos Arcanos Menores significa compreender, em nós próprios e no mundo ao nosso redor, todas aquelas experiências e forças retratadas nas

cartas. Um «mestre» significa uma pessoa que tem controlo sobre a sua vida — que é mestre de si mesma.

Um objetivo desses é muito mais difícil de alcançar do que muitas pessoas possam pensar. Significa saber realmente quem somos, tanto a níveis inconscientes como conscientes. Significa saber por que razão agimos da forma que agimos, conhecendo os nossos verdadeiros desejos em vez das ideias confusas que a maioria das pessoas tem sobre os seus objetivos na vida. Significa saber as ligações entre experiências aparentemente aleatórias. O Tarot pode, pelo menos, ajudar-nos a aumentar a nossa compreensão em todas estas coisas. Quão longe cada pessoa vai depende, entre outras coisas, da relação dessa pessoa com as cartas.

O número quatro figurou de forma muito vincada nas tentativas humanas de compreender a existência. Como os nossos corpos sugerem este número (frente e costas, lados direito e esquerdo), tendemos a organizar as nossas perceções do mundo em constante mudança dividindo as coisas em quatros. A visão do ano em quatro estações provém também dos dois solstícios e dos dois equinócios. (As culturas sem perceção astronómica dividem frequentemente o ano nas duas estações básicas do verão e do inverno, ou por vezes em três estações).

O zodíaco contém doze constelações, três vezes quatro. Portanto, encontramos os signos da astrologia divididos em quatro grupos de três. Um signo «fixo» em cada grupo dá-nos os quatro «pontos fortes» do céu. Vemos estes quatro representados nos Arcanos Maiores nas cartas do Mundo e da Roda da Fortuna como as quatro bestas mostradas nos quatro cantos das cartas. (A própria forma das cartas, e já agora da maioria das casas ocidentais, demonstra a nossa inclinação de quatro lados. Os antigos chineses usavam cartas de jogar circulares). As quatro criaturas simbolizam o zodíaco, mas derivam mais diretamente da visão de Ezequiel no Antigo Testamento, mais tarde repetida no Apocalipse.

De todos os quatro simbolismos, os dois que dizem respeito mais diretamente aos Arcanos Menores são os quatro elementos da alquimia medieval e as quatro letras do nome de Deus em hebraico, o tetragrama. O nosso conceito moderno de elementos atómicos deriva de uma ideia anterior (com origem na Grécia Antiga) de que todas as coisas na natureza são formadas a partir de quatro constituintes básicos: fogo, água, ar e terra. Encontramos esta ideia não apenas na Europa, mas também em culturas tão diversas como a China e a América do Norte.

Os elementos mudam por vezes; por vezes os números mudam também de quatro para cinco, adicionando o «éter» ou Espírito aos quatro

elementos da natureza (tal como muitas culturas adicionam o «centro» como uma quinta direção). O conceito básico, contudo, permanece o mesmo — o de que tudo pode ser reduzido às suas partes básicas, o de que o mundo combina estas qualidades básicas numa infinidade de formas.

Hoje em dia, levamos esta ideia muito mais longe, reduzindo toda a matéria a partículas subatómicas (descartando completamente a ideia de Espírito, exceto em certas teorias rarefeitas da física contemporânea) e olhando para os «elementos» medievais como combinações químicas muito elaboradas. No entanto, estamos enganados se pensarmos que o antigo sistema já não nos consegue ensinar nada. Pois uma coisa que caracteriza a perspetiva antiga — e, na verdade, as perspetivas de praticamente todas as culturas anteriores ao Ocidente moderno — é a não-separação das teorias e valores físicos, espirituais, morais e psicológicos.

Para nós, o elemento do hélio, por exemplo, carrega muito pouco ou nenhum significado espiritual. Para os pensadores medievais, o elemento Fogo sugeria toda uma gama de associações. Obviamente, estaríamos errados em rejeitar as grandes realizações do conhecimento a que chamamos ciência moderna. Mas também não deveríamos rejeitar as perspetivas dos tempos passados.

No Tarot, vemos os quatro elementos como Fogo-Paus (Bastões), Água-Copas, Ar-Espadas, Terra-Ouros (Moedas). Diferentes autores apresentam por vezes variações nesta listagem, trocando na maioria das vezes Paus e Ouros, sob o argumento de que os bastões crescem a partir da terra e as moedas são forjadas no fogo. Escolhi manter-me com a listagem mais comum devido às associações mais amplas do fogo e da terra. O fogo não é simplesmente uma ferramenta humana, mas sim uma grande força na natureza, vista de forma mais poderosa no sol que faz os bastões brotarem do solo. A terra representa não apenas o solo, mas tradicionalmente todo o universo material, do qual as Moedas representam uma pequena parte e os Ouros uma parte muito mais ampla.

Se desejarmos ver o mundo em termos de cinco em vez de quatro, incluindo o centro do Espírito, então os Arcanos Maiores representam o Éter, o quinto elemento. O facto de o separarmos dos quatro elementos Menores simboliza a intuição de que o Espírito existe, de alguma forma, num nível diferente do mundo comum. Ao mesmo tempo, o facto de misturarmos os cinco elementos nas leituras ajuda-nos a ver que, na realidade, o Espírito e todos os elementos da matéria trabalham constantemente em conjunto. Trabalhar com o Tarot ajuda-nos a compreender as formas dinâmicas através das quais o Espírito dá significado e unidade ao mundo material. Uma verdadeira compreensão

desta relação, tanto na prática como na teoria, forma um grande passo em direção àquela «mestria» descrita anteriormente.

Muitas pessoas conhecerão a imagineria dos quatro elementos a partir da astrologia, com as suas quatro «triplicidades»: Fogo – Carneiro, Leão, Sagitário; Água – Caranguejo, Escorpião, Peixes; Ar – Gémeos, Balança, Aquário; Terra – Touro, Virgem, Capricórnio. A psicologia junguiana também utiliza os quatro elementos, ligando-os a formas básicas de experienciar o mundo. O Fogo representa a Intuição, a Água o Sentimento, o Ar o Pensamento e la Terra a Sensação.

Na astrologia e no pensamento junguiano, os elementos representam tipos e características. No Tarot, vemos estes tipos refletidos nas cartas da corte. Os naipes como um todo mostram atividades e qualidades de vida em vez de uma psicologia individual. Por outras palavras, se Paus dominar numa leitura, não dizemos que a pessoa é um caráter «fogoso», mas sim que ela está atualmente a passar por muitas experiências de Fogo. Estudamos os quatro naipes separadamente para aprender exatamente o que queremos dizer com experiência de Fogo, de Água, de Ar ou de Terra. Estudamo-los em conjunto nas leituras para aprender como a vida, na realidade, abrange e combina todos os elementos.

Como um breve resumo, Paus/Fogo representam a ação, o movimento, o otimismo, a aventura, a luta, os negócios no sentido da atividade do comércio em vez das coisas vendidas, os começos. Copas/Água representam a reflexão, as experiências tranquilas, o amor, a amizade, a alegria, a fantasia, a passividade. Espadas/Ar representam o conflito, as emoções zangadas ou perturbadas, a tristeza, mas também a atividade mental; a sabedoria, o uso do intelecto para compreender a verdade. Ouros/Terra representam a natureza, o dinheiro, o trabalho, as atividades rotineiras, as relações estáveis, os negócios no sentido das coisas feitas e vendidas. Além disso, porque os Ouros são sinais mágicos, representam a magia da natureza e o maravilhamento da vida quotidiana, nem sempre percetíveis, mas frequentemente ocultos sob a superfície.

Recorrendo a outro sistema simbólico bem conhecido, Paus e Espadas representam situações «yang» ou «ativas», enquanto Copas e Ouros representam situações «yin» ou «passivas». Também podemos substituir, com referência aos Arcanos Maiores, o Mago por yang e a Sacerdotisa por yin. Qualquer que seja a terminologia, estas distinções tornam-se mais claras na imagineria. Tanto os paus como as espadas são usados para golpear; as copas, por outro lado, cumprem a sua função recebendo e contendo água; enquanto os ouros, quer como sinais mágicos quer como dinheiro, conseguem influenciar o mundo sem se moverem fisicamente. Da

mesma forma, o fogo e o ar estão em constante mutação, enquanto a água e a terra tendem mais para a inércia.

Uma pequena reflexão, bem como um olhar sobre as imagens, mostrará como estas categorias separadas se misturam na realidade. Tanto Paus como Ouros lidam com negócios, tanto Paus como Espadas indicam conflito. Copas e Paus tendem para experiências felizes e positivas, enquanto Ouros e Espadas representam frequentemente os lados mais difíceis da vida. Ao mesmo tempo, Copas e Espadas cobrem a gama geral das emoções, enquanto Ouros e Paus retratam as atividades mais físicas. Em vez de mostrarem separações rígidas, as cartas tendem para combinações e para o esbatimento de todas as distinções.

Na Parte Um, escrevi que o estudo das leituras de Tarot nos ensina, acima de tudo, que nenhuma qualidade é boa ou má, exceto dentro do contexto de uma situação real. Aprendemos também com as leituras que nenhuma situação, qualidade ou característica pessoal existe de forma isolada, mas apenas em combinação com outras. Numa leitura, olhamos primeiro para as cartas individuais nas suas posições individuais, mas compreendemos o que a leitura nos diz quando vemos como as cartas se misturam num padrão global. Da mesma forma, estudamos as cartas individualmente, mas compreendemo-las plenamente apenas quando as vemos a funcionar.

Os diferentes elementos representam não apenas diferentes experiências, mas também diferentes abordagens à vida. Uma razão para estudar os naipes como um todo é ver as vantagens e os problemas de cada abordagem. Para cada naipe, olharemos para um «problema» e um «Caminho para o Espírito». Como exemplo, o problema de Copas é a passividade; o Caminho para o Espírito é o amor. Através das diferentes imagens, vemos como as experiências de Copas realçam estas qualidades.

Ao dispor as cartas, segui o exemplo de Waite ao mover-me do Rei até ao Ás, em vez de fazer o contrário. Também aqui Waite estava a seguir o exemplo da Aurora Dourada, que via o Espírito como descendo metaforicamente para o mundo físico, de modo que contamos de forma decrescente a partir dos números mais elevados. Porque os reis (como símbolos tradicionais e não como realidade política) carregam uma responsabilidade pela manutenção da sociedade, e porque o rei dá uma imagem de maturidade, os quatro Reis simbolizam todos a versão mais estável e socialmente orientada do naipe. Os Áses, por outro lado, significam unidade e perfeição. Portanto, os Áses representam os elementos na sua forma mais pura. O Ás de Paus representa o próprio Fogo e tudo o que ele significa, enquanto as outras treze cartas de Paus retratam algum

exemplo específico de Fogo, quer numa situação (cartas 2 – 10) quer como um tipo de personalidade (as cartas da corte).

No baralho Rider, vemos cada Ás ser segurado por uma mão que sai de uma nuvem. Este símbolo, visto também noutros baralhos, ensina-nos que cada elemento nos pode conduzir ao mistério espiritual. Ensina-nos também que toda a experiência é uma dádiva, proveniente de uma fonte que não conseguimos conhecer conscientemente, a menos que sigamos a profunda jornada espiritual mostrada nos Arcanos Maiores. Por esta razão, terminei cada naipe com o Ás.

O TETRAGRAMA

Além dos quatro elementos, deveríamos olhar para o outro símbolo implícito nos quatro naipes, o do nome de Deus. Encontramos estas quatro letras, *Yod-Heh-Vav-Heh*, dispostas na Roda da Fortuna, a décima carta dos Arcanos Maiores. Em letras europeias, escrevemo-las como YHVH, ou por vezes IHVH. Como a Bíblia não apresenta vogais para o nome, não conseguimos realmente pronunciá-lo; ele simboliza, portanto, a natureza incognoscível de Deus, a separação essencial entre Deus e o homem que caracteriza a religião ocidental.

Vários autores atribuíram os nomes de Jeová ou Jah ou Javé a essas letras, mas isso leva a confusão. Quando consultamos os escritos dos cabalistas, descobrimos que os caracteres não formam um «nome» no sentido humano de um rótulo que representa uma pessoa, mas sim que retratam uma fórmula. E essa fórmula descreve o processo da criação.

O tetragrama e os quatro elementos não formam propriamente dois sistemas separados, mas sim um único símbolo unificado. Cada um dos elementos pertence a uma letra: *Yod*-Fogo, *Heh*-Água, *Vav*-Ar, *Heh*-Terra;* e quando aplicamos o nome de Deus aos elementos, completamos o significado das suas diferenças simbólicas.

O processo decorre da seguinte forma: *Yod*, ou Fogo, simboliza o início de qualquer empreendimento, a primeira faísca criativa, a energia necessária para começar. Em termos míticos, o *Yod* indica a centelha divina a emergir do Deus incognoscível. Em termos psicológicos, representa o impulso para iniciar algum projeto específico ou uma nova forma de vida. O primeiro *Heh*, Água, simboliza o início propriamente dito, à medida que a faísca é «recebida» num padrão. Mitologicamente, isto refere-se ao Fogo de Deus a tocar as «Águas do abismo», ou seja, o caos antes de Deus começar a ordenar o universo. Psiquicamente, compreendemos que os nossos planos e esperanças permanecem informes, vagos, até que a energia

do Fogo entre neles e nos ponha de facto a fazer algo. Ao mesmo tempo, a irrequieta energia de Paus não nos pode beneficiar a menos que lhe demos um propósito definido.

A terceira letra, *Vav*, ligada ao Ar, simboliza o desenvolvimento do plano, o movimento direcionado e determinado que faz com que tudo ganhe forma. No seu sentido sagrado, significa o estágio da criação no qual Deus deu ao mundo a sua forma subjacente. O Ar representa o intelecto, e psicologicamente o *Vav* indica o processo mental de passar de um objetivo para um plano concreto que trará o projeto para a realidade.

Finalmente, o segundo *Heh*, Terra, representa a criação terminada, a coisa em si. Em termos religiosos, significa a matéria, o universo físico, aquilo que Deus criou através do processo das outras letras. Em termos humanos, significa a consumação do objetivo.

Tomemos o exemplo de um poema. Ele não pode começar sem um impulso em direção à poesia e um desejo de expressar algo. Ao mesmo tempo, este desejo não vai a lado nenhum a menos que consigamos escolher um tema particular. De certa forma, o tema «recebe» o impulso para escrever. Ainda assim, o poema nunca emergirá até trabalharmos nele, usando o intelecto e a escrita de vários rascunhos para resolver os problemas de imagética, ritmo e assim por diante. Finalmente, o processo termina quando conseguimos segurar o poema real nas nossas mãos e passá-lo a outros. Uma pequena reflexão mostrará que o mesmo desenvolvimento se aplica a qualquer ação, desde construir uma casa a fabricar cerveja ou a fazer amor.

Claramente, o último elemento, a Terra, situa-se um pouco à parte dos outros. O matemático e ocultista P. D. Ouspensky desenhou esta relação no seguinte diagrama:

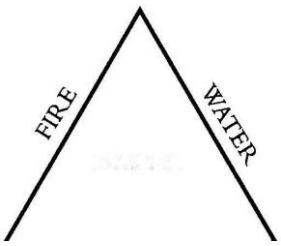


Figura 24

Um olhar sobre as letras hebraicas também nos ajudará a compreender o simbolismo. Lendo da direita para a esquerda, elas são:

Note-se como o *Yod*, a letra do Fogo, quase não tem forma alguma, assemelhando-se antes a um ponto, o lampejo de um primeiro impulso. Observe-se também que os dois *Hehs* se assemelham vagamente a copas ou copos invertidos. O primeiro «recebe» o impulso, o segundo recebe o processo inteiro e dá-lhe uma forma física. Finalmente, observe-se como a terceira letra, *Vav*, estende a primeira letra, *Yod*. O intelecto, o Ar, pega na energia do Fogo e dá-lhe uma direção definida.

Pode parecer, ao início, que o quarto elemento, a Terra, consegue existir por si só. No entanto, para que encontremos qualquer significado nas nossas posses, temos de compreender os processos criativos que as trouxeram à existência. Quando olhamos para os «problemas» relativos a cada naipe, vemos que cada um surge apenas quando removemos o naipe da sua relação com os outros. Ou, por outras palavras, quando nos inclinamos demasiado numa única direção na vida. O problema da Terra, o materialismo, é contrabalançado através da adição de Copas, para a apreciação emocional. A forma como um naipe é adicionado a outro será discutida na secção sobre Leituras.

Assim como cada naipe tem qualidades especiais, o mesmo acontece com cada número ou posição da Corte. Para cada carta, podemos ver o significado como uma combinação do número e do naipe. Existem vários sistemas numerológicos que descrevem os valores dos números. Em vez de recorrer a um em particular, os significados aqui apresentados derivam das qualidades das próprias cartas.

Rei – responsabilidade social, poder, sucesso
Rainha – profunda apreciação do naipe; criatividade
Cavaleiro – ação, responsabilidade para com os outros
Valete – exploração, estudo
10 – conclusão, a necessidade de ir para lá
9 – compromissos, luta
8 – movimento
7 – vitória
6 – comunicação
5 – perda, conflito
4 – estrutura
3 – plena expressão do elemento
2 – união
Ás – qualidade básica, raiz

Nalgumas situações, o naipe e o número apoiam-se mutuamente; noutras, entram em conflito, produzindo por vezes até o oposto do significado do número. Por exemplo, o tema unificador do Oito é o movimento. Como o Fogo também significa movimento, Paus expressa este tema de forma muito direta. Espadas, contudo, enfatiza o conflito. Em vez de alguém em movimento, o Oito de Espadas mostra uma mulher cujo movimento está restrito. A questão continua a ser o movimento, mas agora a oposição torna-se o foco.

AS CARTAS PORTAL

Se as cartas Menores de Rider nos servem principalmente como um comentário sobre a vida comum, elas não ignoram nem nos afastam de perceções mais profundas. Pelo contrário, a inclinação filosófica das cartas conduz-nos sempre na direção de «forças ocultas» que dão forma e significado à experiência comum. Uma visão verdadeiramente realista do mundo (em oposição à ideologia materialista estreita comummente pensada como «realismo») reconhecerá a energia espiritual sempre presente dentro dos padrões em constante mutação do mundo. Grande parte da ciência convencional está atualmente a afastar-se da noção de que forças como o eletromagnetismo são estáticas e mecânicas, caminhando para a imagem de que são dinâmicas e constantemente criativas.

O baralho Rider encoraja grandemente essa perceção. Vemo-la celebrada no Dez de Copas; vemo-la mais diretamente nos Áses, onde cada elemento é mostrado como uma dádiva.

Mas o baralho Rider faz mais do que ensinar-nos esta perceção. Certas cartas, abordadas da forma correta, conseguem ajudar a produzi-la. Anteriormente, considerámos a perspetiva oculta de que olhar para padrões geométricos criará efeitos no cérebro. De forma semelhante, juntarmo-nos meditativamente a cartas particulares nos quatro naipes trará experiências que vão para lá dos significados específicos das cartas.

Chamo a estas cartas Portais, devido à forma como abrem um caminho do mundo comum para o nível interior de experiências arquetípicas. Cada naipe contém pelo menos uma destas cartas, sendo que Ouros contém a maioria. Todas partilham certas características: significados complexos, frequentemente contraditórios, e uma estranheza de cariz mítico que nenhuma interpretação alegórica consegue penetrar completamente. Ao escolher certas cartas para cumprir esta função, não pretendo sugerir que nenhumas outras o façam, mas apenas que, na minha experiência, estas cartas em particular agem dessa forma.

Por vezes, a estranheza de um Portal residirá na superfície, mas noutras cartas só se torna aparente depois de termos analisado a carta intelectualmente. Os últimos casos demonstram um ponto muito importante: o de que as perceções exteriores e interiores não se opõem, mas sim revelam-se mutuamente. A melhor abordagem a uma carta Portal começa com o conhecimento dos significados literais e simbólicos da carta. Quando os tivermos levado tão longe quanto possível, chegaremos ao caminho de estranheza que se situa para lá deles.

O Tarot demonstra muitas coisas, algumas muito inesperadas. Estas coisas emergem através da interpretação das imagens do Tarot, através da união com essas imagens na meditação e através da observação das combinações formadas nas leituras. Tomadas separadamente, as cartas dos Arcanos Menores apresentam-nos um grandioso panorama das experiências humanas. Juntas, e em união com as cartas Maiores arquetípicas, atraem-nos para um conhecimento cada vez mais amplo do maravilhamento mutável da vida.

- Estas ligações provêm da tradição do Tarot. Alguns cabalistas usam uma ordem ligeiramente diferente.

CAPÍTULO SETE

PAUS

De uma forma ou de outra, os seres humanos tomaram praticamente toda a natureza como símbolos para a essência espiritual da vida. De todos estes símbolos, o fogo destaca-se como o mais poderoso. Falamos da «centelha divina» na alma, de alguém que está «em chamas com uma ideia», e quando alguém se tornou amargo ou desencantado dizemos que «o fogo se apagou nele». Quando Deus baniu Adão e Eva do Jardim do Éden e da sua Árvore da Vida, colocou um querubim com uma espada flamejante a guardar a entrada.

Pela sua Queda, os primeiros humanos tinham-se alienado do fogo celestial. Quando os iogues, através da meditação e do exercício, fazem a *kundalini*, ou força espiritual, subir, experienciam essa subida como um grande calor que se move pela espinha dorsal. E os xamãs por todo o mundo demonstram o seu poder espiritual tornando-se mestres do fogo, dançando nas chamas ou segurando carvões em brasa na boca.

O fogo representa a essência vital da vida que anima os nossos corpos. Sem ele, tornamo-nos cadáveres. A famosa pintura da criação de Miguel Ângelo mostra uma faísca a saltar do dedo de Deus para o de Adão.

Descrevemos as alterações químicas dos alimentos no nosso estômago como o corpo a «queimar combustível». O fogo simboliza a própria energia da existência. Como se eleva, saltando constantemente para cima, o fogo representa o otimismo, a confiança, a esperança.

Para dar aos seres humanos um toque de imortalidade e torná-los imunes às ameaças de aniquilação de Zeus, Prometeu deu-lhes o fogo. As pessoas sempre compreenderam que o fogo era espiritual. Evidências em cavernas e de escavações arqueológicas indicam que, quando os nossos antepassados mais remotos descobriram como controlar o fogo, usaram-no para rituais muito antes de pensarem em cozinhar alimentos ou fazer ferramentas.

Como os Arcanos Menores lidam principalmente com a amplitude exterior da experiência, Paus tende a mostrar a forma como o fogo interior se manifesta na vida comum. Além do conhecimento específico ganho, o estudo dos Arcanos Menores mostra como a experiência mundana deriva de uma base espiritual.

Paus, portanto, representa antes de mais o movimento. Quer ganhem quer percam, as cartas de Paus lutam constantemente, não tanto devido aos problemas ou objetivos reais, mas apenas pelo amor ao conflito, pela oportunidade de usar toda aquela energia. Nos negócios, Paus representa o comércio e a competição; no amor, simboliza o romance, as propostas, o ato de conquistar um amante em vez da emoção do amor em si. Paus leva-nos a abordar a vida com ação e entusiasmo.

Quando Paus triunfa em demasia, como acontece com o Rei ou com a figura no Dois, então uma melancolia pode dominar as personagens, pois as recompensas do sucesso podem amarrá-las. Noutras alturas, como no Nove ou no Dez, deixam que o hábito de lutar ou de assumir todos os problemas as cegue para alternativas mais pacíficas.

Na maior parte das vezes, contudo, a influência de Paus mostra-nos pessoas a vencer as suas batalhas. Através de Paus, encontramos o Caminho para o Espírito no movimento, na ação, no viver pela alegria de viver. Encontram a sua expressão mais poderosa no Quatro, dançando para fora da cidade amuralhada para celebrar o poder dador de vida do Sol.

E, no entanto, apesar de toda aquela energia vitalizante expressa no poder do Sol para literalmente trazer a vida para fora do solo, o fogo também destrói. Se não for controlada e direcionada, essa energia queima o mundo. Portanto, vemos todas as cartas da corte de Paus de pé ou sentadas num deserto. Apesar do seu otimismo e entusiasmo, Paus precisa da

influência suavizante de Copas, pois sem água o sol de verão traz apenas a seca. De Copas, então, vem um sentido de profundidade e a capacidade de sentir bem como de agir. De Espadas obtemos um sentido de planeamento e direção para toda a energia. De Espadas vem também a perceção do desgosto e da dor para equilibrar o otimismo e o espírito conquistador de Paus. E de Ouros vem o sentido de estar enraizado no mundo real, a capacidade de desfrutar da vida bem como de a superar.

Figura 25

REI

Nas leituras, as cartas da corte de cada naipe representam tradicionalmente pessoas que irão influenciar a vida do consulente. Embora este seja frequentemente o caso, também conseguem simbolizar o próprio consulente. Tomadas por si mesmas, ou seja, fora do contexto de leituras específicas, as dezasseis cartas da corte fornecem uma maior amplitude de carateres humanos. Quer numa leitura quer por si só como objeto de estudo, qualquer carta da corte específica indica uma pessoa que possui ou expressa as qualidades significadas por essa carta.

Um Rei (ou um Cavaleiro ou um Valete) não significa necessariamente um homem, nem uma Rainha uma mulher. Em vez disso, mostram qualidades e atitudes tradicionalmente simbolizadas por essas figuras. As funções sociais particulares de um rei, de uma rainha ou de um cavaleiro sugerem certas experiências e responsabilidades. As cartas simbolizam estas tanto quanto representam a idade ou o sexo.

Deveríamos também evitar a ideia de que uma carta possa simbolizar uma pessoa individual ao longo da vida, no sentido de dizer sobre alguém: «Ela é a Rainha de Paus», e pensar que isso resume a sua vida. Uma pessoa pode passar por uma fase de Rainha de Espadas num mês e mover-se para

um Cavaleiro de Copas no seguinte. Ou experienciar ambas ao mesmo tempo, em diferentes aspetos da sua vida nessa altura.

Um rei é um governante, responsável pelo bem-estar da sociedade. No baralho Rider, os quatro Reis usam o que Waite chama «um barrete de manutenção» por baixo das suas coroas. Tradicionalmente, o rei carrega a responsabilidade de manter o seu povo. Portanto, todos os Reis representam tanto o sucesso (pois o rei, afinal de contas, é supremo) quanto a responsabilidade social.

O Rei de Paus traduz estas qualidades em termos de Paus. Indica uma pessoa de mente firme, capaz de dominar os outros pela força da vontade. O seu poder deriva de uma crença convicta na sua própria retidão. Sabe a verdade; sabe que o seu método é o melhor. Considera natural que os outros o sigam. Ao mesmo tempo, mostra a energia de Paus controlada e canalizada para projetos úteis ou carreiras de longo prazo. A natureza aventureira de Paus pode deixar uma pessoa assim desconfortável neste papel. Inclina-se para a frente no seu trono, como se quisesse dar um salto e partir em busca de novas experiências.

É naturalmente honesto, não vendo razão nem valor nas mentiras. É positivo e otimista praticamente pela mesma razão; a energia de Paus arde de forma tão forte nele que não compreende por que razão alguém haveria de expressar atitudes negativas.

Uma personalidade tão forte pode tender para a intolerância, incapaz de compreender a fraqueza ou o desespero porque não experienciou estas coisas na primeira pessoa. Este lado impaciente do Rei poderia ostentar a divisa: «Se eu consigo fazer, tu também consegues». Uma vez, numa leitura, vi uma expressão muito feliz daquilo a que as pessoas costumavam chamar «o fosso geracional»: o Rei de Paus e o Louco, ambos enérgicos, mas um a essência da responsabilidade, o outro a imagem pura do instinto e da liberdade.

Dois símbolos dominam a carta: o leão, emblema de Leão, e a salamandra, um lagarto lendário que se acreditava habitar no fogo. Representam o mundano e o espiritual, pois enquanto Leão indica os traços de personalidade pertencentes ao Fogo, a salamandra era um símbolo favorito dos alquimistas. No seu melhor, o Rei é mestre do Fogo criativo. O seu sentido de compromisso social domou-o e pô-lo a uso. Note-se que as salamandras no seu manto são mostradas com a cauda na boca. O círculo fechado significa maturidade e conclusão. Compare-se esta imagem com a túnica do cavaleiro, onde as caudas e as bocas não se encontram.

INVERTIDO

Quando invertemos uma carta, alteramos de alguma forma o seu significado primordial, como se o impacto original tivesse ficado bloqueado, redirecionado ou, nalguns casos, libertado. Alguns comentadores de Tarot preferem descartar os significados invertidos, e é verdade que na meditação ou na criatividade consideramos habitualmente todas as cartas na posição correta. Mas nas leituras ou no estudo, os significados invertidos fazem mais do que duplicar os significados possíveis no baralho. Ao mostrarem-nos a carta sob um ângulo diferente, dão-nos uma compreensão mais ampla do que a carta realmente significa.

Numa leitura, se uma carta da corte se refere a uma pessoa específica (pelo tipo físico, digamos, em vez das qualidades da carta), então invertida indica essa pessoa perturbada ou bloqueada, ou talvez a exercer uma má influência sobre o consulente. Se, por outro lado, olharmos para as qualidades na carta, então invertida mostra essas qualidades alteradas.

Na posição correta, o Rei mostra-nos alguém poderoso e autoritário, mas frequentemente intolerante com as fraquezas alheias. Invertido, vemos esse fogo natural após ter encontrado obstáculos e derrotas que poderiam tornar cínica ou assustada uma pessoa menos vigorosa. Como se trata do Rei de Paus, não perde a sua força, mas torna-se, em vez disso, temperado, mais compreensivo com os outros e ao mesmo tempo mais duro na sua atitude perante a vida, que já não se apresenta como uma contenda tão fácil. A fórmula de Waite aqui é muito feliz: «Bom mas severo, austero embora tolerante».

Figura 26

RAINHA

A Rainha representa o yin, ou as qualidades recetivas de cada elemento. Mostra uma apreciação desse elemento em vez do uso social que o Rei lhe dá. Isto não significa que as Rainhas indiquem fraqueza, ou sequer inação, mas sim o elemento traduzido em sentimento e compreensão.

Mais uma vez, não precisamos de aplicar estas qualidades apenas a mulheres. Se, numa leitura, vemos a Rainha a identificar uma pessoa apenas pelo tipo físico, então a Rainha significa naturalmente uma mulher. Mas se desejamos aplicar as qualidades simbólicas a alguém, então qualquer carta da corte pode representar uma mulher ou um homem. E, à parte das leituras, a Rainha de Paus representa uma apreciação particular da vida.

Em contraste com o entusiasmo e a impaciência do Rei, a Rainha senta-se no seu trono como se estivesse plantada ali. A sua coroa é florida, o seu vestido é feito de luz solar. Sendo a única de todas as Rainhas, senta-se com as pernas afastadas, significando a energia sexual. Mostra uma apreciação da vida ao estilo do Fogo: calorosa, apaixonada, muito solidamente assente no mundo. Tal como o Rei, é honesta e sincera, não vendo qualquer propósito no engano ou na malevolência. Mais sensível do que o Rei, permite-se amar tanto a vida como as outras pessoas, vendo o controlo ou a dominação como algo sem maior valor do que o cinismo.

Um gato preto guarda o seu trono. No folclore cristão, o Diabo dava um gato preto a uma bruxa para a proteger de ataques. O significado aqui é menos melodramático. Por vezes, se uma pessoa ama a vida, o mundo parece responder protegendo essa pessoa de danos e enviando-lhe experiências alegres. Não conseguimos compreender a forma como isto acontece sem alcançar o conhecimento complexo e interior do universo simbolizado pelas últimas cartas do Arcano Maior. No entanto, tal consegue acontecer, e o gato preto mostra esta resposta da natureza a alguém que se aproxima dela com alegria ardente.

INVERTIDA

Tal como com o Rei, a Rainha de cabeça para baixo mostra a reação de uma pessoa assim perante a oposição e o desgosto. A boa natureza básica e as atitudes positivas da Rainha, bem como a sua energia, tornam-na inestimável numa crise ou desastre. Podemos vê-la como o tipo de pessoa que assumirá a gestão da casa de alguém quando este passa por uma crise e, ao mesmo tempo, oferecerá conselhos, consulta, apoio emocional, vindo todas estas coisas de um impulso natural e não de qualquer sentido de dever.

Ao mesmo tempo, esta boa natureza exige que a vida responda de uma forma positiva. Demasiado desastre ou demasiada oposição por parte da vida (e a fraqueza de uma pessoa assim pode ser a tendência para pensar que a vida é «injusta»), e um traço malévolo consegue emergir. Pode tornar-se dissimulada, ciumenta, infiel ou algo amarga.

Figure 27

CAVALEIRO

Os Cavaleiros traduzem a qualidade de cada naipe em movimento. A energia que vimos como realização no Rei, e como consciência na Rainha, irrompe aqui numa fase mais precoce. Nos Cavaleiros, vemos as formas como cada elemento é colocado em uso. Ao mesmo tempo, os Cavaleiros carecem da segurança e da estabilidade dos Reis e das Rainhas.

Como o próprio Fogo simboliza o movimento, o Cavaleiro de Paus mostra esta qualidade ao extremo. Ele representa o entusiasmo, a ação, o movimento pelo próprio movimento, a aventura e a viagem. Sem alguma influência de enraizamento, todo este entusiasmo pode dissipar-se à medida que ele tenta voar em todas as direções ao mesmo tempo. Aliado a um sentido de propósito e ajudado por alguma influência do Ar no planeamento, o Cavaleiro de Paus pode fornecer a energia e a autoconfiança para uma grande realização.

Note-se que, na sua camisa, as caudas das salamandras não tocam nas suas bocas, simbolizando a ação incompleta, planos informes. Em contraste com o Rei, o Cavaleiro está apenas a começar as suas aventuras.

INVERTIDO

Imagine-se o jovem Cavaleiro. Ao contrário do guerreiro experiente, ele procura a batalha em todas as oportunidades, precisando de provar a sua

coragem e força, a si mesmo e aos outros. E, no entanto, é facilmente derrubado do seu cavalo. Não testado, todo aquele entusiasmo de Paus e do Cavaleiro carrega uma certa qualidade frágil. A oposição confunde-o, chegando mesmo a fazer com que os seus grandes projetos desabem à sua volta.

Esperando que tudo falhe diante de si, ele pode encontrar-se em desarmonia básica com as pessoas ou situações ao seu redor. As suas ações são interrompidas à medida que descobre que a sua boa natureza básica está em desacordo com as pessoas e as situações.

Numa leitura, portanto, o Cavaleiro invertido simboliza a confusão, projetos interrompidos, colapso e desarmonia.

Figure 28

VALETE

Os Valetes representam a qualidade de cada naipe no seu estado mais simples, desfrutando de si mesmo por si mesmo, de uma forma mais leve e juvenil do que a Rainha madura. Fisicamente, os Valetes referem-se a crianças. Em relação aos adultos, indicam um momento em que uma pessoa experiencia algum aspeto da vida apenas por si mesmo, livre de pressões externas. Como crianças, os Valetes simbolizam com muita frequência os começos, o estudo, a reflexão, as qualidades do jovem estudante.

Como os Paus simbolizam o início, o Valete de Paus indica especialmente o início de projetos e, em particular, um anúncio ao mundo,

e a nós próprios, de que estamos prontos para começar ou um "projeto" (isto pode referir-se tanto a um relacionamento como a planos práticos) ou uma nova fase da vida. Num nível mais simples, o Valete pode representar um mensageiro, uma mensagem ou informação. Em situações emocionais, o entusiasmo simples do Valete implica um amigo ou amante fiel.

INVERTIDO

Mais calmo do que o Cavaleiro, o Valete não é abalado de forma tão selvagem pelos problemas, mas, em vez disso, torna-se confuso e indeciso. O seu entusiasmo para começar é interrompido por complexidades e por uma oposição direta, deixando-o com medo ou incapaz de se declarar.

Como as suas qualidades básicas são a simplicidade e a fidelidade (note-se que muitas das salamandras no seu fato estão completas, significando não projetos terminados como acontece com o Rei, mas sim uma integridade simples em si mesmo), quando indeciso ele pode tornar-se instável e fraco. Uma pessoa indicada por esta carta precisa de se afastar da complexidade ou de desenvolver a maturidade para lidar com ela. A indecisão contínua só pode levar a que a determinação e a autoconfiança se degenerem ainda mais.

Figure 29

DEZ

Porque estão tão envolvidos no movimento e na ação, os Paus convidam aos problemas. Constantemente em conflito, eles quase atraem inimigos e dificuldades. Isto resulta em parte da falta de propósito e de plano, mas também do prazer secreto que o naipe de Paus retira de qualquer disputa.

O Dez mostra-nos, à superfície, a imagem de uma pessoa sobrecarregada e oprimida pela vida, e especialmente pela responsabilidade. O seu entusiasmo de Paus envolveu-o em tantas situações que agora, paradoxalmente, essa mesma energia está sobrecarregada com compromissos e problemas. Ele quer estar livre para viajar, procurar aventura e novos envolvimentos; mas, em vez disso, encontra-se, tal como o homem de carreira dos subúrbios, preso numa teia de responsabilidades infinitas — financeiras, familiares, de trabalho — que ele próprio criou. Ele não planeou isto; cresceu ao seu redor.

Vemos aqui o grande problema de Paus. A energia do Fogo age sem pensar, assume novos problemas simplesmente pelo desafio. Mas estas situações e responsabilidades não desaparecem quando a pessoa fica entediada e quer seguir para algo novo. Elas permanecem e podem inundar o fogo que parecia conquistá-las.

Em situações emocionais, a carta mostra-nos a pessoa que assume sobre si todo o peso de um relacionamento. Quaisquer que sejam os problemas que surjam, conflitos e insatisfações, ela tenta suavizá-los. Com as costas curvadas, ele ou ela luta para manter o relacionamento a funcionar, enquanto a outra pessoa (ou pessoas) pode nem sequer reconhecer o que está a acontecer.

Tanto na situação prática como na emocional, a pessoa assumiu os fardos sobre si mesma. Ela criou a situação e precisa de perceber que outras abordagens ainda são possíveis. Em tais situações, os fardos podem não ser totalmente reais, ou pelo menos podem ser evitados; podem, de facto, servir de desculpa para evitar fazer algo realmente construtivo, como afastar-se de uma situação má.

INVERTIDO

Como muitas cartas, especialmente quando invertidas, é possível mais do que um significado. Numa leitura, podemos determinar o melhor significado (embora às vezes mais do que um significado se aplique, como numa escolha) em parte através das outras cartas, e em parte através de uma intuição que só se pode desenvolver com a prática. No estudo, esta variedade de significados demonstra o facto de que uma situação pode mudar *de muitas formas*.

Mais simplesmente, o Dez de Paus invertido indica que os fardos aumentaram em peso e em número até ao ponto em que a pessoa pode colapsar devido a eles, física ou emocionalmente. Ao mesmo tempo, pode significar que a pessoa se libertou dos fardos (talvez porque se tornaram

demasiado pesados para suportar). A partir daqui, a situação ramifica-se novamente. Será que ele ou ela deita fora os paus devido à perceção de que pode usar a energia para um propósito melhor? Ou a pessoa apenas se rebela contra as responsabilidades sem realmente fazer nada de construtivo? Uma mulher para quem uma vez fiz uma leitura descreveu-o como uma questão de atirar os paus para trás ou para diante de nós. Se for para trás, tentamos uma nova direção. Se for para a frente, significa que os recolheremos novamente e continuaremos a caminhar penosamente pela mesma estrada.

Figure 29

NOVE

Os Nines mostram como os naipes lidam com os problemas e as concessões que estes exigem. O Fogo implica grande força, poder físico, agilidade mental. Emocionalmente, no entanto, esta predileção pela luta pode prender os Paus em padrões de conflitos. No Nove vemos novamente la imagem de alguém que enfrentou muita oposição, dos outros e da vida; em vez de a assumir sobre si próprio, no entanto, ele lutou de volta. O ato de lutar desenvolveu a sua força, de modo que a imagem mostra alguém musculado e de olhos atentos. Os Paus atrás dele podem representar os seus recursos na vida, ou então os seus problemas a erguerem-se atrás de si. De qualquer forma, ele está pronto para a próxima luta.

Note-se, contudo, a sua postura rígida, a rigidez e o ombro erguido. Note-se também a ligadura à volta da sua cabeça, indicando uma ferida psíquica. O lutador não é uma pessoa íntegra. Seja por necessidade ou por hábito, ele fechou a consciência da vida para além do conflito, e agora procura apenas a próxima luta, enquanto os seus olhos veem apenas o inimigo, às vezes até depois de o inimigo se ter rendido.

INVERTIDO

Novamente, alternativas. Primeiro, a defesa falha. Os obstáculos e problemas tornam-se demasiado grandes para que a sua força os contenha. O outro significado, no entanto, é o de procurar alguma abordagem diferente.

Não devemos assumir que a carta nos aconselha sempre a desistir de lutar. Abandonar a atitude defensiva significa correr um grande risco, pois o que acontece se os problemas que mantivemos afastados durante tanto tempo correrem contra nós? O contexto é tudo e, por vezes, o contexto exige aqueles ombros poderosos e olhos afiados. E, no entanto, observe-se quanta energia a pessoa gasta simplesmente mantendo-se tensa e pronta para a batalha. Em leituras específicas, as verdadeiras implicações desta carta só podem tornar-se claras ao vê-la combinar-se com outras cartas.

Figura 31

OITO

O Fogo implica rapidez e movimento. Embora este movimento às vezes careça de direção, vemos aqui a imagem de uma jornada que chega ao fim, ou de coisas concluídas. Quando o Fogo encontra o seu objetivo, os projetos e situações chegam a um fim satisfatório. Os Paus desceram à terra. Portanto, a imagem nesta carta implica a adição do enraizamento de Ouros à energia de Paus.

Romanticamente, Waite chama-lhes as "setas do amor". Podemos ver isto especialmente como significando a ação tomada num caso de amor, sedução, ou propostas feitas e aceites.

INVERTIDO

Invertida, a imagem torna-se uma imagem de continuidade, de nada chegar ao fim, especialmente quando um fim é desejado. Uma situação ou atitude simplesmente continua e continua, sem nenhuma conclusão à vista. Se tal situação não puder ser evitada, então é bom reconhecê-la e aceitá-la, em vez de deixar que traga frustração ou desapontamento. Por outro lado, às vezes nós próprios podemos provocar esta qualidade de "ficar no ar" ao esperar que uma situação permaneça por resolver. Uma das posições mais importantes numa leitura é aquela chamada "esperanças e medos"; com muita frequência, acaba por ser uma profecia autorrealizável.

As setas do amor, quando invertidas, tornam-se setas de ciúme e discussão. O ciúme pode derivar da incerteza e da confusão, tanto nos nossos sentimentos como nos da outra pessoa.

Figura 32

SETE

Tal como o Nove, esta é uma carta de conflito, mas aqui vemos a própria batalha, e o efeito é emocionante. Com a sua força e positividade naturais, os Paus esperam vencer e normalmente vencem. Através do conflito ativo, a figura nesta carta eleva-se acima de qualquer depressão para o ar límpido e inebriante. De certa forma, esta carta mostra o pano de fundo do Nove. Tornamo-nos defensivos e comprometidos com a luta através de uma experiência anterior de vitória, mantendo-nos no topo. Enquanto a luta dura, desfruta-se dela. As pessoas sob a influência de Paus precisam de saber que estão vivas, precisam daquela descarga de adrenalina para lhes mostrar que a vida corre através delas. Só mais tarde o hábito da batalha constante as encerra.

INVERTIDO

Como implícito na imagem, a pessoa está a usar o entusiasmo do conflito para se elevar acima da incerteza e da depressão. Invertido indica afundar-se na ansiedade, na indecisão, no embaraço. Em posição normal, ele não estava tanto no controlo da sua vida, mas sim a manter-se no topo dela. Aqui, ele já não pode adiar as contradições. Acima de tudo, a carta avisa contra a indecisão, sugerindo que, se uma pessoa conseguir chegar a um rumo de ação claro, a autoconfiança natural de Paus regressará para superar as ansiedades e os problemas externos.

Figura 33

SEIS

À medida que os Paus progridem em direção ao Ás, tornam-se mais fortes. A ênfase muda dos problemas para a alegria, da atitude defensiva para o otimismo até que, com o Ás, nos unificamos com o Fogo dador de vida. O Seis marca um ponto de viragem. No sistema da Golden Dawn, a carta ostenta o título de "Vitória", e vemos, de facto, um desfile de vitória, o herói coroado com uma coroa de louros e cercado pelo seu destino. (Uma ficção, claro; ele poderia com a mesma facilidade estar a voltar para casa. Estou a seguir o exemplo de Waite nisto.) Ele está a assumir a vitória. O otimismo produz o próprio sucesso que deseja e espera.

Muitas vezes, embora certamente nem sempre, requer apenas uma verdadeira crença em nós próprios para encontrar a energia para realizar o que queremos. Mais ainda, tal crença inspirará outros a seguir-nos. Os Seis lidam com a comunicação e com dádivas. Aqui, é a crença de Fogo na vida que os Paus dão às pessoas ao seu redor.

INVERTIDO

O verdadeiro otimismo cria a vitória. O falso otimismo, cobrindo as nossas dúvidas com arrogância ou ilusão, leva ao medo e à fraqueza. A

atitude mostrada na carta em posição normal não pode ser fingida, pois quando não funciona torna-se o oposto: o derrotismo, uma sensação de que os inimigos nos vão esmagar, ou de que a vida ou pessoas específicas nos vão trair de alguma forma. Esta atitude torna-se com demasiada frequência uma profecia autorrealizável, pois a suspeita pode produzir a traição.

Figura 34

CINCO

Novamente o conflito, mas num nível mais leve. É da natureza de Paus ver a vida como uma batalha, mas no seu melhor sentido a batalha torna-se uma luta emocionante, ansiosamente procurada. Os Cincos em geral mostram alguma dificuldade ou perda, mas o elemento Fogo traduz os problemas em competição, vista como uma forma através da qual as pessoas comunicam com a sociedade e umas com as outras. Os jovens estão a lutar, mas não para se magoarem uns aos outros. Como crianças a brincar aos cavaleiros, batem com os seus paus uns nos outros sem realmente atingirem ninguém. Eles procuram não destruir, mas apenas competir pela pura alegria da ação.

INVERTIDO

A competição emocionante em posição normal implica um sentido de regras e de jogo limpo, pois sem acordos compreendidos a luta como um jogo torna-se impossível. Invertida, a carta indica que as regras estão a ser abandonadas, que na verdade a batalha assumiu um tom mais sério, mais desagradável. O sentido de jogo muda para amargura ou desilusão à medida que as pessoas procuram realmente magoar-se ou arruinar-se umas às outras. A atitude de Fogo perante a vida, especialmente quando não é expandida pela consciência e sabedoria de Espadas, exige que la vida responda de uma forma positiva e não mostre o seu lado mais cruel. O Cinco invertido traz novamente à mente aquela frase "o fogo apagou-se".

Figure 35

QUATRO

O número quatro, com a sua imagem do quadrado, implica estagnação ou solidez. A irreprimível energia de Paus, no entanto, não requer cercas protetoras como requer, por exemplo, o naipe de Ouros. Ela não será contida, e por isso vemos pessoas a marchar extasiadas para a mais simples das estruturas, confiando no sol para queimar quaisquer nuvens de problemas. A carta representa um ambiente doméstico preenchido com o otimismo, o entusiasmo e a celebração de Fogo. Tal como no Seis, vemos pessoas a seguir os dançarinos. Ao contrário dessa carta, contudo, onde os soldados seguiam o líder carismático, as pessoas aqui são arrastadas pela alegria.

Elas estão a deixar uma cidade amuralhada em direção ao caramanchão aberto. Por outras palavras, o seu espírito e coragem transportam-nas de uma situação defensiva para uma situação aberta. Podemos contrastar esta imagem com a da Torre, mostrada à direita. As duas figuras nessa carta dos Arcanos Maiores estão vestidas de forma muito semelhante (até nas túnicas azuis e vermelhas) às duas no Quatro de Paus. Nos seus significados menos esotéricos, a Torre mostra a explosão que resulta quando as pessoas permitem que uma situação repressiva ou miserável se acumule até um nível intolerável. No Quatro de Paus, o otimismo e o amor à liberdade transportam as pessoas, juntas, para fora da sua cidade amuralhada antes que esta se torne uma prisão semelhante à Torre.

INVERTIDO

Waite diz que esta carta não muda quando está invertida. A alegria é tão poderosa que não pode ser bloqueada. Podemos acrescentar, no entanto, que o Quatro invertido pode indicar, tal como o Sol nos Arcanos Maiores,

que a felicidade no ambiente não é tão óbvia. Tal como acontece com a família no Dez de Ouros, as pessoas aqui simbolizadas podem precisar de aprender a valorizar o que têm. Outra possibilidade: a felicidade no ambiente da pessoa é igualmente forte, mas pouco ortodoxa, pelo menos em termos das atitudes e expectativas das outras pessoas.

Figure 36

TRÊS

O número três, porque junta o um e o dois numa nova realidade (ver a Imperatriz nos Arcanos Maiores), indica combinações e realizações. Em cada naipe, mostra esse elemento na sua maturidade. Com Paus, isto torna-se realização. A figura é mostrada forte, mas em repouso, sem ameaças. Os jovens competidores do Cinco alcançaram o sucesso, especialmente nos negócios, na carreira, etc., embora a carta também implique maturidade emocional. O entusiasmo de Paus não desaparece, mas aqui ele envia os seus navios para explorar novas áreas enquanto ele próprio permanece para trás.

Por outro lado, também podemos olhar para os barcos como regressando, trazendo de volta para a vida quotidiana os resultados de alguma exploração ou nova experiência. Em contraste com o Cavaleiro, a imagem sugere manter uma base sólida naquilo que já realizámos enquanto continuamos a abrir novas áreas e interesses em nós próprios. Às vezes, nas leituras, isto pode significar manter um compromisso primordial com relacionamentos existentes, enquanto ainda se procuram novos amigos ou amantes.

Algumas cartas de Tarot adquirem significados especiais que se aplicam apenas a situações específicas. Para uma pessoa perturbada ou a lutar com o passado, o Três de Paus pode indicar o pacificar-se com as suas memórias. Elas tornam-se como barcos a navegar num rio largo e depois

em direção ao mar. O sol poente, um símbolo de contentamento, ilumina o rio, símbolo da vida emocional de uma pessoa, com uma luz dourada e calorosa.

No Três de Paus vemos a primeira das cartas de Portal (o naipe de Paus, com a sua ênfase na ação, contém menos destas cartas interiores do que qualquer outro naipe). Metafisicamente, o mar sempre evocou nas pessoas um sentido da vastidão e do mistério do universo, enquanto os rios simbolizam a experiência do ego a dissolver-se nesse grande Mar. Os barcos representam aquela parte de nós que explora a experiência profunda, enquanto o homem expressa a importância de nos enraizarmos na realidade comum antes de tentarmos tais jornadas metafísicas.

Esta explicação esquemática dá apenas uma sombra intelectual dos verdadeiros significados da carta. Esse significado reside na experiência de fusão com a imagem até que os barcos nos transportem para as áreas desconhecidas de nós mesmos. Significativamente, é a adição da Água e da Terra, sob a forma do mar e da rocha, que direciona as imagens para o maior potencial do Fogo. No entanto, a qualidade especial deste Portal, a de explorar o desconhecido, pertence ao Fogo.

INVERTIDO

Vários significados refletem a natureza complexa da carta em posição normal. Por um lado, pode significar o fracasso de alguma "exploração" ou projeto (seja prático ou emocional) devido a "tempestades", isto é, problemas maiores do que tínhamos esperado ou previsto. Mas também pode significar o envolvermo-nos no nosso ambiente após um período de desapego e reflexão. A imagem em posição normal carrega um certo isolamento à medida que ele olha para o mundo de cima. Finalmente, pode indicar ser perturbado por memórias.

Figura 37

DOIS

Novamente uma carta de sucesso, ainda maior do que o Três, pois aqui um homem está num castelo e segura o mundo nas suas mãos. No entanto, a carta não carrega o mesmo contentamento que o Três. Ele está entediado; as suas realizações apenas serviram para o enclausurar (uma situação muito desagradável para o Fogo), e o mundo que ele segura é um mundo muito pequeno. Waite compara o seu cansaço ao de Alexandre, que supostamente chorou depois de ter conquistado o mundo conhecido porque não conseguia pensar em mais nada para fazer com a sua vida (a sua morte pouco tempo depois, sem dúvida, deu a esta lenda um impulso extra).

O comentário de Waite sugere que o amor de Paus pela batalha e pelo desafio pode deixar a pessoa sem nenhuma satisfação real nas realizações concretas quando a luta foi ganha. A comparação com o Quatro (assim como com o Dez) é óbvia. Ali, várias pessoas dançam juntas, saindo de uma cidade amuralhada. Aqui, uma pessoa está sozinha, enclausurada pelo seu próprio sucesso.

INVERTIDO

Aqui encontramos uma das melhores fórmulas de Waite: "Surpresa, admiração, encantamento, problema e medo". Todos estes termos juntos descrevem alguém que salta diretamente para uma nova experiência. Quando deixamos para trás situações seguras e o sucesso passado para entrar no desconhecido, libertamos tanta emoção e energia que não podemos evitar nem a admiração e o encantamento, nem o medo que os acompanha. A carta fala de forma muito forte às pessoas que viveram durante muito tempo numa situação desagradável ou insatisfatória e decidem finalmente fazer uma mudança de uma só vez.

Figura 38

ÁS

Uma dádiva de força, de poder, de grande energia sexual, do amor de viver. As folhas brotam tão abundantemente que caem para se tornarem *yods*, a primeira letra do nome de Deus. A presença dos *yods* em todos os Ases, exceto no de Ouros, indica que recebemos estas experiências primordiais como uma dádiva da vida. Não podemos causá-las ou produzi-las por quaisquer meios normais; elas chegam até nós como mãos que emergem das nuvens. Apenas ao alcançar os estados elevados de consciência mostrados nas cartas posteriores dos Arcanos Maiores podemos compreender as fontes destas explosões de energia elemental. Em situações comuns, basta experienciá-las e apreciá-las.

No início de alguma situação, nenhuma carta poderia sinalizar um começo melhor. Dá entusiasmo e força. Ao mesmo tempo, la carta ensina a humildade, pois lembra-nos que, em última análise, não fizemos nada moralmente para merecer o otimismo e a maior energia que por vezes nos permite sobrecarregar as outras pessoas.

INVERTIDO

Um Ás invertido implica, de alguma forma, o fracasso dessa experiência primordial. Isto pode significar simplesmente que a situação se volta contra nós ou, especialmente com Paus e Espadas, que achamos impossível agarrarmo-nos a essa força e usá-la de forma benéfica. Portanto, o Ás de Paus invertido pode significar caos, coisas a desmoronarem-se, seja porque aconteceu dessa forma, ou porque as arruinámos através de demasiada energia sem direção.

Isto pode acontecer a um nível prático, através de demasiada atividade, demasiados novos começos sem consolidar os ganhos passados;

ou emocionalmente, através de excesso de confiança na amizade, ou simplesmente por sermos prepotentes; ou finalmente, sexualmente, através da recusa em conter esse apetite sexual ardente.

Waite incluiu uma leitura muito mais leve para o Ás invertido: "Alegria nublada". Então o Ás torna-se como o Quatro ou o Sol; a admiração e a felicidade existem mesmo quando não conseguimos, ou não queremos, vê-las à nossa frente.

CAPÍTULO OITO

COPAS

Se o Fogo simboliza a força espiritual que dá vida ao universo, então a Água significa o amor que permite à alma receber essa força. O sol arranca a semente da terra, mas apenas quando a água primeiro a amaciou e nutriu. O Fogo representa a ação, a Água a falta de forma ou a passividade. A Água não simboliza fraqueza; pelo contrário, representa o ser interior e aquele lento despertar da semente para a vida. Em situações extremas, a água e o fogo são inimigos naturais; uma inundação obliterará um fogo, enquanto uma chama sob um recipiente dissolverá a água, já sem forma, em vapor. Ao mesmo tempo, a vida não pode existir ou crescer sem uma mistura destes dois opostos primordiais.

Este paradoxo levou os alquimistas e outros a descrever a transformação — que não é simplesmente mudança, mas uma evolução súbita de um estado fragmentado para um estado integrado — como uma unificação do Fogo e da Água, mostrada na imagem do hermafrodita (na sociedade tradicional, com a sua identificação estrita de género e papel, que símbolo de opostos mais poderoso existia do que o homem e a mulher?), e mais simbolicamente na estrela de seis pontas. Nessa imagem antiga (muito anterior ao seu uso moderno como emblema da identidade judaica), o triângulo do Fogo apontado para cima junta-se ao triângulo da Água apontado para baixo para formar uma imagem da vida a estender-se em todas as direções a partir de um centro unificado.

Porque a água num rio muda constantemente, e no entanto o rio mantém sempre o seu caráter básico, os rios simbolizam o verdadeiro eu que permanece constante sob todas as mudanças externas na vida de uma pessoa. Assim, enquanto o Fogo simboliza o que fazemos, a Água representa o que somos.

Todo o fluxo dos rios vai dar ao mar. Por mais que os nossos egos insistam na nossa separação do resto da vida, os nossos instintos — o lado Água em nós — relembram-nos da nossa harmonia com o universo. A cultura ocidental tem enfatizado a ideia do indivíduo como alguém único e separado do mundo. O Tarot não nega a singularidade do indivíduo — ele insiste nela, através da singularidade das leituras — mas, em vez disso, descreve o indivíduo como uma combinação de elementos (um mapa astrológico, com os seus doze signos e doze casas, ensina a mesma lição). E um desses elementos continua a ser a ligação básica de uma pessoa ao resto da vida.

O naipe de Copas mostra uma experiência interior que flui em vez de definir, que abre em vez de restringir. As Copas representam o amor e a imaginação, a alegria e a paz, um sentido de harmonia e de maravilha. Elas mostram-nos o amor como o Caminho para o Espírito, tanto o amor que damos aos outros como o amor que recebemos das pessoas e da própria vida nos seus momentos mais felizes.

Em momentos em que a vida exige ação, seja física ou emocional, as Copas representam o problema da passividade. Todas as tentativas de fazer algo, ou de resolver algum problema complicado, dissolvem-se em vagueza, apatia ou sonhos vazios. Os Paus dão energia às Copas, as Espadas definem essa energia emocional e dão-lhe direção, ajudando-a a compreender as coisas (embora uma tempestade de Ar agite a Água pacífica), enquanto os Ouros trazem as fantasias de volta à terra dos projetos reais.

Figura 39

REI

Tal como os Reis de Paus, ele representa o seu naipe em termos de responsabilidade social, realizações e maturidade. E, tal como o rei de

Fogo, a sua posição como mantenedor da sociedade não se ajusta a ele de forma totalmente confortável. As Copas simbolizam a imaginação criativa e, para alcançar o sucesso, ele teve de disciplinar e até suprimir os seus sonhos. O peixe, símbolo da criatividade, está pendurado ao pescoço dele, mas como um ornamento artificial. Ele direcionou os seus poderes criativos para realizações socialmente responsáveis. Waite descreve-o como um homem de "negócios, lei, divindade". Num certo sentido, ele amadureceu o seu naipe; mas a Água exige fluir, não ser confinada.

Atrás do seu trono, um peixe vivo salta através das ondas, significando que a imaginação criativa permanece viva mesmo quando empurrada para segundo plano. Da mesma forma, o seu trono flutua no mar agitado, contudo ele próprio não toca na água (compare-se com a Rainha, p.188), indicando que a sua realização deriva, em última análise, da criatividade, embora ele tenha moldado a sua vida de forma a separar-se da sua própria imaginação lúdica e poética.

No seu extremo, a imaginação sugere alguém que represou as suas emoções e imaginação. Também mostra, de forma mais suave, uma pessoa que expressa estas qualidades, mas não como algo central na sua vida. A responsabilidade vem antes da autoexpressão.

O Rei não olha para a sua taça; em vez disso, segura-a da mesma forma que segura o seu cetro, símbolo de poder. Alguns comentadores veem o Rei como uma pessoa de emoções perturbadas, até de raiva e violência, que habitualmente suprime estes sentimentos mesmo de si próprio, mantendo sempre um exterior calmo.

Em alguns contextos, especialmente nas artes, o Rei assume um significado muito diferente. Como é o líder do seu naipe, pode simbolizar o sucesso, a realização, a mestria e a maturidade no trabalho artístico.

INVERTIDO

Mais complexo, e talvez mais perturbado do que o Rei de Paus, o Rei de Copas invertido desliza em direção à desonestidade. Quando em posição normal, ele usa a sua criatividade para o seu trabalho; invertido, ele vira os seus talentos para o vício ou para a corrupção. Os vigaristas também usam a criatividade para progredir nas suas carreiras, mas não os descreveríamos como "responsáveis".

A carta invertida pode significar que as violentas emoções de Ar emergem do seu exterior calmo, talvez através da pressão de eventos externos. Romanticamente, o Rei de Copas invertido pode sugerir um

amante desonesto mas dominador, mais frequentemente do sexo masculino, às vezes do sexo feminino.

Finalmente, em relação às artes, o Rei invertido pode sugerir que a realização de um artista se revelou insignificante, ou que uma pessoa ainda não amadureceu e não pode apresentar um conjunto significativo de trabalho. Numa leitura, este significado final ganharia muita força se a carta aparecesse em ligação com certos Ouros invertidos, como o Oito ou o Três.

Figura 40

RAINHA

A mais bem-sucedida e equilibrada das Copas, e de certa forma de todas as cartas Menores, a Rainha é quase uma versão mundana da Dançarina do Mundo. Ficando entre a responsabilidade externa do Rei e a passividade do Cavaleiro, ela mostra a possibilidade de misturar imaginação e ação, criatividade e utilidade social. O seu trono, decorado com sereias querúbicas, assenta na terra, indicando a sua ligação vital com o mundo exterior e com as outras pessoas, uma ligação mais real do que a do Rei. Ao mesmo tempo, a água flui sobre os seus pés e funde-se com o seu vestido, significando a unidade do eu com a emoção e a imaginação. A água sugere também forças inconscientes — os padrões espirituais subjacentes mostrados nos Arcanos Maiores — a nutrir a vida consciente. A unidade da água, da terra e da Rainha implica que não alimentamos a imaginação dando-lhe total liberdade para divagar por onde quiser, mas sim direcionando-a para uma atividade valiosa, uma ideia que a maioria dos artistas apoiaria. Esta ideia aparece com ainda mais força no Nove de Ouros, emblema da disciplina criativa.

Waite descreve a taça que ela segura como sendo a sua própria criação. É a mais elaborada de todas as Copas (independentemente do que possamos pensar sobre o seu estilo!) e simboliza a realização alcançada

através do uso da imaginação. Note-se o seu formato semelhante ao de uma igreja. Até à era moderna (e ainda em culturas mais arcaicas), toda a arte expressava e glorificava a experiência espiritual. A Rainha fita a taça atentamente, mostrando a vontade forte que direciona e molda a força criativa sem a suprimir. Ao mesmo tempo, o seu olhar sugere que a pessoa criativa retira inspiração para a atividade futura das suas realizações passadas. Compare-se o seu olhar feroz com o devaneio do Cavaleiro, ou com as fantasias nubladas do Sete.

A força de vontade por si só não unirá a imaginação e a ação. Apenas o amor pode dar significado às suas ações e realizar os seus objetivos. Estes objetivos não são meramente criativos no sentido estrito da arte, mas no sentido mais amplo de fazer algo pleno e vivo a partir das oportunidades e elementos dados pela vida. Eles podem incluir objetivos emocionais, especialmente a família, pois enquanto o Rei simboliza a sociedade, a Rainha simboliza a família, tanto para homens como para mulheres.

O que é mais importante é que ela junta a consciência ao sentimento. Ela sabe o que quer e tomará os passos necessários para o obter. Contudo, ela age sempre com uma consciência de amor.

Waite diz "inteligência amorosa e, daí, o dom da visão", termos que sugerem que uma visão da vida como algo alegre só pode vir como uma dádiva, mas o amor pode abrir-nos para receber essa dádiva, para reconhecer que ela existe. Com a inteligência junta ao amor, retribuímos a dádiva ao pegar nessa visão e ao fazer algo real e duradouro a partir dela.

INVERTIDO

Inverter a Rainha de Copas quebra essa unidade de visão e ação. Vemos alguém ambiciosa e poderosa, mas perigosa, porque não se pode confiar nela. O amor perdeu-se e, com ele, o compromisso com valores maiores do que o seu próprio sucesso. Se ela deslizar ainda mais para fora do equilíbrio, pode tornar-se desonrosa, até mesmo depravada, à medida que a sua força criativa se descontrola.

Figura 41

CAVALEIRO

Sendo uma figura menos desenvolvida do que a Rainha ou o Rei, ele não aprendeu a direcionar a sua imaginação para o mundo. Portanto, os sonhos dominam esta carta, com as suas imagens de um cavalo lento e de um cavaleiro perdido nos encantos da sua taça, símbolo da imaginação. Ao mesmo tempo, a força criativa é menos poderosa aqui do que em qualquer outra das cartas da corte de Copas. Apenas um rio estreito flui através de uma terra árida. O Cavaleiro não aprendeu que a verdadeira imaginação se alimenta da ação e não da fantasia. Com isto quero dizer que, se não fizermos nada com os nossos sonhos, eles permanecem vagos e sem relação com o resto das nossas vidas.

Podemos apontar outro aspeto sobre o devaneio do Cavaleiro. O que é que o alimenta — princípios interiores, como no mito ou na arte arquetípica; ou a autocomplacência, como nos devaneios e nos filmes ou livros escapistas? O poeta inglês, Samuel Taylor Coleridge, distinguia entre "imaginação" e "fantasia". Ambas retiram a mente da experiência e das perceções comuns. No entanto, enquanto a primeira deriva de e conduz a uma consciência da verdade espiritual subjacente, a segunda produz apenas fantasias que podem entusiasmar, mas que, em última análise, carecem de um significado real. Elas derivam do ego e não do inconsciente.

Nada emerge da sua taça (compare-se com o Valete, p. 192). Nem ele a moldou em algo maior do que era, como fez a Rainha. Um Cavaleiro é uma figura comprometida com a ação e o envolvimento. A Água, por outro lado, simboliza a passividade. O contraste torna difícil para o Cavaleiro conciliar estas duas qualidades. Ao negar este compromisso básico com o mundo, ele não permite que a sua imaginação produza nada.

Como ele é um Cavaleiro, o mundo exterior da ação, do sexo, pode atraí-lo mesmo enquanto ele persegue os seus pensamentos e fantasias. A sua passividade pode, por vezes, ser uma pose, quase exagerada com o propósito de negar essas tentações e desejos que perturbam a sua paz.

Romanticamente, o Cavaleiro pode representar um amante que não se quer comprometer, que é talvez atraente mas passivo, retraído ou narcisista.

Estas imagens duras do Cavaleiro lidam todas com os seus conflitos. Ao mesmo tempo, o seu capacete e os seus pés têm asas, o seu cavalo é vigoroso na sua lentidão. E ele assemelha-se à Morte, símbolo de transformação. Se o Cavaleiro não for arrastado pela responsabilidade ou pelo desejo, se ele seguir uma visão genuína em vez de escapar aos compromissos exteriores, então ele pode ir muito fundo dentro de si mesmo, transformando a energia do Cavaleiro numa exploração do seu próprio mundo interior.

INVERTIDO

De várias formas, vemos o Cavaleiro a reagir perante o aumento de exigências do mundo além de si mesmo. Pode significar simplesmente que ele se desperta para a ação ou então que segue os seus desejos mais físicos. Ou pode significar que uma pessoa passiva está a ser empurrada para a ação ou para o compromisso e não gosta disso. Sem resistir exteriormente, ele ou ela pode ressentir essas exigências. O resultado pode ser uma parede construída entre o Cavaleiro e as pessoas que o estão a fazer cumprir as suas responsabilidades. Esta atitude pode resultar em hipocrisia ou manipulação, por vezes mentiras e artimanhas.

Figura 42

VALETE

Sendo mais jovem em espírito, semelhante a uma criança, o Valete não sofre o mesmo conflito nem com a responsabilidade nem com o desejo sensual. Ele indica um estado ou um momento em que a contemplação e a fantasia são muito apropriadas para uma pessoa. Nenhuma exigência externa perturba a sua suave contemplação.

Como resultado, o peixe da imaginação olha para ele a partir da sua taça. Divertido, ele olha de volta para ele sem a necessidade do Cavaleiro de penetrar tão profundamente em si mesmo. Aqui, a imaginação é a sua própria justificação.

O peixe também pode simbolizar talentos psíquicos e sensibilidade. E, dado que todos os Valetes têm uma qualidade de estudante, o Valete de Copas pode mostrar alguém a desenvolver capacidades psíquicas, seja através de um programa real de estudo e/ou meditação, ou então esses talentos a desenvolverem-se por si mesmos, mas de uma forma pacífica.

INVERTIDO

Em posição normal, vimos uma pessoa a deixar a sua imaginação borbulhar diante de si. Como ele não faz nada com as suas fantasias, elas não lhe causam problemas. Se ele agir de acordo com elas, no entanto, elas podem levá-lo a cometer erros. Invertido significa, portanto, seguir as nossas inclinações, agir sem pensar, ou permitir que os nossos desejos imediatos nos seduzam, particularmente se forem contra o nosso bom senso. Vemos o Valete invertido sempre que compramos algo de que não precisamos e que nem sequer queremos realmente; vemo-lo quando fazemos promessas que não podemos cumprir ou compromissos que na verdade não significam nada.

Noutras situações, se o Valete se referir ao desenvolvimento psíquico ou a visões verdadeiras, então invertido mostra uma pessoa perturbada por essas visões. Para muitas pessoas no nosso mundo racionalizado, a emergência súbita de um talento psíquico, mesmo que deliberadamente procurado através de treino, pode parecer muito assustadora. O Valete invertido espelha o medo e lembra-nos de acalmar, de olhar pacificamente para o peixe que surge da taça de nós mesmos. Em ligação com os Ouros, exige um enraizamento na realidade externa para evitar ser arrastado por fantasias ou visões.

Figura 43

DEZ

Como o número mais alto, os Dez significam estar preenchido com a qualidade do naipe. Em Paus vimos um excesso de fardos; em Copas encontramos a alegria e a maravilha da vida espalhadas pelo céu. O Santo Graal, símbolo da graça e do amor de Deus, repousa na base deste naipe, mostrando-nos que o amor, a imaginação e a alegria chegam até nós como dádivas. A Bíblia diz-nos que Deus fez o arco-íris como uma promessa de que o mundo nunca mais sofrerá um dilúvio de destruição. Mas o arco-íris carrega também uma promessa mais positiva — a de que a vida traz felicidade e não apenas a ausência de dor.

O homem e a mulher na imagem compreendem estas coisas. De braço dado, eles olham para cima e celebram o arco-íris. As crianças, no entanto, dançam sem olhar para cima. Elas simbolizam a inocência, que toma a felicidade como a condição natural da vida. Elas esperam a felicidade, mas não a desperdiçam. Mostrando uma família, a carta refere-se primariamente à felicidade doméstica, mas pode indicar qualquer situação que traga uma onda de alegria. Refere-se especialmente ao reconhecimento das qualidades valiosas numa situação. Este significado aplica-se especialmente em leituras onde o Dez de Copas aparece em contraste com o Dez de Ouros.

INVERTIDO

Existem aqui duas variantes básicas. Primeiro, toda a emoção volta-se contra si mesma. Alguma situação altamente carregada, geralmente romântica ou doméstica, correu mal, produzindo um sentimento violento, raiva ou engano. Ou, na prática, o Dez invertido pode simplesmente significar que uma pessoa não reconhece ou não valoriza a felicidade que a vida lhe está a oferecer.

Figura 44

NOVE

Da alegria profunda passamos para os prazeres mais simples dos banquetes e do contentamento físico. Como notado anteriormente, os Nines retratam as concessões que fazemos com a vida. Os Paus mostravam uma defesa forte; as Copas, mais benignas, demonstram a atitude de evitar a preocupação e os problemas ao concentrarmo-nos nos prazeres comuns. As pessoas por vezes reagem com antagonismo a esta carta, desejando talvez ver-se além da superficialidade. Às vezes, especialmente após problemas ou um período de trabalho longo e árduo, nada nos pode servir melhor do que um simples bom momento.

INVERTIDO

Pela primeira vez, o significado invertido dá a maior consciência — para usar a fórmula de Waite, "verdade, lealdade, liberdade". Em ligação com o significado em posição normal, as palavras implicam a rejeição dos

valores superficiais; mas também se referem a situações muito emaranhadas ou opressivas onde, ao apegarmo-nos ao fio da verdade, ou a nós mesmos, ou aos outros, ou a um propósito, podemos alcançar a vitória e a libertação.

Figura 45

OITO

A natureza agradável das Copas tende a embalar-nos e a afastar-nos daquilo que temos de fazer. O Oito começa (oi termina) uma série de cinco cartas que lidam com o problema de ação da Água. Nesta carta vemos alguém a voltar as costas a uma fila dupla de Copas de pé, que simbolizam uma situação que não só proporcionou felicidade, mas que na verdade continua a fazê-lo. Em contraste com o Cinco, todas as Copas permanecem de pé; nada foi derrubado. E, no entanto, a pessoa sabe que chegou o momento de partir. A imagem sugere um dos verdadeiros usos do instinto da Água — a capacidade de pressentir quando algo terminou antes que seque ou desabe à nossa volta, de saber a hora de seguir em frente.

Vemos a figura a subir uma colina, indo para um terreno mais alto, com a implicação de se mover de uma situação menos significativa para uma mais significativa. Note-se a semelhança da figura com o Eremita. Para alcançar o auge da sabedoria do Eremita, devemos primeiro deixar as coisas comuns da vida para trás.

O Eremita lembra-nos que a imagem da terra não significa necessariamente ação ou envolvimento no sentido comum, mas pode sugerir quase o oposto: ou seja, retirar-se da atividade externa para procurar

uma maior autoconsciência. Ao início, a cena parece desenrolar-se à noite; mas quando olhamos mais de perto vemos que, na realidade, retrata um eclipse, com a lua a mover-se diante do sol. Uma fase lunar, isto é, um período de consciência interior, assumiu o controlo em detrimento da atividade direcionada para o exterior. Ao juntar a imaginação lunar a uma cena de movimento, la carta ensina-nos que desenvolver um sentido mais profundo do eu é também uma ação. Lembre-se de que o Eremita, ao inverter a polaridade sexual da Alta Sacerdotisa acima dele, combina ação e intuição num programa definido de autoconhecimento.

Quer vejamos a figura a afastar-se do mundo ou a entrar em ação, a carta simboliza deixar uma situação estável. No seu nível mais profundo, esta carta atua como um Portal, de forma semelhante ao Três de Paus. Ambos funcionam através da imagem de uma jornada em direção ao desconhecido, mas enquanto a carta de Fogo é atraída pela Água, a carta de Água é atraída pelo Ar. O Três de Paus quebra o ego e liberta o espírito explorador, enquanto o Oito de Copas se move da vagueza da Água para o conhecimento específico de princípios abstratos simbolizados pela subida à montanha do Eremita.

INVERTIDO

Às vezes, o Oito invertido indica a simples negação da imagem básica da carta — uma recusa em deixar alguma situação, uma determinação em aguentar mesmo quando sabemos lá no fundo que já retirámos tudo o que podíamos dela. Tal descrição caracteriza muitos relacionamentos. Geralmente, contudo, a carta invertida mantém a sua qualidade de consciência e resposta correta.

Simboliza que a hora de partir ainda não chegou, que a situação continuará a dar alegria e significado. Uma última possibilidade: timidez, deixar uma situação porque a pessoa carece de coragem para a perseguir e retirar dela tudo o que pode obter. Muitas pessoas fazem disto um padrão nas suas vidas; envolvem-se em relacionamentos, trabalho, projetos, etc., e depois fogem, seja quando surgem dificuldades, ou quando chega o momento de um compromisso genuíno.

Figura 46

SETE

Com o Sete, o problema das Copas emerge na sua forma mais direta. A emoção e a imaginação podem produzir visões maravilhosas, mas sem um enraizamento tanto na ação como nas realidades externas da vida, estas imagens fantásticas continuam a ser devaneios, "fantasias" sem significado ou valor real. Note-se que as visões cobrem toda a gama de fantasias, desde a riqueza (as joias), a uma coroa de vitória, ao medo (o dragão), à aventura (o castelo), até aos arquétipos da mitologia — um rosto divino, uma figura radiante misteriosa e uma serpente, símbolo universal de sabedoria psíquica. É um erro pensar que os devaneios não têm significado devido ao seu conteúdo; pelo contrário, eles brotam frequentemente de necessidades e imagens arquetípicas profundas. Eles carecem de significado porque não se ligam a nada fora de si mesmos.

INVERTIDO

Esta carta invertida significa uma determinação em fazer algo a partir dos sonhos. Isto não significa rejeitar as fantasias, mas sim fazer algo com elas.

Figura 47

SEIS

Como cartas de emoção benevolente e de sonhos, as Copas significam memórias doces. Às vezes estas memórias representam verdadeiramente o passado; noutras ocasiões podemos idealizar o passado e vê-lo através de uma névoa de segurança e felicidade. O emblema desta segunda atitude é a infância, retratada como um tempo seguro, quando os pais, ou os irmãos e irmãs mais velhos, nos protegiam e nos davam tudo o que precisávamos. Às vezes, tal atitude pode produzir um sentimento caloroso e seguro que ajudará as pessoas a enfrentar os seus problemas atuais. Neste sentido, a carta mostra o passado (o anão) a dar uma dádiva de memórias ao futuro, simbolizado pela criança.

Noutros momentos, contudo, uma fixação no passado pode impedir uma pessoa de enfrentar os problemas atuais. O passado pode distrair do presente tanto quanto as fantasias sobre o futuro.

Existem outros significados para o Seis além da memória. Os Seis mostram relacionamentos de dar e receber. Aqui vemos a imagem de um professor ou protetor a dar sabedoria e segurança a alguém que poderia ser um membro da família, um estudante ou um amigo.

INVERTIDO

Tal como o Sete, o Seis invertido indica um movimento em direção à ação. Especificamente, mostra um olhar voltado para o futuro, em vez do passado. As duas cartas invertidas são muito semelhantes; a diferença é que o Seis mostra uma atitude, enquanto o Sete indica passos reais tomados.

Noutros momentos, dependendo do significado em posição normal, o Seis invertido indica memórias perturbadas (compare-se com o Três de Paus invertido) ou um sentimento de alienação em relação ao passado. Pode também mostrar a rutura de um relacionamento baseado no facto de uma pessoa proteger ou ensinar a outra (ou outras).

Figura 48

CINCO

Os Cincos dizem respeito à luta e, por vezes, à dor. Com os Paus vimos a aventura da competição; as Copas mostram a reação emocional à perda. A imagem retrata o desgosto, mas também a aceitação. Três copas estão caídas e derramadas, mas duas permanecem de pé, mesmo que de momento a figura se concentre nas três. Nas leituras, tenho visto frequentemente esta carta ligada ou ao Três de Copas, como uma felicidade ou esperança que falhou, ou então ao Três de Espadas; as duas copas de pé referem-se muitas vezes ao Dois de Copas, isto é, ao apoio de um amante ou amigo.

A mulher (ou homem; o caráter andrógino da figura indica que o desgosto une os sexos) permanece rígida, envolta em preto, a cor do luto. Ela precisa de aceitar que alguma felicidade desapareceu subitamente, foi derrubada. Ela ainda não percebeu que algo permanece, pois primeiro tem de compreender e aceitar a perda. Terá sido ela própria a derrubar as copas, seja por imprudência ou por dá-las como garantidas? No sentido da consciência, a carta relaciona-se com a Justiça, emblema da verdade e da aceitação da responsabilidade. Na sua pose e vestuário, ela assemelha-se ao Eremita, que se cobre de sabedoria para se manter firme na sua tarefa de olhar para dentro em busca de uma visão da sua vida, a visão que aceitará na justiça.

O rio representa o fluxo do desgosto, mas a ponte simboliza a consciência e a determinação. Ela conduz do passado (perda) para o futuro (novos começos). Quando ela tiver aceitado a sua perda, poderá então virar-se, recolher as duas copas restantes e atravessar a ponte em direção à casa, símbolo de estabilidade e continuidade.

Com a sua profunda evocação de arrependimento, a carta forma outro Portal, trazendo-nos aquele sentido de perda espiritual e separação que, por todo o mundo, deu origem a mitos de uma queda ou de um exílio do Paraíso.

INVERTIDO

O significado básico da carta pode mudar de três formas quando invertida. Primeiro, pode significar a não aceitação da perda e, como extensão disso, falsos projetos ou erros. Segundo, pode indicar o apoio de terceiros, amizade, novos interesses e ocupações após algum evento triste ou perturbador. Finalmente, pode enfatizar uma consciência daquilo que permanece importante e permanente face ao desgosto. Neste sentido, a mulher vira-se das três para as duas. Aqui, as duas copas simbolizam a base sólida da vida de uma pessoa; elas permanecem de pé porque não são derrubadas tão facilmente. E esta consciência indica que as três copas caídas simbolizam algo menos importante do que poderia parecer à partida no momento da sua destruição.

Figura 49

QUATRO

A passividade das Copas pode, por vezes, levar à apatia. Aquilo a que podemos chamar a "imaginação negativa" faz-nos olhar para tudo como algo sem valor ou entediante. Parece não haver nada por que valha a pena levantarmo-nos, nada que valha a pena fazer e nada que valha a pena examinar.

As três copas simbolizam a experiência passada da pessoa. Entediado com o que a vida lhe deu, ele não reconhece as novas oportunidades que lhe são oferecidas pela quarta taça. A semelhança dessa taça com o Ás sugere que as novas possibilidades podem levar à felicidade e à satisfação. No essencial, contudo, a carta mostra uma situação em que tudo na vida passou a parecer igual. A carta mostra por vezes a apatia que resulta de um ambiente monótono e pouco estimulante.

INVERTIDO

Novamente, a inversão retira-nos de nós próprios e desperta-nos para o mundo e para as suas possibilidades. Novas coisas são oferecidas, novos relacionamentos, novas ideias. O mais importante é que a carta invertida mostra entusiasmo e o aproveitamento das oportunidades.

Figura 50

TRÊS

Os Três mostram uma valorização do significado e do valor do naipe. Devido ao Graal na base do naipe, o Três de Copas indica alegria, celebração e, acima de tudo, a partilha da maravilha da vida. Como se tivéssemos ultrapassado a crise da ação, as últimas três cartas fluem todas com felicidade, de acordo com os seus números. Aqui vemos as mulheres a celebrar, como numa colheita. Ou uma crise terminou, ou o trabalho produziu bons resultados.

Vemos as três mulheres tão entrelaçadas que mal conseguimos distinguir de quem é cada braço. Tanto nos momentos maus como nos bons, a carta mostra uma partilha de experiência.

INVERTIDO

Novamente, apresentam-se vários significados. Antes de mais, pode mostrar a perda de alguma felicidade. Muito frequentemente indica que algo esperado não se concretizou. Pode também significar o fracasso da amizade e, de novo, a desilusão de descobrir que os amigos não nos apoiaram quando precisávamos deles, ou então a rutura de um grupo de amigos.

Outro significado mostra uma corrupção do original. Em vez de uma celebração partilhada das alegrias da vida, encontramos aquilo a que Waite chama curiosamente "excesso no prazer físico e nos prazeres dos sentidos". Obviamente, Waite pretendia que isto significasse que os valores mais profundos são ignorados. Vale a pena observar, contudo, que a maioria das pessoas não acha esta frase nada desagradável, especialmente como uma previsão.

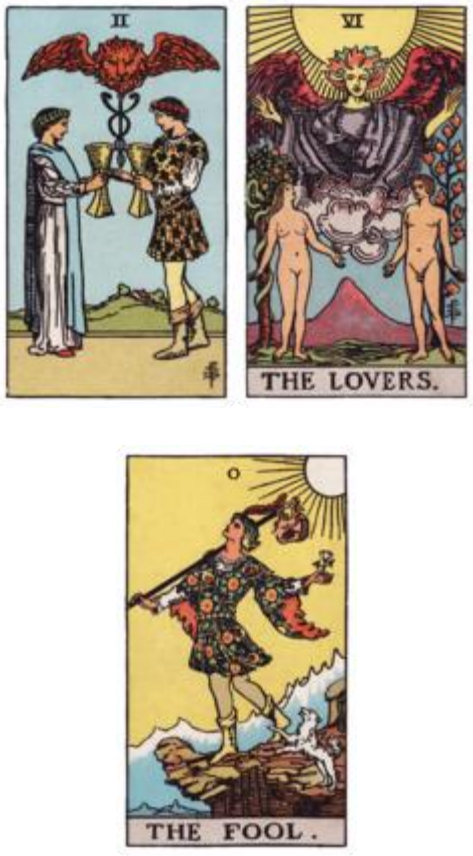


Figura 51

DOIS

De muitas formas, esta carta atua como uma versão menor dos Namorados. Enquanto o trunfo mostra o grande poder dos relacionamentos sexuais maduros, a carta Menor enfatiza o início de um relacionamento. Esta não é uma regra rígida e inequívoca no que diz respeito às leituras. O

Dois pode muitas vezes mostrar uma união ou amizade a longo prazo, talvez num nível mais leve do que os Namorados. No estudo, e mais commumente na prática, no entanto, indica a promessa de amizade, o início de um romance.

No trunfo vemos o Anjo, símbolo da superconsciência. No Dois de Copas vemos o leão alado sobre o caduceu de Hermes, símbolo de cura e sabedoria. Em ambos os casos, a carta mostra como duas pessoas, ao unirem as suas qualidades e capacidades separadas através do amor, produzem algo nas suas vidas que vai além do que qualquer uma delas teria alcançado sozinha. O leão simboliza a sexualidade, as asas o Espírito. O amor dá um significado maior ao impulso sexual que nos conduz a ele.

Na Parte Um deste livro, vimos como os Namorados podem servir como um diagrama do eu unificado. Podemos olhar para o Dois de Copas de uma forma semelhante. Enquanto o homem simboliza a ação e o movimento, a mulher simboliza a emoção, a sensibilidade e a valorização da experiência. Ao unirmos estas duas qualidades, damos valor às nossas vidas.

Note-se a semelhança do homem com o Louco. Numa leitura, estas duas cartas surgiram ligadas entre si. A mulher, uma artista, queria saber que direção o seu trabalho deveria tomar. Ela estava especialmente preocupada em investigar se a sua arte vinha de um centro real na sua vida ou se era simplesmente um exercício intelectual. Ora, outras cartas indicavam que ela tinha atingido um nível de mestria técnica naquilo que vinha a fazer, enquanto o Louco, como resultado, a mostrava a dar um salto para uma nova área. Mas o Dois de Copas mostrava que ela encontraria o sucesso se ligasse a sua capacidade técnica e as suas explorações ao enraizamento espiritual simbolizado pela mulher.

INVERTIDO

De diferentes formas, a carta invertida mostra uma rutura dos ideais simbolizados em posição normal. Pode significar um romance ou uma amizade que azedou de alguma forma, em particular devido ao ciúme e a uma quebra de confiança. Pode significar simplesmente o fim de um relacionamento. Dependendo das cartas ao seu redor, pode significar um relacionamento ameaçado por pressões internas ou externas. Outra possibilidade é a paixão cega, quando as pessoas fingem para os outros, e para si mesmas, que um romance significa mais do que realmente significa. Numa linha semelhante, a carta invertida pode mostrar pessoas a cumprir as formalidades de um romance, sem que uma delas ou ambas se importem realmente.

Se olharmos para a carta como significando o eu, então invertido indica uma divisão entre o que fazemos e o que sentimos, entre a ação e a emoção.

Figura 52

ÁS

Das emoções em conflito do Rei, através dos vários equilíbrios de celebração e passividade, chegamos finalmente ao Ás — emblema do amor que sustenta a vida. O Ás de Copas tem o significado imediato de um momento de felicidade e amor, uma dádiva de alegria. Assim como o fogo faz o mundo, também o amor lhe dá valor.

A imagem de Smith, com a sua pomba e hóstia, mostra especificamente o Santo Graal, que se diz conter a presença física do Espírito Santo a operar no mundo. Nas versões mais subtis da lenda do Rei Artur, não era realmente a cavalaria — isto é, uma estrutura moral — que mantinha unido o glorioso reino do Rei Artur, mas sim a presença secreta do Santo Graal escondido na terra. Quando o Graal partiu (porque os cavaleiros de Artur falharam em aproximar-se dele de uma forma espiritual), o reino desmoronou-se. A alegoria diz-nos que o mundo não funciona primariamente pelas suas leis, pela sua ordem moral e pelas suas estruturas sociais, mas sim pela base espiritual que dá significado a todas estas coisas e as protege da corrupção. Quando olhamos para a existência como algo puramente a ser conquistado (a forma como os cavaleiros de Artur perseguiram o Graal), trazemos apenas o caos. As Copas — a Água — simbolizam a recetividade. O amor, e em última análise a vida, não podem ser tomados à força, mas apenas aceites.

INVERTIDO

O Ás invertido traz sempre perturbação. Aqui vemos infelicidade, violência, destruição — as mesmíssimas condições vividas na lenda do Rei Artur quando o Graal tinha deixado o reino. A carta invertida pode indicar simplesmente que os tempos se voltaram contra nós e apenas nos resta aceitar que a vida traz problemas tanto quanto alegria. Ou a carta invertida pode implicar que nós próprios provocamos a nossa infelicidade ao não reconhecermos o que a vida nos oferece, ou ao reagirmos violentamente quando aquilo de que precisamos é de calma.

CAPÍTULO NOVE

ESPADAS

De muitas formas, as Espadas são o naipe mais difícil. O próprio objeto, uma arma, significa dor, raiva, destruição, e são sobretudo estas experiências que as imagens de Espadas retratam. Contudo, uma espada também pode simbolizar o cortar através de ilusões e de problemas complicados (lembremo-nos de Alexandre a cortar o nó górdio). Galahad, o cavaleiro que alcançou o Santo Graal, não podia começar a sua busca espiritual até ter recebido a sua espada mágica de Merlin, o guia do reino. Da mesma forma, não podemos começar as nossas próprias buscas por significado e valor na vida até termos aprendido a reconhecer e a aceitar a verdade, independentemente da dor que ela traga.

As Espadas pertencem ao elemento Ar, ou vento, muitas vezes visto como o mais próximo do Éter, ou Espírito. A palavra "espírito" relaciona-se diretamente com a palavra "sopro" e, em hebraico, a palavra para "espírito" e a palavra para "vento" são a mesma. Assim como o ar se move constantemente, também a mente nunca descansa, girando e voltando-se, por vezes violenta, por vezes calma, mas sempre em movimento. Qualquer pessoa que já tenha tentado meditar saberá com que persistência a mente se move.

Um problema ligado às Espadas é o do "pensamento sem enraizamento" ou aquilo a que poderíamos chamar um "complexo de Hamlet". A mente vê tantos lados de uma situação, tantas possibilidades, que a compreensão, quanto mais a ação, se torna impossível. Como a nossa cultura sempre enfatizou a racionalidade, muitas pessoas hoje veem o pensamento em geral como a causa de todos os problemas da vida. Se ao menos pararmos de pensar, dizem-nos, então tudo correrá bem. Mesmo que tal coisa fosse possível, o Tarot diz-nos que não nos traria benefícios.

Não superamos o problema de um elemento banindo-o ou substituindo-o por algo, mas sim combinando-o com outros elementos. O

facto é que quanto mais confusos estamos, mais precisamos das nossas mentes, porque nada mais pode ordenar a verdade. Precisamos também, contudo, de combinar o Ar com a Água — isto é, a emoção com a recetividade. Precisamos também de o combinar com o Éter, o Espírito, os valores profundos baseados na verdade espiritual/psicológica que vemos incorporados nos Arcanos Maiores. Então o problema do Ar muda para o Caminho, a sabedoria.

O problema mais óbvio mostrado nas Espadas é o do desgosto, da dor, da raiva — o lado tempestuoso do Ar. Não podemos superar estas coisas ignorando-as, mas podemos adicionar às Espadas o otimismo dos Paus, e podemos usar os Ouros para nos retirarmos das nossas emoções através de um envolvimento com o trabalho, a natureza, o mundo exterior.

Figura 53

REI

Como mantenedor da estrutura social, o Rei representa a autoridade, o poder e o julgamento. Ele pega na energia mental do Ar e usa-a para sustentar e governar o mundo com a agudeza da sua mente e a força da sua personalidade. A sua coroa é amarela, a cor da energia mental, enquanto o seu manto é roxo, para a sabedoria. O seu barrete, um adorno de cabeça

semelhante a um brenhe, é vermelho, la cor da ação. O intelecto do Rei não existe por si só, mas sim pelo que pode fazer, como uma ferramenta de autoridade.

Da mesma forma, a sua espada, ao contrário da espada da Rainha de Espadas ou da Justiça, não aponta diretamente para cima, para a sabedoria pura, mas inclina-se ligeiramente para a direita, o lado da ação. A exigência de agir de acordo com os seus julgamentos tende a distorcer o próprio poder de julgamento, um facto que podemos ver se compararmos a situação de um observador académico da política com a de alguém que governa um país.

Além disso, a ênfase num "realismo" de mentalidade social pode estreitar o seu ponto de vista para um materialismo muito limitado. Podemos vê-lo no homem ou na mulher que se orgulha do seu bom senso implacável, sem tempo para "palavreado místico". Tais pessoas costumam ignorar o quanto o seu pensamento depende de preconceitos e de ideias preconcebidas, em vez da observação da vida.

Note-se a semelhança com o Imperador. Podemos chamar ao Rei o representante do Imperador no mundo real. Enquanto o trunfo incorpora o arquétipo da ordem, da lei, da sociedade, o Rei de Espadas mantém estes princípios na prática.

Duas aves, o emblema animal das cartas da corte de Espadas, voam atrás do trono. A ave simboliza a capacidade da mente de nos levar ao ar elevado da sabedoria, afastados da paixão ardente, da emoção aquática ou da corrupção material terrena. O número dois, por outro lado, simboliza a escolha, a tensão constante entre o pensamento abstrato e a ação que deve ser tomada no mundo.

Mas se as aves simbolizam a capacidade da mente de subir acima do mundo, também simbolizam o distanciamento que tal atitude pode produzir. Note-se que o trono do Rei parece estar nas nuvens. Tal como o Rei de Paus, o Rei de Espadas pode tender para a arrogância, com a sua mente e vontade poderosas a colocarem-no acima das pessoas mais confusas ao seu redor.

Em termos sociais, a imagem sugere a tendência do governo e dos governantes para separarem os seus julgamentos das necessidades reais das pessoas. Em termos mais pessoais, vemos o Rei distante em homens ou mulheres que são severos, frios, julgadores. Como marido ou amante, o Rei de Espadas indica frequentemente uma pessoa dominadora ou controladora.

No seu melhor sentido, o Rei de Espadas evoca a Justiça, a carta diretamente abaixo do Imperador nos Arcanos Maiores. Quando se liga a este trunfo, o Rei representa a justiça social, leis sábias e, acima de tudo, um compromisso com a honestidade intelectual e a necessidade de colocar o conhecimento em prática. Tal como a Justiça, e sendo o único de todas as cartas da corte a fazê-lo, ele fita-nos diretamente, um mestre da sabedoria que nos compele a reconhecer e a mantermo-nos fiéis à verdade.

INVERTIDO

Em posição normal, o Rei caminha numa linha estreita entre o intelecto empenhado e o poder pelo próprio poder. Invertido, ele tende a cair para o lado errado dessa linha. Ele é a autoridade corrompida, a força usada para os seus próprios fins de poder e domínio. Nas leituras, devemos sempre levar em consideração imagens tão fortes. O Rei invertido (o qualquer carta da corte invertida) pode significar simplesmente alguma pessoa em dificuldades. Em ligação com a Rainha ou o Cavaleiro, pode significar um relacionamento difícil ou uma incapacidade de amadurecer (ver a secção sobre Leituras para relacionamentos entre cartas da corte do mesmo naipe). Por si só, no entanto, simboliza a arrogância de uma mente poderosa voltada para si mesma, reconhecendo apenas o seu próprio desejo de controlo.

Figura 54

RAINHA

Como o aspeto yin do naipe, la Rainha de Espadas simboliza experiências tanto de desgosto como de sabedoria, e especialmente a ligação entre elas. Tendo experienciado a dor (a carta por vezes significa viuvez) e tendo-a enfrentado com coragem, aceitação e honestidade, ela encontrou a sabedoria. O pendão pendurado no seu pulso esquerdo (o lado da experiência) assemelha-se a uma corda cortada (compare-se com o Oito de Espadas, p.219).

Ela usou a espada do seu intelecto para se libertar da confusão, da dúvida e do medo; agora, embora ela olhe franzindo o cenho para o mundo, abre a sua mão para ele. Embora as nuvens se acumulem ao seu redor, a sua cabeça permanece acima delas, no ar límpido da verdade. Uma ave, símbolo da pureza da sua sabedoria, voa bem acima dela. A sua espada, tal como a da Justiça e a do Ás, mantém-se direita para cima.

No sentido em que as mulheres sem poder sofrem frequentemente com as ações dos homens, a carta refere-se especificamente a mulheres. No seu caráter, pode representar alguém de qualquer um dos sexos, pois nem o desgosto nem a coragem são restringidos pelo género.

INVERTIDO

A Rainha invertida pode indicar uma ênfase excessiva no desgosto, alguém que faz a vida parecer muito pior do que é ao ignorar as coisas boas ao seu redor. Também pode mostrar uma mente forte que se tornou desagradável, especialmente como reação à dor ou à pressão de situações ou pessoas desagradáveis. Por vezes, representa uma pessoa tão enérgica que ele ou ela espera, e não apenas exige, que todos ao seu redor, e até a própria vida, façam o que ela quer.

Quando as pessoas se lhe opõem, a Rainha torna-se maliciosa, de mente estreita, intolerante e, tal como o Rei, usa as suas atitudes para impor a sua personalidade às pessoas ao seu redor. Quer ela represente um excesso de desgosto ou de egoísmo, ela perdeu o compromisso com a verdade próprio da posição normal.

Figura 55

CAVALEIRO

O jovem Cavaleiro, cuja juventude o torna tanto mais livre da responsabilidade social do que o Rei, como menos temperado pela experiência do que a Rainha, cavalga diretamente para a tempestade, agitando a sua espada no seu entusiasmo para superar todas as dificuldades. Ele é corajoso, habilidoso, forte; contudo, tende também para a impetuosidade, até mesmo para o fanatismo. Ele não reconhece limites. E, no entanto, muitas vezes não sabe como sustentar uma longa luta. Ele espera que os seus inimigos e os problemas da vida caiam sob a sua investida e não consegue lidar tão facilmente com uma situação que exija uma caminhada longa e constante.

O seu entusiasmo sugere uma certa inocência, como um jovem cavaleiro que nunca perdeu uma batalha. A sua coragem, a sua habilidade, a sua prontidão para investir contra todos os problemas, podem por vezes conter o medo de perder essa inocência, essa crença forte em si mesmo. Pois ele sabe lá no fundo que ainda tem de enfrentar e superar as maiores dificuldades da vida. O oposto em muitos aspetos do Cavaleiro de Copas, ele direciona toda a sua energia para o exterior; ele talvez se sinta nervoso por estar calmamente sozinho consigo próprio.

INVERTIDO

Tal como acontece com o Rei e a Rainha, as suas fraquezas assumem o controlo. Ele é extravagante, descuidado, excessivo. A sua investida torna-se desenfreada, uma resposta errada a uma situação que exige uma abordagem mais calma e cuidadosa.

Tal como o Sete, o Seis invertido indica um movimento em direção à ação. Especificamente, mostra um olhar voltado para o futuro, em vez do

passado. As duas cartas invertidas são muito semelhantes; a diferença é que o Seis mostra uma atitude, enquanto o Sete indica passos reais tomados.

Noutros momentos, dependendo do significado em posição normal, o Seis invertido indica memórias perturbadas (compare-se com o Três de Paus invertido) ou um sentimento de alienação em relação ao passado. Pode também mostrar a rutura de um relacionamento baseado no facto de uma pessoa proteger ou ensinar a outra (ou outras).

Figura 56

VALETE

Uma carta muito mais leve do que as outras cartas da corte de Espadas, o Valete representa uma abordagem aos problemas muito diferente da do Cavaleiro (note-se que enquanto o Rei e a Rainha enfatizam a sabedoria, as duas cartas "mais jovens" lidam com a qualidade mais imediata de conflito das Espadas). Em vez de investir contra eles, ele acha suficiente simplesmente colocar-se acima deles, encontrar o terreno alto. Em vez de resolver conflitos ou enfrentar a oposição, ele distancia-se.

Se a situação for daquelas que exigem uma abordagem tão descontraída, então a atitude desapegada do Valete é muito benéfica. Mas se estiver envolvido um problema mais difícil, então a prática do Valete torna-se difícil de manter. Exige "vigilância", para usar o termo de Waite, certificando-se de que as pessoas ou situações não se aproximam demasiado. Grande parte da energia do Valete é gasta a olhar por cima do ombro.

Como um estudante de certa forma maduro, Hamlet encarnava a atitude de observação e ironia do Valete. A sua situação, contudo, exigia a abordagem agressiva do Cavaleiro.

Devido à sua qualidade distante, o Valete pode por vezes comprazer-se em espiar as pessoas, quer de forma literal, quer figurada, como uma atitude perante a vida. Por outras palavras, ele pode olhar para a vida humana como uma espécie de espetáculo curioso no qual ele próprio não espera participar.

INVERTIDO

Aqui vemos o efeito da atitude altiva do Valete numa situação que exige mais força. A vigilância transforma-se em paranoia; todos parecem ser inimigos. O que começou como um sentimento de "estou acima de tudo isso, não preciso de me preocupar com isso", torna-se uma obsessão com os problemas e uma aparente incapacidade de fazer algo a respeito deles. Tais sentimentos de fraqueza são endémicos das Espadas; elas requerem os Paus para a coragem e o otimismo.

Imagem 57

DEZ

Dos céus azuis das cartas da corte para a escuridão negra do Dez e do Nove. Assim como o Dez de Copas mostrava a alegria a transbordar, também o Dez de Espadas nos enche de dor. Apesar da imagem extrema, a carta não representa a morte, nem sequer especialmente a violência. Significa mais uma reação aos problemas do que os problemas em si.

Basta uma espada para matar alguém. As dez espadas no corpo do homem, incluindo uma no seu ouvido, sugerem histeria e a atitude adolescente de que "ninguém nunca sofreu tanto como eu", "a minha vida

acabou" e por aí fora. Note-se que, em contraste com o Nove, o céu clareia ao longe, as nuvens negras dão lugar ao sol e, em contraste com o Cinco ou o Dois, a água encontra-se plácida. A situação não é tão má quanto parece.

INVERTIDO

Voltando esta carta ao contrário, podemos imaginar as espadas a caírem-lhe das costas. Waite descreve-o como sucesso e vantagem, mas não permanentes. Estas ideias sugerem que, quando uma situação muda, os problemas podem desaparecer por momento. No entanto, a pessoa deve agora tirar vantagem deste alívio fazendo uma mudança real na sua condição — prática ou mental, dependendo da necessidade — para que a situação não reverta ao que era. A carta tem uma relação com o Dez de Paus invertido, onde vimos o perigo de recolher os paus novamente assim que a situação acalmar.

Figura 58

NOVE

A imagem do desgosto mais profundo, da maior dor mental. Onde a Rainha se liberta transformando o desgosto em sabedoria, e o Três sugere a calma da aceitação, o Nove mostra o momento de agonia, de dissolução. As Espadas não estão espetadas nas suas costas, mas flutuam no ar negro acima dela. Muito frequentemente, o Nove refere-se não a algo que nos acontece diretamente, mas sim a alguém que amamos.

O amor, de facto, preenche a carta e dá-lhe o seu significado. O padrão da manta mostra rosas, símbolo da paixão, alternando com os signos do zodíaco. No sentido mais profundo da carta, ela mostra uma mente que assume sobre si todos os desgostos do mundo, o *Lamed Vav*, ou o Homem Justo, da lenda judaica.

Poderemos ver uma saída para uma dor tão terrível? Tanto Buda como Cristo retrataram o mundo como um lugar de desgosto incessante, mas ambos disseram também que a tragédia continua a ser sempre uma meia verdade, que o universo visto como um todo traz alegria e paz. E Nietzsche escreveu sobre abraçar a existência de forma tão completa, com uma honestidade estática tão total, que repetiríamos de bom grado, indefinidamente, cada momento das nossas vidas, independentemente da dor.

INVERTIDO

Para o Nove invertido, Waite dá uma das suas fórmulas mais sugestivas: "Aprisionamento, suspeita, dúvida, medo razoável e vergonha". As palavras delineiam um estado de espírito ou, antes, uma progressão de estados que resultam quando as pessoas se refugiam em si mesmas perante algum problema que não se atrevem a confrontar.

Tal como com a carta em posição normal, a carta invertida lida com a nossa reação a algo fora de nós, mas aqui trata-se de opressão e não de tragédia. O termo fundamental é "medo razoável", que se pode referir, por exemplo, à opressão política — como a de minorias raciais ou sexuais; ou à opressão social — um sentimento de ser um bode expiatório devido à aparência, à fala, etc.; ou simplesmente à opressão pessoal de uma família ou de um parceiro dominador. O aspeto importante é que o problema é real, mas porque não o podemos atacar diretamente, tendemos a esconder-nos em nós próprios, guardando a nossa raiva e ressentimento.

A raiva voltada para dentro torna-se depressão e, a partir daí, suspeita. A pessoa de quem se riam em criança por causa do seu nariz grande pensa que todos estão a olhar para ela. A pessoa negra acredita que qualquer queixa no trabalho é uma ofensa racial. E a suspeita leva facilmente à dúvida sobre si próprio e à vergonha. Muitas vezes nem sequer ajuda, pelo menos não completamente, sabermos racionalmente que não temos razões para nos sentirmos envergonhados, que na verdade aqueles que nos ridicularizaram ou oprimiram é que deveriam sentir a vergonha. A menos que a pessoa oprimida e cheia de dúvidas tome uma ação, expresse a sua raiva e faça mudanças reais na sua vida, a vergonha profunda e oculta permanecerá.

Figura 59

OITO

Do Nove invertido passamos para uma imagem de opressão ainda mais clara. Vemos uma pessoa amarrada, cercada por espadas com um castelo — símbolo de autoridade — atrás dela; ela está de pé na lama, uma imagem de humilhação e vergonha. Note-se, contudo, que as espadas não a cercam realmente e as cordas não envolvem as suas pernas, enquanto as pessoas que a amarraram não aparecem de todo na carta. Em suma, nada a impede de simplesmente se ir embora.

A pista para esta carta é a venda nos olhos — simbolizando a confusão, ideias opressivas, isolamento de outras pessoas em situações semelhantes; aquilo a que os libertadores políticos chamam "mistificação" — manter as pessoas submissas não por força direta, mas treinando-as para acreditarem na sua própria impotência. Dessa forma notável que o Tarot tem de resumir uma situação complexa, a carta pode quase servir como um diagrama da condição oprimida.

Num nível muito diferente, o Oito de Espadas atua como um Portal para uma consciência especial. Ao identificarmo-nos com ele, ganhamos um sentido da nossa própria condição ignorante, algo que muitas pessoas reconhecerão intelectualmente (paradoxo dos paradoxos) mas não aceitarão realmente. Porque vivemos vidas assim, limitadas pelas nossas necessidades físicas, pelas limitações dos nossos sentidos e pelo condicionamento da linguagem e da cultura, só podemos conhecer a realidade através de filtros.

Sem a iluminação, ou o que alguns sufis e outros chamam de "evolução consciente", nunca poderemos realmente conhecer-nos a nós próprios ou ao mundo, nunca poderemos dizer "Esta é a verdade; é assim

que as coisas realmente são". O reconhecimento da ignorância é o primeiro (e muitas vezes o mais difícil) passo para o verdadeiro conhecimento.

INVERTIDO

A liberdade começa quando deitamos fora as nossas vendas, quando vemos claramente como chegámos à situação em que nos encontramos, o que fizemos, o que os outros fizeram (particularmente aqueles que nos amarraram, mas também outros em situações semelhantes) e o que podemos fazer sobre isso agora. O Oito invertido significa, em geral, a libertação de alguma situação opressiva; refere-se primariamente ao primeiro passo de tal libertação, isto é, ver as coisas o mais claramente possível.

Figura 60

SETE

O tema da luta continua. Aqui vemos uma imagem de tomada de ação contra os problemas. Às vezes a carta significa simplesmente um ato ousado, até mesmo um golpe que retira o ferrão à oposição. Mais frequentemente, representa um ato impulsivo quando seria necessário um plano cuidadoso.

A imagem mostra-nos alguém a sorrir enquanto foge com as armas do seu inimigo. Ele não atacou o acampamento, ele nem sequer consegue carregar todas as espadas. A carta implica esquemas e ações que não resolvem nada. Não tão óbvio, mas por vezes mais importante, é o sentido de isolamento envolvido. Ele está a agir sozinho, incapaz ou relutante em obter a ajuda de alguém.

Indo um passo mais além, esta carta pode indicar astúcia, mas com a falha de ocultar habitualmente, muitas vezes sem razão real, os seus verdadeiros planos ou intenções.

INVERTIDO

O isolamento inverte-se para se tornar comunicação, em particular a procura de conselhos sobre o que fazer em relação aos problemas de alguém. Por muito valiosas que as instruções específicas possam ser, igualmente importante é a prontidão da pessoa para escutar e procurar ajuda. A carta pode por vezes referir-se ao ato de encontrar ajuda, tal como consultar um leitor de cartas ou um terapeuta, ou simplesmente amigos.

Como tudo o resto, o valor da imagem depende do contexto. Onde a autossuficiência é necessária, o Sete de Espadas invertido pode implicar uma dependência excessiva de que os outros nos digam o que fazer. Quando a carta invertida aparece em oposição ao Louco ou ao Enforcado, devemos olhar para as outras cartas para determinar qual o rumo — a independência ou a procura de conselhos — produzirá os melhores resultados.

Figura 61

SEIS

Uma imagem estranha e poderosa, esta carta mais do que qualquer outra ilustra como as imagens de Pamela Smith vão além das fórmulas de Arthur Waite. O *Pictorial Key* diz "jornada por água, rota, caminho, expediente". Mas a imagem de um barco de passagem ao crepúsculo, carregando figuras amortalhadas para uma ilha arborizada, sugere uma jornada mais espiritual — no mito, Caronte a carregar os mortos através do Rio Estige. Um grande silêncio preenche esta carta, como o silêncio das pinturas de Salvador Dalí.

Normalmente esta carta não significa a morte, embora possa indicar luto; nem mostra a transformação, no sentido da Morte nos Arcanos Maiores. Em vez disso, retrata uma passagem tranquila por um momento difícil. Waite diz: "A carga é leve"; e Eden Gray escreve: "As espadas não pesam no barco". Embora carreguemos os nossos problemas connosco, adaptámo-nos a eles; eles não nos vão afundar nem abater. Num nível simples, significa funcionar numa situação difícil sem atacar os problemas. Pode referir-se a um problema imediato ou a uma situação que se arrasta há anos. Olhando mais fundo, vemos a imagem de um longo desgosto — o luto é um exemplo, mas não o único — que uma pessoa sentiu durante tanto tempo que já não causa dor, mas tornou-se parte da vida.

Existe outro significado, menos perturbador — o de uma passagem tranquila, física (certamente o significado literal de uma viagem não deve ser esquecido) ou espiritualmente, um período de transição fácil. Note-se a vara negra do barqueiro. O preto indica potencialidade; onde nada de definitivo aconteceu, todas as coisas permanecem possíveis. Ao mantermo-nos calmos, não desperdiçamos nem energia nem oportunidades.

O Seis de Espadas é um Portal. Olhar para ele com sensibilidade e depois entrar na imagem produzirá primeiro um efeito de quietude na mente e depois, lentamente, um sentido de movimento dentro de si mesmo.

INVERTIDO

Visto de uma forma, o equilíbrio e a paz tornam-se perturbados; a passagem já não é serena pois a água, símbolo da emoção, torna-se agitada. Assim, a carta invertida pode sugerir uma jornada tempestuosa, física ou espiritualmente. Pode referir-se também à ideia de que, quando tentamos atacar algum problema de longa data, especialmente um aceitado por todos os outros, agitamos a situação. Como um exemplo, um relacionamento insatisfatório ou opressivo pode continuar tranquilamente durante anos até que um dos membros decida fazer algo a respeito. Tentar remover as espadas do barco pode afundá-lo, pois as espadas, afinal de contas, estão a tapar os buracos.

De outra forma, o Seis invertido pode mostrar comunicação, lembrando-nos de que, em posição normal, as pessoas mantêm a sua compostura ao não falarem nem olharem umas para as outras. Se as espadas simbolizam memórias infelizes e o silêncio é uma defesa, então a comunicação pode ser dolorosa. Pode também iniciar a cura.

Figura 62

CINCO

Uma das cartas mais difíceis, e uma das razões pelas quais algumas pessoas acham o baralho Rider demasiado negativo. E, no entanto, ela espelha uma situação real que a maioria das pessoas experienciará em algum momento das suas vidas. Todos os Cincos mostram conflito ou perda. As Espadas levam esta ideia ao extremo da derrota. Às vezes o significado da carta focar-se-á na figura grande em primeiro plano — o vencedor. Mais commumente, identificamo-nos com as duas figuras de costas voltadas. Elas perderam alguma batalha, e agora o mundo inteiro abate-se sobre elas — a água encrespada, o céu denteado. Um sentido de humilhação, bem como de fraqueza, acompanha a sua derrota.

A imagem de um inimigo pode referir-se a uma pessoa real, a uma situação geral ou a um sentimento interior de inadequação. Uma vez fiz uma leitura para duas pessoas que tinham sofrido às mãos de um chefe perturbado e vingativo, e que queriam agora saber se deveriam levá-lo a tribunal. Elas decidiram contra isso quando o Cinco de Espadas indicou que iriam perder. Mais tarde, outras duas pessoas processaram o homem pelo mesmo tipo de má conduta. Perderam o caso.

INVERTIDO

A qualidade dolorosa permanece, embora a ênfase possa mudar. Onde a posição normal indica o momento da derrota, o invertido estende isto ao desespero sentido depois. É um estado difícil de superar, embora outras influências, particularmente as simbolizadas pelos Paus, possam ajudar. As Espadas são mais pessimistas do que quaisquer cartas nos Arcanos Maiores. Tomado isoladamente, nenhum naipe Menor pode mostrar o verdadeiro equilíbrio da vida. Eles quebram a experiência em partes e, portanto, distorcem e exageram. Um excesso de cartas de Espadas

necessita, mais do que qualquer outro naipe, de ser equilibrado com experiências e atitudes dos elementos dos outros naipes.

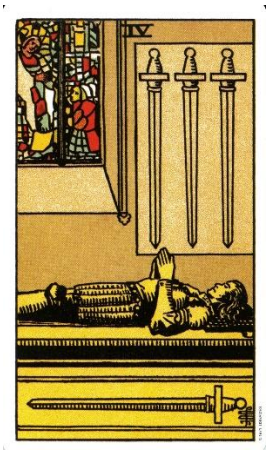


Figura 63

QUATRO

Os Quatros relacionam-se com a estabilização; para as infelizes Espadas isto traduz-se em descanso ou até apenas em retiro. A imagem mostra não a morte, mas o afastamento. As pessoas por vezes respondem às dificuldades isolando-se, escondendo-se literalmente nas suas casas, ou simplesmente atenuando as suas reações emocionais para se esconderem dentro de si mesmas. Esta carta apareceu uma vez numa leitura para um homem habituado a lidar firmemente com todos ao seu redor. A carta mostrou-lhe que, quando a sua agressividade falhava, ou quando a sua máscara confiante se tornava demasiado pesada para ele, ele escondia-se do mundo em vez de mostrar o seu outro lado ou tentar trabalhar com outras pessoas.

O afastamento, contudo, também pode levar à cura, se o propósito não for esconder-se, mas sim recuperar as forças. A carta pode significar conter-se numa luta até que haja uma melhor oportunidade de vencer. Da mesma forma, ao afastar-se por algum tempo após uma dor profunda, uma pessoa dá a si própria uma oportunidade de recuperar.

Note-se que o cavaleiro jaz numa igreja, e que a janela mostra Cristo a dar uma bênção de cura a um suplicante. As imagens sugerem o Rei Pescador da lenda do Graal, cuja ferida física espelhava a doença espiritual do reino. A imagem também recorda a Bela Adormecida. Ambas as figuras precisavam de estranhos para as despertar.

O Rei permaneceu doente até que Galahad trouxe a bênção do Graal; e a princesa, símbolo de um medo neurótico da vida, permaneceu a dormir

até que o príncipe, recusando-se a ser travado pela cerca de espinhos (a pessoa neurótica usará a força da sua personalidade para estabelecer barreiras contra as outras pessoas), a despertou através da energia vital sexual (na versão da Disney ele beija-a; nos contos populares ele tem relações sexuais com ela). O afastamento, mesmo com o propósito de recuperação, pode isolar uma pessoa do mundo, criando uma espécie de feitiço que apenas a energia exterior pode quebrar.

INVERTIDO

Invertida, esta carta mostra um regresso ao mundo. Se isto acontece de forma tranquila ou dramática depende da situação. Às vezes a carta refere-se à cautela, como se o cavaleiro emergisse cuidadosamente do seu santuário. Noutros momentos, o Quatro invertido pode representar outras pessoas a perceberem e a romperem a cerca — o príncipe a ir atrás da Bela Adormecida.

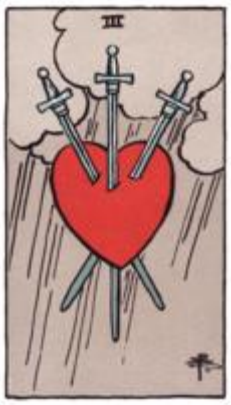


Figura 64

TRÊS

O título da Golden Dawn para esta carta é "Desgosto". De todas as Espadas, o Três representa mais simplesmente a dor e o desgosto amoroso. Contudo, apesar de toda a sua escuridão, a imagem traz uma certa calma na simetria das suas espadas. Ao verdadeiro desgosto só podemos dar uma resposta — acolher a dor nos nossos corações, aceitá-la e ir além dela. O Nove levantou a questão de como continuar após uma grande angústia. O Três diz-nos que não devemos afastar a dor de nós, mas de alguma forma acolhê-la profundamente no interior até que seja transformada pela coragem e pelo amor.

Uma vez, numa leitura para mim próprio, após uma morte na minha família, o Três de Espadas surgiu cruzado pelo Três de Copas. Ao início pensei que isto significava opor a alegria e a amizade ao desgosto.

Duas cartas do mesmo número, contudo, significam frequentemente uma transformação. E a carta que cruza emerge frequentemente da primeira de alguma forma. Olhando mais fundo na leitura, vi as duas como ligadas, não opostas. A aceitação e o amor podem transformar a dor numa memória alegre, um abraço à vida.

INVERTIDO

O processo de cura torna-se bloqueado quando lutamos contra la aceitação. Se algo na vida parece demasiado doloroso, podemos afastá-lo, tentar não pensar nisso e evitar quaisquer lembranças. Tal atitude mantém a dor para sempre connosco e, de facto, aumenta o seu domínio. Waite escreve: "alienação mental... perturbação, confusão". Uma leitura feita outrora para uma mulher mostrava um grande potencial de desenvolvimento em muitas áreas, contudo o resultado parecia muito medíocre, fraco. Na posição de pano de fundo jazia o Três de Espadas invertido. Anteriormente, a mulher tinha falado das formas como nunca tinha superado a morte do seu pai.

Figura 65

DOIS

Um método de lidar com problemas ou com a oposição é afastar tudo para além de uma cerca emocional. Se não deixarmos que nada se aproxime de nós, então nada nos pode magoar. Em contraste com o Oito, a venda aqui mostra não confusão, mas um fechar de olhos deliberado. A figura amarrou-a a si própria para não ter de escolher entre amigo e inimigo, pois essa escolha torna-se o primeiro passo para se envolver mais

uma vez com as outras pessoas. As espadas permanecem prontas para atingir qualquer pessoa que tente aproximar-se. Elas representam a raiva e o medo a criar um equilíbrio precário; uma quer atacar, o outro quer esconder-se, e por isso a pessoa permanece tensa entre ambos.

Note-se, contudo, o efeito que esta postura tem na mulher. Primeiro que tudo, os braços cruzados fecham o seu coração. As imagens de emoções bloqueadas continuam na forma como o vestido cinzento parece fundir-se no assento de pedra. Ao mesmo tempo, as espadas pesadas elevam o centro de gravidade do plexo solar para o peito. Quando uma pessoa retém as emoções, a respiração torna-se mais superficial, o corpo torna-se rígido. Paradoxalmente, a tentativa de travar a emoção torna a pessoa mais emocional, à medida que ela pensa e age não a partir do centro, mas do peito constringido, vendo não o mundo, mas a sua própria imagem atrás da venda.

Compare-se o Dois de Espadas com a Alta Sacerdotisa, número 2, nos Arcanos Maiores. Elas sentam-se em posturas semelhantes, mas onde a Sacerdotisa parece relaxada, a tensão reveste o Dois de Espadas. Um véu separa a Sacerdotisa das águas do inconsciente escondidas atrás dela; nenhum véu protege a mulher de olhos vendados do seu poço perturbado de emoções. E, no entanto, esse poço raso não é a mesma água que aquela atrás da Sacerdotisa.

O peso das espadas torna fácil para a mulher ser derrubada para as águas encrespadas. Porque nos faz concentrar nas emoções, uma atitude defensiva torna-nos mais propensos a explosões, à raiva e à histeria. Também poderíamos comparar o Dois de Espadas com a Justiça, cujo número, 11, se reduz a 2. A Justiça carrega uma Espada, para uma mente perspicaz, mas não usa venda nos olhos, preferindo a honestidade absoluta.

INVERTIDO

O equilíbrio é perdido — ou abandonado. Ou a pessoa é derrubada por pessoas ou problemas que investem contra as suas defesas, ou então a venda é abandonada com o propósito de ver a verdade ou de comunicar. Esta última experiência pode revelar-se muito emocional, até mesmo avassaladora, se a pessoa não receber ajuda do exterior.

Figura 56

ÁS

A última (primeira) carta de Espadas devolve-nos à verdadeira essência do naipe — o intelecto. Apontando diretamente para cima para uma perceção verdadeira, a espada perfura a coroa do mundo material. A sabedoria conduz-nos além das ilusões e limitações, em direção à verdade espiritual contida no interior da vida. Muitas das cartas de Espadas sofrem da ilusão de que a vida contém apenas desgosto e dor. As montanhas simbolizam a "verdade abstrata", factos objetivos da existência, independentes do ponto de vista e da experiência pessoal.

Os Arcanos Maiores retratam esta verdade para nós; mais do que qualquer outra carta Menor, o Ás de Espadas alcança o quinto elemento. No entanto, o intelecto isolado, divorciado da intuição, apenas conduzirá a mais ilusão. Precisamos do Ás de Copas, isto é, do amor, para encontrar a verdade; contudo, apenas o intelecto nos pode levar além da experiência imediata.

Muitas pessoas sustentam que apenas as nossas emoções expressam o nosso eu real, que apenas as reações emocionais nos conduzirão à verdade. Muitas vezes, porém, as emoções são exageradas, egoístas ou autocomplacentes. Mas o intelecto sozinho também não trará a verdadeira consciência. Tanto a verdade como a consciência devem vir de um nível mais profundo de valores e experiências espirituais. E assim as mãos surgem das nuvens, conduzindo-nos de volta ao Espírito.

O simbolismo da verdade também é válido para as experiências mundanas. Em situações confusas, emocionais ou opressivas, a mente pode perfurar o nevoeiro e os nós para dar uma compreensão clara dos factos reais. A verdade expressa o Ás na sua forma mais valiosa. Noutro nível, a carta significa simplesmente força emocional, tanto o amor como o ódio,

em formas extremas. Note-se o aperto firme. As emoções também são uma dádiva, permitindo-nos experienciar a vida intensamente, mas continuam a ser sempre difíceis de segurar e ainda mais difíceis de direcionar. Para pessoas que sofreram algum tipo de abuso, focar-se no Ás de Espadas pode funcionar como uma forma de trazer à superfície a raiva reprimida.

INVERTIDO

O aperto falha, trazendo ilusão, ideias e sentimentos confusos, emoções avassaladoras. Os sentimentos mais violentos sobrepõem-se aos benevolentes. Sem um sentido claro da realidade, a mente pode cair presa de erros criados pela emoção. Os problemas tornam-se exagerados; tudo, incluindo as atrações, parece ser mais importante do que realmente é. Em tais situações, o Ás de Espadas invertido diz-nos para nos controlarmos e tentarmos encontrar um sentido de realidade equilibrado.

CAPÍTULO DEZ

OUROS

A nossa cultura tem uma longa história de desprezo pelo mundo físico. Vemos a criação de Adão a partir do barro como uma humilhação — "cinza à cinza, pó ao pó". Insultamos as pessoas "tratando-as como lixo". As emoções e os pensamentos abstratos são vistos como algo "mais elevado" do que tudo o que realmente existe. E, no entanto, tal como uma pintura é o resultado final da conceção de um artista, também podemos ver o mundo mortal como o produto da força criativa de Deus. Para nós, a criação significa o mundo dos nossos sentidos. Por mais longe que possamos viajar nas meditações espirituais, devemos começar e regressar aqui — ou perder-nos no processo.

Um conto cabalístico famoso ilustra esta necessidade de "enraizamento". Através do estudo e da meditação, quatro rabinos entraram no Paraíso. O Rabino Ben Azai experienciou tal êxtase que caiu morto no local. O Rabino Ben Zoma, sobrecarregado pela torrente da experiência, enlouqueceu. O Rabino Ben Abuysh viu o que pareciam ser dois Deuses, uma contradição do princípio básico do monoteísmo, e por isso tornou-se um apóstata. Apenas o Rabino Akiba entrou e saiu em paz.

Podemos explicar esta história em termos do simbolismo do Tarot. O Rabino Ben Azai foi longe demais na direção do Fogo e por isso consumiu-se. O Rabino Ben Zoma permitiu que as suas emoções (Água) superassem a sua razão. O Rabino Ben Abuysh, desequilibrado com a energia de Espadas, tomou tanto o que viu como o que leu nas Escrituras de forma demasiado literal. O Rabino Akiba, capaz de equilibrar os outros elementos na Terra, compreendeu a sua experiência da forma verdadeira.

Na sua forma anterior de Moedas, os Ouros representavam primariamente o materialismo no sentido estrito do dinheiro e do trabalho. Ainda vemos estas qualidades importantes no baralho Rider, e na verdade os Ouros carregam o problema de nos envolvermos tanto com estas coisas que nos esquecemos de que tudo o resto existe — o inverso, de certa forma, do Rabino Akiba. O baralho Rider, contudo, adiciona a dimensão maior da natureza ao quarto naipe. Enraizamo-nos não apenas no nosso trabalho, mas num amor pelo mundo ao nosso redor.

Como um sinal mágico, os Ouros simbolizam a "magia" da criação comum. Tomado de forma simples, isto significa a beleza da natureza, a alegria de um trabalho satisfatório. O simbolismo, contudo, carrega um significado mais profundo, sugerido na história do Rabino Akiba. O místico ou mago não se limita a enraizar o eu de uma forma negativa, usando o mundo como o oposto da experiência espiritual. Em vez disso, o mundo natural, porque carrega uma realidade mais firme do que os outros elementos, porque não conduz tão facilmente à confusão, ao erro ou ao mau uso, abre o caminho para uma experiência mais mística.

A própria mundanidade da vida quotidiana assegura, por uma espécie de lei de reciprocidade, que tais coisas possuam uma "magia" maior do que as atrações mais imediatas dos outros elementos. Não podemos compreender este paradoxo imediatamente. Precisamos de o ponderar e experienciar. Dois factos sobre os Ouros/Terra sugerirão o seu verdadeiro valor.

Primeiro, num estudo de líderes religiosos antigos e modernos, a astróloga Ronnie Dreyer descobriu que os signos de Terra predominam em

todos os seus mapas natais. Segundo, os Ouros contêm mais cartas de Portal do que qualquer outro naipe.

Figura 67

REI

A mundanidade dos Ouros combina muito bem com a responsabilidade social do Rei, que nos apresenta a própria imagem do homem de negócios ou profissional de sucesso. A forma descontraída como se senta no seu trono, a forma afetuosa como olha para o seu ouros — aqui o símbolo das suas capacidades e das suas realizações — mostram-no satisfeito com a vida. Ele é generoso, até corajoso, embora não seja especialmente dado à aventura. O papel de Rei não o frustra como frustra os Reis de Paus e de Copas. Talvez numa fase anterior da sua vida e carreira ele possa ter sofrido de impaciência ou dúvida. Agora, o seu sucesso justificou a sua vida, permitindo-lhe relaxar e desfrutar dela.

Desfrutar da vida significa também uma proximidade com a natureza. Embora o seu castelo — símbolo do seu lugar dominante na sociedade — se erga em pano de fundo, ele senta-se no seu jardim, com flores na sua coroa e com uvas — símbolo da doçura da vida — a decorar a sua túnica. As próprias folhas e flores parecem fundir-se com a sua túnica, tal como a água fluía para o vestido da Rainha de Copas. A vida é boa para ele e ele tenciona desfrutá-la.

Uma leitura de Tarot produziu outrora o Louco cruzado pelo Rei de Ouros (as duas cartas assemelham-se imenso nos seus esquemas de cores). A conjunção forma um excelente exemplo daquilo a que chamo tempo vertical e horizontal, isto é, os mundos interior e exterior. O Rei simboliza a atividade comum; realizações, posição social, sucesso, enquanto o Louco representa a liberdade espiritual interior que permite a uma pessoa desfrutar destas coisas e construir sobre elas sem ficar presa numa visão materialista

estreita. Considerem-se duas pessoas com os mesmos mundos exteriores — ambas bem-sucedidas, respeitadas, ricas; no entanto, interiormente, uma pode estar tensa, ou frustrada, ou com medo, enquanto a outra permanece alegre e em paz.

Se virmos o Louco como o início dos Arcanos Maiores, o Rei de Ouros como a carta final dos Menores, então os dois situam-se em extremidades opostas do Tarot. Mas esta polaridade mantém-se verdadeira apenas se virmos as cartas numa linha. Se as imaginarmos num círculo, então o Louco e o Rei de Ouros unem-se.

INVERTIDO

O Rei é feito para o sucesso. Invertê-lo sugere fracasso ou simplesmente mediocridade. A falta de realização traz insatisfação, sentimentos de fraqueza e dúvida. Tomado de outra forma, podemos ver o Rei invertido como a simbolização da ideia de sucesso corrompido, a imagem de um homem ou de uma mulher que usará quaisquer meios para alcançar os seus objetivos.

Se descrevermos o Rei de Ouros como alguém que precisa de uma ligação vital com a natureza (e nem toda a gente precisa, apesar dos pressupostos contemporâneos), o Rei invertido representa o estado de estar cortado desse fluxo rejuvenescedor. Aqui também a rutura resulta em insatisfação, fraqueza, até mesmo perigo psíquico.

Figura 68

RAINHA

Onde o Rei se senta diante de um castelo, o trono da Rainha ergue-se inteiramente num campo, emoldurado por rosas. Onde o Rei simplesmente vislumbra o seu Ouros, a Rainha segura o seu com ambas as mãos, intensamente consciente da magia na natureza e da força que dela retira. Mais do que qualquer outra carta Menor, ela representa um amor por e uma unidade com o mundo. O coelho no canto inferior direito representa não apenas a fertilidade sexual, mas também a fecundidade espiritual de uma vida que encontrou o seu próprio ritmo no mundo ao seu redor. As suas qualidades, bem como o simbolismo sexual, relacionam-na com a padroeira dos Ouros, a Imperatriz.

Ao mesmo tempo, como figura Menor, ela carrega uma qualidade que falta no trunfo arquetípico da paixão: a autoconsciência. Ela conhece-se e acredita em si mesma, e na magia da sua vida. Nas leituras, esta qualidade de autoconfiança revelar-se-á frequentemente a mais importante.

Se o Rei está ao lado do Louco, então a Rainha pertence ao Mago. Tal como ele, ela usa uma túnica vermelha sobre uma camisa branca; folhas e flores emolduram ambos; um céu amarelo brilha atrás de cada um. Onde o Mago manipula as forças escondidas no mundo, a Rainha de Ouros une-se a essas forças, permitindo que elas fluam através dela para a sua vida quotidiana.

INVERTIDO

Nas leituras, a Rainha invertida pode significar não confiar em si próprio numa situação específica. Mais geralmente, refere-se à fraqueza psíquica. Pois o cortar da Rainha da sua ligação vital com a terra resulta, ainda mais do que com o Rei, em nervosismo e confusão. Ela torna-se receosa, até fóbica, desconfiada dos outros e especialmente de si mesma, duvidando das suas capacidades e do seu valor como pessoa. Esta separação significa mais do que estar isolada de plantas e animais. Significa antes uma perda do ritmo diário na vida, uma insatisfação com todo o ambiente e uma incapacidade de valorizar o que o ambiente tem para oferecer.

Numa leitura, a Rainha invertida não só aponta estas qualidades no sujeito, como sugere um remédio duplo. Primeiro, um reforço de confiança; além de enfatizar as suas realizações e boas qualidades, uma pessoa pode fazer isto através da meditação com a Rainha em posição normal. Segundo, um enraizamento das emoções nas coisas naturais, prazeres comuns, trabalho satisfatório.

Figura 69

CAVALEIRO

A responsabilidade do Cavaleiro pela ação realça as qualidades práticas do naipe. Ao mesmo tempo, negar a inclinação natural do Cavaleiro para a aventura tende a distorcer e a estreitar a sua atitude perante a vida. Ele é responsável, trabalhador, incansável. No seu melhor sentido, está profundamente enraizado no mundo exterior e na simplicidade, uma qualidade sugerida pela forma como o seu cavalo se mantém firme no solo, com o seu cavaleiro sentado direito.

Embora ele também segure um ouros, não olha para ele, mas sim fita o horizonte por cima dele. O simbolismo sugere que ele perdeu de vista a fonte e o significado da sua força na vida. Ao dedicar-se a assuntos puramente práticos, cortou-se das coisas mais profundas da Terra.

INVERTIDO

Às vezes, o Cavaleiro invertido pode significar um despertar dessas outras consciências. Mais frequentemente mostra um fracasso — ou exagero — das virtudes mais óbvias do Cavaleiro. A sua firmeza abranda até ao ponto da inércia, a sua responsabilidade laboriosa dá lugar à ociosidade. Uma personalidade suave, levada um pouco longe demais, torna-se fraca e deprimida, especialmente se a sua placidez tiver coberto um desejo reprimido de aventura ou de maior progresso.

O Cavaleiro de Ouros invertido pode por vezes indicar uma crise. Se uma pessoa dedicou a sua vida a um emprego ou a alguma responsabilidade externa semelhante, e esse significado lhe é retirado — por exemplo, através de despedimento ou reforma — então o desânimo e a depressão podem avassalá-la. Outro exemplo seria uma mulher que

dedicou a sua vida aos filhos e descobre agora que eles cresceram e se afastaram dela.

Embora estes significados tão extremos ocorram, naturalmente, raramente em leituras reais, eles continuam implícitos no paradoxo básico do Cavaleiro: profundamente enraizado na magia abaixo de si, mas inconsciente dela, ele identifica-se com as suas funções. Ele precisa de descobrir a verdadeira fonte da sua força, dentro de si mesmo e na vida.

Figura 70

VALETE

Em contraste direto com o Cavaleiro, o Valete não olha para mais nada senão para o seu ouros, segurando-o levemente no ar. Onde o Cavaleiro é o trabalhador prototípico, o Valete representa o estudante, perdido nos seus estudos, fascinado, sentindo pouca preocupação por tudo o que está fora deles. No entanto, ele partilha da natureza prática do naipe ao simbolizar o trabalho real do estudante, o estudo e a erudição, por oposição à inspiração simbolizada pelo Valete de Copas.

O estudante aqui atua como um símbolo; o Valete não precisa de se referir a alguém que está realmente na escola, mas simplesmente a qualquer pessoa que aborde qualquer atividade com essas qualidades de fascínio, de envolvimento, importando-se menos com recompensas ou posição social do que com o próprio trabalho.

INVERTIDO

Novamente, o Valete aparece como o inverso do Cavaleiro. Na realidade, os dois dividem as qualidades duplas de Ouros — a praticidade e a magia. Onde o Cavaleiro, sem o seu emprego, se torna desanimado e

inerte, o Valete, sem o seu sentido de trabalho árduo, dá lugar à irreverência e à dissipação, aquilo a que Waite chama "prodigalidade". Às vezes, contudo, a carta pode significar simplesmente relaxamento após uma tarefa difícil, como um estudante a descontrair após os exames.

Figura 71

DEZ

Uma das cartas Menores mais simbólicas e profundamente estratificadas, o Dez mostra-nos a própria imagem do Portal que se abre para a experiência oculta nas coisas comuns. Tal como o Dez de Copas, lida com a vida doméstica, mas onde os homens e as mulheres em Copas celebram a dádiva, a família aqui não repara na magia à sua volta. À superfície, a carta representa o lar estabelecido, a boa vida, uma posição segura e confortável no mundo. As pessoas envolvidas, contudo, parecem dar o conforto como garantido; consideram a segurança entediante ou sufocante.

Em contraste com o Dez de Copas (as duas cartas aparecerão frequentemente juntas em leituras), a família aqui não parece comunicar entre si. O homem e a mulher estão voltados para lados opostos, embora a mulher olhe ansiosamente por cima do ombro para o homem. A criança agarra-se nervosamente à mãe, mas desvia o olhar. E nenhum deles repara no velho fora do arco.

Embora a carta exprima mundanidade, sinais mágicos cobrem-na. Os dez ouros formam a Árvore da Vida cabalística, algo que não aparece em mais lado nenhum do baralho. Note-se também a varinha mágica encostada ao arco; nenhuma outra carta Menor contém uma. O próprio arco ostenta um relevo de balanças equilibradas (mesmo acima da cabeça do velho). Ora, as balanças representam a Justiça e, mais ainda, forças subtis que impedem o mundo quotidiano de entrar em caos. Por "forças subtis" não

me refiro apenas às chamadas leis "ocultas", tais como a polaridade ou a lei das correspondências (o que está em cima é como o que está em baixo).

O termo aplica-se também aos funcionamentos geralmente mais aceites da natureza, tais como a gravidade ou o eletromagnetismo. O facto de aprendermos sobre estes na escola não deve fazer-nos considerar tais fenómenos como menos maravilhosos. O facto é que todos nós damos o universo como garantido simplesmente porque funciona tão bem.

Mais ainda do que as outras imagens, o velho evoca a magia. Ele assemelha-se à imagem, presente em todas as culturas, do deus ou anjo que vem disfarçado de mendigo ou viajante para visitar alguma família, testar as suas virtudes de hospitalidade e generosidade, e depois deixar-lhes uma dádiva mágica. No caso de Abraão e Sara, os anjos deram-lhes um filho, Isaac. Em muitas dessas histórias, apenas os cães reconhecem o visitante (tal como noutros contos apenas os cães fogem do Diabo quando este vem disfarçado). Porque não enterraram os seus instintos num racionalismo humano enfadonho, os cães conseguem sentir o maravilhoso quando este vem visitar.

Ora, a maioria destes contos enfatiza a moral "Sê simpático com todos. Nunca sabes quem podes estar a rejeitar". Mas podemos dar à história uma interpretação mais subtil. Ao agirem de uma certa forma, as pessoas criam em si mesmas a capacidade de reconhecer e receber as bênçãos no mundo ao seu redor.

Todos estes sinais ocultos e maravilhas apontam o tema básico de Ouros: o mundo quotidiano contém uma magia maior do que qualquer um de nós consegue habitualmente ver. A magia está à nossa volta, na natureza, no próprio facto de a vida existir e de este vasto universo não se desmoronar. Dentro do arco vemos um dia comum e brilhante; fora predominam tons mais escuros, mesmo no casaco de muitas cores do velho, com os seus sinais de astrologia e magia ritual. A família está sob o arco posando como numa peça de teatro. Apesar de toda a sua firme realidade, o mundo quotidiano, as vidas confortáveis que damos como garantidas, e até os problemas e misérias que frequentemente ocupam as nossas mentes, são apenas uma peça, na qual todos seguimos os papéis definidos para nós pela nossa educação e pela sociedade (o reconhecimento de que somos um produto do nosso condicionamento é o primeiro passo para nos libertarmos dele).

A verdadeira realidade permanece antiga, escura e misteriosa. Embora olhemos através do arco, a perspetiva da carta coloca-nos fora dele, com o visitante misterioso. Ao fundirmo-nos com esta carta, podemos encontrar-

nos além do Portal, olhando para os pequenos dramas das nossas próprias vidas diárias. Ao ir mais longe com ela, podemos experienciar esse universo vibrante e selvagem que existe no próprio centro do comum.

Quando o herói Odisseu chegou a casa das suas andanças no mundo selvagem e infestado de monstros fora da Grécia civilizada, veio disfarçado de mendigo. Apenas o seu cão o reconheceu. Embora usasse farrapos, eram farrapos gloriosos (muito parecidos com o casaco de retalhos do visitante), pois a deusa Atena lhos tinha dado. Odisseu regressou ao mundo doméstico vindo do selvagem; destruiu o mal na sua casa e restabeleceu a ordem moral. No entanto, primeiro teve de experienciar o que estava mais além. O Dez de Ouros leva-nos lá também.

INVERTIDO

Se o sentido de tédio com a vida aumentar, pode levar a correr riscos, especialmente financeiros ou emocionais. Às vezes, dependendo dos contextos ou dos resultados projetados, os riscos são justificados; por exemplo, o Louco ao lado do Dez de Ouros instaria à aposta. Noutras alturas, os riscos surgem menos da necessidade do que da impaciência com o que já temos. Esta situação torna-se mais vincada quando o Dez de Ouros aparece com o Dez de Copas.

O paralelo com Odisseu destaca-se quando a carta fica invertida. A maioria dos problemas desse herói surgiu devido a um traço de imprudência que o fazia fazer coisas selvagens precisamente no momento errado. O impulso de apostar opunha-se às suas qualidades básicas de cautela, habilidade e previdência. E, no entanto, a irreverência mantinha o equilíbrio. Sem ela, Odisseu não teria visto o mundo além do lar e da família à qual finalmente regressou.

Figura 72

NOVE

Como cartas materiais, os Ouros lidam com o sucesso e o que este significa na vida de uma pessoa. Ao contrário da figura no Dez, a mulher aqui está bem consciente das coisas boas da sua vida. A sua mão repousa sobre os Ouros, o seu polegar prende-se numa videira. A consciência é um dos significados básicos da carta, especialmente a autoconsciência e a capacidade de distinguir o que importa na vida, que objetivos exigem verdadeiramente os nossos melhores esforços.

A carta significa sucesso — mas não simplesmente os benefícios materiais; significa igualmente o sentido de certeza que advém de se saber que se fizeram as escolhas certas e que se seguiram as mesmas com as ações necessárias. Os ouros que crescem nos arbustos simbolizam uma vida que é produtiva e viva.

"Sucesso" aqui significa não tanto a realização mundana, mas sim o sucesso em "criarmo-nos" a nós próprios a partir do material dado pelas circunstâncias e condições da nossa vida. E "certeza", no seu sentido mais forte, significa mais do que olhar para trás e ver que fizemos a coisa certa. Significa também a capacidade de saber onde os outros apenas conseguem adivinhar. O Nove de Ouros ergue-se como o emblema desta qualidade, a verdadeira marca da pessoa desenvolvida; o estudo e a meditação com esta carta ajudarão, portanto, a alcançar tal certeza.

Vimos que os Nines mostram concessões e escolhas. Este tema emerge também em Ouros. A mulher está sozinha no seu jardim. Para alcançar o que tem, teve de abdicar do companheirismo normal. Nas leituras, este simbolismo não significa que a carta aconselhe inevitavelmente a desistir de um relacionamento; mas apela à autossuficiência e a uma certa solidão na perseguição dos objetivos.

A imagem na Fig. 72(b), ligeiramente diferente da versão oficial de Rider (Fig. 72(a)), vem de uma edição americana de há vários anos. Neste Nove de Ouros, uma sombra escurece o rosto da mulher, bem como as uvas no lado direito da carta. Claramente, ela está a afastar-se do sol. O simbolismo sugere um sacrifício. Para fazer da sua vida o que quer, teve de abdicar não só do companheirismo, mas também de coisas como a espontaneidade, a vadiagem e a imprudência. Se o sacrifício parece demasiado grande, talvez signifique que não valorizamos o suficiente as recompensas do autodesenvolvimento.

A imagem da ave leva estas ideias mais longe. Um caçador altivo, o falcão simboliza o intelecto, a imaginação, o espírito. O capuz, contudo,

submete-o à sua dona, isto é, à vontade consciente. Portanto, embora à primeira vista a carta signifique sucesso, um conhecimento mais íntimo dela muda o significado primordial para o de disciplina. E uma entrada através do Portal desta carta ajudará a conduzir à alegria da verdadeira disciplina, que não estropia, mas eleva.

INVERTIDO

As qualidades da carta são negadas ou invertidas: falta de disciplina e o fracasso que daí advém; projetos iniciados e depois abandonados; uma incapacidade de canalizar a energia para propósitos úteis. Pode significar não sabermos o que queremos, ou o que realmente nos importa. A falta de autoconsciência traz irresponsabilidade e infidelidade, tanto para com os outros como para connosco próprios.

Figura 73

OITO

O caminho para o Espírito, no caso dos Ouros, não reside tanto no sucesso, ou mesmo na consciência do valor das coisas comuns, mas sim no trabalho que nos permite valorizar essas coisas. O Nove mostra a disciplina; o Oito mostra o treino que traz tanto a disciplina como a destreza.

O trabalho, seja ele físico, artístico ou espiritual (o sufi Idries Shah fala do "trabalho" como a mais básica das doutrinas sufis), não pode ter sucesso se a pessoa pensar apenas no resultado final. Muitos artistas e escritores testemunharam este facto, alertando os mais jovens de que, se quiserem apenas tornar-se famosos ou ricos, nunca terão sucesso. Temos de nos importar com o trabalho em si.

Por isso, vemos o aprendiz perdido na sua tarefa. E, no entanto, o trabalho também precisa de estar relacionado com o mundo exterior. Por mais que sigamos os nossos padrões e instintos ou procuremos o nosso próprio desenvolvimento, o trabalho que fazemos carece de significado se não servir a comunidade. Portanto, atrás da sua oficina — embora distante — ergue-se uma cidade com uma estrada amarela (amarelo para a ação mental) que conduz de e para a oficina.

INVERTIDO

Quando invertida, a carta sugere primariamente a impaciência e as situações que dela resultam: frustração, ambição insatisfeita, inveja ou ciúme. Estas coisas podem resultar da atitude de olhar apenas para o sucesso, e não para o trabalho que o traz. Podem também surgir de um trabalho insatisfatório, ou seja, de um emprego ou carreira que não exige destreza, envolvimento pessoal ou orgulho.

Figura 74

SETE

Da imagem do trabalho passamos para a sua recompensa. Tal como o Nove, o Sete mostra os ouros como um desenvolvimento vivo resultante do trabalho da pessoa. O trabalho significativo dá mais do que um benefício material; a pessoa também cresce. O Sete mostra esse momento de podermos olhar para trás com satisfação para algo realizado. O "algo" pode ser tão amplo como uma carreira ou tão simples como um projeto imediato. A carta implica que tudo o que foi construído (incluindo relacionamentos entre pessoas) atingiu um ponto onde pode crescer por si mesmo, e a pessoa pode afastar-se dele sem que este desabe.

INVERTIDO

Para muitas pessoas, o trabalho significativo simplesmente não está disponível. Em geral, o Sete invertido mostra a insatisfação generalizada, a sensação de encurralamento, que advém de empregos ou compromissos insatisfatórios. Por outro lado, o Sete invertido pode significar qualquer insatisfação ou ansiedade específica, em particular uma que surja de algum projeto que não esteja a correr bem.

Figura 75

SEIS

As duas cartas seguintes, relacionadas pelo seu simbolismo, situam-se entre as mais complexas dos Arcanos Menores, e na verdade de todo o baralho. Ao mesmo tempo, demonstram a diferença entre as camadas de interpretação e aquela dimensão extra a que chamo o Portal; pois enquanto o Cinco permite bastantes significados, o Seis mostra-nos o próprio mecanismo do Portal.

À superfície, o Seis de Ouros ilustra a ideia de partilha, generosidade, caridade. Note-se, contudo, que as pessoas formam uma hierarquia, uma acima de duas outras. A carta significa, portanto, um relacionamento no qual uma pessoa domina as outras. Ele ou ela dá, mas sempre a partir de uma base de superioridade. As balanças estão equilibradas; tais relacionamentos são frequentemente muito estáveis, precisamente porque as pessoas são combinadas de forma ideal. Assim como uma deseja dominar, a outra (ou outras) deseja ser dominada. A posição inferior não implica realmente fraqueza; a pessoa dominada frequentemente instiga o relacionamento e, na verdade, insistirá subtilmente em mantê-lo quando aquele que desempenha o papel dominante desejaria mudar.

Às vezes, a hierarquia não indica uma pessoa, mas sim uma situação — emocional, económica ou outra — que domina uma pessoa ou um grupo de pessoas. Pode dar-lhes muito pouco, mas o suficiente para as impedir de

procurar outra coisa. Isto pode acontecer num emprego que dá benefícios materiais mas pouca satisfação ou hipótese de melhoria; ou num relacionamento no qual as pessoas estão infelizes mas confortáveis; ou numa situação política onde as pessoas reconhecem que são oprimidas, mas não desejam colocar em risco a pouca segurança que têm. A carta mantém uma relação (distorcida) com todas aquelas cartas Maiores (o Hierofante, os Namorados, o Diabo e outras) nas quais alguma força mantém unidos ou concilia os opostos da vida. Aqui, nada se concilia verdadeiramente, mas a situação mantém o equilíbrio e fá-la continuar.

Até agora, os significados enfatizam os dois mendigos. Mas e o dador? Ele mostra generosidade, contudo as balanças equilibradas indicam que ele não dá espontaneamente, mas sim mede aquilo que pensa que pode dispensar. Por outras palavras, ele dá aquilo que não lhe fará falta. Emocionalmente, isto simboliza uma pessoa que se relaciona com muita facilidade com as outras, mas que retém sempre os seus sentimentos mais profundos. Como dissemos acima, o relacionamento vem de ambos os lados. Muitas pessoas só aceitarão "dádivas" limitadas dos outros. Uma exibição de emoções fortes, por exemplo, pode embaraçá-las ou assustá-las. O mesmo pode ser verdade para pessoas que se ressentem da "caridade" e colocam qualquer oferta de ajuda nessa categoria. Portanto, o Seis de Ouros pode indicar dar às pessoas aquilo que elas são capazes de receber.

Enfatizei estas palavras porque elas implicam algo mais além do seu significado literal. A maioria das pessoas medirá inconscientemente a sua partilha de acordo com o que as outras pessoas esperam delas; evitam deixar-se a si próprias ou às outras pessoas desconfortáveis. Por outro lado, para dar conscientemente às pessoas aquilo de que elas precisam e podem usar (em vez daquilo que elas podem pensar que querem), é necessário ter alcançado um grande grau de autoconhecimento, bem como uma consciência da psicologia humana em geral. Poucas pessoas atingem realmente este nível de partilha; muitas pessoas que pensam perceber o que outra pessoa precisa estão, na realidade, a projetar as suas próprias exigências e medos nessa pessoa.

Como uma fonte de informação mais objetiva, o Tarot pode ajudar-nos a compreender as nossas próprias necessidades ou as de outra pessoa. Devido a estes significados, o Seis de Ouros relaciona-se com o Nove no contexto dessa carta como um emblema de certeza.

A ideia de dar o que as pessoas são capazes de receber carrega também um significado religioso. Os místicos e esoteristas dizem frequentemente que a verdade escondida dentro de uma religião específica

pode ser quase o oposto daquilo que essa religião parece dizer à superfície. Por exemplo, enquanto a doutrina nos pode ensinar a controlar os nossos desejos através de pensamentos piedosos, o ocultista pode tentar trazer à tona e trabalhar com os seus impulsos mais ocultos.

Esta divisão existe porque a maioria das pessoas não é apenas incapaz, mas está mesmo relutante em lidar com ensinamentos religiosos/psicológicos na sua forma direta. Mesmo muitos daqueles que tentam podem achar a verdade impossível de assimilar. Considere-se o Rabino Ben Abuysh, que perdeu a sua fé quando pensou ter visto dois Deuses.

Idries Shah conta a fábula de dois homens que encontram uma tribo que abriga um grande medo de melancias, acreditando que são demónios. O primeiro viajante tenta dizer-lhes a verdade e é apedrejado como herético. O segundo aceita a ortodoxia deles, ganha a sua confiança e trabalha lentamente para os educar. À semelhança deste conto, o Seis de Ouros indica a maneira pela qual a religião, e também os ensinamentos esotéricos, dão aquilo que somos capazes de receber.

Waite, ao descrever esta carta, diz "uma pessoa sob a aparência de um mercador" — não um mercador, mas uma pessoa "sob a aparência" de um. E Nietzsche, em *Assim Falava Zaratustra*, faz com que um eremita diga a Zaratustra: "Se queres ir até eles, não dês mais do que uma esmola, e deixa-os mendigar por ela". Dá mais e ninguém escutará.

No entanto, quem é esta pessoa na sua "aparência" de mercador? Será ele simplesmente um professor, ou uma doutrina religiosa ou psicológica? As balanças sugerem algo mais — a Justiça, que representa a verdade, não apenas como "informação correta", mas como uma força viva que une e equilibra o universo. No Dez de Ouros vimos esta força como o velho no portal; aqui vemo-la como o mercador. A vida dá-nos o que precisamos, o que podemos usar. Especialmente quando nos colocamos numa posição de receber.

As pessoas que trabalham com a meditação, com o Tarot ou disciplinas semelhantes (bem como as pessoas que fazem trabalho artístico) notam frequentemente um fenómeno curioso. A vida parece conspirar para lhes dar aquilo de que precisam para as ajudar no seu caminho. Não uma grande explosão, mas o suficiente para lhes dar um pequeno empurrão quando mais podem fazer uso dele. Aqui fica um exemplo. Na altura em que eu estava a trabalhar com estes significados para o Seis de Ouros, fiz uma leitura de Tarot para mim próprio na qual o Seis surgiu a cruzar o Cavaleiro de Copas. Interpretei isto como significando que, ao manter um

estado de espírito meditativo, receberia um benefício. Ora, isto ocorreu alguns meses após a morte da minha mãe, e enquanto visitava o meu pai encontrei e comecei a usar uma *mezuzah* (uma espécie de amuleto judaico) da minha mãe. A *mezuzah* tinha inscrito o nome "Shaddai". Reconheci esta palavra como um nome de Deus, mas não sabia o que significava.

Dois ou três dias após a leitura, fui com o meu pai a uma sinagoga para as orações de sábado (algo que não teria feito por minha iniciativa). No caminho para entrar, vi o nome Shaddai em algumas joias em exibição e mencionei a minha curiosidade sobre o seu significado. Quando olhei para a leitura da Bíblia daquele dia, descobri uma nota que explicava o significado de Shaddai.

Traduzido como "Todo-Poderoso", provém de uma raiz hebraica que significa "vencer pela força". Mas relaciona-se também com uma palavra árabe que significa "benevolência, ato de dar dádivas". O livro não só respondeu à minha pergunta imediata, como me deu uma maior compreensão do Seis de Ouros.

O "mercador" simboliza a força da vida, que não só nos dá o que precisamos e podemos receber, mas também nos pode vencer pela força (embora ordinariamente não o faça se não o quisermos) com uma maravilha espiritual. E eu tinha ganho estas perceções (que, por as ter experienciado, significavam mais para mim do que significariam como ideias intelectuais) ao colocar-me literalmente numa posição de receber, isto é, ao ir com o meu pai à sinagoga.

Com o Seis de Ouros aprendemos que o valor de estudar o Tarot ou outras disciplinas reside não simplesmente no conhecimento específico ganho, mas também no estado de espírito criado pelo ato de o fazer. O próprio trabalho muda-nos. Podemos desenvolver estas mudanças consciente e deliberadamente através do mecanismo das cartas de Portal. Ao contemplar e ao unirmo-nos às suas imagens, permitimo-nos receber as suas dádivas.

INVERTIDO

Os significados possíveis relacionam-se com os significados em posição normal. Uma falta de generosidade, egoísmo quando a partilha é esperada. Às vezes, isto refere-se a uma situação onde a pessoa está numa posição superior. Então o dador é desafiado a dar de forma mais livre — não a medir aquilo que pode dispensar, mas a partilhar realmente. Noutras alturas, a carta apontará o ressentimento daquelas pessoas que recebem a caridade ou o seu equivalente emocional, a piedade.

Frequentemente, o Seis invertido indica que alguma situação estável, mas basicamente desigual ou insatisfatória, foi interrompida. Se essa interrupção resulta ou não numa situação mais livre ou mais igual dependerá de vários fatores, entre os quais o desejo e a coragem das pessoas envolvidas para continuar um processo que elas, ou alguma agência externa, iniciaram.

Finalmente, claro, significa não nos colocarmos numa posição de receber; seja cortando-nos espiritualmente, ou perdendo alguma oportunidade prática, talvez devido à arrogância ou à suspeita em relação aos motivos das outras pessoas.

Figura 76

CINCO

Os vários significados para esta carta ilustram novamente aquele problema de certeza discutido na secção sobre Leituras. Como podemos saber com certeza qual o significado que se aplicará numa situação real? Ao mesmo tempo, os significados mostram a forma pela qual uma situação pode virar em direções muito diferentes.

Os Cincos ilustram o conflito e a perda de algum tipo; em termos de Ouros isto significa, antes de mais, problemas materiais, tais como a pobreza ou a doença. Às vezes implica uma privação de longa data. Observe-se que as pessoas, embora curvadas e debilitadas, estão a

sobreviver. Esta carta pode indicar amor, especialmente o de duas pessoas que se mantêm unidas numa situação má. Pode dar-se o caso de a privação se ter tornado um dos fatores principais que as mantém unidas, de modo que o alívio dos seus problemas materiais possa desgastar a sua união — ou elas podem pensar que isso acontecerá e, portanto, temer a mudança.

Note-se que elas estão a passar por uma igreja. Ora, como um lugar de santuário, a igreja representa descanso e alívio da tempestade. As pessoas, contudo, não a veem. Os seres humanos conseguem habituar-se a tudo e, quando o fazem, frequentemente não veem as oportunidades de mudança; resistirão inclusivamente ao fim dos seus problemas. Se compararmos estas pessoas com os mendigos ajoelhados do Seis, vemos que o Cinco representa o orgulho e a independência, por vezes a um nível insensato quando a ajuda é genuinamente oferecida.

À medida que examinamos a carta mais de perto, podemos descobrir significados alternativos, até mesmo opostos. A carta não mostra nenhuma porta para la igreja. Tal como acontece com muitas igrejas reais nos dias de hoje, que trancam as suas portas como empresas às 17h, esta igreja talvez tenha deixado as pessoas de fora. O santuário falhou. Vemos, antes de mais, um comentário sobre a religião moderna, que muitos sentem ter falhado na tarefa de dar conforto e cura às almas perturbadas das pessoas. Num nível mais simples, em muitos países as igrejas enriqueceram à custa do povo. Novamente, compare-se o Cinco com o Seis. O mercador ali pode simbolizar a igreja secular moderna, dando a assistência material que pode (ou quer), enquanto as necessidades espirituais das pessoas ficam por atender.

Podemos chamar ao parágrafo anterior a interpretação "sociológica" da igreja sem porta. Se mudarmos a ênfase para as pessoas, podemos ver uma perspetiva psicológica. Às vezes, podemos encontrar-nos numa situação onde as forças exteriores — instituições sociais, família, amigos, etc. — não nos podem ajudar e devemos lutar contra os problemas por nossa conta.

Podemos estender esta ideia para uma interpretação "mágica" ou oculta. Na Parte Um deste livro, discuti como o mago, ao estabelecer um rumo de desenvolvimento pessoal, se coloca contra a Igreja estabelecida, que tradicionalmente atua como intermediária entre os seres humanos e Deus. A escolha pode trazer consequências tanto práticas como políticas. Se o mago encontrar forças psíquicas perigosas, então a religião tradicional não o pode (quanto mais quererá) ajudar a superá-las. Compare-se o Cinco de Ouros com o Hierofante, número 5 nos Arcanos Maiores. Ali, dois suplicantes submetem-se a uma doutrina que os guia em todas as situações.

Aqui, as pessoas rejeitaram tais doutrinas, ou simplesmente consideraram-nas irrelevantes.

INVERTIDO

Waite dá o significado de "caos, desordem, ruína, confusão". Isto sugere que a situação em posição normal colapsou. As pessoas já não estão a sobreviver. Embora a situação imediata possa parecer muito pior, às vezes pode levar a uma melhoria. Quando as pessoas se habituam ao sofrimento, um colapso pode libertá-las. Se elas conseguem agora construir algo mais positivo depende em parte delas próprias e em parte da influência e das oportunidades ao seu redor.

Figura 77

QUATRO

Vemos, antes de mais, a imagem de um avarento e, por extensão, a dependência dos confortos materiais e da segurança para a estabilidade simbolizada pelo número Quatro. Como que em resposta aos problemas mostrados na carta anterior, o homem deu a si próprio uma camada protetora contra quaisquer problemas económicos (ou outros) que possam surgir no futuro. No entanto, enquanto o Cinco mostrava duas pessoas, aqui vemos uma pessoa, excluindo os outros através da sua necessidade de segurança pessoal.

Como sinais mágicos, os ouros simbolizam a energia emocional/psíquica básica. O homem aqui usa os seus ouros para se fechar em relação ao mundo exterior. Ele cobriu os seus pontos mais vitais: a coroa da cabeça (literalmente uma coroa aqui), o coração e a garganta, e as solas dos pés. As pessoas que trabalham com a meditação dos chakras reconhecerão os dois primeiros como pontos vitais de ligação ao Espírito e a outras pessoas. Cobrir os pés simboliza bloquearmo-nos em relação ao

mundo ao nosso redor. O homem não pode, contudo, selar as suas costas. Permanecemos sempre vulneráveis à vida, por mais egocêntricos que tentemos tornar-nos.

Em certas situações, o Quatro, habitualmente visto como uma carta "problema", torna-se muito apropriado. Quando a vida desabou no caos, então o Quatro indica a criação de uma estrutura, seja através de coisas materiais, ou voltando a energia emocional e mental para dentro. A carta continua a ser uma imagem de egoísmo, mas às vezes o egoísmo pode ser precisamente o que é necessário. As pessoas que meditam através das suas auras seguem habitualmente, no final de cada meditação, um ritual de "selar" a aura nos pontos dos chakras. Esta prática evita tanto uma fuga da sua própria energia como uma inundação do eu por influências externas.

Finalmente, num nível muito profundo, o Quatro de Ouros simboliza a forma pela qual a mente humana dá estrutura e significado ao caos do universo material. Esta ideia não contradiz o conceito de forças que equilibram a natureza, como descrito no Dez e no Seis. Pelo contrário, acrescenta a essa ideia, mostrando que a mente não só percebe, mas na verdade ajuda essas forças a funcionar. O facto de os seres humanos existirem no universo como criadores, e não como observadores passivos, forma um dos pontos de encontro entre os ensinamentos místicos/esotéricos e a física contemporânea.

INVERTIDO

Aqui a energia é libertada. O ato pode significar generosidade e liberdade — se a posição normal indicar ganância ou confinamento dentro de nós próprios — mas também pode representar a incapacidade de manter a nossa vida unida, de lhe dar estrutura. Mais uma vez, numa situação real, o significado depende de outras influências.

Figura 78

TRÊS

Regressamos aqui ao tema do trabalho, visto tanto no seu sentido literal como como um símbolo de desenvolvimento espiritual. O homem à esquerda é um escultor, um mestre da sua arte. A carta aparece por vezes em ligação com o Oito de Ouros, significando que o trabalho árduo e a dedicação resultaram ou resultarão em mestria.

À direita encontram-se um monge e um arquiteto segurando as plantas da igreja. Juntas, as três figuras significam que o melhor trabalho combina tanto a destreza técnica (Ar) como a compreensão espiritual (Água) com a energia e o desejo (Fogo). Observe-se como os ouros formam um triângulo de Fogo apontado para cima, mostrando que o trabalho nos pode elevar a níveis mais altos, enquanto abaixo deles uma flor se situa dentro de um triângulo de Água apontado para baixo, simbolizando a necessidade de enraizar tal trabalho na realidade do mundo e nas necessidades da comunidade. Refletindo esta dualidade a carta, tal como o Nove, refere-se ao trabalho real, mas pode também erguer-se como um símbolo do eu desenvolvido. Estes dois significados não se anulam mutuamente. Como observado anteriormente, o trabalho prático, feito de forma consciente e com empenho, pode servir de veículo para o autodesenvolvimento.

Parte do significado desta carta reside no facto de que tal simbolismo de desenvolvimento psíquico deve ocorrer nos mundanos Ouros, em vez de nas imagens frequentemente mais exóticas dos outros naipes.

INVERTIDO

Mediocridade: o trabalho, físico ou espiritual, corre mal, frequentemente por preguiça ou fraqueza. Às vezes o significado estende-

se a uma situação geral na qual pouco acontece; as coisas continuam ou a piorar ou a melhorar, a um ritmo lento e constante.

Figura 79

DOIS

Tal como o Dois de Espadas, o Dois de Ouros alcança um equilíbrio precário, embora em geral mais feliz. Vemos, de facto, o próprio conceito de equilíbrio na imagem do malabarista. Por vezes a carta significa fazer malabarismos com a própria vida, mantendo tudo no ar ao mesmo tempo. Mais simplesmente, carrega a ideia de desfrutar da vida, passar um bom momento — semelhante ao Nove de Copas, mas mais leve, mais uma dança do que um banquete.

Como tantos Ouros, a carta implica uma magia escondida nos seus prazeres comuns. O malabarista segura o seu emblema mágico dentro de um laço ou fita com o formato de um sinal de infinito, o mesmo sinal que aparece acima da cabeça do Mago e da mulher na Força. Algumas pessoas acreditam que o desenvolvimento espiritual ocorre apenas em momentos sérios. O prazer e a diversão também nos podem ensinar imenso, desde que prestemos atenção.

INVERTIDO

Aqui o jogo torna-se forçado: Waite diz "prazer simulado". Enfrentando ou algum problema que não desejamos enfrentar, ou então a pressão social para não fazer alarde, podemos fingir, tanto para nós próprios como para os outros, que levamos tudo de ânimo leve. O ato de malabarismo tem grandes probabilidades de falhar.

Figura 80

ÁS

O dom da Terra: natureza, riqueza, segurança, uma vida jubilosa. Só neste Ás é que não vemos *Yods* a cair do céu. A Terra, na sua totalidade e realidade sólida, carrega a sua própria magia.

Vimos com as outras cartas (principalmente com o Dez) como a vontade muitas vezes permanece oculta de nós simplesmente porque vemos os seus produtos como algo muito comum. Aqui, a mão entrega os seus dons num jardim, um lugar protegido da natureza selvagem que se avista mais além. A civilização, quando funciona bem, dá-nos esta proteção básica. Através do trabalho da civilização, a humanidade molda a matéria-prima da natureza num ambiente seguro e confortável.

O trabalho espiritual leva-nos a reconhecer la magia nas coisas normais, tanto na natureza como na civilização, e depois a ir além delas rumo ao conhecimento maior simbolizado pelas montanhas. A saída do jardim forma um arco muito semelhante à coroa de vitória que rodeia a Dançarina do Mundo. À medida que os Arcanos Menores chegam ao fim, o Ás de Ouros mostra-nos mais uma vez como, quando estamos prontos, o Portal se abre sempre para a verdade.

INVERTIDO

Como os dons materiais existem de uma forma que os dons dos outros Ases não existem, eles estão mais expostos ao abuso. O Ás de Ouros invertido pode significar todas as formas pelas quais a riqueza corrompe as pessoas — egoísmo, competição extrema, desconfiança, dependência excessiva da segurança e do conforto.

Visto por outro prisma, o jardim pode por vezes representar a proteção, seja por eventos ou por outras pessoas, face aos problemas da vida. Invertido, indica então que essa proteção terminou e que a pessoa deve lidar com os seus problemas; ou que a pessoa deseja agarrar-se a este abrigo após ter chegado o momento de o deixar. Tal como o Eremita invertido, pode simbolizar uma recusa em crescer — especificamente, em nos tornarmos independentes dos nossos pais.

Noutras ocasiões, contudo, o Ás invertido pode significar o reconhecimento (tal como no Oito de Copas) de que chegou o momento de deixar para trás o que é familiar e viajar através do Portal rumo às montanhas da sabedoria.

PARTE TRÊS: LEITURAS

INTRODUÇÃO

O uso das cartas de Tarot para fazer leituras — «divinação», para dar à prática o seu nome correto — tem sido controverso pelo menos desde que o estudo oculto e «sério» das cartas começou, no século dezoito. Paradoxalmente, embora muitos ocultistas menosprezem a divinação, a maioria das pessoas não conhece outro propósito para o Tarot.

Muitas pessoas hoje em dia ainda acreditam que os romani (os «ciganos») inventaram o Tarot, apesar das evidências claras em contrário. A ligação entre os dois continua tão forte que muitas mulheres que desejam ler profissionalmente vestem-se com lenços coloridos, saias de folhos e brincos de ouro (calças bombachas, coletes de brocado e um brinco para os homens) e adotam nomes como «Madame Sosostris» para satisfazer o público.

A longa associação da leitura de Tarot com encenações teatrais baratas provavelmente explica, pelo menos em parte, o desprezo ou a falta de interesse que muitos estudantes de Tarot têm demonstrado pela divinação. Vendo o Tarot tanto como um diagrama quanto como uma ferramenta de evolução consciente, os ocultistas e esoteristas descartam automaticamente o uso das cartas para anunciar «estranhos altos e morenos» ou heranças misteriosas. E, no entanto, ao verem apenas o abuso e não as possibilidades mais profundas nas leituras, estes próprios ocultistas limitaram o verdadeiro valor do Tarot.

Eis Arthur Edward Waite a comentar sobre a divinação no seu livro *The Pictorial Key to the Tarot*: «A atribuição de um aspeto de adivinhação a estas cartas é a história de uma impertinência prolongada.» Isto leva-nos a

um paradoxo interessante. Porque menosprezavam a adivinhação, Waite e outros prolongaram o mau uso das leituras. A forma depreciativa como escreveram sobre o assunto fixou na mente de muitas pessoas a imagem de tentativas triviais de prever o futuro. Quanto ao motivo pelo qual sequer escreveram sobre isso, só podemos supor que eles ou os seus editores presumiram que o público exigia tal abordagem. Afinal, mesmo hoje, a maioria das pessoas que pega num livro de Tarot importa-se mais com mensagens misteriosas do que com alcançar a transformação psíquica. Certamente, os livros de Tarot mais vendidos dão as fórmulas mais simples para os significados das cartas — e, ao mesmo tempo, prometem todo o conhecimento.

Mais importante do que a razão pela qual se deram ao trabalho de escrever sobre isso é o facto simples de que poucos esoteristas fizeram algo para dissipar a imagem da divinação como algo trivial. Este desrespeito estendeu-se inclusivamente a todos os Arcanos Menores. Como as cartas Menores estão associadas às leituras, muitos livros sérios sobre Tarot tratam-nas de forma muito superficial, quando tratam (a observação de Waite aplicava-se apenas às cartas Maiores).

O livro de Paul Foster Case, *The Tarot*, apresenta apenas as fórmulas mais básicas numa espécie de apêndice na parte de trás. Muitos outros tratam apenas as cartas Maiores. Quase isolado entre os estudos esotéricos modernos, *The Book Of Thoth* de Crowley aprofunda os Arcanos Menores, ligando-os a um sistema astrológico complexo.

Quanto aos métodos para fazer leituras, os estudos esotéricos mais importantes forneceram apenas as informações mais escassas: alguns «lançamentos» ou esquemas para dispor as cartas, com explicações formulaicas para as diferentes posições. Mais uma vez, Crowley é a exceção, apresentando um sistema de leituras caracteristicamente complicado através de um «relógio» astrológico.

O impacto da psicologia profunda e da astrologia humanística levou muitos autores contemporâneos a procurar um uso mais sério para a divinação. Infelizmente, ao tratarem as leituras de forma tão despretensiosa, os autores anteriores criaram uma tradição de fórmulas da qual os autores modernos têm tido dificuldade em libertar-se. Assim, ainda encontramos os mesmos tipos de explicações para as cartas Menores, tais como «Nem tudo está perdido; a boa fortuna ainda é possível» (Douglas); e as mesmas descrições breves de lançamentos, com explicações como «melhor resultado possível» para as posições. Seguindo Crowley e outros, vários livros contemporâneos tentaram alargar o significado das cartas,

ligando-as não apenas à astrologia e à Cabala, mas ao *I Ching*, à filosofia junguiana, ao Tantra e até à mitologia centro-americana.

Essa ligação ajuda à compreensão, particularmente para as pessoas com um conhecimento prévio do outro sistema (seria interessante ver um livro sobre, por exemplo, psicologia gestalt que explicasse o seu tema em termos de correspondências com o Tarot, e não o contrário). Ainda assim, a ênfase para qualquer estudo cuidadoso do Tarot deve permanecer nas próprias cartas e no seu uso na meditação e nas leituras. Esta secção do livro espera dar, pelo menos, uma noção de quão complexa e profundamente instrutiva pode ser a ferramenta da divinação por Tarot.

SENSO COMUM

Muitas pessoas dizem que as leituras de Tarot as «assustam». O que querem dizer com isto é, em primeiro lugar, um desconforto por algo expor as suas experiências, bem como os seus medos e as suas esperanças mais íntimos; e, em segundo lugar, que um baralho de cartas o faça. Podem aproximar-se do Tarot inicialmente como um jogo, especialmente se um amigo ou familiar lançar as cartas de modo a que não tenham de pagar pela leitura.

Misturam as cartas, sorrindo um pouco, porque se sentem patetas; o leitor dispõe-nas, talvez consultando os significados num livro, e, surpreendentemente, surge o novo emprego, ou o amante infiel ou, se o leitor abordar a questão de forma um pouco mais subtil, talvez o medo da doença ou uma rebelião dolorosa contra um dos pais. «Estás a inventar isso a partir do que sabes sobre mim», dizem, ou «Conseguias perceber isso tudo só de olhar para mim, não era? Não tiraste isso realmente das cartas.» E depois, da próxima vez que alguém sugere lançar as cartas, eles riem-se e dizem: «Não, obrigado, essas coisas assustam-me.»

O facto é que o futuro assusta a maioria das pessoas. Elas não esperam que aconteça nada de bom. Contentam-se com o facto de as coisas continuarem na mesma — um equilíbrio de dor e felicidade com uma grande dose de tédio, frustração e miséria de baixa intensidade; mas mesmo essa estabilidade parece improvável. Aos olhos da maioria das pessoas, as coisas só podem piorar, e provavelmente piorarão.

As leituras de Tarot ensinam-nos muitas coisas para além da informação específica que extraímos delas. Uma delas é a predominância do pessimismo. Se as cartas de uma pessoa saírem todas positivas, brilhando com a promessa de felicidade, a pessoa provavelmente dirá: «Ah, sim? Acredito quando vir.» Mas se apenas uma carta sugerir problemas ou

doença, a resposta muda para: «Eu sabia, eu sabia. O que é que eu vou fazer?» Com uma atitude destas, imagine-se como o medo, e talvez o ressentimento, aumentam quando a informação temível lhes chega através de um baralho de cartas.

Existe outro lado nesta questão de aceitar as cartas. As pessoas que vão a leitores de Tarot fazem-no muitas vezes com uma atitude de «prova-me lá». Como encaram a divinação como algo «mágico» (embora sem saberem muito bem o que isso significa), querem que o leitor demonstre poderes mágicos. O valor da leitura para elas reside na precisão com que corresponde ao que sabem ser verdade sobre as suas vidas, mais, escusado será dizer, um pouco de informação nova. Para terem a certeza de que o leitor é «honesto», ocultam o mais que podem das suas vidas. Lembro-me de uma mulher que veio pedir conselho sobre o seu trabalho. Ao longo de toda a leitura, olhou fixamente para mim ou para as cartas, sem me dar qualquer indicação se o que eu dizia significava algo para ela. Depois, contudo, analisou cada carta, explicando como se relacionava diretamente com a sua experiência atual.

Noutra ocasião, tinha prometido fazer uma leitura da Árvore da Vida (ver abaixo) a uma amiga como presente pelo seu vigésimo primeiro aniversário. Quando ela contou a alguém no trabalho que ia ler as cartas, a mulher disse, alarmada: «Oh, não deves fazer isso. Não sabes o que essas pessoas fazem. Vão à conservatória e pesquisam tudo sobre ti, onde nasceste, onde moras...» A minha amiga não disse à mulher que eu já sabia todas essas coisas.

Não parece ocorrer a tais pessoas que desperdiçaram o seu tempo e dinheiro se apenas aprenderem coisas que já sabem, juntamente com uma mão cheia de factos novos. Parecem esquecer-se de que não vieram testar o leitor, mas sim obter conselhos. Quanto mais a mulher poderia ter aprendido sobre a sua carreira se me tivesse dado a oportunidade de aprofundar as relações entre as cartas, em vez de apenas ver o quão perto eu ficava dos factos.

Por trás do medo e do ceticismo reside o mesmo problema: as cartas de Tarot ofendem o «senso comum», ou seja, a imagem do mundo que partilhamos, que é geralmente a imagem que nos é ensinada pela sociedade. Podemos chamar a esta imagem «científica», embora apenas no sentido histórico estrito dessa palavra como significando a visão propagada por cientistas oficialmente reconhecidos (excluindo, por exemplo, astrólogos e iogues) desde o século dezassete. Ironicamente, as próprias ciências naturais, particularmente a física, estão a afastar-se de um universo

estritamente mecanicista. No entanto, o desfasamento cultural garante que a maioria das pessoas ainda pense na ciência em termos do século dezanove.

Assim, a visão do mundo baseada no «senso comum» que surgiu numa cultura — a Europa — dominou durante não mais do que duzentos ou trezentos anos, e já começou a desvanecer-se. Não podemos negar as conquistas desta visão, independentemente das suas lacunas. A maioria das pessoas que denuncia a ciência não consegue oferecer qualquer substituto que não seja a nostalgia por um passado romantizado que nunca existiu.

O perigo que a humanidade agora apresenta para a natureza testemunha, ironicamente, a medida em que a humanidade superou as grandes ameaças — a fome, os animais selvagens, as doenças, etc. — que a natureza outrora apresentava à humanidade. Mas aceitar as conquistas da ciência não exige que banamos todas as outras contribuições para o conhecimento humano.

La ciência ocidental moderna começou como um movimento conscientemente ideológico, opondo-se deliberadamente à visão do mundo religiosa do seu tempo. Os seus primeiros praticantes e teóricos, como Francis Bacon, viam-se a si próprios como revolucionários, propondo uma relação totalmente nova com a natureza, uma relação que faria mais do que aumentar o conhecimento. A ciência, pregavam eles, criaria um mundo novo. Ainda hoje, a instituição da ciência mantém um caráter evangélico dogmático.

A fama e a popularidade de Immanuel Velikovsky derivaram, pelo menos em parte, dos ataques histéricos que sofreu por parte de cientistas (na Holanda, terra de tolerância, os cientistas tentaram fazer com que o governo proibisse os livros de Velikovsky). E veja-se a organização recentemente formada por Carl Sagan, Isaac Asimov e outros com o propósito de atacar a popularidade da astrologia.

Interessantemente, embora a reputação da ciência tradicional tenha caído em tempos difíceis, a sua visão do mundo permanece maioritariamente incontestada. Com alguma justificação e alguma confusão, as pessoas culpam os cientistas pelas várias ameaças que a vida na Terra enfrenta. E, no entanto, «senso comum» ainda significa o mundo tal como foi criado pela ciência dos séculos dezoito e dezanove. Tal é o poder do condicionamento.

Como caracterizamos então este senso «comum» (partilhado, comum)? Principalmente, ele insiste que apenas um tipo de relação pode existir entre eventos, objetos ou padrões. Esta é a relação de causa física

direta. Se eu empurrar algo, isso cai. Isso faz sentido. Fará sentido se eu pensar em algo e isso cair? Ou se eu empurrar um modelo de brincar desse objeto e ele cair?

A pessoa do senso comum diz que não; se os acontecimentos correrem dessa forma, é coincidência, uma palavra que significa que duas ou mais coisas têm uma relação no tempo; coincidiram, mas não têm outra relação. A causalidade permanece restrita à ação física observável. Mas a ciência, mesmo no seu período mais mecanicista durante os últimos dois séculos, teve de estender este conceito a limites duvidosos para conseguir explicar o mundo observável.

A Terra e os outros planetas movem-se em redor do sol. Este é um facto demonstrável. Podemos calcular as relações matemáticas destes corpos em movimento a um ponto tal que podemos descobrir novos corpos através de um movimento irregular nos já conhecidos (Neptuno e Plutão foram descobertos desta forma). Mas os factos não explicam como isto acontece. Nenhumas mãos gigantes empurram ou puxam a Terra em redor do sol. No entanto, a regularidade do movimento impede-nos de lhe chamar coincidência.

Portanto, os cientistas inventaram conceitos como «leis naturais» e «campos de força». A mesma pessoa que dirá que «não faz sentido» alguém derrubar uma cadeira ao pensar nisso achará perfeitamente sensato que a «gravidade» faça a Terra girar em redor do sol (no século vinte, a «relatividade geral» de Einstein produziu uma explicação mais complexa para os movimentos de grandes corpos como os planetas, mas a maioria das pessoas ainda invocará a «lei natural» da gravidade).

O que dizer então da visão anterior — a da «correspondência», onde a relação entre objetos e eventos é a de semelhança? Aqui «faz sentido» que alguém possa derrubar uma cadeira ao derrubar um modelo de brincar da mesma. E faz sentido que a posição os planetas no momento do nascimento influencie a personalidade. Na verdade, ambas as visões coexistem hoje em dia, embora a visão da correspondência continue a ser menos respeitável. Certas plantas assemelham-se a órgãos humanos. Várias pessoas (particularmente terapeutas da «nova era» ou alternativos) afirmarão que faz sentido que estas plantas ajudem a manter esses órgãos saudáveis. Outras pessoas dirão que faz sentido que as duas coisas não tenham nada a ver uma com a outra. O «senso» dos dois grupos não é de todo comum.

Apesar desta falta de comunhão, as duas visões por vezes sobrepõem-se. As pessoas que desejam justificar a astrologia perante a maioria invocam frequentemente a «lei» da gravidade para explicar as influências

astrológicas, apesar do facto de o tipo de influência que se diz que cada planeta exerce depender largamente das associações mitológicas atribuídas a esse planeta pelas civilizações antigas.

Suponhamos que aceitamos o senso comum anterior; ajudar-nos-á isso a aceitar o facto observável de que as leituras de Tarot refletem com precisão a vida de uma pessoa? Nós interpretamo-las de facto de acordo com correspondências — o padrão das cartas baralhadas reflete o padrão dos acontecimentos. No entanto, para muitos crentes firmes no sentido da astrologia, o Tarot continua a ofender. Os planetas formam um padrão fixo e específico no momento do nascimento, um padrão determinado desde a criação, quando a gravidade os encaixou nas suas órbitas previsíveis. Mas as cartas baralhadas não carregam tal determinação. Além disso, os planetas são seres poderosos, movendo-se ponderosamente pelo céu. As cartas podem parecer tão triviais. Como podemos aceitá-las?

Para muitas pessoas, a autoridade da astrologia deriva da vastidão do cosmos e, em última análise, de Deus. Faz «sentido» que algo tão pequeno como um ser humano receba a sua personalidade dos vastos movimentos dos planetas. E, mesmo que possa envergonhar as pessoas dizê-lo, sabemos quem colocou esses planetas e estrelas em movimento em primeiro lugar. Mas apenas as pessoas baralham cartas. E se as baralharem de novo, ora, obtêm um novo padrão. Então, como poderia o primeiro possuir algum significado sério?

Por trás desta última questão reside uma suposição muito importante: a de que apenas os padrões fixos são reais. O facto é que a visão do mundo baseada na correspondência pode tender para atitudes mecanicistas tanto quanto a visão da lei natural o faz. Ambas evitam a questão de Deus, ou das causas primeiras. Assim como nenhuma explica como o mecanismo surgiu, as leis naturais ou os padrões do zodíaco, nenhuma delas exige realmente que nos preocupemos com isso. Deus pode ter colocado tudo em movimento, mas agora funciona por si próprio. Embora um bom astrólogo use a intuição para interpretar um horóscopo, o próprio mapa pode ser construído por qualquer pessoa com um mínimo de formação.

O Tarot, contudo, é dinâmico e não determinista. Nenhuma regra fixa governa a forma como uma pessoa vai baralhar as cartas. E elas podem sempre ser baralhadas de novo. (Já fiz até seis leituras sobre uma questão e obtive basicamente a mesma resposta todas as vezes, embora com variações importantes, com muitas das mesmas cartas a aparecerem em todas as leituras. No entanto, a observação de que algo funciona não explica *como* funciona.)

Na década de 1930, Carl Jung e Wolfgang Pauli decidir queue estudar a «coincidência significativa». Jung interessou-se pelo assunto através da astrologia e de experiências com o *I Ching* — o qual o assustava de uma forma muito semelhante àquela com que o Tarot assusta a maioria das pessoas. Pauli abordou o assunto a partir de um envolvimento mais pessoal; as coincidências pareciam segui-lo como um cão fiel e, muitas vezes, desajeitado.

As investigações de ambos não foram, na verdade, muito além da fase de proclamar que tais coincidências existem e que algum tipo de princípio deve estar por trás delas. No entanto, acrescentaram uma nova palavra às línguas do mundo: sincronicidade. Os acontecimentos são síncronos quando nenhuma causa observável os liga e, no entanto, existe um significado entre eles. Por exemplo, se precisarmos de consultar um determinado livro raro e, sem qualquer conhecimento dessa necessidade, alguém vier à nossa casa trazendo um exemplar desse mesmo livro, chamamos a essa conjunção síncrona.

As pessoas usam frequentemente a palavra «sincronicidade» como um amuleto contra as dificuldades filosóficas de acontecimentos que não têm causa aparente. Quando algo aparentemente impossível acontece, dizemos: «É a sincronicidade» e escapamos ao ataque ao senso comum. Jung e Pauli, como é evidente, viam o termo como algo mais do que isso. Estavam a tentar sugerir que um «princípio acausal» poderia ligar acontecimentos com tanta certeza quanto os princípios causais das leis naturais.

Por outras palavras, se reunirmos fragmentos de informação de forma aleatória, livres das ligações causais da direção consciente, então a sincronicidade acausal irá reuni-los de uma forma significativa. Isto é, naturalmente, o que acontece na divinação. O ponto importante a notar aqui é que o princípio síncrono só pode assumir o controlo se removermos primeiro o princípio causal. Por outras palavras — qualquer método de produção de padrões aleatórios — baralhar cartas, lançar moedas — é necessário para dar ao princípio a oportunidade de funcionar.

De certa forma, a divinação deriva realmente de uma visão do mundo ainda mais antiga do que a das correspondências. Podemos chamar a esta visão «arcaica» e descrevê-la como uma visão em que Deus ou os deuses estão presentes em todos os momentos, assumindo um papel ativo no destino e na gestão do universo. Num mundo assim, nada acontece devido a quaisquer leis, mas sim porque Deus escolhe que aconteça. Assim, não é a gravidade, mas sim a Grande Mãe que faz com que a primavera se siga ao inverno. E ela pode muito bem escolher não fazer com que isso aconteça.

Para as pessoas que mantinham esta visão, a comunicação com os deuses era não só possível, mas necessária. Não só queriam manter os deuses felizes, ou pelo menos não zangados, como também ajudava se tivessem alguma ideia do que os deuses pretendiam. As pessoas que não podiam depender da previsibilidade das leis naturais, ou dos movimentos medidos dos planetas, tinham de perguntar.

Podiam comunicar com os deuses de duas formas. Primeiro, era (e é) possível entrar num transe e visitar os deuses nos seus refúgios celestes, como os grandes xamãs sempre fizeram. De forma mais fácil e menos perigosa, podiam deixar os deuses falar através de um código, ou seja, a divinação, usando dados, entranhas, padrões de voo das aves, varetas de milefólio, cartas.

Mas por que haveriam estes padrões aleatórios de constituir a fala de Deus? Tal como com a sincronicidade, a resposta é porque são aleatórios, porque ofendem o senso comum racional; eles contornam a forma comum, momento a momento, com que as pessoas experienciam a vida. Tal como os sonhos, dão um passo fora da linguagem normal e limitada pela lógica da humanidade consciente. E, ao darem um passo fora dela, transcendem-na.

Nesta visão arcaica, Deus está presente em todas as coisas, em todos os acontecimentos. Deus fala connosco o tempo todo. A nossa perceção limitada, contudo, impede-nos de sentir esta comunicação. É preferível que esta limitação exista. Como aprenderam os três rabinos que entraram no Paraíso com o Rabino Akiba, a fala de Deus avassala, cega. De facto, como dissemos na Parte Um deste livro, o véu do ego existe não apenas como uma limitação incómoda, mas como uma misericórdia salvadora face ao verdadeiro poder do universo. O propósito do treino esotérico não é simplesmente remover o véu, mas sim treinar o eu para fazer o uso adequado do relâmpago que é a fala de Deus. No entanto, se, como pessoas comuns, quisermos alguma informação de Deus — isto é, de mais além das nossas próprias perceções limitadas — precisamos de uma forma de ver contornando as palas que nos cortam do mundo da Verdade. Precisamos de produzir sincronicidade.

Qualquer dispositivo que produza um padrão «aleatório» servirá esta função. É possível que todos os artefactos que as pessoas usam para jogar no azar tenham servido originalmente para a divinação, e pela mesma razão. Os dados, as cartas baralhadas e as roletas cortam todos o controlo que a mente consciente tem sobre o resultado.

Identificar algumas das raízes antigas do Tarot (não estou a sugerir que o próprio Tarot remonte aos tempos antigos, apenas que os conceitos por trás do seu funcionamento remontam) não o explica às mentes modernas. No entanto, certos aspetos da visão do mundo arcaica começaram a regressar, devidamente vestidos com a terminologia moderna da física e da psicologia profunda, em vez da linguagem mitológica de deuses e deusas. A «sincronicidade» é um desses termos.

A teoria quântica moderna sugere que, ao nível mais básico, a existência não segue quaisquer regras ou leis determinadas. As partículas interagem ao acaso, e aquilo que observamos como leis naturais são, na verdade, agregados de probabilidade que dão a aparência de determinismo, algo parecido com a forma como uma moeda lançada ao ar vezes suficientes sairá num número igual de caras e coroas, de modo que alguém poderia pensar que uma «lei» do equilíbrio exigia uma distribuição uniforme. (De facto, muitas pessoas acreditam que a «lei das médias» pode ordenar o resultado de algum acontecimento específico — *Falhaste todas as outras vezes, a lei das médias diz que tens de conseguir desta vez* — quando todo o sentido da probabilidade é exatamente o oposto: que não pode prever acontecimentos específicos.)

Ao mesmo tempo que a física está a corroer o universo de leis fixas, também a psicologia moderna (ou pelo menos alguns dos seus ramos) começou a olhar para teorias não racionais do conhecimento. Onde as pessoas arcaicas falavam dos «outros mundos» ou da «terra dos deuses», hoje falamos do «inconsciente». Os termos mudam, mas a experiência subjacente permanece: um reino de ser no qual o tempo não existe e o conhecimento não se limita às imagens recebidas pelos nossos sentidos. E os métodos usados para «contactar o inconsciente» não mudaram em relação aos empregados para escutar os deuses há milhares de anos — sonhos, transe (do qual a associação livre freudiana é uma espécie de versão menor), moedas lançadas.

Chegamos à noção de que o Tarot funciona precisamente porque não faz sentido. A informação existe. Os nossos eus inconscientes já a conhecem. O que precisamos é de um dispositivo que atue como uma ponte para a perceção consciente.

Como foi apontado anteriormente, alcançar este nível de ligação, esta sincronicidade de senso incomum, não depende do sistema que usamos. O Tarot, o *I Ching*, os dados, as folhas de chá, todos servem realmente a mesma função. Eles produzem informação aleatória. Talvez no futuro surjam formas mais «modernas» de produzir padrões aleatórios. A mais «pura» poderá ser um sistema de divinação baseado nos movimentos e

saltos de energia das partículas subatómicas. Pois é neste nível mais básico que podemos ver a implicação mais importante da sincronicidade: a de que a existência não segue leis deterministas rígidas em que todos os acontecimentos surgem de causas fixas. E, no entanto, ao mesmo tempo, os acontecimentos têm significado. Ou melhor, o significado emerge dos acontecimentos. De todo o projetar e girar aleatório das partículas emerge a matéria sólida. Das ações e experiências separadas da vida de uma pessoa emerge uma personalidade. Da mistura das cartas de Tarot emerge a consciência.

Se qualquer dispositivo fornecerá significado, porquê o Tarot? A resposta é: qualquer sistema nos dirá algo, mas a qualidade desse algo depende dos valores contidos no sistema. O Tarot contém uma filosofia, um esboço de como a consciência humana evolui e um vasto compêndio da experiência humana. Baralhar as cartas coloca todos estes valores em jogo uns com os outros.

Poderíamos argumentar que atribuir uma filosofia às cartas destrói a sua objetividade em termos de prever acontecimentos. Os valores e as interpretações humanas intrometeram-se num sistema que, de outra forma, seria puro. Tal ideia, penso eu, viria de uma incompreensão da «objetividade». O Tarot é objetivo porque contorna a decisão consciente, mas não é imparcial. Pelo contrário, tenta empurrar-nos em certas direções: o otimismo, a espiritualidade, a crença na necessidade e no valor da mudança.

Os significados para as cartas fornecidos neste livro deixam uma boa margem para a interpretação por parte do leitor. Na verdade, exigem-na. Isto acontece porque o leitor praticante traz muito mais para o seu trabalho do que um conhecimento detalhado das cartas e dos seus significados tradicionais. Igualmente importante é a sensibilidade — tanto em relação às imagens como em relação à pessoa que ali está sentada, nervosa e entusiasmada, a olhar fixamente para as cartas. Um bom leitor não repete simplesmente significados fixos tradicionais. Pelo contrário, ele ou ela encontrará novos significados e interpretações, alargará os padrões.

Embora algumas pessoas desejem leituras objetivas e não gostem de interpretações, outras argumentam que um leitor não deveria de todo usar quaisquer significados definidos, mas sim trabalhar sempre a partir do «sentir» as imagens no momento. Contudo, fazê-lo limitará o leitor à gama estreita das suas próprias perceções. E essas perceções virão sempre, pelo menos em parte, das suas próprias experiências e do seu condicionamento cultural. Muito poucas pessoas alcançaram um nível de consciência onde consigam escapar ao preconceito da sua própria história. Para a maioria de

nós, as nossas emoções obscurecem a nossa intuição. O subconsciente intromete-se no caminho do inconsciente. (Ver a nota de rodapé na página 298 para a diferença entre «inconsciente» e «subconsciente».)

Um leitor que confia nos sentimentos pode ser afastado da verdade, bem como conduzido em direção a ela. Mas há outra razão pela qual devemos trabalhar com os significados tradicionais que pertencem às imagens. Se não usarmos a sabedoria que outros colocaram nas cartas, então privamo-nos do seu conhecimento e da sua experiência. Portanto, parte do treino de um leitor reside simplesmente em estudar as cartas, enquanto outra parte reside em ganhar um sentido pessoal delas através da prática, da meditação e do trabalho criativo.

As leituras de Tarot ensinam-nos muitas coisas. Uma das mais valiosas é este equilíbrio necessário entre o objetivo e o subjetivo, a ação e a intuição. Recentemente, a ciência experimental «descobriu» que as duas metades do cérebro não desempenham as mesmas funções; o hemisfério esquerdo (que governa o lado direito do corpo) lida com atividades racionais e lineares, enquanto o hemisfério direito (que governa o lado esquerdo do corpo) lida com atividades intuitivas, criativas e holísticas. Esta «descoberta» faz lembrar a discussão sobre se Colombo, Leif Ericson ou São Brandão descobriram a América. Assim como os nativos americanos já ali viviam há milhares de anos, também os esoteristas sabiam da divisão do cérebro há séculos.

Quando uma pessoa baralhou as cartas de Tarot, o leitor, se for destro, pega nelas com a mão esquerda e depois dispõe-nas com a direita. Fazemos isto para dar apenas um pouco mais de ênfase a essa combinação necessária de intuição e conhecimento consciente. A mão esquerda ajuda a canalizar a sensibilidade, mas viramos as cartas com a direita porque queremos que o cérebro racional explique o padrão intuitivamente.

Na Parte Um deste livro, escrevi que as leituras participam tanto do princípio do Mago como do da Alta Sacerdotisa, a consciência e a intuição. Podemos ir mais longe e dizer que fazer leituras de Tarot ajuda a alcançar um equilíbrio e uma unidade destes princípios nos seus estados práticos, os da vontade e da abertura. Cada vez que fazemos uma leitura, afirmamos a nossa vontade de impor um significado aos padrões lançados pelo caos. O ato sugere não apenas o Mago (número 1), mas a Roda da Fortuna (número 10). Esta última carta carrega uma visão do mundo no tempo (lembremo-nos da versão de Wirth da Roda como estando assente num barco — a consciência — flutuando no mar da existência).

Contudo, o significado imposto pela consciência carrega valor verdadeiro apenas se nos abrirmos às imagens e ao impacto que elas causam em nós. Portanto, as leituras de Tarot sugerem a Alta Sacerdotisa (número 2), mas também o Enforcado (número 12), a imagem de uma ligação tão estreita à vida que já não nos vemos como separados ou opostos a ela. E a carta que liga os trunfos 10 e 12 também pode servir de emblema para as próprias leituras de Tarot: a Justiça, com as suas balanças eternamente equilibradas não por uma pesagem cuidadosa de opostos — tanta intuição para tanto conhecimento objetivo —, mas por um compromisso vivo com a verdade.

CAPÍTULO ONZE: TIPOS DE LEITURAS

PASSOS INICIAIS

Os verdadeiros leitores psíquicos, que são mais raros do que muitas pessoas pensam, podem simplesmente tirar algumas cartas de qualquer lado do baralho, dispô-las sem nenhum padrão específico e usá-las como o gatilho para entrar num transe ou simplesmente para libertar a informação de fontes inconscientes. Para a maioria das pessoas, contudo, um lançamento ajuda-as a encontrar o significado numa divinação. À medida que as cartas são retiradas do topo do monte, o leitor coloca-as em posições específicas, cada uma das quais carrega os seus próprios significados, tais como «influência passada», esperanças e medos. O significado dessa carta torna-se então uma combinação da imagem e da posição. A partir dos significados simbólicos de todas as cartas, um padrão completo irá (esperamos nós) emergir.

Qualquer que seja o lançamento que o leitor use, primeiro vem a mistura das cartas e, antes disso, a escolha de uma carta para representar o sujeito ou o «consulente», como muitos autores chamam à pessoa que as está a baralhar. Chamamos frequentemente a esta carta o «Significador» (nem toda a gente segue esta prática; alguns seguem-na apenas para lançamentos específicos, em particular a Cruz Celta). Escolhemos a carta

do consulente e pomo-la de parte por duas razões. Primeiro, para que a pessoa que está a baralhar se possa focar na imagem para evitar que a atenção se disperse. Segundo, para que o baralho se reduza então a setenta e sete, que é sete, o número da vontade, vezes onze, o número do equilíbrio.

Alguns autores sugerem o uso do Louco para representar o consulente em todas as leituras. Muitas vezes, os leitores escolherão alguma outra carta maior, dependendo das suas preferências. Eu geralmente desaconselho esta prática com base no facto de as cartas Maiores simbolizarem forças arquetípicas, ao passo que o sujeito é uma pessoa inteira, existindo num tempo e num lugar específicos. Além disso, remover um trunfo do baralho remove a oportunidade de fazer com que essa carta surja noutro lugar qualquer da leitura.

A maioria dos leitores prefere usar uma das cartas da corte para significar o consulente. Tradicionalmente, os Pajens representavam crianças (algumas pessoas veem a fronteira entre a infância e a idade adulta como a perda da virgindade), os Cavaleiros os jovens, as Rainhas as mulheres e os Reis os homens mais velhos e maduros. As pessoas que leram o *Pictorial Key* de Waite lembrar-se-ão da sua confusa atribuição de Cavaleiros a homens acima dos quarenta anos e de Reis a homens mais jovens. Este sistema provém do Tarot Cabalístico da Golden Dawn.

Nesse baralho, os Cavaleiros representam o Fogo e o Fogo, como seria de esperar de uma ordem de magos, está no topo dos naipes. Portanto, os Cavaleiros da Golden Dawn representam homens maduros. Mas o baralho da Golden Dawn (e o Tarot de Thoth de Crowley) não contém Reis, nem sequer Pajens; usa Cavaleiro, Rainha, Príncipe e Princesa. Faz sentido que um Príncipe represente um homem mais jovem do que um Cavaleiro. Não faz sentido que um Rei o faça, e a maioria dos leitores não segue as instruções de Waite neste ponto, mesmo quando usa o seu baralho.

O sistema tradicional contém um símbolo para um jovem, mas nenhum para uma jovem mulher. Como as mulheres não saltam da infância para a maturidade total de forma mais abrupta do que os homens, achei valioso fazer com que os Cavaleiros servissem para ambos os géneros, tal como os Pajens fazem. Na verdade, como os Reis e as Rainhas simbolizam valores e abordagens diferentes à vida, eles também podem significar tanto um consulente do género masculino como do feminino. Uma antiga aluna minha, uma psicoterapeuta que usa o Tarot como abordagem aos problemas dos seus clientes, segue esta prática.

A menos que veja uma indicação clara em contrário, geralmente escolho uma Rainha para uma mulher, um Rei para um homem. Lembro-me, contudo, de um homem que me impressionou vivamente como sendo a Rainha de Espadas, com o seu grande sentido de desgosto. Quando lhe mostrei a carta e a descrevi, ele concordou completamente.

Assim que o leitor e o cliente decidiram a figura, devem escolher o naipe. Normalmente o leitor faz isto, seguindo um de dois métodos. O primeiro é a coloração. Paus, ou qualquer naipe que represente o Fogo, representa pessoas com cabelo loiro ou ruivo; Copas, cabelo castanho-claro e olhos castanho-claros ou avelã; Espadas, cabelo e olhos castanho-escuros; Ouros, cabelo e olhos pretos. Não é preciso pensar muito para ver as desvantagens deste sistema. Além da sua arbitrariedade geral, faz com que a maioria dos chineses sejam Ouros, a maioria dos suecos sejam Paus, e assim por diante.

Um sistema mais objetivo usa os signos astrológicos. Como descrito anteriormente, os quatro elementos significam tanto os signos do zodíaco como os naipes do Tarot. A maioria das pessoas conhece o seu próprio signo solar e, se não souber, o leitor pode facilmente determiná-lo a partir do dia de aniversário. Claro que a maioria dos astrólogos diz que o signo solar constitui apenas um duodécimo do mapa da pessoa e que outro elemento pode dominar.

No meu trabalho, considero que vale a pena aumentar o envolvimento do sujeito deixando que ele ou ela escolha o naipe. Depois de decidir o nível (Rainha, Rei, Cavaleiro ou Pajem), retiro as quatro cartas apropriadas do baralho e coloco-as diante da pessoa. Se a pessoa conhecer algum simbolismo do Tarot, peço-lhe que desconsidere os atributos formais e escolha simplesmente pela reação às imagens.

Normalmente não interpretamos esta carta «Significadora». Ela representa a pessoa como um todo, em vez de quaisquer aspetos que pertençam a essa carta. Em algumas situações, contudo, a escolha torna-se importante. Suponhamos que uma mulher casada escolhe a Rainha de Copas para se representar a si própria; se o Rei de Copas surgir na leitura, ele pode representar o seu marido ou, mais precisamente, uma vez que a leitura analisa a situação do ponto de vista do consulente, a influência do marido sobre ela. Se o marido tender para a imaturidade e/ou dependência da mulher, então o Cavaleiro poderá aparecer em vez do Rei.

Outras cartas do mesmo naipe também podem representar o sujeito, em vez de outra pessoa. Se o sujeito escolher o Rei de Paus para se representar a si próprio, então o aparecimento da Rainha pode indicar a

emergência de um lado mais «feminino» de apreciação e recetividade. Se o consulente for um Cavaleiro, então o aparecimento do Rei ou da Rainha pode representar imaturidade, ou regressão, ou uma atitude mais juvenil. Podemos chamar a estas mudanças «verticais», movendo-se para cima e para baixo no mesmo naipe. As mudanças «horizontais» são o aparecimento de uma ou mais cartas no mesmo nível, mas de naipes diferentes. Se a pessoa escolher a Rainha de Espadas, então a Rainha de Copas que aparece na leitura pode indicar uma mudança na pessoa. Estas «transmutações», como lhes chamo, carregam frequentemente um grande significado.

A questão de como interpretar as cartas da corte — como outra pessoa ou como um aspeto do sujeito — continua a ser para a maioria das pessoas um dos elementos mais difíceis da leitura de Tarot. Normalmente, é preciso experiência e um forte sentimento pelas cartas para ajudar a indicar a interpretação correta. Mesmo leitores muito praticantes acharão frequentemente as alternativas confusas.

Depois da escolha do Significador, vem a mistura. Se a pessoa não estiver a fazer uma pergunta específica, instruo-a a esvaziar a mente e a concentrar-se nas mãos, ou simplesmente no Significador. Se a leitura disser de facto respeito a uma pergunta específica, peço à pessoa que se foque nisso e que diga mesmo a pergunta em voz alta para a fixar mais firmemente na mente.

O método de baralhar não importa, exceto que deve ser minucioso e algumas das cartas devem ficar invertidas para permitir que os significados invertidos emerjam. Um método que por vezes recomendo é colocar as cartas na mesa ou no chão (com efeito, muitos leitores fazem sempre as suas leituras sobre o lenço de seda que usam para embrulhar o baralho) e depois, com ambas as mãos, espalhá-las por todo o lado, como uma criança a brincar na lama. Depois digo à pessoa para reunir as cartas novamente. Além da sua minuciosidade, este método carrega um belo simbolismo. Qualquer leitura de Tarot representa um padrão pessoal que emerge do caos de combinações possíveis. Mesmo que leiamos apenas dez cartas, todo o baralho traz a marca da pessoa que o misturou pela última vez. Ao espalhar o baralho, devolvemo-lo ao caos; quando o reunimos de novo, ele carrega o novo padrão.

Com as cartas misturadas, o sujeito deve separá-las em três montes da seguinte forma. Usando a mão esquerda, ele ou ela deve retirar um monte do topo e colocá-lo à esquerda, e depois, desse monte, retirar novamente um monte do topo e pousá-lo à esquerda.

Agora é o leitor que assume o controlo, e também aqui as pessoas divergem sobre como voltar a juntar o baralho. Alguns limitam-se a pegar no monte da direita com a mão esquerda, colocam-no sobre o monte do meio e depois põem estes dois montes sobre o monte da esquerda. Outros mantêm a mão esquerda a alguns centímetros de distância sobre cada monte até que pareça subir um calor de um deles. Colocam então esse monte sobre os outros dois.

De qualquer das formas, quando o baralho está novamente formado, o leitor, usando a mão direita, começa a virar as cartas de acordo com o padrão que decidiu seguir. Existem centenas de padrões. Dos três aqui apresentados, um foi inventado por mim, enquanto os outros dois são variações de temas tradicionais. Quase todos os livros sobre Tarot fornecerão outros padrões.

A CRUZ CELTA

Ao longo dos anos, este padrão provou ser o mais popular. A Cruz deriva o seu nome da sua forma: uma cruz de braços iguais (uma carta de cada lado do centro), com quatro cartas alinhadas como um «Cetro» ao seu lado (ver Fig. 83, p. 288).

Como seria de esperar, os comentadores discordam quanto ao significado de posições específicas e sobre como descrevê-las. Alguns, como Waite e Eden Gray, fornecem uma espécie de ritual para o leitor pronunciar enquanto dispõe as cartas: «Isto cobre-o» ou «Isto está por baixo dele». Outros preferem uma fraseologia mais convencional. Não importa qual o sistema que usamos, desde que permaneçamos constantes. Os significados descritos abaixo são os que eu utilizo. Seguem o sistema tradicional, com certas alterações.

A CRUZ PEQUENA

Em todas as formas de dispor a Cruz Celta, as duas primeiras cartas formam uma pequena cruz própria, com a primeira, a carta de «cobertura», deitada diretamente em cima do Significador e a segunda deitada horizontalmente sobre ela.

Ora, a carta de cobertura representa habitualmente uma influência básica sobre o sujeito, uma situação geral ou o ponto de partida para a leitura. A segunda carta, que lemos sempre na posição correta, independentemente da forma como sai do baralho, representa nos sistemas tradicionais uma «influência oposta», algo contrário à primeira. Na prática,

esta «oposição» pode na verdade formar uma segunda influência que apoia a primeira.

Por exemplo, suponhamos que a carta de cobertura era o Louco, indicando um sentido de seguir os instintos apesar daquilo que possa parecer a prática mais sensata. Se a Temperança a cruzasse, poderíamos chamar-lhe uma oposição, uma vez que a Temperança se refere habitualmente à cautela. Mas se o Cavaleiro de Paus cruzasse o Louco, as duas cartas tenderiam a apoiar-se mutuamente e, de facto, as outras cartas poderiam sugerir a necessidade de uma influência mais temperada para equilibrar todo esse entusiasmo.

No meu trabalho, desenvolvi uma forma ligeiramente diferente de olhar para as duas primeiras cartas, referindo-me a elas não como cobertura e «oposição», mas sim como «Centro» e «cruzamento». Quanto aos seus significados, designo-as como os aspetos «interior» e «exterior», ou por vezes tempo «vertical» e «horizontal», ou simplesmente «ser» e «fazer». A carta do Centro mostra alguma qualidade básica da pessoa ou da situação da pessoa. A carta do cruzamento mostra então como essa qualidade afeta a pessoa, ou como se traduz em ação. Dito de outra forma, a primeira mostra o que a pessoa é, a segunda como ela age.

Considere-se o exemplo na Fig. 81. O Louco indicaria uma pessoa com uma tendência interior para correr riscos, para seguir o instinto. A Temperança a cruzá-lo significaria que, no momento de agir, a pessoa tende para uma abordagem mais cuidadosa, misturando a energia instintiva com considerações mais práticas.

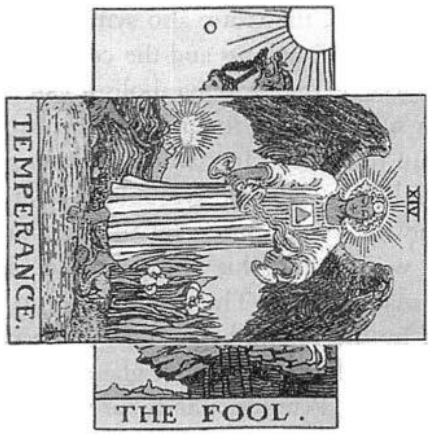


Figura 81

Outro exemplo ajudará a ilustrar esta parte tão valiosa de uma leitura da Cruz Celta. O Ás de Copas no Centro indicaria um momento de felicidade na vida de uma pessoa ou, mais precisamente, uma oportunidade

de felicidade, uma vez que os Ases representam oportunidades. Se o Dez de Copas cruzasse o Ás, os dois implicariam que a pessoa reconhece as oportunidades e fará uso delas. Mas se o Quatro de Copas cruzasse o Ás, emergiria um significado diferente, mostrando uma atitude apática que impede a pessoa de apreciar o que a vida lhe oferece. A apatia, contudo, não anularia a oportunidade.

Tenho enfatizado a pequena cruz devido à sua importância. Em algumas leituras, as duas primeiras cartas podem contar a história toda, com as outras a preencher os detalhes. Como descrito na Parte Um, os termos «tempo vertical e horizontal» derivam de interpretações simbólicas da crucificação, onde a Eternidade, corporizada em Cristo como o Filho de Deus, intersetou o movimento «horizontal» da história, isto é, a morte de um ser humano. Para os místicos cristãos, o facto da crucificação permite-lhes — através da meditação na cruz e de outros métodos de identificação com Cristo — trazer um sentido de tempo «vertical» para os factos horizontais das suas próprias existências físicas.

Noutras culturas, a imagem de uma cruz simboliza as quatro direções horizontais ao longo da superfície da terra, enquanto o ponto de cruzamento, o lugar de encontro das quatro, sugere a direção essencialmente vertical do centro. A cruz, portanto, também simboliza o próprio Tarot, sendo os quatro braços os quatro naipes e o centro os Arcanos Maiores.

Em termos de leituras, o simbolismo da cruz pode mostrar a forma como a substância de uma pessoa, ou o seu ser interior, se pode misturar com a forma como essa pessoa age no mundo. Vale a pena repetir aqui o exemplo original que sugeriu o simbolismo do tempo cruzado. A leitura foi feita para um homem inseguro quanto à direção da sua vida. Um longo romance estava a chegar ao fim e a carreira que escolhera como cantor profissional não se tinha concretizado. A leitura começou com a Alta Sacerdotisa cruzada pelo Hierofante. Ora, estas cartas, por vezes chamadas de Papisa e Papa, representam à primeira vista valores contraditórios. A Alta Sacerdotisa representa o instinto, o mistério, a quietude, enquanto o Hierofante, como pregador de uma doutrina pela qual as pessoas podem guiar as suas vidas, representa a ortodoxia, o comportamento planeado, a clareza. Portanto, parecia que os dois simbolizavam abordagens conflituosas à vida. Quanto mais olhava para eles, contudo, com a sua imaginação religiosa, mais pensava em conjunções e não em opostos. Os dois pareciam prescrever quase uma forma de lidar com a vida. A Alta Sacerdotisa indicava que, dentro de si, este homem carregava qualidades de

instinto e compreensão que poderiam nunca emergir totalmente, mas que podiam dar substância à sua vida.

O Hierofante, por outro lado, mostrava que na sua vida diária ele precisava de um plano de ação mais racional; precisava de se organizar e de tomar decisões definitivas para alcançar o que queria. Mas estes planos e passos práticos funcionariam melhor se fossem apoiados pelos seus próprios instintos e pela sua consciência interior, em vez de o serem por ideias socialmente aceitáveis de objetivos e comportamentos adequados.

No momento exato em que eu tentava explicar como estas qualidades se podiam complementar, o homem interrompeu-me para dizer que as via como estando em constante oposição, que andava num balanço de trás para a frente, cedendo primeiro aos seus desejos ou simplesmente à passividade, e movendo-se depois na outra direção para uma ação ortodoxa muito direcionada, como arranjar um emprego estável de classe média em vez de perseguir o seu canto. Parte do meu trabalho na leitura passou a ser mostrar-lhe como estas qualidades podiam funcionar juntas.

«BASE»

Depois da pequena cruz, o leitor coloca a carta seguinte diretamente abaixo do Centro. Esta posição representa a «Base» da leitura — uma situação ou acontecimento, habitualmente, embora nem sempre, no passado, que ajudou a criar a situação atual. Devido à forma como o nosso passado nos molda, esta carta pode por vezes explicar e ligar todas as outras. Numa leitura notável sobre as dificuldades de uma mulher em relacionar-se com o marido, o Imperador na posição da Base indicou que a relação com o seu pai ainda dominava a sua sexualidade inconsciente e a impedia de resolver os seus problemas atuais.

Normalmente a Base não mostra um tema tão amplo, mas muitas vezes indica uma situação anterior, especialmente se existir uma ligação com o número ou naipe de uma das duas primeiras cartas. Considere-se estas três cartas: o Mago cruzado pelo Cinco de Copas, com o Cinco de Espadas por baixo deles (ver Fig. 82). O Mago, como o ser da pessoa, mostra uma personalidade forte, altamente criativa e dinâmica. O Cinco de Copas, contudo, indica que a pessoa está atualmente preocupada com alguma perda, de modo que a personalidade poderosa ficou subjugada.

Em termos das imagens, o Mago cobriu a sua túnica deslumbrante de branco e vermelho com um manto preto. O Cinco de Espadas, contudo, mostra que a perda começou como uma derrota dolorosa e humilhante. É esta derrota que tem obscurecido o fogo do Mago. Mas a mudança de

Espadas para Copas mostra que já começou um processo de renovação. A pessoa pode começar a ver a situação como um motivo de desgosto e não de vergonha. O que torna este movimento possível são as qualidades do Mago, atualmente ocultas, mas ainda ativas na vida da pessoa.

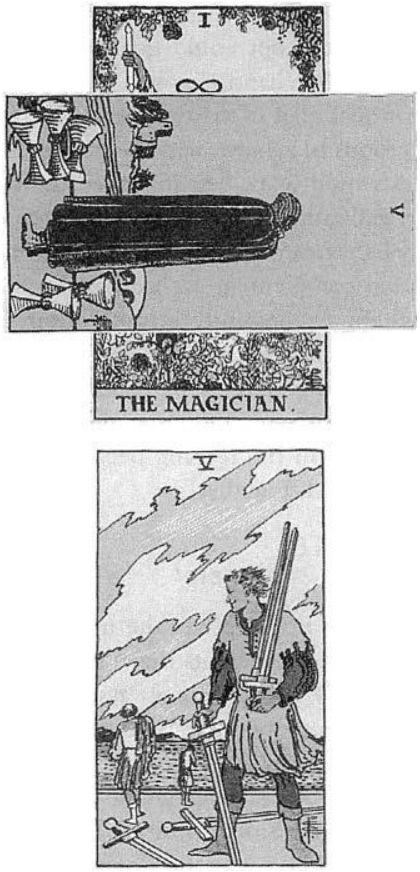


Figura 82

«PASSADO RECENTE»

A carta seguinte fica à esquerda da pequena cruz e tem o título de «Passado Recente». O termo é na verdade um equívoco, pois a diferença entre esta posição e a Base reside não tanto na escala temporal, mas sim no impacto causado na pessoa. O Passado Recente refere-se a acontecimentos ou situações que afetam o sujeito, mas que perderam ou estão a perder importância. Normalmente refere-se a acontecimentos recentes; por vezes, contudo, pode mostrar algo que recua muito atrás ou de grande importância. No exemplo acima, da mulher cujo pai a afetava tão fortemente, se o Imperador tivesse aparecido no Passado Recente em vez de na Base, teria indicado que o bloqueio estava a afastar-se da sua vida e não a afetaria tanto no futuro.

«RESULTADO POSSÍVEL»

A carta seguinte vai diretamente para cima da pequena cruz. Algumas pessoas chamam a esta posição o «Melhor Resultado Possível». Contudo, um pouco de prática demonstrará a estreiteza deste título otimista. Se, por exemplo, o Nove de Espadas aparecer aqui, dificilmente se pode chamar o «melhor» resultado. Portanto, como muitos outros, refiro-me a esta posição simplesmente como «Resultado Possível». Ora, como chamamos à carta final «Resultado», as pessoas podem achar os dois termos confusos. Por «possível», queremos dizer, antes de mais, uma tendência mais geral que pode resultar das influências mostradas na leitura. No momento, permanece vaga e pode nunca vir a concretizar-se. Significa simplesmente que a pessoa está a caminhar nesta direção.

Por vezes, a relação entre o Resultado Possível e o Resultado inclui causa e efeito. O Possível pode resultar do Resultado. Como um exemplo simples, suponhamos que o Resultado mostra o Oito de Ouros e o Resultado Possível mostra o Três. O Oito indica que a pessoa passará por um período de trabalho árduo e de aprendizagem. O Três indica que é provável que esse esforço produza o resultado desejado de grande perícia e sucesso.

Por vezes, o Resultado Possível indica um resultado mais provisório do que o Resultado. Eis um exemplo de uma leitura feita há vários anos para uma mulher que se tinha candidatado a um emprego e queria saber as suas hipóteses de o conseguir. A carta do Resultado indicava atrasos e suspense, mas o Resultado Possível mostrava sucesso. Quando a mulher foi informar-se, o agente de contratação disse-lhe que tinham contratado outra pessoa, mas que a tinham colocado numa lista de suplentes. Vários dias depois, ele ligou a dizer que a outra pessoa tinha mudado de ideias e que queria contratar a mulher. O possível tinha-se tornado real.

Existe outra forma de comparar o Resultado Possível e o Resultado, especialmente se os dois se contradisserem (em vez de se complementarem, como nos exemplos acima), ou se mostrarem uma relação direta, como o mesmo naipe ou número. Nestas situações, leio o Resultado Possível como algo que poderia ter acontecido, mas não vai acontecer. A tarefa passa então por procurar nas outras cartas a razão pela qual o resultado deverá acontecer em vez disso. Suponhamos que a Estrela reside no Resultado Possível da pessoa, indicando que a pessoa poderia emergir sentindo-se muito livre, cheia de esperança, aberta à vida. Suponhamos então que o Diabo surge como o Resultado real, indicando a submissão a uma situação opressiva. O que correu mal? Se, por exemplo, o Nove de Espadas invertido residir na posição de Base, isto dar-nos-ia uma pista, pois diria

que a pessoa guarda dentro de si um sentimento de vergonha e humilhação proveniente de fraquezas e medos passados, e que a «prisão» simbolizada no Nove impede a pessoa de realizar o potencial da Estrela.

Estes exemplos ajudar-nos-ão a ver que o verdadeiro significado de uma leitura de Tarot não provém de cartas específicas, mas sim das configurações que formam juntas.

«FUTURO PRÓXIMO»

O braço final da Cruz fica à direita do padrão central. Ficando oposto ao Passado Recente, carrega o título de «Futuro Próximo». Mostra alguma situação que a pessoa terá em breve de enfrentar. Não carrega a mesma totalidade que o Resultado; pelo contrário, forma mais uma influência, neste caso a influência dos acontecimentos. Se uma situação começa de uma certa maneira mas termina de forma muito diferente, então a razão pode residir no Futuro Próximo que traz alguma nova situação ou pessoa para mudar a direção.

Por outro lado, se o Resultado for muito diferente em caráter do Futuro Próximo, isto pode indicar que a situação vindoura não terá um efeito duradouro. Por exemplo, se o Cinco de Paus residir no Futuro Próximo e o Três de Copas no Resultado, pode indicar que a pessoa passará por um período de conflito com amigos, mas que este conflito não durará muito, dando lugar a laços mais estreitos e cooperação. Frequentemente, tal informação pode ajudar imenso uma pessoa a passar por um momento difícil, tranquilizando-a de que este não irá durar. E se aparecer o oposto (ou seja, uma situação feliz dará lugar a uma má), o leitor pode simplesmente esperar que a pessoa consiga usar bem essa informação. As más notícias são sempre menos agradáveis de dar do que as boas.

Depois de dispor a Cruz, o leitor vira as quatro cartas finais, uma acima da outra, à direita da Cruz. O padrão final fica assim:

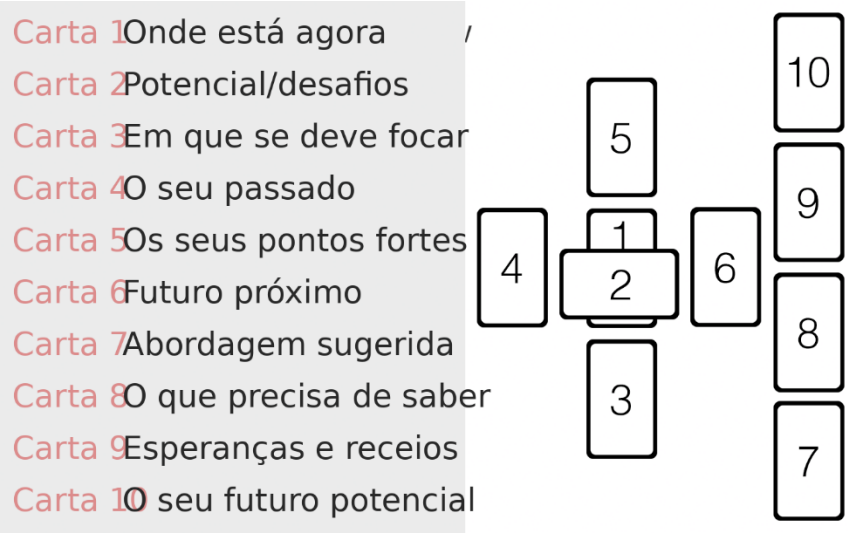


Figura 83 O Padrão da Cruz Celta

«O EU»

A carta na parte inferior do Cetro é chamada «O Eu», e refere-se não à pessoa como um todo, mas a alguma forma pela qual a própria pessoa está a contribuir para a situação. Que atitudes mostra o sujeito? O que está ela ou ele a fazer que afetará a situação descrita nas outras cartas? Suponhamos que, numa leitura que começou com o Dois de Copas, a posição do Eu mostra o Dois de Espadas. Isto indicaria que o sujeito acha difícil abrir-se à nova relação indicada pela primeira carta. O comportamento tenso, e até hostil, do sujeito afeta grandemente a situação global. O resultado indicaria o desenlace do conflito.

«AMBIENTE»

Assim como o sujeito afeta a leitura, também as pessoas e as situações gerais ao seu redor o fazem. Chamamos à oitava carta o «Ambiente» ou a influência dos «Outros». Se uma carta da corte aparecer nesta posição, significará habitualmente uma pessoa que influencia o sujeito. Caso contrário, a carta pode mostrar ou o efeito de uma pessoa importante ou de uma situação mais geral. Muitas vezes indicará se o ambiente está a ajudar ou a estorvar a direção para a qual o sujeito caminha. Por exemplo, numa leitura feita sobre o trabalho, o Cinco de Paus invertido no Ambiente sugeriria que uma atmosfera de hostilidade, rasteiras e competição feroz está a tornar o trabalho desagradável.

Por vezes, o Ambiente indica o consulente e não outras pessoas. Mostra como o sujeito reage ao que o rodeia. Numa leitura feita há algum

tempo, o Quatro de Espadas no Ambiente mostrou o hábito da pessoa de se retirar dos conflitos com as pessoas ao seu redor.

«ESPERANÇAS E RECEIOS»

Acima do Ambiente vem uma posição semelhante ao Eu, mas com um foco mais agudo. Chamamos a esta posição «Esperanças e Medos», pois mostra como as atitudes da pessoa em relação ao futuro afetam o desenrolar dos acontecimentos. Muitas vezes esta carta quase domina a leitura, especialmente se o Resultado for muito diferente do Resultado Possível, indicando que aquilo que parece provável não vai afinal acontecer. A influência mostrada por esta carta pode funcionar a favor ou contra a pessoa.

Suponhamos que a leitura diz respeito a um romance, e a maioria das cartas tende para o sucesso, com o Dois de Copas como o Resultado Possível. No entanto, o Resultado mostra os Namorados invertidos, um sinal claro de que a relação corre mal. Se a carta das Esperanças e Medos fosse o Três de Espadas, mostraria que o medo da pessoa de sofrer um desgosto impediu o necessário compromisso emocional. Noutras ocasiões, uma carta muito positiva nesta posição, como a Estrela ou o Seis de Paus (ambas cartas que significam esperança), indicaria que a atitude da pessoa pode gerar o sucesso.

Por vezes, esta posição e a da Base ou do Eu funcionarão muito próximas uma da outra, com a Base a explicar as origens das atitudes do sujeito em relação ao futuro. Por exemplo, se o Dois de Copas invertido surgisse como as Esperanças e Medos, e o Oito de Paus invertido fosse a Base, indicaria que um historial de ciúme estava a levar a uma atitude muito negativa em relação à continuidade do romance.

Note-se, neste último exemplo, que o Dois de Copas invertido pode ser um medo, mas também pode ser uma esperança. Chamamos à posição Esperanças e Medos em vez do mais habitual Esperanças *ou* Medos. A terminologia reflete o facto de os dois andarem frequentemente juntos (algo que me foi originalmente apontado pela minha aluna psicoterapeuta). No trabalho, as pessoas muitas vezes esperam e temem o sucesso ao mesmo tempo, enquanto nas relações muitas pessoas temerão o amor que procuram, ou esperarão meio conscientemente a rejeição.

A dualidade das Esperanças e Medos mostra-se mais fortemente em cartas que lidam com a mudança, ou com a emergência de situações confinadas para situações abertas. A Morte, o Oito de Copas, o Dois de Paus invertido e o Quatro de Paus lidam todos com estes temas de

liberdade e mudança. Algumas outras são o Diabo invertido, o Oito de Espadas invertido e la Estrela. Muito frequentemente, se o sujeito e o leitor analisarem juntos a atitude do sujeito em relação a uma destas imagens na posição de Esperanças e Medos, emergirá uma ambivalência.

O confinamento é mais seguro do que a liberdade. Como a componente desagradável — o medo do amor (ou do sucesso), ou a esperança de rejeição (ou do fracasso) — permanece muitas vezes oculta dos desejos conscientes, a descoberta desta ambivalência pode ajudar o sujeito a trabalhar na criação daquilo que ele ou ela realmente deseja.

Ver esta dualidade em ação, leitura após leitura, ensina ao leitor alguns factos básicos sobre o condicionamento. O subconsciente (o material reprimido a que poderíamos chamar a camada inferior do ego — novamente, ver nota de rodapé na página 298) é fundamentalmente conservador, até reacionário. Não só resiste a qualquer mudança, seja desejável ou desagradável, como também prefere lidar com todas as situações da mesma forma que lidou com situações semelhantes no passado.

Para muitas pessoas, cada novo amigo ou amante torna-se o palco para repetir a história da Mamã e do Papá. Enfrentamos cada novo problema ou tarefa da forma como aprendemos a lidar com os problemas em crianças. Não importa se lidámos com eles com sucesso; isso conta menos do que a segurança de ter um padrão fixo a seguir. O subconsciente olha primeiro para a segurança e só depois para outras considerações. E a segurança vem através da repetição.

Ora, este mecanismo oculto de repetição de padrões passados tem um valor embutido para a sobrevivência. Quando surgem novos problemas, conseguimos geri-los porque o subconsciente os compara automaticamente com problemas anteriores e aciona a resposta já preparada. A menos que uma pessoa deseje embarcar num programa deliberado de autocriação (como o que os Arcanos Maiores esboçam), este sistema funcionará razoavelmente bem e provavelmente não deve ser alterado.

No entanto, se uma pessoa descobre que um romance após outro colapsa em ciúme e amargura, ou que um emprego após outro falha, então ela ou ele faria bem em examinar a forma como o subconsciente insiste em arranjar novas situações para repetir o passado. Uma forma de, pelo menos, começar tal exame pode ser as leituras de Tarot, com a sua ênfase na experiência passada, e naquilo que realmente esperamos e tememos.

«RESULTADO»

Finalmente, o Resultado. Esta carta reúne todas as outras. Mais ainda, equilibra-as e mostra quais as influências que são mais fortes e como funcionam em conjunto para produzir o desenlace. Por vezes, o Resultado será um acontecimento. Nesses casos, a questão importante passa a ser como é que ele surgiu, e não apenas o que é. Se o sujeito o considerar um acontecimento desagradável, pode então olhar para as outras cartas para ver que influências estão a empurrar nessa direção, com a esperança de mudar a situação. Se o Resultado parecer desejável, um estudo semelhante pode ajudar a potenciar essas influências, já de si fortes, que estão a tender para esse desfecho.

A Cruz Celta, como qualquer lançamento, consiste num número fixo de cartas. Se o leitor e o sujeito acharem a combinação ambivalente, podem virar mais algumas cartas sem um padrão fixo, ou então fazer uma nova leitura. Ao virar cartas extra, normalmente não passo das cinco (perguntando por vezes ao sujeito que número escolhe), embora, por vezes, a leitura inicial tenha servido de base para virar a maior parte do baralho. Geralmente, os leitores iniciantes acham mais difícil interpretar cartas ao acaso e, por isso, evitam usá-las.

Por vezes, podemos fazer novas leituras para obter informação sobre uma carta específica da primeira leitura. Podemos ter uma dúvida sobre uma pessoa referida na posição do Futuro Próximo. Nesta situação, alguns leitores usarão a carta em questão como o Significador para a nova leitura. Assim como o Significador original ajudou a pessoa a concentrar-se em si mesma, a nova carta ajuda a focar a atenção na questão particular.

UMA LEITURA EXEMPLO

Antes de deixar a Cruz Celta, gostaria de apresentar uma leitura de exemplo feita por mim alguns meses antes de escrever este livro. (Devo referir que a destinatária deu o seu consentimento para que fosse incluída.)

A leitura foi feita para uma mulher que tinha acabado de passar no exame da ordem dos advogados, que tinha iniciado recentemente um novo romance e que, em geral, parecia feliz e entusiasmada com a sua vida. No entanto, quando virei as cartas, recebi uma sensação imediata de tristeza. Confiando nas cartas em vez de nas minhas impressões conscientes, perguntei à mulher se ela se tinha sentido triste recentemente. Para minha surpresa, ela respondeu imediatamente que sim.

As cartas saíram da seguinte forma. Para Significador, a mulher escolheu a Rainha de Ouros. As duas primeiras cartas foram o Três de Paus cruzado pelo Cavaleiro de Copas. A Base foi a Morte; o Passado Recente, o Nove de Espadas; o Resultado Possível, o Cinco de Espadas invertido; e o Futuro Próximo, o Mundo invertido. O Eu foi o Seis de Copas invertido; o Ambiente, o Três de Copas; as Esperanças e Medos, a Torre; e o Eremita foi o Resultado. (Ver Fig. 84).

Comecei por dar à mulher uma interpretação geral. Ela estava a passar por um período de transição em que muitos padrões antigos estavam a morrer. O efeito disso era tanto assustador como estimulante. A tristeza vinha de perceber o que tinha perdido e também do facto de ter crescido e cortado os laços com a sua infância.

A situação não se resolveria muito rapidamente — havia até a possibilidade de se desenvolver de forma negativa, especialmente se ela se deixasse amedrontar pelo Futuro Próximo, que mostrava estagnação, caindo numa atitude muito pessimista. As pessoas ao seu redor, contudo, davam-lhe muito apoio, mesmo que, em última análise, ela precisasse de resolver a questão por si mesma.

Tudo isto, claro, era muito geral. Passámos então a analisar as cartas uma a uma. A carta de cobertura, o Três de Paus, indicava antes de mais as suas conquistas imediatas, não apenas o facto de se ter licenciado em Direito, mas o de lá ter ido em primeiro lugar. Pois, enquanto discutíamos o que ela tinha feito, ela contou-me como, antes de entrar na faculdade de Direito, nunca tinha levado a sua vida ou as suas capacidades muito a sério.

Agora tinha atingido um ponto em que não só conhecia a sua própria força e inteligência, como a proeza de passar no exame da ordem à primeira tentativa lhe tinha dado uma base sólida a partir da qual procurar trabalho futuro. Mesmo antes de discutirmos estes factos, o significado dos mesmos transparecia na imagem do homem de pé no penhasco enquanto envia os seus barcos a explorar novas terras.

Mas o Três de Paus carrega outro significado, muito adequado a esta leitura. Implica uma atitude contemplativa enquanto a pessoa recorda as suas memórias. Na verdade, esta revisão da sua vida surgiu do sentimento de realização. As coisas que tinha feito tornaram-na consciente de como a sua antiga vida tinha terminado. Ao mesmo tempo, os barcos que partiam para águas desconhecidas simbolizavam a sua situação de não saber realmente o que faria a seguir, ou mesmo que forma a sua vida tomaria no futuro.

A imagem de realização e exploração continha referências a outras coisas na vida da mulher para além da sua carreira. Ela tinha começado recentemente a fazer psicoterapia; também se tinha juntado a um grupo de apoio chamado «o círculo de cura». Ambas as atividades aumentavam a sensação de novidade e de desconhecido, pois, ao mesmo tempo que lhe davam confiança e fé em si mesma, também tornavam muito mais difícil agarrar-se a padrões passados.

Ora, o Cavaleiro de Copas estava deitado sobre o Três de Paus e, aqui, a segunda carta aparece em grande parte como um desfecho da primeira. Pois o Cavaleiro de Copas significa um envolvimento consigo mesmo, um olhar para dentro. As duas cartas juntas diziam que, no centro da sua vida, a mulher naquele momento estava a contemplar o passado, a pensar no que a sua vida tinha sido e a olhar para o futuro. Mas o Cavaleiro de Copas é, de todos os Cavaleiros, o menos ligado à ação. Quando se tratava de dar passos práticos, ela sentia-se muito hesitante.

Abaixo da pequena cruz surgiu a Morte, a primeira carta Maior. A Morte enfatizava a experiência de ver o passado morrer. Durante toda a sua vida, a mulher tinha mantido certos padrões: certas formas de lidar com o mundo, com os outros, consigo mesma. Agora, por causa das suas conquistas, essas velhas formas já não se aplicavam. Quase sem aviso, viu-se cortada dos padrões seguros, sem grande ideia de como enfrentar o futuro. Mais pormenores sobre estes padrões tornaram-se claros quando considerámos as cartas do Eu e do Resultado, mas aqui era simplesmente importante ver que o antigo, independentemente da forma que tivesse tomado, tinha morrido.

Note-se a semelhança do Cavaleiro de Copas com a Morte. Uma vez que o trunfo se encontra na Base — o passado — e a carta Menor no presente, podemos chamar ao Cavaleiro um desenvolvimento prático a partir do arquétipo da Morte. Ou seja, por baixo da superfície ela está a experienciar a perda da sua antiga vida, mas na superfície encontra uma falta de confiança, tanto emocional como prática, sobre o que fazer a seguir.

O Passado Recente veio diretamente da Base. Mostra como as duas posições podem coexistir quase no mesmo período de tempo. Por outras palavras, a Base não veio primeiro para depois dar lugar ao Passado Recente, mas, tal como a pequena cruz, o Passado Recente surgiu do padrão geral mostrado pela Base. Ora, o Nove de Espadas indica desgosto, aflição. Pode, por vezes, simbolizar o luto.

Neste caso, podemos pensar no «luto» como uma metáfora. A pessoa por quem ela chora é ela própria, pois vimos na Base que algo «morreu». Esse algo não era prejudicial, tinha simplesmente perdido o significado. No entanto, o facto de a sua vida ter ido além disso não a impedia de sentir falta das formas seguras e confortáveis de lidar com o mundo. A carta também não sugere propriamente que ela tenha saudades do seu antigo eu por ter medo da vida. A tristeza aqui é mais genuína e, na verdade, coexistia com a alegria e o entusiasmo igualmente reais que eu tinha visto antes da leitura.

As primeiras quatro cartas enfatizaram a sua vida interior; as duas seguintes mostraram a capacidade do Tarot para indicar tendências e acontecimentos e, em particular, para dar um aviso. Primeiro, o Resultado Possível. O Cinco de Espadas invertido indica derrota, gerando vergonha e humilhação. A sua presença aqui mostrava que, apesar de tudo o que a mulher tinha conquistado, os seus esforços poderiam ainda dar em nada. Ora, por vezes, a carta do Resultado contradiz claramente o Resultado Possível, mostrando que por alguma razão a possibilidade não se tornará realidade. Aqui, a relação é mais subtil.

O Eremita é um bom indicador de que ela não perderá o que ganhou, mas não garante nada. Mostra-a encaminhada numa boa direção, mas ainda não a chegar lá, pelo menos não no sentido prático. Portanto, o Cinco de Espadas continuava a ser uma possibilidade, e o Tarot estava a avisá-la para fazer o que pudesse — usar o apoio dos amigos, não ceder aos medos, especialmente durante os períodos de estagnação — para evitar esse desfecho.

O Mundo invertido significa imobilidade, falta de sucesso, incapacidade de juntar as coisas. Como Futuro Próximo, indicava que a sua vida permaneceria instável durante algum tempo, sem grande avanço na sua carreira e noutros aspetos. Vemos, portanto, que a derrota do seu novo eu, mostrada como possível, poderia acontecer quando esse eu falhasse em alcançar resultados práticos. O facto de o Tarot a ter avisado deste período de estagnação poderia ajudá-la a passar por ele, tal como o saber que se trata apenas do Futuro Próximo e não do Resultado.

Depois da Cruz vem o Cetro. A primeira das quatro cartas, o Seis de Copas invertido, encontrava-se na posição do Eu. E aqui encontrámos uma indicação mais clara do que tinha morrido. A carta, na posição correta, mostra uma criança num jardim com uma figura maior a dar-lhe um presente. Implica proteção, segurança, a criança cujos pais cuidam de todas as suas necessidades. Aqui, contudo, vemos a carta invertida. Juntamente

com as outras cartas, especialmente a Morte e o Eremita, a imagem implicava que ela tinha derrubado este modo de vida fechado e protegido.

Ao discutirmos esta carta, tornou-se claro que, de facto, a mulher tinha passado a maior parte da sua vida com os pais a tratá-la como a sua «menina». Tinha-os deixado fazer isso devido à segurança que lhe dava. Mesmo agora, como ela me explicou, os pais, especialmente o pai, não conseguiam aceitar que ela tivesse crescido e que devesse tomar as suas próprias decisões, correr os seus próprios riscos. E, claro, ela própria tinha achado a mudança difícil de aceitar. Ir para a faculdade de Direito tinha sido o primeiro passo.

Antes disso, nunca se tinha levado a sério o suficiente para fazer algo importante. Ao mesmo tempo, a faculdade tinha permanecido um outro «jardim» — uma situação em que não tinha de fazer escolhas, mas apenas seguir o padrão estrito delineado para si. Quando chegou o momento de fazer o exame, tinha ficado assustada e, de facto, tinha ido ao terapeuta para a ajudar a passar. A terapia tinha conseguido isso, mas fez também outras coisas. Fez-lhe ver que já não era uma criança que podia deixar que os outros tomassem as suas decisões. A tristeza vinha desta perda.

A carta seguinte era, de certa forma, a mais importante, bem como a mais simples de toda a leitura. O Três de Copas no Ambiente indicava um grande apoio por parte dos amigos. Em particular, representava o «círculo de cura» e o terapeuta. A sua importância residia no facto de mostrar quanto apoio incondicional ela podia extrair destas pessoas, algo especialmente importante perante a possibilidade de derrota decorrente de um período de estagnação. O Três de Copas não mostra apoio no sentido de caridade ou sacrifício pessoal. As três mulheres dançam juntas. As pessoas ao seu redor dão-lhe força simplesmente por estarem com ela, por partilharem as suas experiências e por a deixarem apoiá-las. Note-se também o contraste entre o Três e o Seis. Aqui as mulheres são todas iguais; a carta não carrega qualquer sentido de abrigo ou de mimo.

O Três de Copas tem uma ligação «horizontal» (duas cartas do mesmo número) com o Três de Paus que está no Centro. Algumas das influências de enraizamento nessa imagem — a figura firmemente plantada no topo da colina — derivam do apoio dado pelo ambiente. Embora olhar para trás na sua vida e explorar novas áreas continuassem a ser atividades essencialmente solitárias, ela podia extrair coragem das pessoas ao seu redor.

Na posição de Esperanças e Medos encontrava-se uma das imagens mais temíveis do Tarot, a Torre. Significa destruição, colapso, experiência

dolorosa. Claramente, representa os medos da mulher de que tudo o que conquistou venha de algum modo a desmoronar-se. Este medo poderia facilmente transformar-se numa profecia autorrealizável que conduziria ao Cinco de Espadas invertido, especialmente sem um sucesso imediato que a tranquilizasse e encorajasse. O medo exagerado remonta ao Seis de Copas e ao seu derrube.

Ela podia ter abandonado uma atitude infantil e protegida, podia estar a olhar para a sua vida com uma expectativa entusiasmada, mas uma parte dela ainda pensava: «Como é que eu vou fazer isto? Estou completamente sozinha agora. Já não estou protegida. Tenho de tomar as minhas próprias decisões.» E a partir daí cruza-se com: «Não consigo fazer isto. Não sou suficientemente forte, vai tudo desmoronar-se.» Quando surgisse uma oposição ou um atraso, o medo assumiria o controlo, fazendo parecer que era o colapso esperado. E o pensamento meio consciente passa então a ser: «Estás a ver? Eu sabia que não conseguia. Porque é que me fui isolar?»

Na leitura, discutimos a possibilidade de a Torre também representar uma esperança subconsciente. O subconsciente, um órgão muito estúpido e também muito conservador,* recusar-se-á muitas vezes a aceitar a perda de uma situação que considerava segura ou protegida. Não importa que o eu saiba, mesmo conscientemente, que nunca poderá regressar à proteção parental. O subconsciente não aceita a realidade. Pode facilmente convencer-se de que a derrota dos planos atuais trará o regresso à segurança.

Tornarmo-nos conscientes de tais atitudes ocultas contribui em muito para as superar, pois o subconsciente depende imenso da ocultação. Podemos ver isto pensando nas vezes em que guardámos uma ansiedade secreta, apenas para descobrir que, quando a dizemos em voz alta, a pura tolice da ideia a dissipa da nossa mente. Uma leitura de Tarot pode agir desta maneira, identificando o material oculto e mostrando as suas consequências prováveis — neste caso, o Cinco de Espadas.

Na posição de Resultado encontrava-se o Eremita. A primeira coisa a observar nesta carta é que ela não mostra sucesso ou fracasso. Em contraste com o Três de Paus e o Cinco de Espadas, não indica desenvolvimentos práticos prováveis. Em vez disso, aponta para qualidades na própria mulher que, por sua vez, mostrarão a forma como ela enfrenta a sua nova situação.

O significado mais óbvio do Eremita deriva do seu nome e da sua imagem básica. Mostra-a a enfrentar a vida sozinha. Ora, isto não significa que ela perca ou recuse o apoio do seu ambiente. Pelo contrário, indica a necessidade de recorrer a esse apoio tanto quanto possível. Pois o Eremita

significa o facto de que, por muito que os outros a possam ajudar, ela sozinha tem de tomar as decisões. Tal como a figura no Três de Paus, o Eremita está sozinho na sua montanha.

O isolamento do Eremita, contudo, não existe por si só. Nos Arcanos Maiores, simboliza o ato de retirar a consciência do mundo exterior e dos acontecimentos para ponderar o significado. E, claro, a ideia de significado ajusta-se muito bem a esta leitura específica. Ter o Eremita como Resultado significa que os medos, os atrasos e as possíveis derrotas não importam na verdade assim tanto — assim que a mulher aceite a sua situação. Com efeito, o Eremita simboliza diretamente a psicoterapia. Ao mesmo tempo, o Eremita também sugere o sucesso de ela chegar a um acordo com a vida. Pois, no seu aspeto mais arquetípico, significa sabedoria, verdadeiro conhecimento da alma ganho através do afastamento e da introspeção. A montanha do Eremita, tal como a árvore do Enforcado, representa a ligação da mente consciente à sabedoria e à energia vital do inconsciente.

Como Resultado, portanto, o Eremita indicava que ela compreenderia e aceitaria as mudanças que tinha feito, meio inconscientemente, na sua vida. O simbolismo da montanha liga a última carta à primeira, o Três de Paus. A ligação, por sua vez, sugere um sucesso tanto prático como emocional.

Finalmente, o Eremita significa maturidade. Através da sua tomada de consciência, dá continuidade ao processo iniciado no Seis de Copas invertido, o derrube da dependência infantil. Mostra-lhe que a situação se resolverá à medida que a mulher superar a sua hesitação e os seus medos. A longo prazo, a montanha do Eremita não significa de todo isolamento, mas simplesmente uma qualidade que a mulher só então começava a experienciar — a autossuficiência, a confiança na sua própria capacidade e nos seus julgamentos.

Como o Resultado mostrava um processo de resolução e não um desfecho definitivo, decidi virar outra carta para obter uma indicação de como os acontecimentos poderiam eventualmente correr. A carta foi outro três, o Três de Ouros. Como carta de realização e mestria, mostrou o sucesso a longo prazo que estava atrasado no Futuro Próximo.

O CICLO DE TRABALHO

Apesar do seu poder, a Cruz Celta funciona ainda maioritariamente como uma ferramenta descritiva, mostrando-nos as diferentes influências que rodeiam uma situação. Embora implique frequentemente uma linha de

ação («Toma uma abordagem cuidadosa, trabalha na preparação de tudo antes de fazeres qualquer coisa» ou «As coisas não vão resultar com esta pessoa. Vais reencontrar-te se o deixares ir»). As pessoas por vezes dão por si com a pergunta: «O que é que eu devo fazer?» Embora o Tarot não dê frequentemente sugestões tão concretas como «Estuda olaria» ou «Visita a tua avó», pode indicar o tipo de ação ou de abordagem que uma pessoa necessita, deixando os detalhes específicos para o indivíduo. Como um exemplo simples, o Oito de Ouros pode aconselhar uma pessoa: «Continua a trabalhar no que estás a fazer. Vai levar tempo, mas acabará por trazer bons resultados.»

Há outras perguntas, mais subtis, que as pessoas por vezes se colocam após uma leitura da Cruz Celta: E se eu seguisse um conjunto diferente de influências? E se eu não tivesse esta atitude específica em relação ao futuro, ou procurasse algo diferente no meu passado? Como é que isso mudaria o resultado? Por outras palavras, quais são as mudanças possíveis que posso fazer?

Para enfatizar as possibilidades de aconselhamento, idealizei um novo esquema para as cartas. Baseado em parte na Cruz Celta e em parte na minha própria organização dos Arcanos Maiores, traz três inovações. Primeiro, toda a sua perspetiva se inclina para o conselho e não para a descrição. Segundo, é de estrutura aberta; depois de o leitor chegar à última posição, ele ou ela pode dispor mais cartas, até dez vezes a quantidade original. É claro que o leitor pode fazer isto em qualquer leitura, mas não em posições definidas. A estrutura do Ciclo de Trabalho, como chamo a este lançamento, permite ao leitor repetir, e continuar a repetir, las posições originais. O efeito é permitir ao leitor olhar para a situação de diferentes ângulos.

A terceira inovação envolve a leitura de cartas em combinações. Em muitas leituras (embora certamente não em todas; ver o método da Árvore da Vida abaixo), as cartas são lidas individualmente, mesmo que tentemos combinar os significados, como na Cruz. No Ciclo de Trabalho, contudo, as posições incluem a ideia de combinações. Os leitores lembrar-se-ão de que a minha interpretação dos Arcanos Maiores divide os trunfos no Louco mais três linhas de sete cartas cada, com cada linha a mostrar uma etapa diferente de desenvolvimento. Podem também lembrar-se de que cada linha se divide ainda em três partes.

As duas primeiras cartas significam o ponto de partida para a linha — os arquétipos ou qualidades básicas que a pessoa deve usar ao passar pelas experiências mostradas nessa linha. As três do meio representam o trabalho básico da linha — o que a pessoa deve assimilar ou superar. As duas cartas

finais mostram o resultado. Assim, na primeira linha, o Mago e a Sacerdotisa indicam os arquétipos básicos da vida. A Imperatriz, o Imperador e o Hierofante mostram os diferentes aspetos do mundo exterior que nos enfrentam à medida que crescemos. Os Namorados e o Carro simbolizam o desenvolvimento do indivíduo bem-sucedido. O Ciclo de Trabalho vai buscar e adapta esta estrutura tripartida.

O ESQUEMA — POSIÇÕES E SIGNIFICADOS

A leitura começa com a escolha do Significador e a mistura das cartas da mesma maneira que na Cruz Celta. Semelhantemente, as duas primeiras cartas formam uma pequena cruz, interpretada de forma muito parecida com o método de leitura mais antigo, talvez com mais ênfase no facto de a carta do cruzamento ser um desfecho ou um desenvolvimento da carta do Centro.

Depois da pequena cruz, o leitor vira sete cartas numa linha abaixo do Significador e não ao redor dele, com o Significador e a Cruz situados acima da carta do meio. (Ver Fig. 85).

Esta linha forma o ciclo básico, e a leitura pode parar com estas nove cartas. No entanto, se após interpretar esta linha, o leitor e o sujeito desejarem mais informação ou simplesmente outra abordagem, o leitor vira uma segunda linha de sete diretamente abaixo da primeira, e assim sucessivamente, até que o significado se torne claro.

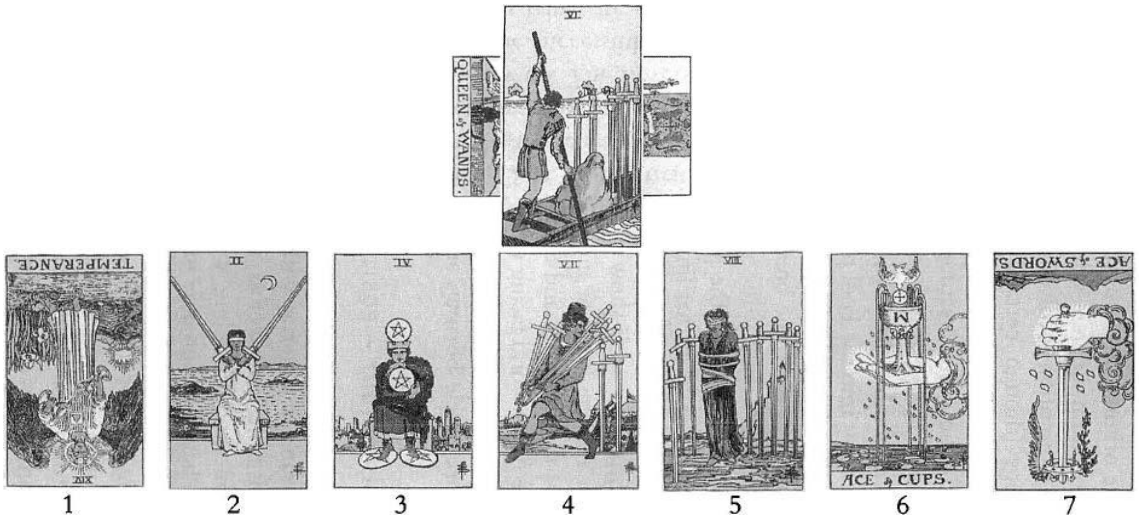


Figura 85

Um padrão de exemplo do ciclo de trabalho

Em cada linha, as duas primeiras cartas formam o ponto de partida. Os seus significados específicos derivam da Cruz Celta, sendo a primeira a Experiência Passada, interpretada de forma semelhante à carta da Base no modelo mais antigo. A segunda são as Expectativas, a atitude da pessoa em relação ao futuro. Na prática, interpretamos esta carta de forma muito parecida com a posição de Esperanças e Medos da Cruz Celta. Juntas, as duas cartas mostram o que aconteceu e o que a pessoa espera, teme ou simplesmente acredita que vai acontecer.

As três cartas seguintes afastam-se mais fortemente do sistema mais antigo. Mostram aquilo a que chamo o Trabalho — situações, influências ou atitudes que a pessoa pode usar ou deve superar. Na Cruz, as posições representam padrões bastante fixos. É assim que as coisas são. As cartas do Trabalho indicam possibilidades, até mesmo oportunidades. Enfatizam a forma como a pessoa cria a situação — e a pode mudar.

Quando comecei este método de leitura, atribuía um significado a cada posição. A carta no centro indicava o *Eu*, a da esquerda os *Outros* e a da direita os *Acontecimentos*. Cedo descobri que era melhor não dar nenhuma qualidade específica a nenhuma delas, mas sim interpretá-las em conjunto, simplesmente como aquilo com que a pessoa tem de trabalhar na situação, uma combinação de possibilidades. Ao mesmo tempo, vale a pena recordar as três designações, pois uma ou mais delas podem ajudar a precisar o significado em leituras específicas.

Permitam-me dar um exemplo das três como uma combinação. Suponhamos que uma leitura aborda aquele velho favorito: um novo romance. Uma mulher conheceu alguém de quem gosta, mas não sabe o que ele sente por ela, ou se deve fazer algo em relação aos seus sentimentos. A secção do *Trabalho* da leitura mostra o Cinco de Paus, o Eremita invertido e o Dois de Copas (ver Fig. 86).

Ora, o Dois de Copas indica obviamente que o homem sente o mesmo por ela, tal como aconteceria na Cruz Céltica. Mas aqui a carta aconselha ainda a mulher a falar com o homem sobre os seus sentimentos. Também sugere que ela tem muito a ganhar com a companhia dessa pessoa, e que o caso amoroso, seja longo ou curto, afetará a sua vida de forma bastante marcante.

O Eremita reforça estas ideias. Aqui, a sua posição invertida não significa imaturidade, mas sim a ideia de que este não é o momento para a solidão. Em vez disso, a mulher ganhará mais se se envolver na relação. O Cinco de Paus, contudo, sugere que a situação inclui conflito. Como aparece na posição normal, não indica amargura ou sequer uma perturbação

grave que a mulher deva tentar evitar. Em vez disso, mostra uma qualidade vivificante na forma como discutem, algo que os estimula em vez de os esgotar. E porque ocorre na secção do *Trabalho*, implica que ela deve usar a energia libertada através do conflito em vez de tentar evitá-lo.

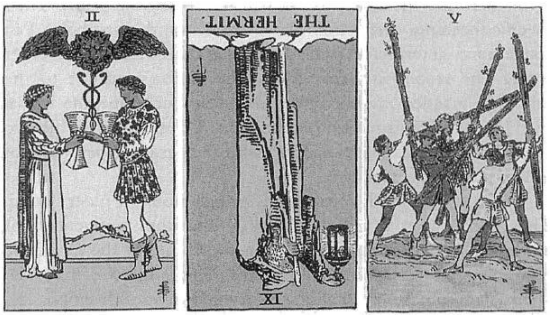


Figura 86

O facto de o Eremita surgir entre as duas cartas indica talvez que a mulher passou algum tempo isolada das outras pessoas e que agora deseja (ou precisa de) regressar ao mundo. Por um lado, pode usar a sua nova relação para a tirar de si mesma. Por outro lado, descobrirá que o envolvimento com outras pessoas traz zangas e competição, e ela deve aprender a aceitar e a usar essas coisas.

Notem que as três cartas não mostram simplesmente o que é, mas sim direções e potenciais – coisas com que trabalhar. Consideremos agora dois pontos de partida possíveis para esta leitura imaginária e as diferentes formas como eles modificam as cartas do *Trabalho*. Antes de mais, consideremos o significado se as duas primeiras cartas forem o Cinco de Copas e o Três de Copas, ligados pela imagem das três copas.

A primeira, como *Experiência Passada*, indica a perda de algo – muito provavelmente o fim de um caso amoroso – e daria o pano de fundo para o Eremita. Portanto, a *Experiência Passada* diz-nos que a fase do Eremita surgiu como uma reação a um acontecimento, mas uma reação que a mulher pode agora deixar para trás. O Três reforça estas ideias de um novo envolvimento. Mostra uma atitude muito otimista que provavelmente a fará superar os conflitos que surgirem.

Suponhamos, contudo, que mudamos o ponto de partida para Espadas, especificamente o Oito seguido do Quatro. O Oito indicaria um historial de repressão, isolamento, confusão, enquanto o Quatro sugeriria que esta situação passada deixou a mulher marcada, pois, como a *Expectativa*, mostra um desejo de se esconder do mundo, de evitar o envolvimento com os outros. Ao mesmo tempo, o Quatro representaria um medo – ou crença –

de que passará a vida sozinha, sem que ninguém entre na igreja fechada para a despertar e a devolver ao mundo.

Com um tal ponto de partida, as cartas do *Trabalho* indicariam uma oportunidade importante para a pessoa. Dir-lhe-iam que esta relação pode tirá-la do seu estado de Eremita solitário. Chegou a hora de emergir e, se esta emergência trouxer conflitos e discussões, ela deve aceitá-los também, e até usá-los para se envolver mais intensamente na vida.

As últimas duas posições da linha apresentam novamente a ideia de combinação. Como o *Desenlace* e o *Resultado*, vão além do uso único que a Cruz Céltica faz do *Desenlace* para resumir a leitura. O *Desenlace* indica a forma provável como as coisas se vão desenvolver. O *Resultado*, por outro lado, indica a reação da pessoa a esse desenvolvimento, ou o efeito que ele terá na vida da pessoa. Este efeito pode ser uma experiência ou uma atitude. Por exemplo, pode indicar um acontecimento ou um desenvolvimento posterior que surge por causa do *Desenlace*. O Cinco de Copas seguido do Oito de Copas diria que a pessoa perde algo, ou que algo termina mal e, como resultado disso, a pessoa decide partir, ir para um lugar novo ou começar uma nova fase na vida.

Ou então, a carta do *Resultado* pode mostrar o efeito do *Desenlace* a nível psicológico. Um exemplo clássico é a Torre seguida da Estrela, indicando que uma explosão na vida da pessoa levaria a uma libertação de esperança e energia. Este exemplo também ilustra a grande importância potencial de ver não apenas o *Desenlace*, mas o que vem depois. Se uma leitura mostrasse apenas a Torre, e não a Estrela como resultado dela, deixaria o sujeito com uma sensação de devastação.

Muitas vezes, a primeira linha dará uma imagem tão forte que a pessoa não precisará de mais informações. Outras vezes, porém, a linha pode deixar a pessoa ligeiramente confusa, ou simplesmente desejosa de ver a situação de um ponto de vista diferente. Neste caso, o leitor pode simplesmente dispor outra linha diretamente por baixo da primeira. As posições continuam a ser as mesmas, e as sete cartas continuam a relacionar-se com a pequena cruz original que definiu a situação básica. E, no entanto, porque começamos com um ponto de partida diferente, a linha permite-nos ver a situação de uma forma diferente.

Além da nova informação obtida, este método ajuda a responder a uma pergunta que muitas pessoas fazem sobre as leituras de Tarot: «Se eu jogasse outra vez, sairiam cartas diferentes, por isso como podem estas cartas significar realmente alguma coisa?» A resposta é que as novas cartas olharão para a mesma situação a partir de um novo ponto de vista.

Muito frequentemente, se um leitor dispuser uma Cruz Céltica, depois misturar as cartas e repetir o processo, muitas das mesmas cartas ou cartas semelhantes aparecerão na segunda leitura. Num par de leituras que fiz para um casal (com a leitura de outra pessoa pelo meio), seis das dez cartas eram as mesmas, e a carta do *Ambiente* na leitura da mulher era a que tinha sido usada como o *Significador* do homem. O *Ciclo de Trabalho*, pelo facto de impedir estruturalmente que as mesmas cartas apareçam, tende mais a mostrar lados diferentes da questão.

Por vezes, a segunda linha quase espelhará a primeira, indicando que a situação está a caminhar de forma tão vincada nessa direção que a pessoa não a mudará facilmente. Outras vezes, contudo, o *Desenlace-Resultado* mostrará uma alternativa definida à primeira linha, e então o leitor deve olhar para os pontos de partida e para as cartas do *Trabalho*.

UMA LEITURA EXEMPLO

Uma vez fiz uma leitura para uma mulher que tinha um amante ciumento. Teoricamente, nenhum dos dois esperava que o outro fosse monógamo, mas a mulher sabia que, se saísse com outra pessoa – e outra pessoa tinha aparecido –, o seu amante ficaria perturbado. Ela queria conselhos sobre o que fazer e fizemos um *Ciclo de Trabalho* (ver Fig. 87 a, b).

Antes da leitura, observei à mulher que o Três de Copas aparece frequentemente em tais situações: na posição normal se as coisas estiverem a correr bem, invertido se não estiverem. A leitura começou com o Três de Copas invertido cruzado pelo Ás de Copas. A combinação mostrava que, apesar dos ciúmes e das discussões, a situação lhe estava a dar muita felicidade, se ao menos ela conseguisse encontrar uma solução.

A primeira linha começou então de forma muito positiva, com o Ás de Ouros como o *Passado*, e o Sol como uma *Expectativa* altamente otimista para o futuro. Ora, o Ás de Ouros, além de mostrar felicidade e prazer, também traz uma sensação de segurança, de situações protegidas e fechadas. Durante algum tempo, a mulher e o seu amante não se tinham relacionado muito com outras pessoas, construindo um «jardim» emocional apertado em redor de si mesmos, como mostra o simbolismo do Ás (eles estavam, de facto, a viver numa casa isolada no campo, em Gales).

O Sol mostra a criança a sair de um jardim. A mulher esperava agora libertar-se para experiências mais amplas. E, dado que o Ás de Ouros mudara no presente para o Ás de Copas, pelo menos como uma

possibilidade, as cartas mostravam que ela tinha começado a libertar-se, a derramar as suas emoções independentemente da segurança.

O *Trabalho* parecia sugerir ainda mais a liberdade. A Estrela, a Torre e o Mundo, todos trunfos da última linha, mostravam antes de mais o poder da situação. No centro, a Torre simbolizava as batalhas tempestuosas e as emoções avassaladoras envolvidas. Também sugeria o perigo de a sua relação segura ser destruída pelos raios do ciúme e do ressentimento. Ora, a Estrela aqui não indicava propriamente uma libertação que vinha depois da Torre, como aconteceria no fim da linha. Em vez disso, dizia-lhe que, nesta situação difícil, ela precisava de otimismo e de uma abertura extrema em relação aos seus próprios desejos e emoções. O Mundo também indicava otimismo, implicando a possibilidade de combinar as metas opostas de uma relação firme e da liberdade.

E, no entanto, apesar de todas estas influências positivas, as cartas finais pareciam muito pouco promissoras. O Oito de Espadas invertido seguido do Diabo implicava que ela faria uma tentativa de se libertar das qualidades confinantes da sua situação. O *Resultado*, contudo, mostrava que ela provavelmente falharia em libertar-se. A segurança feliz e confortável do Ás de Ouros transformara-se numa repressão de tipo Diabo, com ela e o seu amante original acorrentados a uma situação que nenhum dos dois queria realmente.

Figura 87 (a)

Exemplo de uma leitura de ciclo de trabalho

Para tentar outro ponto de vista – e também para compreender o que correu mal na primeira linha –, dispusemos uma segunda linha (ver Fig. 87(b))

Esta linha começou de forma mais sóbria. A *Experiência Passada* mostrava o Sete de Espadas, indicando tentativas pouco convictas de quebrar o confinamento na sua vida. Implicava que, anteriormente, ela

nunca tinha pressionado seriamente a questão ou enfrentado os verdadeiros problemas envolvidos. Esta carta, por si só, dava uma pista sobre as razões para o Diabo se afirmar – a mulher nunca tinha tentado perceber o que precisava de ser feito, nunca tinha confrontado o amante ou os problemas entre eles.

A segunda carta levava esta ideia mais longe. A Justiça mostrava não apenas a esperança de que todos fossem «justos» em vez de repressivos ou egoístas, mas ainda mais, um desejo de ver tudo claramente e enfrentar a verdade sobre si mesma – o que tinha feito com a sua vida, bem como lidar com as reações dos outros. Uma atitude mais dura, muito mais firme do que o Sol, a Justiça simbolizava um compromisso com a realidade, com a criação de um futuro real para si mesma. Notem que o Sol mostra uma criança livre, sem responsabilidades – o oposto da Justiça.

O *Trabalho* nesta linha – o Nove de Copas, o Quatro de Ouros, a Roda invertida – continuava o tema do realismo. O Nove de Copas mostrava a necessidade de equilibrar a pressão emocional com um prazer leve. Do outro lado, a Roda invertida indicava a capacidade de analisar todas as ilusões envolvidas. Mostrava também a necessidade de ganhar controlo sobre a situação, de se recusar a permitir que a Roda dos acontecimentos simplesmente a fizesse girar para onde quer que se virasse. A Justiça tornava-se então não apenas uma esperança, mas o método principal para se afastar da passividade e da subjetividade.

Das três cartas do meio, o Quatro de Ouros revelou-se a mais interessante, especialmente quando comparada com a Torre acima dela. Onde o trunfo a tinha mostrado a desmoronar-se sob o impacto das emoções carregadas de toda a gente, o Quatro de Ouros mostrava-a a proteger-se. Mostrava-a a agarrar-se às suas próprias necessidades, à sua própria compreensão da situação, apesar da pressão exercida sobre ela pelos seus dois amantes. As duas cartas ao seu redor indicavam formas de o fazer; primeiro, divertindo-se e usando esse prazer para se manter firme; e segundo, compreendendo o que tinha acontecido e por que razão tinha acontecido. A Roda invertida à direita indicava a necessidade – e a oportunidade – de aplicar realmente a sua esperança de Justiça, ou seja, de trabalhar arduamente para compreender o verdadeiro significado de todas as mudanças que ocorriam na sua vida.

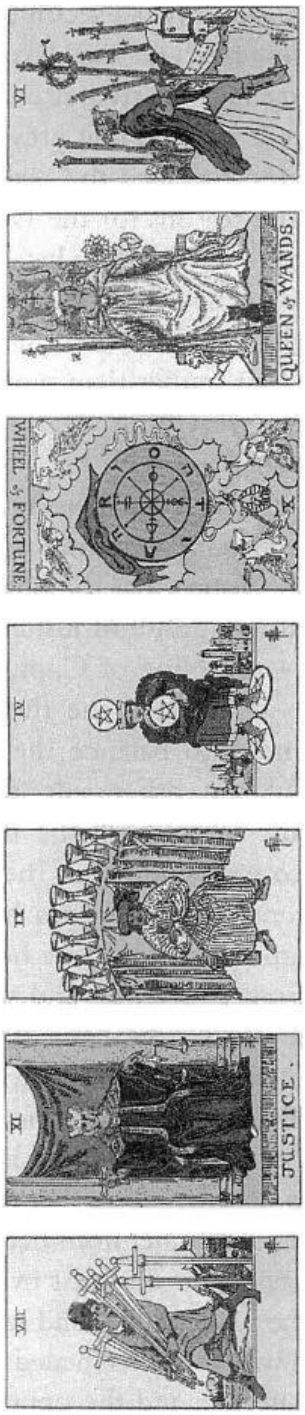


Figura 87 (b)

Exemplo de uma leitura de ciclo de trabalho continuação

Ao discutir estas duas linhas, a mulher disse que a primeira lhe parecia aquilo que ela devia querer, e a segunda aquilo que ela realmente queria. As pessoas ao seu redor falavam tanto de «liberdade» e de relações abertas sem consequências dolorosas que ela se sentia pressionada a querer este tipo de comportamento estilo «Sol». Na realidade, ela importava-se muito mais com a Justiça, a verdade. O resultado do ponto de partida mais duro e

realista da segunda linha mostrava o sentido do que ela dizia. A carta do *Desenlace* foi a Rainha de Paus, com o Seis de Paus como o *Resultado*. A Rainha indicava que, ao olhar primeiro para a Justiça e não para um Sol excessivamente otimista, a mulher encontraria um sentido para a sua própria força e alegria. Ela tornar-se-ia mais dependente de si mesma do que da situação externa. Disto viria a confiança e a crença do Seis, um otimismo que arrastaria as outras pessoas com ela.

A ÁRVORE DA VIDA

Qualquer leitura de Tarot tem origem num momento particular; ao descrever as influências e tendências, alcança o passado e o futuro. As formas mais curtas tendem apenas a ir longe o suficiente para iluminar alguma situação particular. Quando começamos a conhecer melhor as cartas, podemos procurar algum método que dê uma imagem mais ampla do lugar de uma pessoa no mundo. A leitura da Árvore da Vida, que utiliza o baralho completo e é semelhante em alcance a um mapa astrológico natal (embora talvez mais focada no plano espiritual/psicológico), proporciona esta compreensão mais completa.

A imagem da Árvore provém da Cabala. Podemos vê-la no baralho Rider no Dez de Ouros, desenhada da seguinte forma:

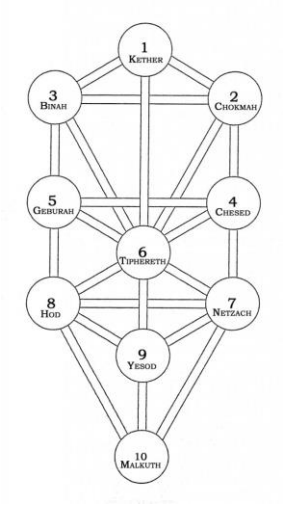


Figura 88

Na meditação com os Arcanos Maiores, usamos principalmente as vinte e duas posições ou ligações entre as diferentes Sephiroth (as dez posições). Na adivinhação usamos as próprias Sephiroth, adaptando os seus nomes e conotações clássicas para permitir que sirvam como posições num

lançamento, semelhantes à *Base*, ao *Eu*, etc., de uma Cruz Céltica, mas com um alcance muito mais amplo. Os títulos e descrições cabalistas são necessariamente abstratos; contêm uma descrição mística da criação e estrutura do universo, bem como um caminho para um maior conhecimento de Deus. Por conseguinte, aqueles leitores de Tarot que, como eu, desejaram usar esta imagem poderosa para a adivinhação, escolheram significados mais mundanos para corresponder às posições.

A ESTRUTURA DA ÁRVORE

Antes de passarmos por estes significados, devemos olhar brevemente para a estrutura da Árvore. Existem dois padrões básicos dentro da Árvore, mostrados da seguinte forma:

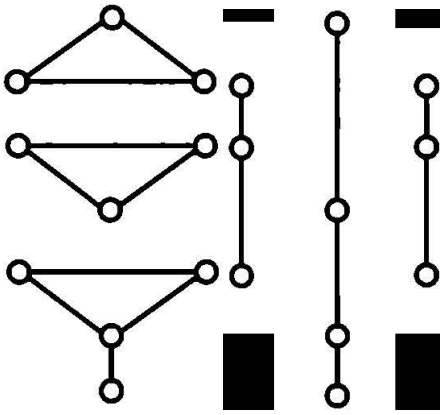


Figura 89

Figura 89 (a) enfatiza os níveis de consciência. O triângulo superior está mais próximo de Deus, de quem emanou o ponto original de luz para criar a primeira Sephirah. À medida que a luz da criação viajava através dos diferentes triângulos, tornava-se cada vez mais diluída, ou até, para algumas pessoas, corrompida, até que na última e única Sephirah ficou contida dentro do mundo físico da carne, da rocha e da água. (Uma descrição tão breve distorce, evidentemente, em grande parte a filosofia cabalista. Apresento-a aqui apenas para mostrar algo do pano de fundo para la leitura da Árvore da Vida.)

O conceito de uma descida da luz é usado na adivinhação da seguinte forma. Uma vez que desejamos descrever a vida de uma pessoa, olhamos para cada triângulo como um aspeto dessa pessoa, usando um sistema tripartido semelhante às três linhas dos Arcanos Maiores. O triângulo superior significa a existência espiritual da pessoa, apontando para cima, para o potencial mais elevado do sujeito.

O triângulo do meio, apontando para baixo, para a manifestação, representa as formas como a pessoa lida com o mundo exterior, os assuntos práticos da vida. O triângulo inferior aponta novamente para baixo, mas desta vez para as áreas ocultas do eu. Representa os impulsos inconscientes e a energia imaginativa. Também nos podemos referir aos triângulos como superconsciente, consciente e inconsciente.

A posição inferior, que se encontra isolada, representa não uma qualidade pessoal como as outras, mas o mundo exterior em que a pessoa vive. Podemos pensá-la como algo semelhante ao *Ambiente* na Cruz Céltica, mas a um nível muito mais amplo.

Figura 89 (b) deriva da ideia de polaridade ou forças opostas. Na Cabala, os lados direito e esquerdo da Árvore significam a forma como Deus dirige a existência. O pilar direito, o da Misericórdia, tende para a expansão. As suas qualidades ampliam-se e abrem-se. O pilar esquerdo, chamado Rigor, contrai-se, enfatizando qualidades que restringem. Um dá, o outro tira, mantendo assim a conservação de energia. Mas se existissem apenas essas duas forças, o universo oscilaria descontroladamente para a frente e para trás, expandindo-se e contraindo-se constantemente. Portanto, o pilar do meio representa a Conciliação, uma mistura e harmonização dos dois princípios. Notem que a última Sephirah, que simboliza a existência física, cai no pilar do meio. No mundo material, os elementos arquetípicos fundem-se numa forma estável.

A imagem das três colunas aparece de forma menos abstrata na versão do baralho Rider (bem como numa série de outras) da Sacerdotisa. O pilar escuro representa o Rigor, o pilar claro a Misericórdia. A própria Sacerdotisa cumpre a função de Conciliação, equilibrando os opostos yin e yang numa quietude perfeita.

Assim como precisamos de uma versão «prática» do triângulos, também o nosso propósito exige uma interpretação mais direta dos três pilares. Usamos, portanto, um padrão recorrente para cada triângulo. A posição à esquerda tende para os problemas decorrentes desse nível, a da direita retrata os benefícios da direção positiva. A posição no meio descreve a própria qualidade, onde as oposições se misturam. Estas distinções tornar-se-ão mais claras quando olharmos para as Sephiroth individuais.

Mais um ponto sobre a estrutura. Os cabalistas imaginam o caminho feito pela luz da criação como um ziguezague, por vezes referido como o relâmpago de Deus. Começando além da primeira Sephirah (pois a

verdadeira essência de Deus permanece incognoscível e transcendente), corre assim:

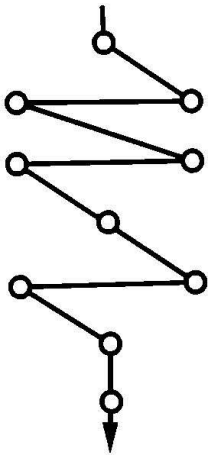


Figura 90

Na meditação, usamos esta imagem principalmente para nos ajudar a avançar através das Sephiroth em direção à união com aquele aspeto de Deus que experimentamos no êxtase místico. Por outras palavras, através da disciplina meditativa, viajamos de volta ao longo do relâmpago, como se estivéssemos a desvendar o universo para chegar à sua fonte. O relâmpago que atinge a Torre nos Arcanos Maiores simboliza esta luz de iluminação.

Outra forma de meditação, misturada com magia cerimonial, tenta seguir o relâmpago para baixo, ou melhor, invocá-lo sobre a pessoa. Chamada «Cabala Prática», esta utilização dos princípios cabalísticos para a magia baseia grande parte do seu trabalho na ideia de que o ritual e a meditação adequados podem trazer um relâmpago, não apenas de compreensão, mas de grande poder sobre o mago. A pessoa que segue estas práticas ocultas é avisada a não procurar este poder para ganho pessoal, mas apenas para projetos que sirvam a comunidade (Os avisos contra o mau uso dados nos grimórios de magia parecem-nos por vezes semelhantes aos avisos nos livros pornográficos: «Este material é apenas para uso médico».)

A DISPOSIÇÃO

Na adivinhação, seguimos o padrão do relâmpago de uma forma muito mais mundana, como o método de dispor as cartas. Para fazer uma leitura da Árvore da Vida, o leitor primeiro retira o *Significador* como nos outros métodos, e coloca-o no topo da superfície de leitura (obviamente é necessário muito espaço para dispor setenta e oito cartas). Quando o sujeito

baralha e corta o baralho, o leitor pega nas cartas e começa a dispô-las viradas para baixo de acordo com o padrão:

O *Significador* permanece exposto acima da leitura. Quando as primeiras dez cartas são colocadas, o leitor dispõe outras dez em cima delas, e assim por diante, até que cada lugar contenha um maço de sete cartas. Ora, retirar o *Significador* do baralho deixa setenta e sete cartas, ou onze vezes sete. Portanto, o leitor acabará com sete cartas extra. Muitos cabalistas falam de uma décima primeira Sephirah «invisível», conhecida como Daath, ou Conhecimento.

Normalmente, os cabalistas colocarão esta Sephirah extra no pilar do meio, entre a primeira e a sexta Sephiroth, isto é, entre o triângulo superior e o do meio. Nas leituras de Tarot, colocamo-la de lado ou na parte inferior, e lemo-la depois de todas as outras. O facto de não a dispormos por ordem com as outras cartas, mas de usarmos simplesmente as sete cartas «sobrantes», enfatiza a sua singularidade. O maço de Daath não pertence a nenhuma das áreas gerais de influência. Alguns leitores veem-no como um significador do futuro imediato.

Quando comecei a fazer as leituras da Árvore da Vida, usava o maço de Daath como um comentário geral, uma informação extra que se aplicava à leitura como um todo. Desde então, encontrei um significado mais específico para ele, o de Transformação.

Na Parte Um, descrevi a ideia, derivada tanto da Cabala como da mecânica quântica moderna, de que qualquer mudança não surge como uma alteração gradual, mas sim como um salto de um estado para outro. Podemos caminhar para as mudanças com anos de preparação gradual, mas a mudança real ocorre como um salto sobre um abismo. Cessamos de ser uma coisa e tornamo-nos outra. Nesses momentos de transformação, conseguimos por vezes vislumbrar o *Nada* essencial que subjaz a toda a existência fixa. Algumas pessoas descrevem Daath como o aspeto que pressente esta verdade do abismo. Outras salientam que Daath liga a Sabedoria (Sephirah 2) e o Entendimento (Sephirah 3) através das suas qualidades de consciência e reflexão.

Com estes significados em mente, considerei que valia a pena usar o maço de Daath como uma descrição dos meios através dos quais uma pessoa muda. Relacionado com a leitura como um todo, ele enfatiza as ligações que uma pessoa faz entre os diferentes níveis. As diferentes Sephiroth/posições tendem a mostrar níveis e condições de ser distintos. O maço de Daath ajuda-nos a ver como nos movemos entre eles. Por conseguinte, o nome que lhe dei é Transformação.

AS POSIÇÕES E OS SIGNIFICADOS

Quais são, então, as posições específicas das Sephiroth? A lista seguinte é minha, baseada em parte em sugestões de vários comentários. Ofereço-a como um sistema possível e um guia. Os leitores que queiram trabalhar extensivamente com a adivinhação da Árvore da Vida desejarão formular as suas próprias posições.

Utilizando o padrão numérico mostrado na p. 315, as posições são:

1 KETHER OU COROA – O MAIS ELEVADO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Por isto entendemos as qualidades mais verdadeiras e melhores da pessoa e as formas como ela alcança estes níveis. A Coroa nem sempre mostrará qualidades muito positivas ou alegres. Algumas pessoas alcançam o seu melhor desenvolvimento através da luta ou da tristeza. Lembro-me de uma leitura em que a Torre ocupava o centro da linha de Kether, com a Estrela a duas cartas de distância. A pessoa achava muito difícil desenvolver-se de alguma forma estável. Tendia sempre a passar por ciclos de tensão, explosão e libertação, um tema que ecoava lá no fundo da leitura, quando o Diabo apareceu no centro da sua linha de Daath.

2 HOKMAH OU SABEDORIA

A segunda Sephirah, Hokmah ou Sabedoria, representa a Inteligência Criativa, as formas como a pessoa se move em direção à meta do Mais Elevado Desenvolvimento. Geralmente relacionada com la linha da Coroa, enfatiza o processo de desenvolvimento e não o resultado. Por exemplo, se o Sol aparecer na linha da Coroa, interpretá-lo-íamos como alegria e liberdade, apreciadas por si mesmas. Se aparecesse na Inteligência Criativa, pensaríamos nessas qualidades como os meios para alcançar o que quer que tivéssemos visto na Coroa. Tal como a primeira linha, a Inteligência Criativa pode incluir cartas desagradáveis ou difíceis, se forem essas as que a pessoa utiliza para crescer.

Quando tais cartas aparecem, é importante considerá-las não apenas em relação à sua função – para ver como a pessoa as pode usar criativamente –, mas também em relação às outras cartas da linha. Por exemplo, suponhamos que o Nove de Paus aparecia em Hokmah. O leitor enfatizaria primeiro a força e a determinação, em vez da rigidez inerente à carta. Mas suponhamos que o Quatro de Paus também aparecia na linha. Então o Nove tem de ser visto como parte de um ciclo de defesa e abertura, em que cada uma ajuda e se alimenta da outra. E porque aparecem na

segunda linha do triângulo do Espírito, pensaríamos nelas não simplesmente como um ciclo que repete a mesma experiência uma e outra vez, mas como uma espiral, que conduz às imagens que tenham aparecido em Kether.

Deverá tornar-se óbvio que a leitura da Árvore da Vida exige uma boa dose de experiência com as cartas e com a adivinhação para funcionar corretamente. O leitor não só deve interpretar sete cartas para cada posição, como cada posição deve relacionar-se com as outras.

3 BINAH OU ENTENDIMENTO

A completar o triângulo está Binah, o Entendimento. Na Cabala, a diferença entre Sabedoria e Entendimento refere-se principalmente à maneira como a alma contempla Deus e a si mesma. Na experiência mais mundana de uma leitura, podemos pensar no Entendimento como as experiências que nos retêm no desenvolvimento, ou Desgostos e Fardos. Aqui as cartas mostram as restrições da pessoa e, desta vez, as imagens mais positivas precisam de ser adaptadas aos termos da linha. Ao mesmo tempo, o título original, Entendimento, leva-nos a considerar como estas restrições podem ser superadas.

O triângulo do meio representa os aspetos mais comuns da vida, e aqui começamos pelos dois lados e terminamos no meio.

4 HESED OU MISERICÓRDIA

A quarta Sephirah representa os Ganhos Mundanos, o que significa o que a pessoa alcançará na vida em termos de trabalho, lar, dinheiro, amigos, etc. Normalmente, a linha enfatizará áreas de sucesso em vez de fracasso. Pode também indicar as formas como os ganhos mundanos afetam o caráter da pessoa. Os três triângulos formam um único padrão, um facto que habitualmente se torna cada vez mais aparente à medida que a leitura se desenvolve e as ligações surgem com mais força. Portanto, as preocupações mundanas dos Ganhos Mundanos refletirão frequentemente a consciência espiritual da Força Criativa acima deles. E a compreensão das posições inferiores na Árvore provará muitas vezes ser a chave para voltar atrás e interpretar as superiores.

5 GEVURAH OU RIGOR

Oposto aos Ganhos Mundanos encontramos Gevurah, ou Rigor, que representa as Dificuldades. Estas podem incluir desde problemas de dinheiro até à solidão. Numa leitura, a Rainha de Espadas nesta linha indicou-me que a mulher era viúva.

6 TIFERETH OU BELEZA

O vértice do triângulo representa Tifereth, a Beleza. Nas leituras, utilizo esta posição para indicar a Saúde. Usar o Tarot para diagnosticar problemas físicos específicos pode ser uma operação muito melindrosa, embora existam sugestões para o fazer, geralmente ligando as cartas a aspetos astrológicos ou a outros sistemas. Tenho considerado melhor obter uma imagem mais geral a partir desta linha, olhando não apenas para a condição física, mas também para a saúde emocional e espiritual.

Uma recomendação – observem quais os elementos que dominam. Paus fortes sugerem uma boa saúde geral ao longo da vida da pessoa, embora, claro, Paus como o Dez ou o Nove, bem como Paus invertidos, possam indicar o oposto. Copas e Espadas tendem a mostrar a condição emocional e espiritual da pessoa, enquanto Ouros mostram frequentemente uma saúde mais frágil ou a necessidade de cuidar do corpo. O Cinco, por exemplo, seria um aviso categórico.

Uma predominância de cartas Maiores na linha é mais difícil de interpretar, dependendo o significado de quais as cartas que aparecem. A Força, obviamente, indicaria uma boa saúde geral, a Temperança indicaria uma doença evitada pela cautela, enquanto o Diabo poderia mostrar doença ou hipocondria. Por vezes, uma única carta Maior pode simbolizar alguma situação especial que surgiu ou surgirá na vida da pessoa. As sequências temporais nesta linha, e em toda a árvore, continuam a ser um problema difícil, especialmente para o leitor principiante.

O terceiro triângulo lida com o Inconsciente, particularmente com os impulsos imaginativos e sexuais. Na Parte Um, analisámos a ideia de que a superconsciência, ou energia e consciência espiritual, consiste no inconsciente transformado e tornado consciente. Assim, a Árvore mostrará frequentemente ligações muito fortes entre os triângulos superior e inferior, com o nível do meio – as experiências conscientes da pessoa – a formar uma ligação entre os dois.

Anteriormente, descrevi o subconsciente como o lado reprimido do ego, distinto do inconsciente, ou energia vital da pessoa. Nenhum destes triângulos lida especificamente com este sentido do subconsciente. Em vez disso, este material oculto pode aparecer ao longo de toda a leitura,

mostrando problemas, agressividade ou desejos não realizados. Infelizmente, a vastidão do assunto impede-me de dar exemplos detalhados. (Peço desculpa por me ceder a algo que se assemelha às pistas misteriosas que frequentemente se encontram em livros ocultistas: «Aqui nada mais posso dizer sobre isto.»)* Apenas sublinharei que podemos ver o subconsciente a funcionar nas aparentes contradições de, por exemplo, o Dois de Espadas aparecer como um bloqueio na linha da Força Criativa.

7 NETZACH OU ETERNIDADE

A sétima Sephirah, Netzach, significa Eternidade. Outro nome para ela é Vitória. Usei-a neste sistema para representar a Disciplina, as formas como a pessoa pode colocar a sua imaginação a trabalhar. Por «disciplina» não me refiro ao tipo de regras estritas que a palavra normalmente evoca. Em vez disso, refiro-me ao treino e ao direcionamento deliberados simbolizados pelo falcão encapuzado do Nove de Ouros. O poder criativo sob tal disciplina torna-se potenciado e libertado, em vez de enfraquecido ou enclausurado.

Pois é uma qualidade do inconsciente que o seu benefício nas nossas vidas aumente quanto mais o direcionamos. Isto é algo conhecido pela maioria dos artistas, bem como por pessoas que trabalharam seriamente no ocultismo.

A maioria das pessoas que não trabalha deliberadamente com a energia inconsciente descobre simplesmente que ela permanece adormecida. As suas vidas podem parecer monótonas, ou podem considerar-se desprovidas de qualquer criatividade. Para alguns, contudo, o inconsciente é tão forte que consegue romper por si próprio, trazendo o caos ou mesmo a loucura. Lembro-me de uma leitura (não de uma Árvore da Vida) feita para um homem que tinha sofrido esgotamento nervoso grave após uma série de experiências psíquicas intensas.

Na leitura apareceu o Nove de Ouros, mas também o Eremita, dizendo-lhe que um mestre adequado treinaria essa energia que tinha eclodido de forma tão dolorosa na sua vida. A disciplina, no seu melhor sentido, representa o processo de elevar o inconsciente e de o transformar em energia criativa.

Como a maioria das pessoas não se sente atraída, ou empurrada, para o trabalho psíquico ou oculto, encontramos habitualmente preocupações mais comuns refletidas na Disciplina. Pode referir-se a um trabalho artístico, mas não necessariamente. Para algumas pessoas, o inconsciente expressa-se numa carreira ou na criação de um lar amoroso para a sua

família. O importante nesta linha é que ela mostra o treino ou o trabalho necessário para que a pessoa faça algo com o potencial criativo. Cartas bloqueadas como o Oito de Espadas a aparecer nesta linha podem ter um grande significado para toda a leitura, pois uma enorme parte das nossas vidas depende da libertação da energia inconsciente.

8 HOD OU REVERBERAÇÃO

Do outro lado do triângulo encontramos Hod, ou Reverberação. Outros nomes incluem Triunfo ou Esplendor. O título divinatório para esta linha – Amor e Luxúria – fará habitualmente com que o sujeito se empertigue e escute com muita atenção. Esta linha mostra o impulso sexual da pessoa e a forma como esses desejos funcionam na prática – em suma, o que a pessoa quer e o que consegue. Dependendo da pessoa, também esta linha pode fornecer a chave para todas as outras, embora talvez não tão frequentemente como poderíamos esperar.

Notem que o Amor e a Luxúria surgem no lado restritivo da Árvore, enquanto a Disciplina aparece no lado da expansão. Esta construção reflete o facto de os nossos impulsos sexuais nos dominarem frequentemente, fazendo-nos fazer coisas que de outro modo evitaríamos, ou impedindo-nos de libertar potenciais noutras áreas. A Disciplina, por outro lado, faz uso da energia imaginativa, conduzindo-a na direção da transformação para o espiritual. Cartas sexuais podem aparecer não no Amor e na Luxúria, mas na Disciplina, sugerindo que a pessoa se desenvolve através do amor, da maneira simbolizada pelo anjo que se eleva entre o homem e a mulher nos Enamorados. Para tais pessoas, o amor é tanto uma disciplina como uma tentação ou uma indulgência.

Devo acrescentar que o Amor e a Luxúria aparecerem no lado da Restrição não exige que os interpretemos como um problema. Se as cartas mostrarem satisfação e liberdade, então devemos certamente interpretá-las dessa forma.

9 YESOD OU FUNDAÇÃO

A nona Sephirah, Yesod ou Fundação, representa a Imaginação, de muitas maneiras o verdadeiro alicerce do eu. Para a maioria das pessoas, que não passam por programas de autocriação, o inconsciente nunca se torna consciente. Permanece tanto a fonte como a força motriz da personalidade. Vislumbramos esta energia em atividades como sonhos, fantasias, desejos – por outras palavras, aquilo a que comummente chamamos imaginação. Ao chamar Imaginação à linha da Fundação, queremos na verdade dizer mais do que tais manifestações. O termo aqui

representa a própria energia, enroscada abaixo da personalidade consciente e emitindo clarões para o mundo exterior. As cartas nesta linha mostram a forma e o estado de espírito do inconsciente da pessoa. Frequentemente, relacionar-se-ão de forma muito direta com a linha do Mais Elevado Desenvolvimento, que se encontra lá bem acima.

10 MALKUTH OU REINO

Abaixo da Imaginação vem Malkuth, ou Reino, significando o Mundo ao redor da pessoa. Aqui vemos as influências externas, as outras pessoas, situações tanto pessoais como sociais/políticas. Normalmente, é claro, indicações destas forças exteriores aparecerão ao longo de toda a leitura. Numa leitura, o Imperador, como o marido dominador de uma mulher, apareceu no centro da sua linha da Saúde, isto é, no centro exato da Árvore. No entanto, a última linha enfatiza as influências exteriores, mostrando também o efeito sobre o sujeito. Podemos olhá-la como algo semelhante ao *Ambiente* da Cruz, mas grandemente expandido.

DAATH

Finalmente chegamos a Daath. Embora a coloquemos de lado em relação à Árvore ao distribuir as cartas, muitos leitores desejarão dispô-la abaixo de Malkuth, produzindo assim uma árvore simétrica, bem como mostrando graficamente como as ligações subjazem a todas as posições.

Por vezes, estas cartas referir-se-ão claramente a uma situação particular mostrada acima num dos três triângulos. Normalmente, não damos às cartas de Daath uma função específica como fazemos com as outras linhas. Tal como o Louco nos Arcanos Maiores, ela move-se entre todas elas, unindo as coisas, ajudando a que o padrão geral se torne mais claro na mente do leitor e do sujeito.

A imagem de toda a Árvore, setenta e oito cartas de cores vivas, pode ser uma visão impressionante. Por vezes tirei fotografias da mesma para mim e para o sujeito. Recomendaria aos leitores que fizessem um gráfico da Árvore, marcando as posições e as cartas individuais. A maioria das pessoas também considera valioso fazer uma gravação em cassete que possa ouvir mais tarde para ajudar a assimilar a tremenda quantidade de informação.

Se o leitor e o sujeito tiverem iniciado um programa regular de leituras, então uma Árvore da Vida, escrita e gravada, pode ajudar a tornar as leituras mais eficazes. Muitas vezes funciona melhor não fazer a Árvore imediatamente, mas sim fazer uma ou duas leituras pequenas primeiro para

se ter uma ideia dos problemas na vida da pessoa. Uma Árvore da Vida fornecerá então uma visão abrangente do sujeito, que ambas as pessoas podem usar como referência em leituras posteriores.

Fazer uma leitura deste tipo exige um grande conhecimento das cartas e das formas como elas se engrenam. Lembrem-se de que o astrólogo que faz um mapa natal consegue habitualmente construir o mapa com antecedência e considerar as suas várias qualidades antes de ter de o explicar ao sujeito. Mas uma leitura da Árvore da Vida, como qualquer leitura de Tarot, funciona melhor quando interpretamos as cartas à medida que as dispomos.

Lembrem-se também de que cada linha contém sete cartas. Cada linha é em si mesma uma leitura. Por vezes, as sete cartas aparecem como um grupo de experiências individuais. Mais frequentemente, formar-se-á um padrão dentro da linha. A nossa compreensão da mesma pode mover-se, digamos, da esquerda para a direita, quase como uma história; ou poderemos focar-nos na carta central como um tema dominante, sendo as cartas circundantes interpretadas em parte de acordo com as suas posições.

Tenho encontrado frequentemente na simetria uma pista importante – as cartas um e sete relacionando-se entre si, a dois e a seis, etc. Ou então, as três cartas da direita podem mostrar uma característica, enquanto as da esquerda mostram outra, possivelmente contraditória. Cada linha carrega o seu próprio movimento, a sua própria perfeição.

- Não confundam o «subconsciente» com o «inconsciente», cujos atributos incluem a coragem, bem como o conhecimento verdadeiro. Resultou uma grande confusão do uso destes dois termos como sinónimos. Estou a usar o termo «subconsciente» aqui para representar o material – desejos, ansiedades, medos, esperanças – reprimido pela mente consciente enquanto esta lida com as realidades exteriores da vida. «Inconsciente» significa a energia básica da vida, essa área do ser além do ego pessoal. O subconsciente, apesar das suas qualidades ocultas, é na verdade uma extensão do ego. Num certo sentido, encarna o domínio absoluto do ego, esse reino onde ele não faz concessões à realidade. Porque não se preocupa com as consequências, o subconsciente fará com que caminhe para a frente de um camião para evitar uma conversa desagradável. O inconsciente, por outro lado, equilibra-nos e apoia-nos ao unir-nos ao grande fluxo da vida para além dos nossos eus individuais. O Enforcado nos Arcanos Maiores dá-nos uma imagem poderosa desta ligação vital.

CAPÍTULO DOZE

COMO UTILIZAR AS LEITURAS DE TAROT

O valor de uma leitura de Tarot, pelo menos para o sujeito, depende do que ele ou ela fizer com ela depois. Para aquelas pessoas que procuram um leitor por curiosidade ou como um jogo, a leitura provavelmente passará ao lado das suas vidas, como um espetáculo a que assistem a partir do público. Mas este espetáculo diz-lhes respeito e, se a leitura significar algo de real, desejarão dar-lhe algum uso prático.

Antes de mais, o leitor e o sujeito não podem de todo usar a leitura até a compreenderem. Portanto, o leitor deve desenvolver competências de interpretação, e a melhor maneira de o fazer é praticar. Quando começar, não assuma uma grande profundidade de conhecimento; limite-se a continuar. Não se preocupe se não conseguir ver como as coisas se encaixam, ou se ficar confuso com todas as interpretações possíveis de uma única carta. Passado algum tempo, descobrirá que repara em coisas que lhe teriam escapado quando começou.

Estude. Aprenda os significados descritos nos livros que lhe parecerem valiosos. Depois, comece o processo de fazer o seu próprio livro. Arranje um bom caderno e registe as suas descrições, sentimentos e experiências para cada carta. Pode fazer isto em palavras, desenhos, diagramas, qualquer método que signifique algo para si. No mesmo caderno ou noutro, registe as leituras que faz e o que aprendeu com elas. Se alguma leitura lhe ensinar um ponto novo sobre uma única carta, ou combinação, ou sobre o baralho completo, registe-o também.

Não dê por garantido que sabe aquilo que já aprendeu. Todos nós carregamos certos preconceitos e, com o passar do tempo, tendemos a lembrar-nos de alguns significados e a esquecer outros. Muitas vezes, uma carta não fará sentido porque insistimos em interpretá-la de uma certa maneira estritamente por hábito, quando outro significado esquecido a esclareceria imediatamente. Portanto, de tempos a tempos, mesmo depois de pensar que sabe todas as cartas de cor, volte a olhar para as suas notas e para os seus livros. Ficará surpreendido com a quantidade de coisas que reaprende.

Manter um caderno serve outro propósito. Conforme descrito acima, as leituras de Tarot ajudam a ensinar-nos um equilíbrio entre a intuição e a ação, a Sacerdotisa e o Mago. Um caderno é uma forma prática de desenvolver este equilíbrio, pois combina as suas próprias impressões com as ideias que aprendeu nos textos publicados. Fazer o seu próprio livro é

especialmente importante se for o tipo de pessoa que acredita no que aprende num livro publicado ou com um professor. Você é o leitor e, em qualquer situação, as cartas estão diante de si e de mais ninguém. Sem a capacidade de responder instintivamente às imagens, nunca será capaz de escolher entre as interpretações possíveis, muito menos de encontrar um significado novo perfeitamente adequado para aquela leitura.

Todos possuímos a capacidade de responder intuitivamente, mas, como qualquer outra faculdade, este tipo de perceção requer treino e desenvolvimento. Um caderno ajudará aqui também. Além de lhe dar algo permanente para olhar mais tarde, o próprio ato de as escrever dará mais substância às suas ideias. Descobrirá também que as ideias originais se expandirão grandemente à medida que lhe ocorrem novos pontos enquanto as escreve.

Também pode treinar a intuição passando tempo com as imagens, olhando para elas, misturando-as, contando histórias com elas, acima de tudo, esquecendo o que é suposto significarem. Esqueça o simbolismo ao prestar atenção às cores, às formas, ao próprio toque e peso das cartas.

À medida que o leitor se torna mais competente, as leituras tornar-se-ão mais valiosas. A principal coisa que obtemos de qualquer leitura é informação, mas a informação pode ser de diferentes tipos. Para as pessoas com uma consciência das correntes espirituais subterrâneas que moldam todas as nossas vidas, o Tarot pode mostrar que forma particular essas correntes estão a tomar naquele momento. Para outros, as leituras podem mostrar os desenvolvimentos prováveis de uma situação ou decisão particular.

Procurar um novo emprego, começar um caso amoroso, continuar a escrever um romance – todas estas são questões mundanas, aparentemente distantes das preocupações místicas dos Arcanos Maiores. No entanto, são estas as coisas que a maioria das pessoas procura nas leituras de Tarot; e, de facto, são também as formas como verdadeiramente nos desenvolvemos, porque são as formas como nos envolvemos na vida. Elas formam a realidade que surge das correntes espirituais subterrâneas. Uma leitura de Tarot pode ajudar-nos a examinar as consequências de tais ações e decisões.

As leituras de Tarot, portanto, podem dar-nos informação. Mas agir com base nessa informação, especialmente se for contra os nossos desejos, continua a ser muito difícil.

Podemos inventar esquivas sem fim para negar a validade das leituras de Tarot. Num nível, dizemos a nós próprios: «É apenas um baralho de cartas.» Mas mesmo aqueles que não descartam as previsões do Tarot tão facilmente podem pensar: «Agora que sei o que diz, posso certificar-me de que não vai acontecer dessa maneira.» Pela altura em que comecei a usar as cartas de Tarot, consultei-as sobre algo que queria fazer, mas que reconhecia ser perigoso.

As cartas indicaram desastre e soletraram de forma bastante clara a forma que esse desastre tomaria. Disse então para comigo: «Bem, agora que vi os perigos, posso certificar-me de que os evito.» Segui em frente com o que queria fazer, e a situação correu, em detalhe, da forma que as cartas tinham previsto. Não tendo aprendido a lição, li as cartas novamente, esperando não a verdade, mas alguma mensagem tranquilizadora. Estava a usar um livro de significados nessa altura e, quando procurei a carta da *Base*, o livro dava como interpretação: «Fracasso em seguir um bom conselho.»

O problema em tomar uma decisão com base numa leitura de Tarot é que nunca sabemos como teria corrido de outra forma. Suponhamos que uma estudante pondera deixar a faculdade e as cartas a aconselham fortemente a não o fazer. Se ela seguir a leitura, nunca saberá o que poderia ter acontecido se tivesse seguido o seu desejo em vez disso. Claro que todo o propósito da leitura é que esta lhe diz o que teria acontecido. Mas ela perguntar-se-á sempre: e se não fosse verdade? Uma previsão, especialmente de um baralho de cartas, nunca pode carregar o mesmo impacto que a experiência real. A curiosidade, por si só, pode fazer-nos fazer coisas desastrosas.

É preciso coragem para vencer a curiosidade e o desejo. Há alguns anos, li que o poeta Allen Ginsberg e uma amante sua pensavam em ter um bebé juntos. Fizeram uma leitura, com o Tarot ou com o I Ching, já não me lembro qual, e obtiveram uma previsão negativa. Desistiram da ideia. Não sei o quanto queriam realmente um filho, mas lembro-me de admirar a sua força em resistir ao desejo. Eu próprio, uma vez, não fui a uma conferência potencialmente valiosa porque as cartas me mostraram consequências desagradáveis. Fui capaz de reconhecer a verdade do que as cartas indicavam, pelo menos no que dizia respeito ao que eu teria contribuído para a situação. Mesmo assim, achei difícil não ignorar a informação e seguir em frente.

Podemos inventar desculpas verdadeiramente maravilhosas para evitar a verdade óbvia de uma leitura. Se respeitarmos demasiado as cartas para simplesmente as declarar um disparate, procuraremos frequentemente

certas imagens «falsas» para desacreditar toda a leitura. A carta do *Desenlace* parece não se ajustar à situação? Em vez de a interpretar à luz das outras, deitaremos a perder toda a leitura.

Alguns livros aconselham os leitores a nunca deitarem as cartas para si próprios devido à falta de objetividade. Durante muito tempo, recorri a uma amiga para me fazer leituras e ela a mim, porque nenhuma de nós confiava em si mesma para interpretar as próprias cartas com honestidade. Quando comecei a fazer as minhas próprias leituras, ainda achei difícil superar vários truques mentais para evitar imagens desagradáveis. O meu favorito funcionava da seguinte forma: eu não podia ignorar as cartas de que não gostava ou simplesmente declará-las falsas ou exageradas. Isso teria parecido demasiado óbvio.

Portanto, procurava na leitura alguma imagem muito positiva, como o Ás de Copas, e dizia para comigo: «Bem, isto não pode ser verdade, nada de tão bom poderia sair desta confusão.» E depois descartava a leitura inteira com base no argumento de que, se esta única carta não fazia sentido, nenhuma das outras fazia. Outro truque que me apanhei a fazer foi dispor as cartas de forma muito descontraída, para que, se surgisse algo de mau, eu pudesse pensar: «Bem, não era bem isto que eu queria dizer, não o fiz a sério.» Só consegui ler para mim própria quando comecei a tratar as leituras da mesma forma que trataria as de qualquer outra pessoa: misturando as cartas cuidadosamente, trabalhando as imagens, tentando obter alguma direção para a ação (ou inação).

Uma leitura nem sempre dará uma resposta clara de sim ou não a uma pergunta. Pode mostrar simplesmente um complexo de tendências e influências. Por vezes, a leitura não envolve uma escolha devido a uma situação em curso que não pode ser facilmente evitada. Nesses casos, as imagens e os significados específicos tornam-se muito importantes. O Tarot pode ajudar-nos a precisar os elementos importantes na situação, aqueles que necessitam de mais trabalho para mudar, ou para concretizar, o desenlace previsto.

As pessoas podem usar a ideia: «Agora que sei o que diz, posso fazer algo a respeito» como uma desculpa para seguirem os seus desejos. No entanto, a afirmação continua a ser verdadeira. Talvez tenhamos uma atitude muito pessimista, ou um medo exagerado, ou uma esperança irracional. Reconhecer tais coisas ajuda-nos a obter uma perspetiva mais clara. Talvez a nossa experiência passada governe o nosso comportamento ou confunda o que esperamos do futuro. Saber isto conscientemente pode colocar-nos a caminho de o superar. Ou talvez as cartas nos mostrem o ciúme ou a facciosidade de outra pessoa; podemos então tomar medidas

para nos libertarmos da influência dessa pessoa. Ou, se as cartas mostrarem amor e apoio de alguém, sabemos que podemos confiar nessa pessoa.

Todas estas coisas exigem algum tipo de resposta para se tornarem reais. Não podemos esperar fazer uso da amizade de uma pessoa se não nos abrirmos a ela. Sempre que possível, o leitor deve tentar apontar ao sujeito passos definitivos que possam ser dados para fazer o melhor uso da informação. Se o leitor não puder recomendar um curso de ação concreto, deve então indicar em que área o sujeito precisa de trabalhar.

Acima de tudo, o leitor deve aprender a formar um padrão coerente a partir da leitura. Muitas vezes, os leitores principiantes aprendem as cartas e avançam até ao ponto em que conseguem interpretar habilmente cada imagem na sua posição específica. No final, o sujeito depara-se com um amontoado de pontos diferentes e nenhuma ideia clara de como tudo se encaixa. Um bom leitor consegue resumir o que a leitura diz em poucas frases. Normalmente, procuro fazer isto tanto no início como no fim da leitura, gravando na mente do sujeito os pontos mais importantes. O *Ambiente* apoia ou estorva? As *Expectativas* da pessoa ajudam ou prejudicam? O *Desenlace* trará um *Resultado* valioso? O sujeito precisa de ver estas perguntas respondidas, não apenas em toda a sua complexidade, mas também da forma mais simples possível. E como é que uma coisa surge de outra? Como é que o passado ajuda a formar o futuro? O que é que a pessoa contribui para a situação global?

A par da coerência surge a necessidade de uma abordagem positiva. Não basta retratar as coisas como elas são. A pessoa quer saber o que fazer, o que não fazer. Se as cartas mostrarem algo de bom, o sujeito ainda precisa de saber como ajudar a que isso aconteça. E se mostrarem um desastre, o leitor deve dizê-lo, mas pode também dizer o que a pessoa pode fazer, se for caso disso. O que provoca este *Desenlace* desagradável? Podem estas influências ser alteradas ou evitadas? Como pode a pessoa contrariá-lo ou, pelo menos, amortecê-lo? Que elementos mostram outras possibilidades? Podemos esperar que algo de bom saia dali?

Se o *Desenlace* resultar de um determinado curso de ação, deverá a pessoa abandoná-lo? Quando fazemos uma leitura de Tarot para alguém, assumimos a responsabilidade de tentar orientar essa pessoa numa direção positiva.

Para além de sugestões específicas de «faça isto em vez daquilo», reside uma área mais ampla de ação possível, derivada da forma como os naipes se equilibram mutuamente. Na introdução a cada naipe, considerámos os seus problemas e a forma como poderíamos «adicionar»

outros naipes/elementos. Na prática, esta adição é frequentemente difícil de alcançar, porque significa quebrar o padrão mostrado na própria leitura. Por esta mesma razão, contudo, vale a pena tentar em situações em que a leitura mostra um beco sem saída se a pessoa permanecer com os elementos fornecidos.

A forma mais direta de trazer uma influência externa envolve sugestões simples. Se a leitura indicar a necessidade da influência de enraizamento de Ouros, o sujeito pode tentar fazer coisas mais físicas, como desporto ou jardinagem, ou prestar mais atenção a atividades mais mundanas, como o trabalho ou o estudo, ou manter-se ocupado em casa. Se la leitura mostrar uma necessidade das qualidades aquáticas de Copas, então o leitor pode enfatizar os sonhos e fantasias da pessoa, e pode sugerir atividades como a meditação ou o desenho.

Uma pessoa pode suprir uma necessidade de Paus tornando-se mais ativa fisicamente, competindo com outras pessoas ou iniciando novos projetos. E uma necessidade de Espadas exigiria uma abordagem sóbria e cuidadosamente pensada para a situação da pessoa. O aspeto importante nestas recomendações é que elas vão além da leitura. Elas lidam tanto com as cartas que não aparecem como com as que aparecem. Portanto, os leitores principiantes devem usar este método com cuidado, para não presumirem demasiado conhecimento e controlo da sua parte.

MEDITAÇÃO

Até agora, considerámos respostas práticas à informação obtida a partir de uma leitura. Mas uma leitura de Tarot não são as palavras que a descrevem; é antes uma série de imagens. E a resposta mais direta a uma leitura depende do trabalho com as próprias imagens. Para as pessoas que conhecem bem as cartas, ou para pessoas com alguma experiência em meditação, torna-se possível trabalhar diretamente com as imagens para ajudar a produzir os efeitos associados a essa carta. Não há nada de vago ou misterioso neste processo. Requer concentração, bem como um sentimento instintivo, e não substitui os passos práticos. Pelo contrário, ajuda a tornar esses passos mais acessíveis. Pois, se a carta da Força aparecer numa leitura como algo de que precisamos na nossa vida, por que não deixar que a própria carta nos ajude a obtê-la?

Além da meditação real, recomendo frequentemente às pessoas que tragam uma determinada carta consigo e que tentem manter a consciência de que ela está ali, tirando-a de tempos a tempos para olhar para ela e pensar no seu significado. A consciência constante ajuda a manter também toda a leitura em foco.

A meditação também pode ajudar a trazer novas influências de fora da leitura. Suponhamos que a Estrela não aparece na leitura, mas, como leitores, pensamos que deveria aparecer. Por outras palavras, o arquétipo da Estrela parece-nos simbolizar exatamente as qualidades de que a pessoa necessita. Ora, podemos mostrar a carta à pessoa e discutir as ideias associadas a ela. É mais valioso, contudo, dar à pessoa uma experiência real da carta.

Brevemente, o método funciona da seguinte forma. Começamos por conduzir a pessoa a um estado meditativo; ajudamo-la a relaxar, a respirar profundamente, a libertar todos os pensamentos e tensões que atravancam a consciência. Quando o sujeito atinge este nível (e com um pouco de experiência conseguimos senti-lo), começamos então a dar sugestões que conduzem para dentro da carta. As sugestões podem ser uma descrição da carta para definir o cenário (com a Imperatriz, por exemplo: «Está num jardim cheio de flores, com um rio a correr ao lado. Há uma mulher deitada num divã...») ou, mais simplesmente, imagens básicas como o sol, a água, o vento, que pertencem às qualidades arquetípicas da carta.

Normalmente, é melhor manter estas sugestões iniciais o mais simples possível. Se descrevermos la carta, não devemos tentar incluir todos os detalhes. Deixemos que o sujeito crie as impressões reais. Funcionamos apenas como um guia para incitar a pessoa a avançar. Algumas pessoas seguem uma abordagem alternativa, frequentemente chamada *path-working* (trabalho de caminhos), porque a utilizam para se moverem ao longo dos caminhos da Árvore da Vida. Neste método, o guia fala mais ou menos o tempo todo, certificando-se de que a pessoa experimenta um conjunto particular de imagens.

Podemos manter a experiência neste nível básico ou podemos desenvolvê-la mais. Podemos dar sugestões mais complexas e começar a fazer perguntas – «O que vê?», «O que está a pessoa a fazer?», «Consegue ouvir alguma coisa?» – para que o sujeito comece a estender a fantasia para além das nossas direções. Por vezes, a meditação permitirá à pessoa experimentar os elementos arquetípicos de uma forma nova. Outras vezes, pode ir ainda mais longe; as imagens transformar-se-ão, libertando alguma consciência intensa do interior da pessoa. Várias vezes liderei uma meditação de grupo com uma turma e, depois, houve quem me dissesse que a meditação lhe tinha permitido resolver algum problema de longa data ou um bloqueio emocional. Tais avanços, claro, vieram das próprias pessoas. Elas estavam prontas para ir além do seu estado atual para um novo nível, já estavam prontas há algum tempo, mas não conseguiam dar o passo para

atravessar. A meditação permitiu-lhes fazer isso sem darem por isso até ter acontecido.

A meditação também pode ajudar uma pessoa a desenvolver um sentido mais profundo e mais pessoal de uma determinada carta. Uma vez, fiz uma meditação com alguém que achava o Imperador uma imagem dura e remota, quase assustadora e, certamente, pouco atraente. Comecei por lhe definir o cenário – um deserto pedregoso junto a uma imagem estreita. Isto abriu-se depois para uma vasta planície cheia de súbditos do Imperador. Quando a pressionei a descrever estas pessoas, ela viu-as todas encapuzadas – isto é, sem rosto – e curvadas, a trabalhar em tarefas semelhantes a robôs. A expressão feroz do Imperador impedia as pessoas de ousarem olhar para ele. As pessoas simbolizavam a mulher e a sua relutância em aprofundar a carta.

Disse então à mulher para fazer exatamente isso – não apenas olhar para o Imperador, mas aproximar-se mesmo dele. Quando o seu eu da fantasia o fez, aconteceu uma coisa estranha. O Imperador mudou de um déspota para uma espécie de marioneta inofensiva, enquanto por trás dele se erguia uma vasta figura fantasmagórica ou espiritual, bela e benevolente. O medo da mulher e a sua reação contra a estrutura social do Imperador tinham dado lugar a uma sensação da estrutura espiritual que subjaz ao universo.

Esta experiência não só deu à mulher uma noção muito maior do significado mais profundo do Imperador, como teve o mesmo efeito em mim. Com ela, fui além da imagem do Imperador como sociedade para o significado mais oculto da carta como símbolo do próprio cosmos. Sempre que proporcionamos uma meditação a alguém, participamos nela nós próprios.

Ao mesmo tempo, só podemos liderar um exercício deste tipo com outra pessoa depois de termos adquirido alguma experiência nós próprios. Se for um principiante na meditação, deve perceber, acima de tudo, que a meditação tende a funcionar melhor quanto mais a praticar. Se nunca tentou antes, pode ter um efeito poderoso na primeira vez que tentar. Mais provavelmente, contudo, achará difícil concentrar-se, ou ficará simplesmente desconfortável fisicamente ao tentar sentar-se sem se mover. Continue a praticar e, se possível, recorra a um professor para lições de aspetos básicos como a respiração e a postura.

Não vou recomendar nenhuma técnica específica para entrar num estado meditativo. Há uma grande quantidade de livros e aulas sobre este assunto, e muitas pessoas descobrirão que precisam de tentar algumas antes

de encontrarem o melhor método que melhor funcione para elas. Embora a maioria destas técnicas se adapte ao trabalho com o Tarot, as que envolvem visualização (em comparação com as que enfatizam os cânticos ou o esvaziamento total da mente) transferir-se-ão mais facilmente.

Diferentes pessoas usam diferentes métodos para trazer a carta para as suas meditações. Algumas começam com os olhos fechados e não olham para a carta até terem atingido um determinado estado; outras fazem o oposto. Começam por olhar fixamente para a carta até atingirem uma certa unidade com ela, depois fecham os olhos e deixam as imagens continuar a partir daí. Outras seguram a carta à distância de um braço e depois puxam-na lentamente em direção ao plexo solar, «trazendo-a para a aura».

Independentemente da forma como começa, recomendo que trabalhe com as imagens e os sentimentos que surgem da carta, em vez do simbolismo que aprendeu a associar a ela. Deixe que a imagem o afete, permita que as suas reações a ela venham à superfície e depois se afastem de si antes que bloqueiem qualquer outra experiência. Por vezes, achei útil olhar fixamente sem focar para a carta, de modo a que os símbolos e as formas se dissolvam em cor e forma.

Outras vezes, particularmente quando dou uma meditação a outra pessoa, ignoro a imagem real e sugiro alguma cena associada a ela. Por exemplo, para o Louco, em vez daquela pessoa em particular no seu fato multicolorido, usarei uma imagem mais simples de um topo de montanha e de uma luz solar límpida. É mais importante colocar a pessoa, ou a si próprio, no cenário do que seguir a carta exatamente.

O movimento ou a postura também podem ajudar a evocar algumas cartas. Para o Mago, pode colocar-se de pé ou sentar-se com um braço erguido «em direção ao céu» e o outro a apontar para a terra.

Por vezes, a meditação não irá além de uma tomada de consciência da carta, ou da descoberta de novas ideias sobre ela e sobre si próprio. Outras vezes, dar-se-á conta a «entrar» na carta, isto é, a encontrar-se dentro da imagem a encenar alguma situação com as figuras da ilustração. Isto pode acontecer de forma avassaladora, de modo a que sinta todo o seu ser ali em vez de aqui. Mais provavelmente, experimentá-lo-á como uma fantasia a desenrolar-se diante de si, mantendo ao mesmo tempo a consciência de estar sentado no chão ou deitado na cama. De qualquer modo, é difícil descrever em palavras estas experiências intensas. Elas carregam tanto um significado pessoal como arquetípico, pois embora as cartas ostentem imagens de significado mais profundo, o que fazemos com essas imagens provém das nossas próprias necessidades e experiências.

Várias pessoas, como P. D. Ouspensky e Joseph D'Agostino, tentaram redigir as suas próprias meditações de Tarot como exemplo ou guia. Para mim, estas descrições não transmitem realmente a experiência de a carta ganhar vida, de nos tornarmos parte da imagem. Cada pessoa experimentará coisas diferentes nesses momentos. Por exemplo, com a Força, pode ver-se a correr com o leão, ou então a grinalda de flores da mulher pode envolver-se em si, ou pode tornar-se a própria mulher ou o leão; ou mesmo, como me aconteceu uma vez, a mulher pode soltar o leão para saltar em cima de si e o arranhar e morder.

Aqui ficam mais algumas pistas. Se não tiver uma imagem específica com a qual deseje trabalhar, pode fazer uma leitura ou simplesmente percorrer o baralho até que uma carta o prenda e o puxe para dentro dela. Depois, coloque-a diante de si e comece com a sua meditação normal. Tome consciência da imagem, pondo de lado quaisquer ideias que possa ter sobre ela. Mantenha os olhos fechados ou abertos, dependendo do que funcionar para si; a maioria das pessoas descobre que prefere os olhos fechados, pelo menos quando a fantasia começa. Tente ver-se e sentir-se naquele lugar com aquelas pessoas e animais.

Como mencionado anteriormente, se estiver a dar uma meditação a outra pessoa, deve dar-lhe sugestões para a envolver com a imagem. Poderá descobrir, após algumas experiências, que quer usar tais sugestões consigo próprio. Para o Enforcado, uso frequentemente a imagem de subir a uma grande árvore, parando em diferentes níveis para olhar para a terra e para o mar abaixo de mim, para o céu e para as estrelas acima. Ou poderá querer simplesmente uma descrição da carta que possa ouvir com os olhos fechados. Se desejar usar tais guias, poderá considerar valioso fazer uma gravação com antecedência para que a sua mente consciente não tenha de se ocupar a lembrar-se do que vem a seguir. Tente temporizar a gravação de modo a deixar espaços de silêncio suficientes para poder reagir. Pode incluir o início da meditação na gravação, instruindo-se a relaxar, a respirar profundamente, etc., ou pode simplesmente deixar um longo silêncio. De qualquer modo, a maioria das pessoas prefere ligar a gravação no início e deixar que as instruções surjam sem terem de tomar uma decisão consciente. Pode, naturalmente, usar a mesma cassete uma e outra vez, preparando deixas para cartas diferentes. Ou pode fazer uma gravação geral, com instruções sobre relaxamento, fusão com a carta e assim por diante.

Acima de tudo, não tente dirigir ou controlar o que vai emergir. Isto aplica-se tanto às meditações que proporciona a outros como a si próprio. Há aqui uma linha muito ténue. Direção a menos e a atenção da pessoa irá

dispersar-se; direção a mais e não permitirá que a imaginação do sujeito crie o seu próprio mundo. Tal como noutras situações, a experiência é o melhor guia. Tanto para si como para os outros, tente não antecipar, e não temer, o que experimenta. A maioria das pessoas não respeita suficientemente a sua imaginação. Pensa que consegue compreender tudo o que a imaginação lhe mostra.

Se veem imagens súbitas de monstros, ou demónios, ou da morte, pensam que isso significa algo terrível vindo de dentro de si mesmas, algo que não desejam enfrentar. Mas a imaginação é muito mais subtil do que isso. Funciona à sua maneira, pelas suas próprias regras. Muitas vezes, o que parece perturbador ao início transformar-se-á em algo inspirador. Jung chamou à imaginação «o órgão do inconsciente». Se lhe der rédea solta, ela levá-lo-á para onde a sua mente consciente não teria pensado – ou ousado – ir.

Tudo isto se aplica especialmente às cartas Portal, bem como às Maiores. A sua qualidade sem palavras de Estranheza conduz-nos muito além dos significados literais que lhes estão associados. Ao mesmo tempo, porque representam certas qualidades, também nos podem ajudar a alcançar essas qualidades. Se ajuda trazer uma carta connosco, ajuda ainda mais trazer uma carta Maior ou Portal. São imagens poderosas, com um efeito muito próprio. O ato de olhar para o Nove de Ouros, deixando-o entranhar-se em si, ajuda a criar disciplina, tal como trazer consigo e olhar para o Seis de Ouros ou para a Sacerdotisa o ajudará a focar a sua consciência de uma forma recetiva.

CRIAR UMA «MANDALA»

Até agora, considerámos formas de trazer a influência de cartas individuais para as nossas vidas. Mas uma leitura contém muitas cartas que funcionam em conjunto. Para fazer uma leitura ganhar vida, considerei valioso criar o que chamo uma «mandala» – um padrão formado a partir de várias cartas. Estas cartas podem incluir não apenas as da leitura, mas outras cujas qualidades apoiarão a direção que a leitura aconselha. Este ato de adicionar deliberadamente cartas que não constam da leitura estende novamente o equilíbrio entre o consciente e o inconsciente. A leitura penetrou nas áreas inconscientes do conhecimento para apresentar uma imagem da situação tal como ela existe agora. Através da mandala, e através da introdução de novas cartas deliberadamente retiradas do baralho, podemos estender ou transformar a situação.

Eis um exemplo de uma mandala na qual não foram necessárias cartas extra. A própria leitura forneceu todas as imagens de que precisávamos. O

seguinte *Ciclo de Trabalho* (Fig. 92) dizia respeito a uma mulher que se sentia isolada das pessoas ao seu redor, apesar de várias amizades aparentemente boas.

A Cruz ilustrava perfeitamente a situação: Dois de Ouros invertido cruzado pelo Seis de Espadas. Mostrava que a sua situação central de fingir desfrutar da vida e das relações com os outros (Dois de Ouros) produzia uma sensação de funcionamento («as espadas não pesam no barco»), enquanto ela permanecia incapaz de se ligar às pessoas ao seu redor. Permanecia como a mulher no barco, envolta na sua mortalha, silenciosa.

Brevemente, interpretei as outras cartas da seguinte forma. O Eremita invertido na posição de *Experiência Passada* mostrava a realidade das amizades. Ao mesmo tempo, comparando-o com a Sacerdotisa no final, sugeria que ela não tinha aprendido a usar o seu sentido de solidão de forma criativa, para desenvolver a sua individualidade. O Oito de Espadas invertido como as *Expectativas* mostrava um desejo de se compreender a si própria e à situação, libertando-se assim dela. Também refletia o lado político do problema, pois uma boa parte do isolamento da mulher provinha do facto de pertencer a um grupo minoritário, com experiências não partilhadas por nenhum dos seus amigos. A um certo nível, ela estava sozinha. Mas em vez de valorizar a sua singularidade entre as pessoas ao seu redor, permitia-se esconder as suas próprias experiências numa tentativa de se integrar.

As três cartas do *Trabalho* eram o Rei de Paus invertido, a Morte invertida e o Dez de Ouros invertido. O facto de todas as cartas até ao momento terem saído invertidas e, no entanto, várias – como o Oito de Espadas invertido – convidarem a uma leitura positiva, mostrava a necessidade de mudança. O Rei descrevia uma atitude a tomar em relação a si própria e aos outros: firme, mas tolerante com a confusão e a fraqueza. A Morte invertida, como inércia, indicava o perigo de não fazer nada.

A necessidade de a colocar na posição normal tornou-se evidente quando a comparámos com o Seis de Espadas acima dela. Essa carta mostra uma viagem modelada na viagem das almas dos mortos. Para se libertar do barco do isolamento, da sensação de uma meia-vida, ela teria de completar a sua viagem «morrendo»; isto é, desapegar-se da personalidade que se tinha habituado a relações superficiais e ao isolamento interior. O Dez de Ouros invertido indicava que, para o fazer, ela teria de arriscar com a segurança da sua situação atual e empurrar as suas amizades confortáveis, mas limitadas, para níveis mais intensos.

O Ás de Espadas, como carta do *Desenlace*, mostrava a atitude forte bem como a mente percetiva e afiada de que ela precisaria, e encontraria, para abrir a situação atual. O *Resultado* deste *Desenlace*, o Oito de Paus, indicava o sucesso da aposta. A carta carrega sugestões de amor e amizade. Simboliza uma viagem – a viagem espiritual de barco – a chegar ao fim. Mais diretamente, significa a repressão do Oito de Espadas transformada em energia positiva.

Virámos então mais cinco cartas num padrão de três abaixo das cartas do *Trabalho*, e depois uma e uma abaixo do Centro. (Não houve nenhuma razão especial para fazer isto em vez de dispor outra linha. Foi simplesmente uma escolha intuitiva – uma escolha que provou ser valiosa.) As três cartas davam mais atitudes e abordagens à situação. Primeiro, a Roda da Fortuna invertida indicava as mudanças que ela desejava fazer. A posição invertida sugeria dificuldades e reforçava o elemento de risco do Dez de Ouros (lembrem-se de que a Roda também é o 10).

O Quatro de Ouros surgiu abaixo da Morte invertida. Implicava tanto a ideia de libertar energia como a de manter uma estrutura na sua vida enquanto desafiava o padrão das suas amizades. A terceira carta continuava este significado. Surgindo abaixo do Dez de Ouros invertido, o Dez de Copas insistia que, enquanto a mulher corria estes riscos, deveria manter a consciência do amor genuíno que os seus amigos sentiam por ela. Referia-se também à ideia de que ela não devia duvidar da pessoa com quem vivia, pois aí recebia apoio total e deveria responder a essa dádiva com confiança.

A Sacerdotisa indicava que, num certo sentido, ela permaneceria sozinha, pois as pessoas ao seu redor continuariam a não partilhar do seu historial e das suas experiências. O silêncio da Sacerdotisa, contudo, não é o silêncio do Seis de Espadas. Embora silenciosa para os outros, a Sacerdotisa sugere uma forte comunicação interna, uma aceitação e conhecimento de si próprio que uma pessoa não consegue exprimir em termos racionais concretos a outras pessoas. A carta falava especialmente à mulher, que era poetisa e tinha escrito recentemente um poema usando a metáfora de uma linguagem privada para expressar precisamente esta ideia de um conhecimento profundo disponível apenas para si própria.

Abaixo da Sacerdotisa surgiu a Imperatriz, o outro lado do arquétipo feminino. Tal como nos Arcanos Maiores, as duas cartas complementavam-se, pois a Imperatriz significava um envolvimento apaixonado com a vida e com a amizade, não como uma oposição à consciência interior da Sacerdotisa, mas como um resultado dela. A partir de uma posição de autoaceitação, a mulher podia dar-se abertamente às pessoas ao seu redor.

Com uma leitura tão poderosa, a mulher quis trabalhar mais detalhadamente com as imagens. Por conseguinte, construímos uma mandala para usar na meditação e no estudo (ver Fig. 93). Começámos com a Morte como o centro, pois a transformação continuava a ser a chave. Abaixo da Morte surgiu a Sacerdotisa à esquerda, significando o facto de que a comunicação interna deve acompanhar o processo para que a Morte produza resultados reais. O Ás de Espadas, à direita, representava a agudeza de espírito. A Imperatriz ficou posicionada acima, para concretizar a nova forma desejada de se relacionar com o mundo exterior.

Em seguida, colocámos cartas nos quatro cantos em redor da estrutura, começando com o Seis de Espadas e o Oito de Paus na parte inferior esquerda e direita, respetivamente. As cartas mostravam a viagem e o seu fim esperado. Para os cantos superiores, usámos o Oito de Espadas invertido e o Rei de Paus invertido – a ação desejada e a atitude necessária para a produzir. Finalmente, como «pernas» para a mandala, colocámos o Dez de Copas abaixo do Oito de Paus, e o Dez de Ouros invertido abaixo do Seis de Espadas. As imagens ficaram então com este aspeto:

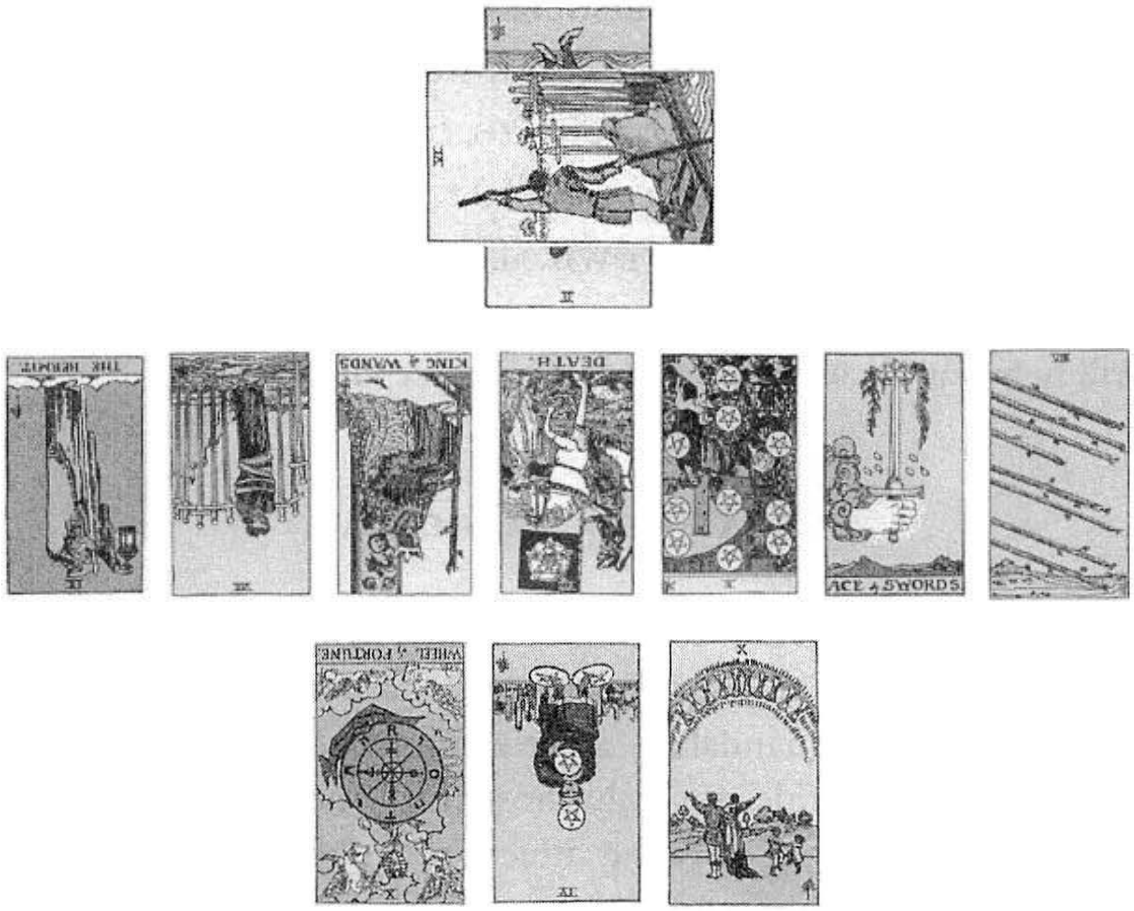


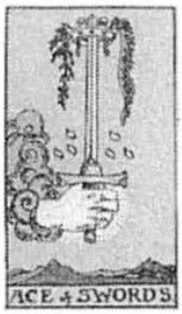
Figura 92 Exemplo de uma leitura de ciclo de trabalho

Se tiver um baralho de Tarot Rider, disponha-o como no diagrama e olhe para ele durante algum tempo. Note que, para a meditação, pode concentrar-se numa única carta, como a Morte no centro, ou deixar que todo o padrão se entranhe na mente, talvez movendo as imagens de um lado para o outro. Uma vez que a mandala contém todos os elementos, com os trunfos no meio, a mulher podia manter o equilíbrio ao interiorizar a imagem.

Se estudar uma tal disposição, emergem novas relações entre as cartas. O Oito de Espadas e o Oito de Paus são parceiros óbvios; o mesmo acontece com o Dez de Copas e o Dez de Ouros invertido. Mas o Oito de Paus e o Rei de Paus invertido também fornecerão novos significados quando os considerarmos em conjunto, assim como o Oito de Espadas invertido e o Seis de Espadas. Porque reformulámos a leitura num padrão geométrico, podemos traçar linhas, triângulos, etc., descobrindo constantemente novas ideias e novos padrões. De certa forma, a mandala cria novas leituras a partir das mesmas imagens.

Para construir esse padrão, escolha as cartas mais importantes da tiragem e trabalhe a partir do centro para o exterior, tentando construir a imagem de forma orgânica. Coloque as cartas necessárias para dar apoio na parte inferior e as cartas que simbolizam objetivos na parte superior. Não hesite em introduzir cartas que não apareçam na tiragem original se sentir uma forte necessidade das qualidades que essas cartas representam. Se

perceber, por exemplo, a necessidade de Temperança, coloque-a abaixo do centro; ou, se a tiragem indicar a necessidade de uma força de vontade e disciplina mais desenvolvidas, poderá colocar o Carro e o Nove de Ouros lado a lado acima da mandala, como objetivo. Desta forma, assume o controlo da interpretação, abrindo-a para incluir aquilo que a sua intuição lhe diz que a pessoa necessita.



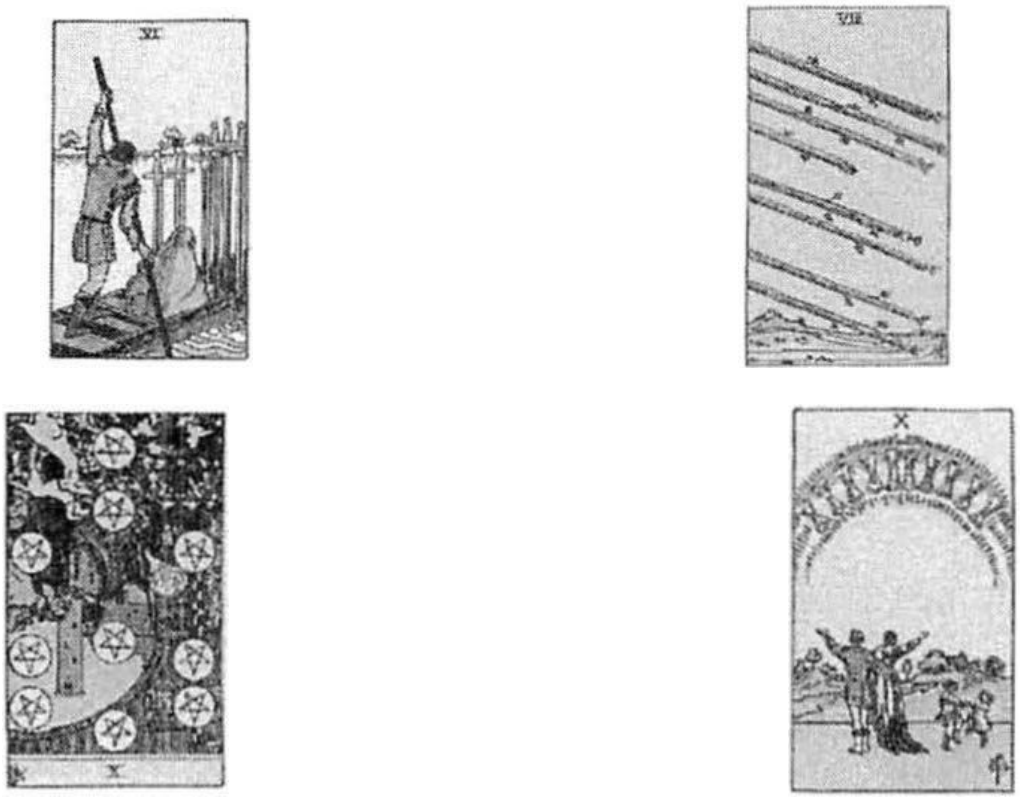


Figura 93 Exemplo de uma mandala

CAPÍTULO TREZE

O QUE APRENDEMOS COM AS LEITURAS DE TAROT

A maioria das pessoas consulta uma leitura de Tarot para obter informações específicas. Aqueles que compreendem as cartas um pouco melhor podem encarar a leitura como um meio de encontrar uma direção. E aqueles que acompanham uma série de leituras verão nelas um método para se manterem em harmonia com os padrões em mudança da vida. Mas passar muito tempo a deitar as cartas para si próprio e para os outros é descobrir muitas coisas para além da informação pessoal.

Já vimos algumas destas coisas. Uma é a reação pessimista das pessoas às leituras. Outra, mais importante, é a forma como as leituras de Tarot exigem – e, portanto, criam – um equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, o intuitivo e o racional, a impressão imediata e o conhecimento estabelecido, o lado direito e o esquerdo do cérebro. Não conseguimos criar tal equilíbrio simplesmente por querermos. Temos de o deixar crescer. As leituras de Tarot podem ajudar a que isso aconteça.

Mas o Tarot ensina-nos também outras coisas. Ensina-nos a prestar atenção. À medida que começamos a aprender as formas como as pessoas agem, e as formas como o mundo age sobre elas, habituamo-nos cada vez mais a notar o que os outros fazem e o que fazemos nós próprios. Suponhamos que uma pessoa adoece sempre que se aproxima uma época de férias. Isto poderia continuar por anos sem que a pessoa fizesse a ligação e visse todas essas doenças como um truque subconsciente para evitar algum problema ou medo associado às férias. Uma leitura de Tarot pode tornar a pessoa consciente desse problema – e torna o leitor consciente de mais um exemplo de manobra subconsciente. Só a prática de ler o Tarot ajudar-nos-á a observar estes truques de comportamento, tanto em nós próprios como nos outros.

Assim que começamos a prestar atenção ao que fazemos e ao que acontece como resultado, notamos todo o tipo de coisas, não apenas através das leituras, mas na vida quotidiana; padrões de raiva e de confiança, de esperança e de medo, e como a nossa resposta às situações pode vir de dentro de nós e não da situação em si. Tornamo-nos mais conscientes da forma como lidamos com o trabalho e com os amigos, de tendências para desviar a responsabilidade tanto para fora de nós («Não é justo» ou «Tu fizeste-me isto») como para cima de nós («A culpa é toda minha»). Notaremos, por exemplo, que dizer «A culpa é toda minha» é frequentemente um truque para evitar ver o que realmente fizemos. Ao torná-lo um tudo ou nada, torna-se fácil evitar uma avaliação verdadeira da situação.

Prestar atenção torna apenas um pouco mais difícil ficar deprimido ou manipular as outras pessoas. À medida que começamos a observar as razões subtis pelas quais as pessoas choram, se zangam ou acusam os outros, saberemos pelo menos um pouco sobre nós próprios quando fizermos essas coisas.

As leituras de Tarot tornam-nos conscientes da maravilhosa variedade da natureza humana. Conforme as mesmas cartas surgem em infinitas combinações diferentes, torna-se claro que as pessoas conseguem sempre produzir algo de novo. Ao mesmo tempo, a novidade surgirá sempre por cima de padrões subjacentes. Através das leituras aprendemos, na generalidade, as formas como o passado afeta as pessoas, as formas como as suas esperanças e medos ajudam a criar o futuro. Mas as situações passadas específicas e as expectativas futuras – estas surpreender-nos-ão sempre.

Aqui, novamente, aprendemos o hábito de prestar atenção. Pois, se começarmos a interpretar as cartas automaticamente com base em livros de

autoridade ou em leituras passadas, então perdemos a verdade, e as leituras tornam-se superficiais e confusas. Mantenha um livro de leituras passadas, sim, mas não simplesmente para o usar como exemplo para trabalhos futuros. Em vez disso, o livro pode ajudar a lembrar-nos da variedade e da constante novidade do comportamento humano.

Notem que, tal como na criação do equilíbrio, o Tarot não se limita a ajudar-nos a prestar atenção. Obriga-nos a fazê-lo se quisermos que as nossas leituras produzam bons resultados. As leituras de Tarot agem como uma espécie de programa de exercícios psíquicos que fortalece os músculos percetivos.

O que as pessoas fazem com a informação que obtêm das leituras de Tarot ensina-nos algumas lições importantes sobre o livre-arbítrio. Muitas pessoas encaram a questão do livre-arbítrio como um absoluto. Ou fazemos escolhas constantes ou agimos de acordo com o destino. Para lhe dar um contexto mais moderno: fazemos o que fazemos como uma escolha deliberada naquele momento, ou como resultado de uma vida inteira (ou de muitas vidas) de condicionamento?

Em termos de Tarot, esta torna-se uma questão prática. Se eu agir livremente em qualquer momento, então como podem as cartas prever o que farei? Que significado pode ter a leitura se a minha escolha permanecer totalmente aberta até ao momento em que faço algo? Ou será que algum poder me obriga a agir da forma que as cartas prevêm?

Estes problemas tornam-se mais fáceis se abandonarmos a abordagem absoluta do tudo ou nada para a questão. Podemos então dizer que sim, que retemos sempre o livre-arbítrio, mas raramente o usamos. O nosso condicionamento, a nossa experiência passada, acima de tudo a nossa ignorância de todas estas coisas, tendem a manipular-nos em certas direções. A leitura reflete estas influências e mostra o seu resultado provável. As cartas não obrigam a situação a desenrolar-se de uma determinada maneira. Elas limitam-se a refletir a forma como as influências se combinam na vida real. Podemos tomar uma decisão diferente quando chegar a altura de agir. E, no entanto, não o fazemos. Uma e outra vez na vida, com pouco conhecimento consciente, entregamos a nossa liberdade de escolha. Permitimos que a nossa história e o nosso condicionamento nos movam. Fazemos isto em parte por ignorância, e em parte por preguiça. É muito mais fácil seguir o condicionamento do que agir com base em decisões verdadeiramente conscientes.

Quando eu «fracassei em seguir um bom conselho», quando disse para comigo «Agora que fiz a leitura, posso certificar-me de que essas coisas

más não vão acontecer», quando segui em frente com o meu plano original de modo a que os problemas previstos surgissem, demonstrei como não usei o meu livre-arbítrio. Evitei-o ao mesmo tempo que fingia estar a agir com base nele. Este tipo de coisas acontece repetidamente, e o ato de fazer leituras de Tarot mostra-nos de forma muito viva as maneiras como as pessoas negam a sua liberdade. É esta relação entre a liberdade e o condicionamento que constitui um dos conhecimentos mais valiosos que o Tarot nos pode dar.

O Tarot ensina-nos também a valiosa lição do contexto. Por mais absoluta que uma qualidade nos possa parecer em abstrato, na realidade ela afeta-nos apenas no contexto de outras influências. As leituras demonstram este facto de uma forma prática, como no caso da mulher a tentar lidar com o ciúme do seu amante. Uma carta habitualmente considerada positiva, o Sol, tendeu na verdade para um mau resultado, pois, ao esperar pelo Sol, ela não enfrentou as necessidades da situação e, de facto, permitiu que as ideias de outras pessoas ditassem o que ela queria.

A par do contexto, aprendemos as formas como os elementos da vida se equilibram mutuamente. Vemos, antes de mais, como os naipes e as cartas específicas se combinam para formar uma situação unificada, sem que nenhum naipe seja melhor ou pior do que qualquer um dos outros. Os astrólogos descobrem frequentemente que os clientes esperam que certos signos e elementos dominem os seus mapas, e mostrarão desilusão ou mesmo vergonha se outros aparecerem.

De forma semelhante, para algumas pessoas que sabem um pouco sobre Tarot, se uma leitura mostrar muitos Paus, ou Copas, sentir-se-ão confortadas; se mostrar Espadas, ficarão assustadas; e se mostrar Ouros, pensarão nisso como algo trivial, até insultuoso. Algumas só aceitarão uma leitura que contenha muitas cartas Maiores, porque apenas os trunfos, com as suas implicações de poder e consciência espiritual, lhes parecem importantes.

Mas mesmo os Arcanos Maiores formam apenas um elemento, sem significado sem os outros. Estudamo-los isoladamente pela sua sabedoria e poderosa descrição da existência. Mas na prática precisamos de misturar o espiritual com o mundano, o feliz com o triste, o amor e a raiva juntos para compreender o mundo.

As cartas ensinam ainda um outro equilíbrio, um equilíbrio sugerido nos pratos da Justiça. Como se relaciona o passado com as possibilidades futuras? Como combinamos os efeitos da nossa própria decisão com as influências do mundo exterior? O que queremos dizer quando dizemos que

assumimos a responsabilidade pelas nossas vidas? Significa que criamos ou controlamos tudo o que nos acontece? Como no caso do livre-arbítrio, muitas pessoas gostam de pensar na responsabilidade de uma forma absoluta. Ou o mundo nos molda inteiramente, ou retemos o controlo total sobre as nossas vidas. As leituras de Tarot gravam a ideia de que a situação de uma pessoa em qualquer momento deriva de uma combinação destas coisas. Assim como uma pessoa muito baixa não pode esperar tornar-se um jogador profissional de basquetebol, essa mesma pessoa não deve considerar toda a sua vida dominada pela altura.

As pessoas que aceitam esta ideia em teoria podem ainda perguntar: O que conta mais – a situação ou a responsabilidade pessoal? Qual delas controla realmente uma pessoa? Mas as leituras de Tarot demonstram a falta de sentido desta e de perguntas semelhantes. Nalgumas leituras, a posição do *Eu* ou das *Esperanças e Medos* dominará claramente. Noutras, a *Base* ou o *Ambiente* provarão ser os fatores determinantes. Depende da pessoa e da situação particular.

As leituras de Tarot ajudam-nos a desenvolver confiança nas nossas próprias perceções. Em parte, isto provém do conhecimento adquirido e, em parte, da necessidade de fazer escolhas e de nos mantermos fiéis a elas. Qual dos significados de uma carta se aplica num caso particular? Será que uma carta da corte se aplica ao sujeito, a alguma outra pessoa ou a um princípio abstrato, como o Rei de Espadas significando a lei e a autoridade, ou a Rainha de Copas a criatividade? À medida que lemos mais, damo-nos conta a pressentir as respostas a estas e a perguntas semelhantes. Como resultado, ganhamos mais confiança na nossa compreensão e intuição.

Que período cobre uma leitura? Com a Cruz Céltica ou com os *Ciclos de Trabalho*, a resposta pode variar entre alguns dias e anos, não apenas para a frente, mas também para trás. Por vezes, para um adulto, a leitura pode recuar até à infância. A Árvore da Vida, também, embora mostre habitualmente uma visão geral de toda a vida, pode por vezes mostrar um período mais curto se a pessoa estiver a passar por um momento de mudança intensa.

Os diferentes períodos de tempo cobertos, especialmente nas leituras mais curtas, dependem de duas coisas. Primeiro, da situação da pessoa e da pergunta feita. Algumas coisas, assuntos práticos ou legais e certas situações emocionais, podem trazer uma resposta que se torna aparente em poucos dias. Com outras – a resolução de conflitos emocionais, relacionamentos profundos, desenvolvimento espiritual ou artístico –, pode levar muito tempo até que a leitura se cumpra. Isto não significa que as leituras não se «realizem» durante anos. Não estamos a falar de previsões,

mas de padrões contínuos que se desenrolam lentamente à medida que o tempo passa.

Segundo, dos diferentes níveis que uma pessoa pode tocar ao misturar as cartas. Por vezes, ela pode evocar situações superficiais que duram apenas um curto período de tempo. Outras vezes, a pessoa pode misturar as cartas e, de alguma forma, ir ao centro exato da experiência. E mesmo aqui, a leitura pode mostrar o passado profundo, ou pode refletir o potencial da pessoa para o desenvolvimento futuro. O nível atingido pode não depender de todo da atitude da pessoa que mistura as cartas. Normalmente, esta abordagem faz a diferença.

Alguém que encare uma leitura como uma piada ou um jogo produzirá muito provavelmente uma leitura superficial; a pessoa que pensa profundamente numa questão, mistura as cartas com cuidado e tenta sentir o momento exato para parar e cortar o baralho, produzirá habitualmente uma leitura de algum relevo. No entanto, por vezes, mesmo uma abordagem tão cuidadosa não irá além dos acontecimentos superficiais do futuro imediato, enquanto noutras ocasiões o embaralhador mais casual ver-se-á subitamente confrontado com uma imagem poderosa de uma vida inteira. Para o leitor, tais momentos carregam uma emoção intensa.

Mesmo a pergunta em si pode não importar. As pessoas podem perguntar sobre como está a correr o seu trabalho e receber uma resposta sobre o seu novo caso amoroso, especialmente se essa questão ocupar a sua mente mais do que aquela que formularam. Ou, como no caso da mulher que descobriu que a sua sexualidade estava bloqueada por conflitos com o pai, a leitura pode responder à pergunta trazendo material inesperado de alguma outra área.

Como sabemos, então, o que a leitura nos diz? Algumas coisas tornam-se óbvias a partir das imagens das cartas. Se perguntarmos sobre o trabalho e surgirem os Enamorados e o Dois de Copas, então a leitura dirá provavelmente respeito não ao trabalho, mas ao amor. Como leitor principiante, contudo, não pode esperar desvendar todas as subtilezas. Só a experiência o ajudará a encontrar o seu caminho para o coração do labirinto. Conforme continuar com as leituras, dar-se-á conta a ser capaz de pressentir estas coisas. E a perceção aguçada transbordará também para outras áreas da sua vida.

Por vezes, não importa qual seja a nossa experiência ou a agudeza da nossa intuição, cometeremos erros. Poderemos olhar para os Enamorados simbolicamente quando estes prevêm um caso amoroso com uma pessoa que o sujeito ainda não conheceu. A partir desta incapacidade de saber

exatamente o que as cartas significam, podemos na verdade aprender uma lição muito valiosa. Tornamo-nos conscientes da Ignorância. Coloquei este termo com maiúscula devido à sua qualidade essencial. Embora a maior parte do conhecimento que construímos na vida seja na verdade bastante superficial e externo, a Ignorância reside na base exata da nossa existência.

Antes de mais, somos ignorantes quanto à verdadeira natureza das coisas. O que sabemos do mundo está limitado pelos nossos órgãos sensoriais. Para vermos as palavras nesta página, a luz deve ressaltar delas para ser recolhida pelos nossos olhos. Depois, o nervo ótico transporta os impulsos para o cérebro, que converte esses impulsos noutros, organizando-os em padrões significativos que a nossa consciência compreende como linguagem. Mas não conseguimos saber diretamente, no sentido de nos fundirmos com algo que está lá fora. Apenas conseguimos converter o universo em impulsos, padrões, símbolos.

De igual modo, porque existimos em forma física, temos de desenrolar as nossas vidas dentro das fronteiras do tempo. Isto significa, entre outras coisas, que não conseguimos realizar todo o nosso potencial, porque temos de escolher sempre fazer uma coisa e não outra com os poucos anos de que dispomos. Uma pessoa com capacidade para se tornar tanto bailarina como empresária terá de escolher um em detrimento do outro. E, independentemente do que escolher, terá de trabalhar durante anos antes de conseguir alcançar verdadeiramente o seu objetivo.

O tempo significa também que muitas vezes não conseguimos saber as consequências das ações que tomamos, simplesmente porque as consequências podem não aparecer senão anos mais tarde, no futuro. Por vezes, as consequências das nossas ações aparecem não para nós, mas para outras pessoas. Algo que fazemos num determinado lugar pode afetar as pessoas que lá estão muito depois de nos termos mudado, ou mesmo morrido. Muito simplesmente, o tempo significa que as coisas têm de acontecer antes que possamos saber sobre elas.

A meditação com o Oito de Espadas como um Portal pode aumentar a nossa consciência da Ignorância. As leituras de Tarot – e os erros que cometemos ao tentar interpretá-las – podem demonstrar a Ignorância de forma mais direta. Uma leitura de Tarot alcança na verdade para além do tempo, trazendo à tona o padrão verdadeiro que inclui o passado e o futuro. O padrão aleatório das cartas leva-nos a contornar as limitações da consciência. E, no entanto, essa consciência limitada tem de interpretar a leitura. Portanto, ao mesmo tempo, experimentamos o estado verdadeiro do universo, no qual todas as coisas existem juntas, e o nosso próprio

conhecimento extremamente limitado e confinado ao tempo sobre ele. Experimentamos tanto a verdade como a ignorância.

O outro lado da Ignorância é a Certeza, o estado de conhecer a realidade, em vez das impressões e dos símbolos que a nossa consciência limitada forma a partir dela. Muitas pessoas consideram o êxtase, ou a união com a luz de Deus, como o objetivo supremo do místico ou do ocultista. Mas, como demonstram os Arcanos Maiores do Tarot, o relâmpago do êxtase constitui apenas um passo ao longo do caminho. O verdadeiro objetivo é a Certeza, o estado de saber onde antes apenas podíamos adivinhar.

Qual é a causa real de qualquer ação individual? Quais serão as suas consequências, não apenas para a pessoa que agiu, mas para os outros, tanto conhecidos como desconhecidos? Aquelas poucas pessoas que alcançaram a Certeza conseguem ver as causas e as consequências dentro da própria ação. Todos os outros apenas conseguem adivinhar sobre estas e sobre mil outras coisas. Permanecemos Ignorantes.

Mas mesmo que não consigamos adivinhar a verdadeira interpretação de uma leitura de Tarot, a própria leitura alcança para além desse estado Ignorante confinado ao tempo. A leitura carrega a Certeza, se não o leitor. E se trabalharmos o suficiente com as cartas, comparando as nossas interpretações com os acontecimentos subsequentes, envolvendo-nos cada vez mais com as imagens e desenvolvendo a nossa intuição, então por vezes conseguimos obter experiências de Certeza, de conhecer o verdadeiro significado de algo. Embora tais experiências carreguem o seu próprio valor, servem-nos sobretudo por nos darem um sentido de direção. Ajudam-nos a perceber o que queremos alcançar.

Finalmente, a prática da leitura do Tarot ensina-nos outra coisa. Porque as cartas não são neutras na sua atitude perante a vida, porque encarnam certas abordagens e crenças, e renunciam a outras, elas mudam-nos. Começamos ao longo do tempo – sempre ao longo do tempo – a ver o equilíbrio das coisas, a harmonia constante dentro do fluxo e da mudança constantes da vida. Tornamo-nos conscientes da Estranheza que espera sempre para além da nossa experiência comum, aprendemos a reconhecer as dádivas que recebemos da existência, e a nossa própria responsabilidade de as compreender e usar. Acima de tudo, começamos a compreender a verdade que o Tarot sempre nos insta a aceitar – a de que o universo, todo o universo, vive. E o que conseguimos saber de nós próprios, conseguimos saber de tudo.